



# hush, hush

BECCA FITZPATRICK

Traduções Fromhell apresenta:



# Wish, Wish

becca fitzpatrick

## **Se apaixonar nunca foi tão fácil... ou tão mortal!**

Para Nora Grey, romance não fazia parte do plano. Ela nunca esteve particularmente atraída aos garotos de sua escola, não importa o quanto sua melhor amiga, Vee, a empurre em cima deles. Não até que Patch chegue.

Com aquele sorriso fácil e olhos que parecem ver dentro dela, Nora fica atraída a ele contra sua vontade. Mas após uma série de aterrorizantes encontros, Nora não tem certeza em quem confiar. Patch parece estar em todo o lugar que ela está, e saber mais sobre ela do que seus amigos mais próximos. Ela não consegue decidir se deve cair em seus braços ou correr e se esconder. E quando ela tenta buscar algumas respostas, ela se encontra perto de uma verdade que é mais perturbadora do que qualquer coisa que Patch a faça sentir.

Porque Nora está bem no meio de uma antiga batalha entre os imortais e aqueles que sucumbiram - e, quando se trata de escolher lados, a escolha errada custará a sua vida.

### **Créditos:**

#### **Comunidade Traduções Fromhell**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

#### **Tradução: Juliana Dias**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2713339427589710285>]

#### **Tradução: Ana Paula Bacelar**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=12430107261961843307>]

#### **Tradução: Mariana Dal Chico**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5298624630443160772>]

#### **Tradução: Márcia**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17768937139985545486>]

#### **Revisão: Carla Ferreira**

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=4119344552745363491>]

...Deus não poupou a anjos quando pecaram,  
antes, precipitando-os no inferno,  
os entregou a abismos de trevas,  
reservando-os para o juízo...

-2 Pedro 2:4

# Prólogo

*Loire Valley<sup>1</sup>, França.*

*Novembro de 1565*

Chauncey estava com a filha de um fazendeiro nos bancos relvados do rio Loire quando a tempestade começou, e tendo deixado seu cavalo castrado perambulando na clareira, foi deixado com seus dois próprios pés para levarem-no de volta ao château. Ele arrancou uma fivela prateada de seu sapato, a colocou na palma da mão da garota, e a observou sair correndo, lama afundando em sua saia. Então ele colocou suas botas e começou o caminho para casa.

Chuva envolveu o campo escuro que cercava o Château de Langeais. Chauncey pisou sem dificuldade nas sepulturas e humus submersos do cemitério; mesmo na espessa névoa ele conseguia encontrar seu caminho para casa daqui e não temia se perder. Não havia névoa nenhuma hoje a noite, mas a escuridão e o ataque da chuva eram enganadores o bastante.

Havia movimento na extremidade da visão de Chauncey, e ele virou instantaneamente sua cabeça para esquerda. Ao primeiro olhar, o que parecia ser um grande anjo no topo de um monumento próximo se levantou inteiramente. Nem pedra nem mármore, o garoto tinha braços e pernas. Seu torso estava nu, seus pés descalços, e uma calça de camponês pendia baixa em sua cintura. Ele pulou do monumento, as pontas de seu cabelo preto pingando da chuva. Ele escorregava no seu rosto, que era escuro como o de um espanhol.

A mão de Chauncey arrastou-se para o punho de sua espada. “Quem está aí?”

A boca do garoto deu um vestígio de sorriso.

“Não brinque com o Duc<sup>2</sup> de Langeais,” Chauncey avisou. “Eu pedi o seu nome. Dê-o.”

“Duc?” O garoto se inclinou contra um salgueiro retorcido. “Ou bastardo?”

Chauncey desembainhou sua espada. “Retire o que disse! Meu pai era o Duc de Langeais. Eu sou o Duc de Langeais agora,” ele acrescentou desajeitadamente, e se amaldiçoou por isso.

---

<sup>1</sup> O Vale de Loire, o rio mais longo da França. Também conhecido como Jardim da França e Berço da Língua Francesa. Também é notável pela qualidade de sua herança arquitetural.

<sup>2</sup> Do francês, duque.

O garoto deu um chacoalhar preguiçoso de sua cabeça. “Seu pai não era o antigo Duc.”

Chauncey ferveu com o afrontoso insulto. “E o *seu* pai?” ele exigiu, estendendo sua espada. Ele ainda não conhecia todos os seus vassalos, mas ele estava aprendendo. Ele marcaria o nome da família desse garoto a ferro na memória. “Eu perguntarei mais uma vez,” ele disse em uma voz baixa, esfregando uma mão pelo seu rosto para afastar a chuva. “Quem é você?”

O garoto andou e empurrou de lado a espada. Ele de repente parecia mais velho do que Chauncey havia presumido, talvez até mesmo um ou dois anos mais velho do que Chauncey. “Um dos descendentes do Diabo,” ele respondeu.

Chauncey sentiu um aperto de medo em seu estômago. “Você é um lunático delirante,” ele disse entre os dentes. “Caia fora do meu caminho.”

O chão abaixo de Chauncey se inclinou. Explosões de dourado e vermelho estouraram atrás de seus olhos. Encurvado com suas unhas triturando suas coxas, ele olhou para o garoto, pestanejando e arfando, tentando achar sentido no que acontecia. Sua mente vacilava como se não fosse mais sua para comandar.

O garoto se agachou para nivelar seus olhos. “Escute cuidadosamente. Eu preciso de algo de você. Eu não irei embora até eu ter isso. Você entende?”

Cerrando seus dentes, Chauncey balançou sua cabeça para expressar sua descrença – seu desacato. Ele tentou cuspir no garoto, mas escorreu em seu queixo, sua língua recusando-se a obedecê-lo.

O garoto entrelaçou suas mãos ao redor das de Chauncey; o calor delas o queimou e ele soltou um grito.

“Eu preciso do seu juramento de lealdade,” o garoto disse. “Ajoelhe-se sobre um joelho e jure.”

Chauncey ordenou sua garganta a rir cruelmente, mas sua garganta constringiu e ele se afogou com o som. Seu joelho direito entortou como se tivesse sido chutado por trás, apesar de ninguém estar lá, e ele tropeçou para a frente na lama. Ele se curvou de lado e forçou vômito sem sucesso.

“Jure,” o garoto repetiu.

Calor fluiu no pescoço de Chauncey; precisou de toda a sua energia para curvar suas mãos em dois punhos fracos. Ele riu de si mesmo, mas não havia humor. Ele não fazia ideia de como, mas o garoto estava inflingindo a náusea e a fraqueza dentro dele. Ela não seria suspensa até que ele prestasse o juramento. Ele diria o que tivesse que dizer, mas ele jurou em seu coração que destruiria o garoto por essa humilhação.

“Lorde, eu me torno seu homem,” Chauncey disse venenosamente.

O garoto levantou Chauncey de pé. “Me encontre aqui no começo do mês hebreu de Cheshvan<sup>3</sup>. Durante as duas semanas entre a lua nova e a cheia, eu precisarei de seu serviço.”

“Uma... *quinzena*?” Toda a estrutura de Chauncey tremeu debaixo do peso de sua raiva. “*Eu sou o Duc de Langeais!*”

“Você é um Nephil,” o garoto disse em uma fatia de sorriso.

Chauncey tinha uma réplica profana na ponta da língua, mas ele a engoliu. Suas próximas palavras foram ditas com gelado veneno. “O que você disse?”

“Você pertence a raça bíblica dos Nephilim<sup>4</sup>. Seu pai verdadeiro era um anjo que caiu do céu. Você é metade mortal.” Os olhos escuros do garoto se levantaram, encontrando os de Chauncey. “Metade anjo caído.”

A voz do tutor de Chauncey foi trazida dos recessos de sua mente, lendo passagens da Bíblia, contando de uma raça depravada criada quando anjos lançados do céu se acasalaram com mulheres mortais. Uma raça apavorante e poderosa. Um calafrio que não era repulsa total arrastou-se por Chauncey. “Quem é você?”

O garoto se virou, afastando-se, e embora Chauncey quisesse ir atrás dele, ele não conseguia ordenar suas pernas a suportar seu peso. Ajoelhado ali, pestanejando através da chuva, ele viu duas cicatrizes grossas nas costas do torso nu do garoto. Elas se estreitavam para formar um V de ponta-cabeça.

“Você é um – caído?” ele chamou. “Suas asas foram arrancadas, não foram?”

O garoto – anjo – quem quer que ele fosse, não se virou. Chauncey não precisou da confirmação.

“O serviço que eu vou prover,” ele gritou. “Eu exigo saber o que é!”

O ar ressoou com a baixa risada do garoto.

---

<sup>3</sup> Abreviação de Marcheshvan. É o oitavo mês do calendário hebraico, e geralmente cai entre outubro/novembro no calendário gregoriano.

<sup>4</sup> Do hebraico, ‘aqueles que caíram’ (anjos).

# Capítulo Um

*Coldwater, Maine*

*Dias atuais*

Eu entrei na aula de biologia e meu queixo caiu. Misteriosamente aderido ao quadro-negro estava uma boneca Barbie, com Ken ao seu lado. Eles foram forçados a dar os braços e estavam nus, exceto por folhas artificiais colocadas em alguns lugares específicos. Rabiscado acima de suas cabeças em giz grosso rosa estava a convocação:

## **BEM VINDOS À REPRODUÇÃO HUMANA (SEXO)**

Ao meu lado, Vee Sky disse, “É exatamente por isso que a escola proíbe câmeras de celular. Fotos disso no eZine seriam toda a evidência que eu precisaria para ir ao conselho da educação para remover biologia. E então teríamos essa hora para fazer algo produtivo – como receber monitoramento particular de veteranos gracinhas.”

“Ora, Vee,” eu disse, “Eu podia jurar que você estava esperando essa unidade o semestre todo.” Vee abaixou os cílios e sorriu maliciosamente. “Essa aula não vai me ensinar nada que eu já não saiba.”

“Vee? Tipo, virgem?”

“Não tão alto.” Ela piscou bem quando o sino tocou, mandando nós duas a nossos lugares, que eram lado a lado na nossa mesa compartilhada.

O Treinador McConaughy agarrou o apito balançando de uma corrente ao redor de seu pescoço e o assoprou. “Assentos, time!” O Treinador considerava ensinar biologia do segundo ano uma missão secundária de seu trabalho como treinador de basquete escolar, e todos sabíamos disso.

“Vocês podem não ter percebido que sexo é mais do que uma viagem de quinze minutos ao banco traseiro do carro. É ciência. E o que é ciência?”

“Uma chatice,” algum garoto no fundo da sala gritou.

“A única aula que eu estou reprovando,” disse outro.

Os olhos do Treinador examinaram a fileira da frente, parando em mim. “Nora?”

“O estudo de alguma coisa,” eu disse.

Ele andou até aqui e enfiou seu dedo indicador na mesa na minha frente. “O que mais?”

“Conhecimento ganho através de experimentos e observações.” Adorável. Eu soava como se estivesse fazendo um teste para um audiobook do nosso texto.

“Com suas próprias palavras.”

Eu toquei a ponta da minha língua com meu lábio superior e tentei um sinônimo. “Ciência é uma investigação.” Soava como uma pergunta.

“Ciência é uma investigação,” o Treinador disse, esfregando suas mãos juntas. “Ciência exige que nós nos transformemos em espiões.”

Colocado desse jeito, ciência quase soa divertido. Mas eu estivera na aula do Treinador tempo suficiente para não ter muitas esperanças.

“Uma boa investigação precisa de prática,” ele continuou.

“Assim como sexo,” veio outro comentário do fundo da sala. Todos nós engolimos a risada enquanto o Treinador apontava um dedo acusador para o transgressor.

“Isso *não será* parte da lição de casa de hoje a noite.” O Treinador virou sua atenção de volta a mim. “Nora, você está se sentando ao lado da Vee desde o começo do ano.” Eu assenti, mas tinha um mau pressentimento sobre onde isso estava chegando. “Ambas estão no eZine da escola juntas.” Novamente eu assenti. “Aposto que conhecem bastante uma sobre a outra.”

Vee chutou minha perna debaixo da nossa mesa. Eu sabia o que ela estava pensando. Que ele não fazia ideia do quanto conhecíamos uma sobre a outra. E eu não quero só dizer os segredos que enterramos em nossos diários. Vee é minha des-gêmea. Ela tem olhos verdes, cabelos loiro-marta<sup>5</sup>, e alguns quilos acima de curvilínea. Eu sou uma morena de olhos esfumados com um volume de cabelo encaracolado que se mantém firme até mesmo contra a melhor chapinha. E sou só pernas, como um banquinho de bar. Mas há uma corda invisível que nos une; ambas juramos que esse laço começou bem antes do nascimento. Ambas juramos que continuará seguro pelo resto das nossas vidas.

O Treinador deu uma olhada na sala. “De fato, eu aposto que cada um de vocês conhece a pessoa sentando ao lado de você bem o bastante. Vocês escolheram os assentos que escolheram por uma razão, certo? Familiaridade. Que pena que os melhores detetives evitam familiaridade. Ela entorpece o instinto investigativo. E é por isso que, hoje, vamos criar um novo mapa de assentos.”

---

<sup>5</sup> Marta é a denominação comum dado aos mamíferos mustelídeos do gênero *Martes*. Esses animais têm uma pele muito apreciada.

Eu abri minha boca para protestar, mas Vee chegou antes. “Mas que porcaria? É abril. Tipo, quase o final do ano<sup>6</sup>. Você não pode mexer nesse tipo de negócio agora.”

O Treinador deu um vestígio de sorriso. “Eu posso mexer nesse negócio até o último dia do semestre. E se você reprovar na minha aula, você estará de volta aqui no ano que vem, onde eu estarei mexendo nesse tipo de negócio novamente.”

Vee fez uma carranca para ele. Ela é famosa por aquela carranca. É um olhar que faz tudo, exceto sibilar audivelmente. Aparentemente imune a ele, o Treinador trouxe seu apito aos lábios, e captamos a ideia.

“Cada parceiro sentado no lado esquerdo da mesa – a esquerda de vocês – mova-se um assento para frente. Aqueles na fileira da frente – sim, incluindo você, Vee – movam-se para os fundos.”

Vee enfiou seu caderno dentro de sua mochila e arreventou o zíper ao fechar. Eu mordi meu lábio e acenei um pequeno adeus. Então eu me virei ligeiramente, checando a sala atrás de mim. Eu conhecia os nomes de todos os meus colegas de sala... exceto um. O transferido. O Treinador nunca o chamou, e ele parecia preferir desse jeito. Ele se sentava desleixadamente uma mesa atrás, gelados olhos negros encarando à frente firmemente. Exatamente como sempre. Eu nem por um momento acreditava que ele simplesmente sentava lá, dia após dia, encarando o vazio. Ele estava pensando algo, mas o instinto me dizia que eu provavelmente não queria saber o que.

Ele assentou seu livro de biologia na mesa e deslizou na antiga cadeira da Vee.

Eu sorri. “Oi. Eu sou a Nora.”

Seus olhos negros me cortaram, e os cantos de sua boca inclinaram-se para cima. Meu coração errou uma batida e naquela pausa, um sentimento de triste escuridão pareceu deslizar como uma sombra sobre mim. Ele sumiu em um instante, mas eu ainda estava encarando-o. Seu sorriso não era amigável. Era um sorriso que soletrava encrenca. Como uma promessa.

Eu me foquei no quadro negro. A Barbie e o Ken encararam de volta com sorrisos estranhamente alegres.

O Treinador disse, “Reprodução humana pode ser um assunto pegajoso –”

“Uiii!” resmungou um coro de estudantes.

“É preciso um manuseamento maduro. E como toda ciência, a melhor abordagem é aprender a investigar. Pelo resto da aula, pratiquem essa técnica descobrindo o quanto puderem sobre seu novo parceiro. Amanhã, tragam em

---

<sup>6</sup> Nos EUA, o final do ano letivo é em junho/julho.

escrito suas descobertas, e acreditem em mim, eu vou checar a autenticidade. Isso é biologia, não inglês, então nem pensem em ficcionalizar suas respostas. Eu quero ver interação e trabalho em equipe reais.” Havia um Ou então implícito.

Eu me sentei perfeitamente imóvel. A bola estava no campo dele – eu tinha sorrido, e olha como isso ajudou. Eu enruguei meu nariz, tentando descobrir a que ele cheirava. Não a cigarros. Algo mais profundo, mais asqueroso.

Charutos.

Eu encontrei o relógio na parede e bati meu lápis na hora da segunda mão. Eu plantei meu cotovelo na mesa e apoiei meu queixo no meu punho. Eu soprei um suspiro.

Ótimo. A esse ponto eu iria falhar.

Eu estava com meus olhos fixos a frente, mas eu ouvi o suave deslizar de sua caneta. Ele estava escrevendo, e eu queria saber o que. Dez minutos sentados juntos não o qualificava para fazer qualquer suposição sobre mim. Movendo um olhar lateral, eu vi que seu papel tinha várias linhas escritas e estava crescendo.

“O que você está escrevendo?” eu perguntei.

“E ela fala inglês,” ele disse enquanto rabiscava, cada pincelada de sua mão suave e preguiçosa ao mesmo tempo.

Eu me inclinei o mais perto dele que eu ousava, tentando ler o que mais ele tinha escrito, mas ele dobrou o papel ao meio, escondendo a lista.

“O que você escreveu?” Eu exigi.

Ele esticou a mão para o meu papel não-usado, deslizando-o pela mesa na direção dele. Ele o amassou em uma bola. Antes que eu pudesse protestar, ele o jogou numa lata de lixo ao lado da mesa do Treinador. O arremesso caiu dentro.

Eu encarei a lata de lixo por um momento, presa entre a descrença e a raiva. Então eu abri meu caderno em uma página em branco. “Qual é o seu nome?” Eu perguntei, o lápis pronto para escrever.

Eu olhei para cima a tempo de captar outro sorriso sombrio. Esse parecia me desafiar a arrancar qualquer coisa dele.

“Seu nome?” Eu repeti, esperando que fosse minha imaginação minha voz ter vacilado.

“Me chama de Patch. Sério. *Me chama.*”

Ele piscou quando disse isso, e eu estava bem certa de que ele estava me zoando. “O que você faz nas suas horas de ócio?” eu perguntei.

“Eu não tenho tempo livre.”

“Presumo que essa tarefa vale nota, então me faz um favor?”

Ele se reclinou em seu assento, dobrando seus braços atrás de sua cabeça.  
“Que tipo de favor?”

Eu tinha bastante certeza de que isso uma indireta, e eu lutei por um jeito de mudar de assunto.

“Tempo livre,” ele repetiu pensativamente. “Eu tiro fotos.”

Eu copieei *Fotografia* no meu papel.

“Eu não terminei,” ele disse. “Eu tenho uma bela coleção de uma colunista de eZine que acredita que há verdade em comer organicamente, que escreve poesia em segredo, e que estremece ao pensar em ter que escolher entre Stanford, Yale, e... qual é aquela grandona com *H*?”

Eu o encarei por um momento, balançada por ele ter acertado *na mosca*. Eu não tinha o pressentimento de que era um chute. Ele *sabia*. E eu queria saber como – agora.

“Mas você não acabará indo para nenhuma delas.”

“Eu não irei?” Eu perguntei sem pensar.

Ele prendeu seus dedos debaixo do assento da minha cadeira, me arrastando para mais perto dele. Não certa se deveria escapar e mostrar medo, ou fazer nada e fingir tédio, eu escolhi o último.

Ele disse, “Embora você prosperasse nas três escolas, você as desdenha por serem um clichê em realização. Julgar é sua terceira maior fraqueza.”

“E minha segunda?” Eu disse com bastante raiva. Quem era esse cara? Essa era algum tipo de piada perturbadora?

“Você não sabe como confiar. Eu retiro o que disse. Você confia – só que nas pessoas erradas.”

“E o meu *primeiro*?” Eu exigi.

“Você mantém a vida numa coleira curta.”

“O que isso quer dizer?”

“Você tem medo do que não consegue controlar.”

O cabelo na minha nuca ficou de pé, e a temperatura na sala pareceu esfriar. Normalmente eu teria ido diretamente para a mesa do Treinador e pedido um novo mapa de assentos. Mas eu me recusava a deixar Patch pensar que ele podia me intimidar ou assustar. Eu senti uma necessidade irracional de me defender e decidi bem ali e agora que eu não recuaria até que ele recuasse.

“Você dorme pelada?” ele perguntou.

Minha boca ameaçou cair, mas eu a segurei no lugar. “Você está longe de ser a pessoa a quem eu contaria.”

“Já foi a um psiquiatra?”

“Não,” eu menti. A verdade era que eu tinha consulta com o psicólogo da escola, Dr. Hendrickson. Não era por escolha, e não era algo que eu gostasse de falar sobre.

“Fez algo ilegal?”

“Não.” Ocasionalmente passar do limite de velocidade não contaria. Não com ele. “Por que você não me pergunta algo normal? Como... meu tipo favorito de música?”

“Eu não vou perguntar o que eu posso adivinhar.”

“Você *não* sabe o tipo de música que eu escuto.”

“Barroco. Com você, tudo é ordem, controle. Eu aposto que você toca... violoncelo?” Ele disse isso como se tivesse chutado do nada.

“Errado.” Outra mentira, mas essa enviou um arrepio pela minha pele que deixou meus dedos formigando. Quem era ele, *realmente*? Se ele sabia que eu tocava violoncelo, o que mais ele sabia?

“O que é isso?” Patch deu um tapinha com sua caneta no interior do meu pulso. Instintivamente eu recuei.

“Uma marca de nascença.”

“Parece uma cicatriz. Você é suicida, Nora?” Seus olhos se conectaram com os meus, e eu pude sentir ele rindo. “Pais casados ou divorciados?”

“Eu moro com a minha mãe.”

“Onde está o pai?”

“Meu pai morreu ano passado.”

“Como ele morreu?”

Eu hesitei. “Ele foi – assassinado. Esse é um território meio pessoal, se não se importa.”

Houve uma contagem de silêncio e a beirada dos olhos de Patch pareceu suavizar um pouco. “Isso deve ser duro.” Ele soava sério.

O sino tocou e Patch estava de pé, caminhando em direção a porta.

“Espera,” eu chamei. Ele não se virou. “Com licença!” Ele tinha passado pela porta. “Patch! Eu não peguei nada sobre você.”

Ele se virou e andou na minha direção. Tomando minha mão, ele rabiscou algo nela antes de eu a puxar.

Eu olhei para baixo para os sete números em tinta vermelha na minha palma e fechei a mão ao redor deles. Eu queria dizer a ele que de jeito nenhum seu telefone tocaria hoje a noite. Eu queria dizer a ele que era culpa dele por tomar todo o tempo me questionando. Eu queria um monte de coisas, mas eu só fiquei parada lá parecendo como se não soubesse abrir minha boca.

Por fim eu disse, “Estou ocupada hoje a noite.”

“Assim como eu.” Ele sorriu e se foi.

Eu fiquei pregada no lugar, digerindo o que tinha acabado de acontecer. Ele tinha comido todo o tempo me questionando de propósito? Para que eu *falhasse*? Ele achava que um relampejo de sorriso o redimiria? *Sim*, eu pensei. *Sim, ele achava.*

“Eu não vou ligar!” Eu gritei depois dele. “Não – nunca!”

“Você terminou a sua coluna para o prazo de amanhã?” Era a Vee. Ele apareceu ao meu lado, anotando no caderno que ela carregava para todo lugar. “Estou pensando em escrever a minha sobre a injustiça do mapa de assentos. Eu fiquei com uma garota que disse que tinha acabado um tratamento para piolho essa manhã.”

“Meu novo parceiro,” eu disse, apontando no corredor para as costas de Patch. Ele tinha um andar irritantemente confiante, do tipo que você acha combinado com camisetas desbotadas e um chapéu de caubói. Patch não usava nenhum dos dois. Ele era um garoto do tipo Levi’s-escura-jaqueta-escura-botas-escuras.

“O veterano transferido? Acho que ele não estudou o bastante da primeira vez. Ou da segunda.” Ela me deu um olhar astucioso. “Na terceira ele tem sorte.”

“Ele me dá arrepios. Ele conhecia a minha música. Sem qualquer dica, ele disse, ‘Barroco’.” Eu fiz uma péssima imitação de sua voz baixa.

“Chute de sorte?”

“Ele sabia.... outras coisas.”

“Como o quê?”

Eu soltei um suspiro. Ele sabia mais do que eu queria contemplar confortavelmente. “Tipo como me enlouquecer,” eu disse por fim. “Eu vou dizer ao Treinador que ele tem que nos trocar de volta.”

“Vai nessa. Eu podia ter um gancho para o meu próximo artigo no eZine. ‘Segunda-anista Defende-se.’ Melhor ainda, ‘Mapa de Assento Leva um Tapa na Cara.’ Hmm. Eu gostei.”

No final do dia, fui eu quem levou um tapa na cara. O Treinador recusou meu pedido para repensar o mapa de assentos. Parecia que eu estava presa com o Patch.

Por ora.

## Capítulo Dois

MINHA MÃE E EU VIVÍAMOS EM UMA FRIA casa de fazenda do século dezoito no limite de Coldwater. É a única casa na Alameda Hawthorne, e os vizinhos mais próximos estão há quase 1,6 quilômetros de distância. Às vezes me pergunto se o construtor original percebeu que de todos os pedaços de terra disponíveis, ele decidiu construir a casa no olho de uma misteriosa inversão atmosférica que parece sugar toda a névoa da costa do Maine e transplantá-la no nosso jardim. A casa estava nesse momento velada por uma melancolia que lembrava espíritos que escaparam e estão vagando.

Eu passei a noite plantada em um banquinho de bar na cozinha na companhia da lição de álgebra e Dorothea, nossa governanta. Minha mãe trabalha para a Empresa de Leão Hugo Renaldi, coordenando leilões imobiliários e de antiguidades em toda a costa oeste. Essa semana ela estava em Charleston, Carolina do Sul. Seu trabalho requeria muitas viagens, e ela pagava Dorothea para cozinhar e limpar, mas eu estava bem certa de que as letras miúdas da descrição do trabalho da Dorothea incluíam manter um olho observador e parental em mim.

“Como foi a escola?” Dorothea perguntou com um ligeiro sotaque alemão. Ela estava de pé na cozinha, esfregando lasanha cozida demais de uma caçarola.

“Tenho um novo parceiro de biologia.”

“Isso é uma coisa boa, ou uma coisa ruim?”

“Vee era a minha antiga parceira.”

“Humph.” Mais esfregação vigorosa, e a carne na parte superior do braço de Dorothea sacolejou. “Uma coisa ruim, então.”

Eu suspirei em concordância.

“Me conte sobre a sua nova parceira. Essa garota, como ela é?”

“Ele é alto, moreno, e irritante.” E misteriosamente fechado. Os olhos de Patch eram órbitas negras. Retendo tudo e retornando nada. Não que eu *quisesse* saber mais sobre o Patch. Já que eu não tinha gostado do que eu tinha visto na superfície, eu duvidava de que eu gostaria do que estivesse espreitando lá no fundo.

Só que, isso não era exatamente verdade. Eu tinha gostado *muito* do que eu tinha visto. Músculos longos e magros em seus braços, ombros largos, mas relaxados, e um sorriso que era parcialmente brincalhão, parcialmente sedutor.

Eu estava em uma aliança incômoda comigo mesma, tentando ignorar o que começara a parecer irresistível.

Às nove horas, Dorothea terminou o jantar e trancou a casa ao sair. Como forma de adeus, eu pisquei as luzes da varanda duas vezes; elas devem ter penetrado a névoa, porque ela respondeu com uma buzina. Eu estava sozinha.

Eu fiz um inventário dos sentimentos brincando dentro de mim. Eu não estava com fome. Eu não estava cansada. Eu não estava nem mesmo tão solitária. Mas eu *estava* um pouco inquieta sobre a minha tarefa de biologia. Eu tinha dito ao Patch que eu não ligaria, e seis horas atrás eu tinha falado sério. Tudo em que eu podia pensar agora era que eu não queria falhar. Biologia era a minha matéria mais difícil. Minha nota oscilava problemáticamente entre 9 e 8. Na minha mente, essa era a diferença entre uma bolsa de estudos integral e parcial no meu futuro.

Eu fui para a cozinha e peguei o telefone. Eu olhei para o que tinha sobrado dos sete números ainda tatuados na minha mão. Secretamente, eu esperava que o Patch não atendesse a minha ligação. Se ele não estivesse disponível ou cooperasse nas tarefas, era uma evidência que eu podia usar contra ele para convencer o Treinador a desfazer o mapa de assentos. Sentindo-me esperançosa, eu digitei seu número.

Patch respondeu no terceiro toque. “E aí?”

Em um tom prosaico, eu disse, “Estou ligando para ver se podemos nos encontrar hoje à noite. Eu sei que você disse que está ocupado, mas –”

“Nora.” Patch disse meu nome como se fosse a parte final de uma piada. “Achei que você não fosse ligar. Nunca.”

Eu odiava estar comendo as minhas palavras. Eu odiava o Patch por estar esfregando-as. Eu odiava o Treinador por suas tarefas enlouquecedoras. Eu abri minha boca, esperando que algo inteligente saísse. “Bem, podemos nos encontrar ou não?”

“Acontece que eu não posso.”

“Não pode ou não vai?”

“Estou no meio de um jogo de sinuca.” Eu ouvi o sorriso em sua voz. “Um jogo de sinuca importante.”

Pelo barulho de fundo que eu ouvi em sua linha, eu acreditava que ele estava dizendo a verdade – sobre o jogo de sinuca. Se isso era mais importante que a minha tarefa de biologia, era debatível.

“Onde você está?” eu perguntei.

“Bo's Arcade. Não é o seu tipo de lugar.”

“Então vamos fazer a entrevista no telefone. Eu tenho uma lista de perguntas bem –”

Ele desligou na minha cara.

Eu encarei o telefone em descrença, então arranquei uma folha de papel em branco do meu caderno. Eu rabisquei *Babaca* na primeira linha. Na linha abaixo dessa eu acrescentei *Fuma charutos. Vai morrer de câncer de pulmão. Com sorte logo. Excelente forma física.*

Eu imediatamente risquei a última observação até que ficasse ilegível.

O relógio do micro-ondas piscava 21:05. Da minha perspectiva, eu tinha duas escolhas. Ou eu inventava minha entrevista com o Patch, ou eu dirigia até a Bo's Arcade. A primeira opção podia ter sido tentadora, se ao menos pudesse bloquear a voz do Treinador alertando que ele checaria todas as respostas para autenticidade. Eu não conhecia o suficiente sobre Patch para blefar a entrevista inteira. E a segunda opção? Nem mesmo remotamente tentadora.

Eu atrasei tomar uma decisão tempo o bastante para ligar para minha mãe. Parte do nosso acordo para ela trabalhar e viajar tanto era que eu agisse responsabilmente e não fosse o tipo de filha que requisitasse supervisão constante. Eu gostava da minha liberdade, e eu não queria fazer nada para dar à minha mãe uma razão para cortar seu salário e pegar um trabalho local para ficar de olho em mim.

No quarto toque, seu correio de voz atendeu.

“Sou eu,” eu disse. “Só estou checando. Tenho lição de biologia para terminar, depois eu vou para a cama. Me ligue no almoço, se você quiser. Te amo.”

Depois de desligar, eu achei uma moeda de 25 centavos na gaveta da cozinha. É melhor deixar decisões complicadas para o destino.

“Cara eu vou,” eu disse ao perfil de George Washington. “Coroa eu fico.” Eu joguei a moeda de 25 centavos no ar, achatei-a nas costas da minha palma, e ousei dar uma espiada. Meu coração espremeu uma batida extra, e eu disse a mim mesma que eu não tinha certeza o que isso significava.

“Não está mais nas minhas mãos agora,” eu disse.

Determinada a acabar com isso o mais rápido possível, eu agarrei um mapa da geladeira, apanhei minhas chaves, e recuei meu Fiat Spider pela estrada. O carro provavelmente fora fofo em 1979, mas eu não era louca pela pintura marrom chocolate, pela ferrugem se espelhando desenfreada pelo para-choque traseiro, ou pelos assentos arrebatados de couro branco.

A Bo's Arcade acabou sendo mais longe do que eu teria gostado, aninhada perto à costa, uma viagem de trinta minutos. Com o mapa esticado no volante,

eu parei o Fiat em um estacionamento atrás de um amplo prédio de blocos cinzas com uma placa elétrica piscando BO'S ARCADE, MAD BLACK PAINTBALL & OZZ'S POOL HALL. Grafite salpicava as paredes, e butucas de cigarro pontuavam a calçada. Claramente o Bo's estaria cheio de futuros estudantes da Ivy League<sup>7</sup> e cidadãos modelo. Eu tentei manter meus pensamentos ativos e indiferentes, mas meu estômago estava um pouco inquieto. Checando novamente se eu tinha trancado todas as portas, eu me dirigi para dentro.

Eu fiquei na fila, esperando passar pelas cordas. Enquanto o grupo à minha frente pagava, eu passei me espremendo, andando na direção do labirinto de sirenes estrondeantes e das luzes piscantes.

“Acha que merece um passe grátis?” gritou uma voz rouca de fumaça.

Eu me virei e pestanejei para o caixa excepcionalmente tatuado. Eu disse, “Não estou aqui para brincar. Estou procurando por alguém.”

Ele resmungou. “Se quiser passar por mim, tem que pagar.” Ele colocou suas palmas sobre o balcão, onde uma tabela de preços tinha sido colada com durex, mostrando que eu devia quinze dólares. Somente dinheiro.

Eu não tinha dinheiro. E se eu tivesse, eu não teria desperdiçado-o gastando uns poucos minutos interrogando o Patch sobre sua vida pessoal. Eu senti um fluxo de raiva pelo mapa de assentos e por ter que estar aqui em primeiro lugar. Eu só precisava achar o Patch, então poderíamos assegurar a entrevista do lado de fora. Eu não tinha dirigido até aqui para ir embora de mãos vazias.

“Se eu não voltar em dois minutos, eu pago os quinze dólares,” eu disse. Antes que eu pudesse exercitar um melhor julgamento ou reunir um rico mais de coragem, eu fiz algo totalmente fora do normal e me abaixei por debaixo das cordas. Eu não parei lá. Eu me apressei pela arcada, mantendo meus olhos abertos pelo Patch. Eu disse a mim mesma que não conseguia acreditar que estava fazendo isso, mas eu era como uma bola de neve rolante, ganhando velocidade e ímpeto. Nesse momento eu só queria achar o Patch e cair fora.

O caixa me seguiu, gritando, “Ei!”

Certa de que o Patch não estava no nível principal, eu corri escada abaixo, seguindo placas para o Ozz' Pool Hall. Ao fim da escada, uma trilha de iluminação turva iluminava diversas mesas de pôquer, todas em uso. Fumaça de charuto quase tão grossa quanto à névoa envolvendo a minha casa escurecia o teto baixo. Aninhada entre as mesas de pôquer e o bar estava uma fileira de

---

<sup>7</sup> Grupo de oito universidades privadas do Nordeste dos Estados Unidos da América. O grupo é constituído pelas instituições de maior prestígio científico nos Estados Unidos e no mundo e, assim, atualmente a denominação tem conotação sobretudo de excelência acadêmica.

mesas de sinuca. Patch estava esticado na que ficava transversalmente a mim, tentando uma difícil tacada de mestre.

“Patch!” eu chamei.

Bem quando eu falei, ele atirou seu taco de sinuca, impulsionando-o no topo da mesa. Sua cabeça levantou-se rapidamente. Ele me encarou com uma mistura de surpresa e curiosidade.

O caixa claudicou os passos atrás de mim, mirando no meu ombro com sua mão. “Para cima. Agora.”

A boca de Patch se deslocou em outro quase sorriso. Difícil dizer se era zombador ou amigável. “Ela está comigo.”

Isso pareceu ter alguma influência com o caixa, que relaxou seu aperto. Antes que ele pudesse mudar de ideia, eu retirei sua mão e contorci-me entre as mesas na direção de Patch. Eu andei os primeiros diversos passos a passos largos, mas descobri minha confiança escorregando quando mais perto eu chegava dele.

Eu fiquei imediatamente consciente de algo diferente nele. Eu não conseguia exatamente afirmar o que, mas eu podia sentir isso como eletricidade. Mais animosidade?

Mais confiança.

Mais liberdade de ser ele mesmo. E aqueles olhos negros estavam me incomodando. Eles eram como imãs, unindo-se a cada movimento meu. Eu engoli em seco discretamente e tentei ignorar o enjoativo sapateado no meu estômago. Eu não conseguia exatamente afirmar o que, mas algo em Patch não era correto. Algo nele não era normal. Algo não era... seguro.

“Desculpe por ter desligado,” Patch disse, vindo ao meu lado. “A recepção não é boa aqui embaixo.”

É, tá bom.

Com uma inclinação de sua cabeça, Patch gesticulou para que os outros fossem embora. Houve um silêncio inquietante antes que qualquer um se movesse. O primeiro cara a sair bateu no meu ombro enquanto passava. Eu dei um passo para trás para me equilibrar e olhei para cima bem em tempo de receber olhares frios de outros dois jogadores enquanto eles partiam.

Ótimo. Não era *minha* culpa que Patch era meu parceiro.

“Bola oito<sup>8</sup>?” Eu perguntei a ele, levantando minhas sobrancelhas e tentando soar completamente certa de mim mesma, dos meus arredores.

---

<sup>8</sup> Jogo de bilhar americano que se disputa com as bolas da 1 a 15. Se ganha embolsando a bola 8 (negra), depois de ter encaçapado o grupo de bolas que corresponde a cada jogador, o da 1 a 7 ou da 10 a 15. Deve-se anunciar a bola que se introduzirá em cada tacada e a bolsa em que se fará.

Talvez ele estivesse certo e o Bo's não fosse o meu tipo de lugar. Isso não queria dizer que eu ia correr em direção às portas. "Em quanto estão às apostas?"

Seu sorriso se alargou. Dessa vez eu estava bem certa de que ele estava zombando de mim. "Nós não jogamos por dinheiro."

Eu coloquei minha bolsa de mão na ponta da mesa. "Que pena. Eu ia apostar tudo que eu tenho contra você." Eu levantei minha tarefa, duas linhas já preenchidas. "Algumas rápidas perguntas e estou fora daqui."

"Babaca?" Patch leu em voz alta, inclinando-se sobre seu taco de sinuca. "Câncer de pulmão? É pra isso ser profético?"

Eu ventilei a tarefa pelo ar. "Assumo que você contribuiu para a atmosfera. Quantos charutos por noite? Um? Dois?"

"Eu não fumo." Ele soava sincero, mas eu não engolia.

"Mm-hmm," eu disse, deixando o papel de lado entre a bola oito e a roxa sólida. Eu acidentalmente acotovelei a roxa sólida enquanto escrevia *Charutos, definitivamente* na linha três.

"Você está bagunçando o jogo," Patch disse, ainda sorrindo.

Eu captei seu olhar e não pude evitar igualar seu sorriso – brevemente. "Com sorte não em seu favor. Maior sonho?" Eu estava orgulhosa dessa porque sabia que iria aturdi-lo. Ela requeria premeditação.

"Beijar você."

"Isso não é engraçado," eu disse, segurando seus olhos, grata por não ter gaguejado.

"Não, mas fez você corar."

Eu me empurrei para o lado da mesa, tentando parecer apática enquanto fazia isso. Eu cruzei minhas pernas, usando meu joelho como uma tábua para escrever. "Você trabalha?"

"Eu sirvo mesas no Borderline. O melhor restaurante mexicano da cidade."

"Religião?"

Ele não pareceu surpreso pela pergunta, mas ele não pareceu radiante com ela tampouco. "Eu pensei que você tivesse dito algumas rápidas perguntas. Você já está na número quatro."

"Religião?" eu perguntei mais firmemente.

Patch arrastou uma mão pensativamente pela linha de sua mandíbula. "Religião não... culto."

"Você pertence a um culto?" Eu percebi tarde demais que, embora eu soasse surpresa, eu não deveria ter.

“Acontece que eu estou precisando de um sacrifício feminino saudável. Eu planejava seduzi-la para que confiasse em mim primeiro, mas se você está pronta agora...”

Qualquer sorriso restante no meu rosto desapareceu. “Você não está me impressionando.”

“Eu não comecei a tentar ainda.”

Eu me debrucei da mesa e fiquei de pé encarando-o. Ele era uma cabeça inteira mais alto. “Vee me disse que você é um veterano. Quantas vezes você reprovou em biologia do segundo ano? Uma vez? Duas vezes?”

“Vee não é minha porta-voz.”

“Está negando ter reprovado?”

“Estou te dizendo que eu não fui para a escola ano passado.” Seus olhos me zombaram... Isso só me deixou mais determinada.

“Você é uma cabulador?”

Patch deitou seu taco de sinuca no topo da mesa e curvou um dedo para mim chegar mais perto. Eu não cheguei. “Um segredo?” ele disse em tons confidenciais. “Eu nunca fui pra escola antes. Outro segredo? Não é tão chato quando eu esperava.”

Ele estava mentindo. Todos iam para a escola. Havia leis. Ele estava mentindo para tirar alguma resposta de mim.

“Você acha que eu estou mentindo,” ele disse em volta de um sorriso.

“Você nunca foi para a escola, nunca? Se isso for verdade – e você está certo, eu não acho que seja – o que fez você decidir vir esse ano?”

“Você.”

O impulso de me sentir assustada golpeou-me, mas eu disse a mim mesma que era exatamente isso que Patch queria. Marcando meu território, eu tentei agir irritada, ao invés. Ainda assim, levei um momento para achar minha voz. “Essa não é uma resposta de verdade.”

Ele deve ter dado um passo para mais perto, porque de repente nossos corpos estavam separados por nada mais do que uma superficial margem de ar. “Seus olhos, Nora. Esses olhos cinzas frios e pálidos são surpreendentemente irresistíveis.” Ele curvou sua cabeça de lado, como se para me estudar de um novo ângulo. “E essa boca curvilínea assassina.”

Espantada não tanto pelo comentário dele, mas pela parte de mim que respondeu positivamente a ele, eu recuei. “Já chega. Vou cair fora daqui.”

Mas assim que as palavras saíram da minha boca, eu sabia que elas não eram verdadeiras. Eu senti o desejo de dizer algo mais. Selecionando os pensamentos emaranhados na minha cabeça, eu tentei achar o que era que eu

sentia que devia dizer. Por que ele era tão irrisório, e por que ele agia como se eu tivesse feito algo para merecer isso?

“Você parece saber muito sobre mim,” eu disse, fazendo a atenuação do ano. “Mais do que você deveria. Você parece saber exatamente o que dizer para me deixar desconfortável.”

“Você facilita.”

Uma faísca de raiva disparou por mim. “Você admite que está fazendo isso de propósito?”

“Isso?”

“Isso – me provocando.”

“Diga ‘provocando’ novamente. Sua boca fica provocativa quando você faz isso.”

“Acabamos aqui. Termine seu jogo de sinuca.” Eu agarrei seu taco de sinuca da mesa e empurrei para ele. Ele não pegou-o.

“Eu não gosto de sentar do seu lado,” eu disse. “Eu não gosto de ser sua parceira. Eu não gosto do seu sorriso condescendente.” Minha mandíbula tremeu – algo que tipicamente acontecia quando eu mentia. Eu me perguntei se eu estava mentindo agora. Se eu estivesse, eu queria me chutar. “Eu não gosto de você,” eu disse o mais convincentemente que consegui, e enfiei o taco contra seu peito.

“Estou feliz pelo Treinador nos ter colocado juntos,” ele disse. Eu detectei uma leve ironia na palavra “Treinador”, mas eu não consegui descobrir nenhum significado escondido. Dessa vez ele pegou o taco de sinuca.

“Estou trabalhando para mudar isso,” eu reagi.

Patch achou que isso era tão engraçado que seus dentes apareceram em seu sorriso. Ele se esticou até mim, e antes que eu pudesse me afastar, ele desembaraçou algo do meu cabelo.

“Pedaço de papel,” ele explicou, jogando-o no chão. Enquanto ele esticava sua mão, eu notei uma marca na parte interna do seu pulso. De primeira eu presumi que fosse uma tatuagem, mas um segundo olhar revelou um marrom rubicundo, uma marca de nascença ligeiramente levantada. Era da forma de um pingo de tinta esparramado.

“Que lugar infeliz para uma marca de nascença,” eu disse, mais do que um pouco enervada por estar tão similarmente posicionada à minha própria cicatriz.

Patch casual e notavelmente deslizou sua manga sobre seu pulso. “Você preferiria em algum lugar mais privado?”

“Eu não a preferiria em qualquer outro lugar.” Eu não estava certa de como isso soava e tentei novamente. “Eu não ligaria se você nem ao menos a tivesse.” Eu tentei uma terceira vez. “Eu não ligo para a sua marca de nascença, ponto.”

“Mais perguntas?” ele perguntou. “Comentários?”

“Não.”

“Então te vejo na aula de biologia.”

Eu pensei em dizer a ele que ele nunca me veria novamente. Mas eu não ia comer minhas palavras duas vezes em um dia.

Mais tarde naquela noite um *crack!* me puxou do sono. Com meu rosto esmagado contra meu travesseiro, eu fiquei imóvel, todos os meus sentidos em alerta total. Minha mãe ficava fora da cidade pelo menos uma vez por mês por causa do trabalho, então eu estava acostumada a dormir sozinha, e fazia meses desde que eu tinha imaginado o som de passos rastejando pelo corredor na direção do meu quarto. A verdade era que eu nunca me sentia completamente sozinha. Logo depois do meu pai ter sido atirado até a morte em Portland enquanto comprava um presente de aniversário para a minha mãe, uma presença estranha entrou na minha vida. Como se alguém estivesse orbitando meu mundo, observando de longe. De primeira a presença fantasmagórica tinha me apavorado, mas quando nada de ruim sucedeu disso, minha ansiedade perdeu sua animação. Eu comecei a me perguntar se havia um propósito cósmico para a maneira como eu estava me sentindo. Talvez o espírito do meu pai estivesse por perto. O pensamento era geralmente confortante, mas hoje a noite era diferente. A presença parecia gelo na pele.

Virando a minha cabeça uma fração, eu vi uma forma sombreada se esticando pelo meu chão. Eu girei para ver um rosto na janela, o raio de luz transparente do luar a única luz no quarto capaz de jogar sombras. Mas nada estava lá. Eu apertei meu travesseiro contra mim e disse a mim mesma que era uma nuvem passando sobre a lua. Ou um pedaço de lixo soprando no vento. Ainda assim, eu passei os próximos minutos esperando minha pulsação se acalmar.

Na hora que eu reuni coragem para sair da cama, o jardim abaixo da minha janela estava silencioso e imóvel. O único barulho vinha dos gravetos de árvore arranhando a casa, e do meu próprio coração batendo debaixo da minha pele.

## Capítulo Três

O TREINADOR MCCONAUGHTY FICOU DE PÉ NO QUADRO-NEGRO falando com monotonia sem parar sobre algo, mas a minha mente estava distante das complexidades da ciência.

Eu estava ocupada formulando razões para o porque Patch e eu não deveríamos mais ser parceiros, fazendo uma lista delas atrás de um teste velho. Assim que a aula acabasse, eu apresentaria meus argumentos para o Treinador. *Não coopera em tarefas*, eu escrevi. *Mostra pouco interesse em trabalhos de equipe*.

Mas eram as coisas que *não* estavam listadas que me incomodavam. Eu achava a localização da marca de nascença de Patch estranha, e eu fiquei assustada com o acidente na minha janela na noite passada. Eu não suspeitei de imediato de Patch me espionando, mas eu não conseguia ignorar a coincidência de que eu tinha quase certeza de ter visto alguém olhando na minha janela só horas depois de tê-lo conhecido.

Ao pensar em Patch me espionando, eu alcancei o compartimento dianteiro da minha mochila e chacoalhei duas pílulas de ferro de uma garrafa, engolindo-as inteiro. Elas prenderam na minha garganta por um instante, então acharam seu caminho na descida.

De canto de olho, eu capturei as sobrancelhas erguidas de Patch.

Eu considerei explicar que eu era anêmica e que tinha que tomar ferro algumas vezes por dia, especialmente quando estava estressada, mas eu pensei melhor. A anemia não era uma questão de vida ou morte... contanto que eu tomasse doses regulares de ferro. Eu não era paranóica ao ponto de pensar que Patch queria me ferir, mas de algum modo, minha condição médica era uma vulnerabilidade que parecia melhor guardada em segredo.

“Nora?”

O Treinador ficou de pé na frente da sala, sua mão esticada em um gesto que mostrava que ele estava esperando por uma coisa – minha resposta. Uma queimação vagarosa achou seu caminho até as minhas bochechas.

“Você poderia repetir a pergunta?” eu perguntei.

A sala deu risinhos.

O Treinador disse, com uma leve irritação, “Quais as qualidade que te atraem em um parceiro em potencial?”

“Parceiro em potencial?”

“Vamos lá, não temos a tarde toda.”

Eu conseguia ouvir a Vee rindo atrás de mim.

Minha garganta pareceu se contrair. “Você quer que eu liste características de um...?”

“Parceiro em potencial, sim, isso seria prestativo.”

Sem querer fazê-lo, eu olhei de lado para Patch. Ele estava relaxado em seu assento, quase preguiçosamente, estudando-me com satisfação. Ele deu um relampejo de seu sorriso de pirata e balbuciou, *Estamos esperando*.

Eu empilhei minhas mãos na mesa, esperando parecer mais contida do que eu me sentia. “Eu nunca pensei nisso antes.”

“Bem, pense rápido.”

“Você poderia chamar outra pessoa primeiro?”

O Treinador gesticulou impacientemente para a minha esquerda. “É com você, Patch.”

Ao contrário de mim, Patch falou com confiança. Ele se posicionou para que seu corpo ficasse virado ligeiramente na direção do meu, nossos joelhos a meros centímetros de distância.

“Inteligente. Atraente. Vulnerável.”

O Treinador estava ocupado listando os adjetivos no quadro. “Vulnerável?” ele perguntou. “Como assim?”

Vee falou. “Isso tem alguma coisa a ver com a unidade que estamos estudando? Porque eu não consigo achar nada sobre características desejadas em um parceiro em lugar alguma do nosso texto.”

O Treinador parou de escrever tempo o bastante para olhar sobre seu ombro. “Todos os animais no planeta atraem parceiros com o objetivo de reproduzir. Sapos incham seus corpos. Gorilas machos batem em seus peitos. Você já observou uma lagosta macho subir nas pontas dos pés e estalar suas garras, exigindo a atenção da fêmea? Atração é o primeiro elemento de toda a reprodução animal, incluindo os humanos. Por que não nos dá a sua lista, Srta. Sky?”

Vee levantou cinco dedos. “Lindo, rico, indulgente, ferozmente protetor, e só um pouquinho perigoso.” Um dedo descia com cada descrição.

Patch riu baixinho. “O problema com a atração humana é não saber se ela será retornada.”

“Excelente argumento,” o Treinador disse.

“Humanos são vulneráveis,” Patch continuou, “porque são capazes de se magoar.” Com isso o joelho de Patch bateu contra o meu. Eu me afastei, não ousando me deixar perguntar o que ele queria dizer com o gesto.

O Treinador acenou. “A complexidade da atração humana – e da reprodução – é uma das características que nos diferenciam das outras espécies.”

Eu pensei ter ouvido Patch bufar com isso, mas foi um som muito suave, e eu não consegui ter certeza.

O Treinador continuou, “Desde o começo dos tempos as mulheres se atraíram por parceiros com habilidades de sobrevivência fortes – como inteligência e proeza física – porque homens com essas qualidades tem mais chances de trazer a janta para casa no final do dia.” Ele levantou dois dedos no ar e sorriu. “Janta equivale a sobrevivência, time.”

Ninguém riu.

“Igualmente,” ele continuou, “os homens são atraídos pela beleza porque indica saúde e juventude – não há razão para se acasalar com uma mulher doente que não estará por perto para criar as crianças.” O Treinador empurrou seu óculos até a ponte do nariz e deu risada.

“Isso é tão sexista,” Vee protestou. “Me conte alguma coisa que se relacione a uma mulher no século vinte e um.”

“Se você abordar a reprodução aos olhos da ciência, Senhoria Sky, você verá que as crianças são a chave para a sobrevivência da nossa espécie. E quanto mais filhos você tem, maior a sua contribuição para o patrimônio genético.”

Eu praticamente escutei os olhos da Vee girando. “Eu acho que finalmente estamos chegando perto do tópico de hoje. Sexo.”

“Quase,” disse o Treinador, levantando um dedo. “Antes do sexo vem a atração, mas depois da atração vem a linguagem corporal. Você tem que comunicar ‘Estou interessado’ para um parceiro em potencial, só que não em tantas palavras.”

O Treinador apontou para o meu lado. “Certo, Patch. Digamos que você está numa festa. A sala está cheia de meninas de todas as formas e tamanhos diferentes. Você vê loiras, morenas, ruivas, algumas meninas de cabelo preto. Algumas são extrovertidas, enquanto outras aparentam ser tímidas. Você achou uma garota que encaixe no seu perfil – atraente, inteligente, e vulnerável. Como você a deixa saber que está interessado?”

“Escolho-a. Falo com ela.”

“Bom. Agora para a pergunta principal – como você sabe se ela está na sua ou se ela quer que você continue andando?”

“Eu a estudo,” Patch diz. “Eu descubro o que ela está pensando e sentindo. Ela não vai vir de supetão e me contar, e é por isso que eu tenho de prestar atenção. Ela vira seu corpo em direção ao meu? Ela olha nos meus olhos, então

desvia o olhar? Ela morde seu lábio e brinca com seu cabelo, como a Nora está fazendo agora?”

Risadas cresceram na sala. Eu derrubei minhas mãos em meu colo.

“Ela está na minha,” disse Patch, batendo na minha perna novamente. De todas as coisas, eu corei.

“Muito bem! Muito bem!” o Treinador disse, sua voz carregada, sorrindo amplamente para a nossa atenção.

“As veias de sangue no rosto da Nora estão se alargando e a pele dela está esquentando,” Patch disse. “Ela sabe que está sendo avaliada. Ela gosta da atenção, mas ela não tem certeza de como lidar com isso.”

“Eu *não* estou corando.”

“Ela está nervosa,” Patch disse. “Ela está acariciando seu braço para tirar a atenção de seu rosto para seu corpo, ou talvez para a pele dela. Ambos são pontos vencedores fortes.”

Eu quase engasguei. *Ele está brincando*, eu disse a mim mesma. *Não, ele é insano*. Eu não tenho experiência em lidar com lunáticos, e aparecia. Eu sentia que eu passava a maior parte do nosso tempo juntos encarando Patch, de boca aberta. Se eu tinha qualquer ilusão sobre ficar no mesmo nível dele, eu ia ter que bolar uma nova abordagem.

Eu coloquei minhas mãos contra a mesa, levantei meu queixo, e tentei parecer como se eu ainda possuísse alguma dignidade. “Isso é ridículo.”

Esticando seu braço ao seu lado com uma dissimulação exagerada, Patch o pendurou nas costas da minha cadeira. Eu tinha o estranho pressentimento que isso era uma ameaça mirada diretamente a mim, e que ele estava alheio e indiferente de como a turma recebia isso. Eles riam, mas ele não parecia ouvir, segurando os meus olhos tão unicamente com os seus próprios que eu quase acreditava que ele tinha esculpido um mundo pequeno e privado para nós que ninguém mais podia alcançar.

*Vulnerável*, ele balbuciou.

Eu travei meus tornozelos ao redor das pernas da minha cadeira e dei um solavanco para frente, sentindo o peso do braço dele cair das costas do assento. Eu *não* era vulnerável.

“E aí está!” o Treinador disse. “Biologia em ação.”

“Podemos por favor falar sobre sexo agora?” perguntou Vee.

“Amanhã. Leiam o capítulo sete e estejam prontos para uma discussão imediata.”

O sinal tocou, e Patch rangeu sua cadeira. “Isso foi divertido. Vamos fazer de novo algum dia.” Antes que eu pudesse bolar algo mais incisivo do que não, obrigada, ele se debruçou atrás de mim e desapareceu para fora da porta.

“Eu vou começar uma petição para despedirem o Treinador,” Vee disse, vindo até a minha mesa. “O que foi a aula hoje? Foi um pornô aguado. Ele praticamente colocou você e Patch em cima da sua mesa, na horizontal, sem suas roupas, fazendo A Coisa –”

Eu a focalizei com um olhar que dizia, *Parece que eu quero uma repetição?*

“Noossa,” Vee disse, recuando.

“Eu preciso falar com o Treinador. Te encontro no armário em dez minutos.”

“Sem dúvida.”

Eu caminhei até a mesa do Treinador, onde ele estava sentado encurvado sobre um livro de jogadas de basquete. Ao primeiro olhar, todos os Xs e Os faziam parecer que ele estava jogando jogo da velha.

“Oi, Nora,” ele disse em olhar para cima. “O que posso fazer por você?”

“Estou aqui para te dizer que seu novo mapa de assento e plano de aula está me deixando desconfortável.”

O Treinador relaxou em sua cadeira e dobrou suas mãos atrás de sua cabeça. “Eu gosto do mapa de assentos. Quase tanto quanto eu gosto desse jogo de homem-a-homem em que estou trabalhando para o jogo de sábado.”

Eu coloco uma cópia do código de conduta e direitos estudantis da escola bem no topo dele. “Por lei, nenhum estudante deveria se sentir ameaçado nas propriedades escolares.”

“Você se sente ameaçada?”

“Eu me sinto desconfortável. E eu gostaria de propor uma solução.” Quando o Treinador não me cortou, eu inspirei um sopro de confiança. “Eu monitorarei qualquer estudante das suas aulas de biologia – se você me sentar ao lado da Vee novamente.”

“Patch podia ser monitorado.”

Eu resisti cerrar meus dentes. “Isso acaba com o propósito.”

“Você o viu hoje? Ele estava envolvido na discussão. Eu não o ouvi dizer uma palavra o ano todo, mas eu coloco ele ao seu lado e – bingo. A nota dele aqui vai melhorar.”

“E a da Vee vai cair.”

“Isso acontece quando você não pode olhar pro lado pra pegar a resposta certa,” ele disse secamente.

“O problema da Vee é falta de dedicação. Eu monitorarei ela.”

“Nada feito.” Olhando para seu relógio, ele disse, “Estou atrasado para uma reunião. Acabamos aqui?”

Eu fiquei parada com a minha boca entreaberta, espremendo o meu cérebro para cuspir mais um argumento. Mas parecia que eu estava sem inspiração.

“Vamos dar ao mapa de assento mais algumas semanas. Ah, e eu falei sério sobre monitorar Patch. Vou considerar você dentro.” O Treinador não esperou pela minha resposta; ele assobiou a música tema de *Jeopardy* e mergulhou para fora da porta.

Às sete horas o céu tinha escurecido para um azul enegrecido, e eu fechei meu casaco para me aquecer. Vee e eu estávamos a caminho do cinema para o estacionamento, tendo acabado de assistir *O Sacrifício*.

Era meu trabalho resenhar filmes para o eZine, e já que eu já tinha visto todos os outros filmes passando no cinema, tínhamos nos resignado ao último suspense urbano.

“Esse,” Vee disse, “foi o filme mais bizarro que eu já vi. Como regra, não temos mais permissão de ver nada que sugira horror.

Por mim tudo bem. Levando em consideração que alguém estivera espreitando do lado de fora da janela do meu quarto na noite passada e combinando isso com um filme totalmente desenvolvido sobre um perseguidor essa noite, e eu estava começando a me sentir um tantinho paranóica.

“Consegue imaginar?” Vee disse. “Viver sua vida toda não tendo uma pista de que a única razão para que você é mantida viva é para ser usada como um sacrifício?”

Ambas estremecemos.

“E qual era a daquele altar?” ela continuou, irritantemente alheia que eu teria preferido falar sobre o círculo da vida de um fungo do que sobre o filme. “Por que aquele cara mau tocou fogo na pedra antes de amarrá-la? Quando eu escutei a carne dela chiar –”

“Está certo!” Eu praticamente gritei. “Para onde agora?”

“E posso só dizer que se um cara alguma vez me beijar desse jeito, eu vou começar a vomitar. Repulsivo não consegue descrever o que acontecia com a boca dele. Aquilo era maquiagem, certo? Quero dizer, ninguém realmente tem uma boca como aquela na vida real –”

“Minha resenha é para a meia-noite,” eu disse, cortando-a.

“Ah. Certo. Para a biblioteca, então?” Vee destrancou as portas de seu Dodge Neon roxo 1995. “Você está sendo terrivelmente sensível, sabe.”

Eu deslizei para o assento do passageiro. “Culpa do filme.” Culpa do pervertido na minha janela ontem a noite.

“Não estou falando só sobre hoje a noite. Eu notei,” ela disse com uma travessa curva de sua boca, “que você ficou excepcionalmente mal-humorada por uma boa meia hora no final da aula de biologia nos últimos dois dias.”

“Fácil também. Culpe o Patch.”

Os olhos da Vee moveram-se rapidamente para o espelho retrovisor. Ela o ajustou para olhar melhor seus dentes. Ela os lambeu, dando um sorriso praticado.

“Eu tenho que admitir, o lado obscuro dele me atrai.”

Eu não tinha desejo algum de admitir isso, mas Vee não estava sozinha. Eu me sentia atraída por Patch de uma maneira que eu nunca me senti atraída por ninguém. Havia um magnetismo obscuro entre nós. Perto dele, eu me sentia atraída pelos precipícios do perigo. A qualquer momento, parecia que ele podia me empurrar do precipício.

“Ouvir você dizer isso me fazer querer –” eu parei, tentando pensar exatamente no que a nossa atração pelo Patch me fazia querer fazer. Algo desagradável.

“Me diga que você não acha que ele é bonito,” Vee disse, “e eu prometo que nunca trarei o nome dele a tona novamente.”

Eu estiquei meu braço para ligar o rádio. De tudo, devia haver algo melhor a fazer do que arruinar a nossa noite convidando Patch, mesmo que de forma abstrata, para ela. Sentar ao lado dele por uma hora todo dia, cinco dias por semana, era muito mais do que eu podia aguentar. Eu não lhe daria minhas noites também.

“Bem?” Vee pressionou.

“Ele pode ser bonito. Mas eu seria a última a saber. Eu sou uma jurada maculada nessa questão, desculpa.”

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer que eu não consigo passar pela personalidade dele. Nenhuma quantidade de beleza pode compensá-la.”

“Beleza não. Ele é... ousado. Sexy.”

Eu girei meus olhos.

Vee buzinou e bateu em seu freio enquanto um carro parava na frente dela.

“O quê? Você discorda, ou rude-e-diabólico não é o seu tipo?”

“Eu não tenho um tipo,” eu disse. “Não sou tão restrita.”

Vee riu. “Você, querida, é mais do que restrita – você é confinada. Limitada. Seu espectro é tão largo quanto um dos micro-organismos do Treinador. Há muitos poucos, se há algum, garotos na escola por quem você ficaria caída.”

“Isso não é verdade.” Eu disse as palavras automaticamente. Não foi até eu tê-las dito que eu me perguntei o quanto eram acuradas. Eu nunca estive seriamente interessada em ninguém. Como eu era estranha. “Não tem a ver com garotos, tem a ver com... amor. Eu não o achei.”

“Não tem a ver com amor,” Vee disse. “Tem a ver com diversão.”

Eu levantei minhas sobrancelhas, duvidosa. “Beijar um cara que eu não conheço – que eu não gosto – é divertido?”

“Você não esteve prestando atenção na aula de biologia? É muito mais do que beijar.”

“Ah,” eu disse em uma voz iluminada. “O patrimônio genético está deturpado o bastante sem eu contribuir com ele.”

“Quer saber quem eu acho que seria realmente bom?”

“Bom?”

“*Bom?*” ela repetiu com um sorriso indecente.

“Não particularmente.”

“O seu parceiro.”

“Não chame ele disso,” eu disse. “Parceiro tem uma conotação positiva.”

Vee espremeu-se em uma vaga próxima das portas da biblioteca e deixou o motor morrer. “Você já fantasiou sobre beijá-lo? Você já deu uma espiadinha de lado e imaginou se jogar no Patch e comprimir sua boca contra a dele?”

Eu encarei ela com um olhar que esperava transmitir um choque alarmado. “Você já deu?”

Vee sorriu.

Eu tentei imaginar o que Patch faria se fosse apresentado a essa informação. Do pouco que eu sabia sobre ele, eu sentia sua aversão pela Vee como se fosse concreta o bastante para tocar.

“Ele não é bom o bastante para você,” eu disse.

Ela gemeu. “Cuidado, você só vai fazer eu querer ele ainda mais.”

Dentro da biblioteca nós pegamos uma mesa no térreo, perto de ficção adulta. Eu abri meu laptop e digitei: *O Sacrifício, duas estrelas e meia*. Duas e meia provavelmente era baixo. Mas eu tinha muito na minha mente e não estava me sentindo particularmente justa.

Vee abriu um saco de chips de maçã seca. “Quer um pouco?”

“Não, obrigada.”

Ela espiou dentro do saco. “Se você não vai comê-las, eu terei que. E eu realmente não quero.”

Vee estava na dieta da fruta roleta-da-cor. Três frutas vermelhas por dia, duas azuis, um punhado de verdes...

Ela levantou um chip de maçã, examinando-o de frente e de costas.

“Que cor?” eu perguntei.

“Verde-maçã-de-fazer-vomitar-ovas-de-peixe. Eu acho.”

Bem então Marcie Millar, a única estudante do segundo ano do time de líderes de torcida na história da Coldwater High, tomou um assento na beirada de nossa mesa. Seu cabelo loiro morango estava penteado em marias-chiquinhas baixas, e como sempre, sua pele estava oculta debaixo de meio tubo de base. Eu estava positivamente certa de que tinha acertado a quantidade certa, já que não havia um traço de suas sardas a vista. Eu não via as sardas da Marcie desde a sétima série, o mesmo ano em que ela descobriu Mary Kay<sup>9</sup>. Havia três quartos de dois centímetros entre a bainha de sua saia e o começo de sua calcinha... se ela estava ao menos usando uma.

“Oi, Gigante,” Marcie disse para Vee.

“Oi, Aberração,” Vee disse de volta.

“Minha mãe está procurando por modelos esse final de semana. O pagamento é nove dólares por hora. Pensei que você poderia estar interessada.”

A mãe da Marcie gerencia a JCPenney<sup>10</sup> local, e nos finais de semana ela faz a Marcie e o resto das líderes de torcida modelarem em biquínis na janela de exposição encarando a rua da loja.

“Ela está tendo muita dificuldade em achar modelos de lingerie plus-size,” disse Marcie.

“Você tem comida presa nos seus dentes,” Vee disse a Marcie. “Na fenda entre os seus dois dentes da frente. Parece com o chocolate Ex-Lax<sup>11</sup>...”

Marcie lambeu seus dentes e deslizou da mesa. Enquanto ela ia embora gingando, Vee enfiou seu dedo em sua boca e fez gestos de vômito para as costas da Marcie. “Ela tem sorte de estarmos na biblioteca,” Vee me disse. “Ela tem sorte de não termos nos cruzado em um beco escuro. Última chance – quer chips?”

“Passo.”

---

<sup>9</sup> Empresa americana de venda direta de cosméticos, fundada em 1963 em Dallas, Texas (EUA), por Mary Kay Ash.

<sup>10</sup> Cadeia de lojas de departamento dos EUA.

<sup>11</sup> Laxante em forma e com gosto de chocolate.

Vee vagou para descartar os chips. Alguns minutos depois ela retornou com um livro de romance. Ela tomou o assento ao meu lado e, mostrando a capa do livro, disse, “Algum dia seremos nós. Arrebatadas por caubóis parcialmente vestidos. Eu me pergunto como é beijar um par de lábios queimados pelo sol e com crostas de lama?”

“Sujo,” eu murmurei, digitando.

“Falando em sujo.” Houve um aumento inesperado em sua voz. “Lá está o nosso menino.”

Eu parei de digitar tempo o bastante para espiar sobre meu laptop, e meu coração pulou uma batida. Patch estava de pé do outro lado da sala na fila de empréstimo. Como se ele tivesse me sentido observando-o, ele se virou. Nossos olhos se trancaram por um, dois, três instantes. Eu quebrei-o primeiro, mas não antes de receber um sorriso vagaroso.

As batidas do meu coração ficaram erráticas, e eu disse a mim mesma para me controlar. Eu não ia ir por essa estrada. Não com o Patch. Não a não ser que eu estivesse louca.

“Vamos,” eu disse a Vee. Fechando meu laptop, eu o fechei dentro de sua pasta. Eu empurrei meus livros dentro da minha mochila, derrubando alguns no chão enquanto o fazia.

Vee disse, “Estou tentando ler o título que ele está segurando... espera aí... *Como Ser um Perseguidor.*”

“Ele *não* está emprestando um livro com esse título.” Mas eu não estava certa.

“É ou esse ou Como Irradiar Sensualidade Sem Tentar.”

“Shh!” Eu sibilei.

“Acalme-se, ele não consegue ouvir. Ele está falando com a bibliotecária. Ele está indo embora.”

Confirmando isso com uma rápida olhada, eu percebi que se fôssemos embora agora, provavelmente o encontraríamos na porta de saída. E então seria esperado que eu dissesse algo para ele. Eu me ordenei a voltar para a minha cadeira e procurei diligentemente nos meus bolsos por coisa alguma enquanto ele terminava de sair.

“Você acha que é sinistro ele estar aqui na mesma hora que nós?” Vee perguntou.

“Você acha?”

“Eu acho que ele está te seguindo.”

“Eu acho que é uma coincidência.” Isso não era inteiramente verdade. Se eu tivesse que fazer uma lista dos dez lugares em que eu esperaria encontrar Patch

em qualquer noite, a biblioteca pública não entraria. A biblioteca não entraria nos cem lugares. Então o que ele estava fazendo aqui?

A pergunta era particularmente perturbadora depois do que acontecera ontem a noite. Eu não tinha mencionado isso para Vee porque eu esperava que isso encolhesse e murchasse na minha memória até parasse de ter acontecido. Ponto.

“Patch!” Vee fingiu sussurrar. “Você está perseguindo a Nora?”

Eu fixei minha mão sobre a boca dela. “Para com isso. Falo sério.” Eu fiz uma cara severa.

“Aposto que ele está te seguindo,” disse Vee, forçando a minha mão a sair. “Eu aposto que ele tem um histórico disso também. Eu aposto que ele tem medidas cautelares. Deveríamos entrar escondidas no escritório principal. Tudo deve estar na ficha estudantil dele.”

“Não vamos entrar escondidas no escritório principal.”

“Eu podia criar uma distração. Sou boa em distrações. Ninguém veria você entrar. Poderíamos ser como espiãs.”

“Não somos espiãs.”

“Sabe o sobrenome dele?” Vee perguntou.

“Não.”

“Sabe alguma coisa sobre ele?”

“Não. E eu gostaria de continuar desse jeito.”

“Ah, vamos lá. Você ama um bom mistério, e não fica melhor que isso.”

“Os melhores mistérios envolvem um corpo morto. Não temos um corpo morto.”

Vee deu um gritinho. “Ainda não!”

Chacoalhando duas pílulas de ferro da garrafa na minha mochila, eu as engoli juntas.

Vee fez o Neon saltar em sua entrada logo depois das nove e meia. Ela desligou o motor e balançou as chaves na minha frente.

“Você não vai me levar para casa?” eu perguntei. Um desperdício de fôlego, já que eu sabia a resposta dela.

“Tem névoa.”

“Uma névoa remendada<sup>12</sup>.”

Vee sorriu. “Ah, cara. Ele está tão na sua mente. Não que eu te culpe. Pessoalmente, estou esperando sonhar com ele hoje a noite.”

---

<sup>12</sup> No original, ‘patchy’, que significa remendo e é um trocadilho com o nome do Patch.

Argh.

“E a névoa sempre piora perto da sua casa,” Vee continuou.

“Me assusta depois de escuro.”

Eu agarrei as chaves. “Muito obrigada.”

“Não me culpe. Diga a sua mãe para se mudar mais pra perto. Diga a ela que tem esse clube novo chamado civilização e que vocês deveriam se juntar.”

“Suponho que espera que eu te pegue antes da escola amanhã?”

“As sete e meia seria bom. Café da manhã por minha conta.”

“É melhor que seja bom.”

“Seja boazinha com o meu bebê.” Ela deu um tapinha no para-lama do Neon. “Mas não boazinha demais. Não posso fazê-la pensar que tem melhor aí fora.”

Na viagem para casa eu permiti que meus pensamentos fizessem uma pequena viagem para Patch.

Vee estava certa – algo sobre ele era incrivelmente sedutor. E incrivelmente sinistro. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu estava convencida de que algo nele era... estranho. O fato dele gostar de me antagonizar não era exatamente digno de notícia, mas havia uma diferença entre me irritar durante a aula e *possivelmente* me seguir até a biblioteca para conseguir isso. Não são muitas as pessoas que se dariam a tanto trabalho... a não ser que tivessem uma boa razão.

Na metade do caminho para casa uma chuva incitou nuvens finas a cobrirem a estrada. Dividir minha atenção entre a estrada e os controles no volante, eu tentei localizar os limpadores.

As luzes da rua relinchavam acima e eu me perguntei se uma tempestade mais forte estava se aproximando. Tão perto assim do oceano o clima mudava constantemente, e uma pancada de chuva podia rapidamente se transformar em uma inundação.

Eu acelerei o Neon.

As luzes do lado de fora piscaram novamente. Um pressentimento gelado espetou a parte de trás do meu pescoço, e os pelos nos meus braços formigaram. Meu sexto sentido passou para um alerta máximo. Eu me perguntei se eu achava que estava sendo seguida. Não havia faróis no espelho retrovisor.

Nada de carros a frente, tampouco. Eu estava completamente sozinha. Não era um pensamento muito confortante. Eu acelerei o carro para setenta quilômetros.

Eu achei o limpador, mas mesmo na velocidade máxima eles não conseguiam manter o ritmo da chuva martelante. O sinaleiro a frente ficou amarelo.

Eu parei, chequei para ver se o tráfego estava vazio, então fui para a cruzamento.

Eu escutei o impacto antes de registrar a silhueta negra derrapando pelo capô do carro.

Eu gritei e pisei fundo no freio. A silhueta golpeou contra o para-brisa com uma explosão estilhaçante.

Em impulso, eu virei duramente o volante para a direita. O final do Neon desacelerou, mandando-me girando no cruzamento. A silhueta rolou e desapareceu pela beirada do capô.

Eu estava segurando minha respiração, apertando o volante entre minhas mãos de dobras brancas. Eu levantei meu pé dos pedais. O carro moveu-se rapidamente e parou.

Ele estava agachado a alguns metros, me observando. Ele não parecia nem um pouco... ferido.

Ele estava vestido totalmente de preto e misturava-se a noite, dificultando dizer como ele era. De primeira eu não consegui distinguir nenhum traço facial, e então eu percebi que ele estava usando uma máscara de esqui.

Ele ficou de pé, fechando a distância entre nós. Ele achatou suas palmas na janela do lado do motorista. Nossos olhos se conectaram através dos buracos na máscara. Um sorriso letal pareceu crescer nos dele.

Ele deu outro golpe, o vidro vibrando entre nós.

Eu dei partida no carro. Eu tentei sincronicamente colocá-lo na primeira marcha, empurrar o acelerador e soltar a embreagem. O motor entrou em movimento, mas o carro moveu-se rapidamente de novo e morreu.

Eu liguei o motor mais uma vez, mas fui distraída por um rosnado metálico desafinado. Eu observei com horror enquanto a porta começava a dobrar. Ele estava arrancando – ela – fora. Eu calquei o carro na primeira. Meus sapatos deslizaram por sobre os pedais.

O motor rugiu, a agulha de RPM<sup>13</sup> no painel cravando na zona vermelha.

Seu punho passou pela janela numa explosão de vidro. Sua mão tateou meu ombro, fixando-se ao redor da minha mão. Eu dei um grito rouco, pisou com força no acelerador, e soltei a embreagem. O Neon guinchou em movimento. Ele segurou, apertando a minha mão, correndo ao lado do carro por diversos metros antes de soltar.

---

<sup>13</sup> Do inglês revolutions/rounds per minute, ou seja, giros por minuto.

Eu acelerei para frente com a força da adrenalina. Eu chequei o espelho retrovisor para ter certeza de que ele não estava me perseguindo, então empurrei o espelho para encarar a distância. Eu tive que pressionar os meus lábios juntos para impedi-los de soluçar.

## Capítulo Quatro

VOANDO POR HAWTHORNE, EU PASSEI PELA MINHA casa, dei a volta, cortei até Beech, e me dirigi de volta em direção ao centro de Coldwater. Eu disquei o número da Vee através da agenda eletrônica.

“Algo aconteceu – eu – ele – a coisa – do nada – o Neon –”

“Está falhando. O quê?”

Eu limpei meu nariz com as costas da minha mão. Eu estava tremendo até meus dedos do pé. “Ele surgiu do nada.”

“Quem?”

“Ele –” eu tentei prender meus pensamentos e canalizá-los em palavras. “Ele pulou na frente do carro!”

“Ai, cara. Ai-cara-ai-cara-ai-cara. Você acertou um *veado*? Você está bem? E o Bambi?” Ela meio choramingou, meio gemeu. “O Neon?”

Eu abri minha boca, mas Vee me cortou.

“Esquece. Eu tenho seguro. Só me diga que não tem pedaços de veado em todo o meu bebê... Nada de pedaços de veado, certo?”

Qualquer resposta que eu estive prestes a dar se dissipou no plano de fundo. Minha mente estava dois passos na frente. Um veado. Talvez eu conseguisse fazer o negócio todo parecer com uma batida em um veado. Eu queria me confidenciar na Vee, mas eu não queria soar louca, tampouco. Como eu ia explicar assistir ao cara que eu tinha atingido se levantar e começar a arrancar a porta do carro? Eu estiquei meu colarinho para baixo do meu ombro. Nenhuma marca vermelha onde ele tinha me agarrado, que eu conseguisse ver...

Eu me dei conta de mim mesma com assombro. Eu realmente estava considerando negar o que tinha acontecido? Eu *sabia* o que eu tinha visto. Não foi a minha imaginação.

“Santa bizarrice,” Vee disse. “Você não está respondendo. O veado está preso nos faróis, não está? Você está dirigindo por aí com ele travado na frente do carro como um trator para evacuar neve.”

“Posso dormir na sua casa?” Eu queria sair das ruas. Sair da escuridão. Com uma inspiração súbita de ar, eu percebi que para ir para a casa da Vee, eu teria que dirigir de volta pelo cruzamento onde eu tinha atingido-o.

“Eu estou no meu quarto,” disse Vee. “Pode entrar. Te vejo daqui a pouco.”

Com as minhas mãos apertadas no volante, eu empurrei o Neon pela chuva, rezando para que o sinal em Hawthorne estivesse verde em meu favor. Estava, e eu ladrilhei pelo cruzamento, mantendo meus olhos diretamente a frente, mas ao mesmo tempo, roubando olhadelas para as sombras ao lado da estrada. Não havia sinal do cara de máscara de esqui.

Dez minutos mais tarde eu estacionei o Neon na entrada da Vee. O dano à porta era extensivo, e eu tive que colocar meu pé nela e chutar para conseguir sair. Então eu corri para a porta da frente, escapuli para dentro, e corri pela escada do porão.

Vee estava sentada de pernas cruzadas em sua cama, o caderno apoiado em seus joelhos, os fones enfiados, o iPod ligado no máximo. “Eu quero ver o dano hoje a noite, ou devo esperar até ter pelo menos tido sete horas de sono?” ela disse por cima da música.

“Talvez a opção número dois.”

Vee fechou o caderno e tirou os fones. “Vamos acabar com isso logo.”

Quando fomos para fora, eu encarei o Neon por um longo tempo. Não era uma noite quente, mas o tempo não era a causa dos arrepios ondulando nos meus braços. Nada de janela do lado do motorista quebrada. Nada de amasso na porta.

“Algo não está certo,” eu disse. Mas Vee não estava escutando. Ela estava ocupada inspecionando cada centímetro quadrado do Neon.

Eu dei um passo para frente e cutuquei a janela do lado do motorista. Vidro sólido. Eu fechei meus olhos. Quando eu os reabri, a janela ainda estava intacta.

Eu dei uma volta pela traseira do carro. Eu tinha quase completado uma volta inteira quando eu parei de imediato.

Uma fina rachadura no para-brisa.

Vee a viu ao mesmo tempo. “Tem certeza de que não foi um esquilo?”

Minha mente relampejou de volta para os olhos letais atrás da máscara de esqui. Eles eram tão negros que eu não conseguia distinguir as pupilas das íris. Negros como... os de Patch.

“Olhe para mim, estou chorando lágrimas de alegria,” Vee disse, esparramando-se sobre o capô do Neon em um abraço. “Uma rachadura minúsculinha. Só isso!”

Eu fabriquei um sorriso, mas meu estômago azedou-se. Há cinco minutos, a janela estava quebrada e a porta estava curvada. Olhando para o carro agora, parecia impossível. Não, parecia loucura. Mas eu *vi* o punho dele dar um soco no vidro, e eu *sentí* as unhas dele mordiscarem meu ombro.

Não tinha?

Quanto mais eu tentava lembrar da batida, mais eu não conseguia. Pequenas manchas de informação perdida cruzavam minha memória. Os detalhes estavam se dissipando. Ele era alto? Baixo? Magro? Grande? Ele tinha dito alguma coisa?

Eu não conseguia me lembrar. Essa era a parte mais assustadora.

Vee e eu deixamos sua cama as sete e quinze na manhã seguinte e dirigimos até o Enzo's Bistro para tomar de café da manhã leite fervido. Com minhas mãos encaixadas ao redor da minha xícara de porcelana, eu tentei aquecer o frio profundo dentro de mim. Eu tinha tomado banho, colocado uma veste de baixo e um cardigã emprestados do armário da Vee, e posto um pouco de maquiagem, mas eu mal lembrava de ter feito isso.

“Não olhe agora,” Vee disse. “mas o Sr. Suéter Verde fica olhando para cá, estimando suas longas pernas pela sua calça jeans... Ah! Ele acabou de me saudar. Não estou brincando. Uma saudaçãozinha militar de dois dedos. Que adorável.”

Eu não estava escutando. O acidente da noite passada tinha repassado inteiramente na minha cabeça a noite toda, perseguindo qualquer chance de sono. Meus pensamentos estavam embaralhados, meus olhos estavam secos e pesados, e eu não conseguia me concentrar.

“O Sr. Suéter Verde parece normal, mas o companheiro dele parece um bad boy da pesada,” disse Vee. “Emite um certo sinal não-mexa-comigo. Diz que ele não parece com a cria do Drácula. Diz que eu estou imaginando coisas.”

Levantando meus olhos justamente o bastante para dar uma olhada nele sem parecer que eu estava, eu absorvi seu rosto lindo de ossos suaves. Cabelo loiro pairava em seus ombros. Olhos da cor de cromo. Barba por fazer. Impecavelmente vestido em uma jaqueta impecável e calça jeans escura de designer. Eu disse, “Você está imaginando coisas.”

“Você deixou passar os olhos inexpressivos? A linha capilar em V? O porte alto e esbelto? Ele talvez até seja alto o bastante para mim.”

Vee tem quase 1,83 metros, mas ela tem uma quedinha por saltos. Saltos altos. Ela também tem uma regra sobre não namorar caras baixos.

“Está bem, qual o problema?” Vee perguntou. “Você ficou toda incomunicável. Isso não é por causa da rachadura no para-brisa, é? E daí que você atingiu um animal? Podia acontecer a qualquer um. Claro, as chances seriam muito menores se a sua mãe se mudasse do mato.”

Eu ia contar a Vee a verdade sobre o que tinha acontecido. Em breve. Eu só precisava de um pouco de tempo para ordenar os detalhes. O problema era que eu não via como eu poderia. Os únicos detalhes sobrando eram assustadores, na melhor das hipóteses. Era como se uma borracha tivesse apagado a minha memória. Pensando de volta, eu me lembrava da chuva pesada caindo como cascata nas janelas do Neon, fazendo com que tudo ficasse borrado. Eu teria de fato atingido um veado?

“Hmm, dá uma olhada nisso,” disse Vee. “O Sr. Suéter Verde está saindo do seu assento. Agora, esse é um corpo que frequenta a academia regularmente. Ele definitivamente está caminhando na nossa direção, seus olhos procurando a propriedade, a sua propriedade, isso é.”

Uma meia batida mais tarde, fomos cumprimentadas por um baixo e agradável, “Olá.”

Vee e eu olhamos para cima ao mesmo tempo. O Sr. Suéter Verde estava atrás da nossa mesa, seus dedões presos nos bolsos de sua calça jeans. Ele tinha olhos azuis, com cabelo loiro estilosamente bagunçado arrastado em sua testa.

“Olá para você,” Vee disse. “Eu sou Vee. Esta é Nora Grey.”

Eu franzi para Vee. Eu não apreciava ela anexando meu sobrenome, sentindo que isso violava um contrato não-verbal entre meninas, ainda mais melhores amigas, ao encontrar garotos desconhecidos. Eu dei um aceno indiferente e trouxe minha xícara aos meus lábios, imediatamente queimando minha língua.

Ele arrastou uma cadeira da mesa ao lado e se sentou de costas nela, seus braços descansando onde suas costas deveriam estar. Esticando uma mão para mim, ele disse, “Eu sou Elliot Saunders.” Sentindo-me formal demais, eu apertei-a. “E esse é Jules,” ele acrescentou, sacudindo seu queixo na direção de seu amigo, que Vee tinha subestimado grosseiramente ao chamar de “alto”.

Jules abaixou todo o seu eu em um assento ao lado de Vee, minimizando a cadeira.

Ela disse para ele, “Eu acho que você é o maior cara que eu já vi. Sério, quanto você mede?”

“Dois metros e oito,” Jules murmurou, tombando em seu assento e cruzando seus braços.

Elliot limpou sua garganta. “Posso pedir algo para as damas comerem?”

“Estou bem,” eu disse, levantando minha xícara. “Eu já pedi.”

Vee me chutou por debaixo da mesa. “Ela vai querer um sonho recheado de creme de baunilha. Na verdade, dois.”

“Lá se foi a dieta, hein?” eu perguntei a Vee.

“Hein para você. A fava de baunilha é uma fruta. Uma fruta marrom.”

“É um legume.”

“Você tem certeza disso?”

Eu não tinha.

Jules fechou seus olhos e apertou a ponte do seu nariz. Aparentemente ele estava tão animado de estar sentado conosco quanto eu estava de tê-los aqui.

Enquanto Elliot andava até o balcão frontal, eu deixei meus olhos arrastarem-se até ele. Ele definitivamente estava no ensino médio, mas eu não tinha visto ele na CHS antes. Eu me lembraria. Ele tinha uma personalidade charmosa e extrovertida que não se dissipava no plano de fundo. Se eu não estivesse me sentindo tão abalada, eu de fato poderia ter me interessado. Em amizade, talvez mais.

“Você mora por aqui?” Vee perguntou a Jules.

“Hmm.”

“Vai para escola?”

“Kinghorn Prep.” Havia uma matiz de superioridade no jeito como ele disse isso.

“Nunca ouvi falar.”

“Escola particular. Portland. Começamos as nove.” Ele levantou sua manga e olhou para seu relógio.

Vee mergulhou um dedo na espuma de seu leite e o lambeu. “É caro?”

Jules olhou para ela diretamente pela primeira vez. Seus olhos se esticaram, mostrando um pouco de branco ao redor das beiradas.

“Você é rico? Aposto que é,” ela disse.

Jules olhou Vee como se ela tivesse acabado de matar uma mosca na testa dele. Ele recuou sua cadeira várias centímetros, se distanciando de nós.

Elliot retornou com uma caixa com meia dúzia de sonhos.

“Dois de creme de baunilha para as damas,” ele disse, empurrando a caixa na minha direção, “e quatro com confeitos para mim. Acho que é melhor eu me encher agora, já que eu não sei como é a lanchonete na Coldwater High.”

Vee quase cuspiu seu leite. “Você frequenta a CHS?”

“A partir de hoje. Eu acabei de me transferir da Kinghorn Prep.”

“Nora e eu frequentamos a CHS,” Vee disse. “Espero que aprecie sua boa sorte. Qualquer coisa que precise saber – incluindo quem deve convidar para o Baile da Primavera – é só perguntar. Nora e eu não temos pares... ainda.”

Eu decidi que era hora de nos separarmos. Jules estava obviamente entediado e irritado, e ficar na companhia dele não estava ajudando o meu humor já impaciente. Eu fiz uma grande apresentação ao olhar no relógio do

meu celular e disse, “É melhor irmos para escola, Vee. Temos uma teste de biologia para o qual estudar. Elliot e Jules, foi bom conhecê-los.”

“Nosso teste de biologia não é até a sexta,” disse Vee.

Do lado de dentro, eu me contraio involuntariamente. Do lado de fora, eu sorrio descaradamente. “Certo. Eu quis dizer teste de *inglês*. As obras de... Geoffrey Chaucer.” Todos sabiam que eu estava mentindo.

De um jeito remoto minha grosseria me incomodava, especialmente já que Elliot não tinha feito nada para merecer isso. Mas eu não queria ficar mais sentada aqui. Eu queria continuar me movendo, me distanciando da noite passada. Talvez a memória diminuindo não fosse uma coisa tão ruim afinal. Quanto mais cedo eu esquecesse o acidente, mais cedo minha vida voltaria ao seu ritmo normal.

“Espero que tenha um ótimo primeiro dia, e talvez vejamos você no almoço,” eu disse a Elliot. Então eu arrastei Vee por seu cotovelo e a dirigi porta afora.

O dia escolar estava quase acabando, somente biologia faltando, e após uma rápida parada no meu armário para trocar livros, eu me dirigi para aula. Vee e eu chegamos antes de Patch; ela deslizou no assento vazio dele e cavou em sua mochila, puxando uma caixa de Hot Tamales<sup>14</sup>.

“Um, a fruta vermelha saindo já,” ela disse, oferecendo-me a caixa.

“Deixe-me adivinhar... canela é uma fruta?” eu empurrei a caixa para longe.

“Você não almoçou, tampouco,” Vee disse, franzindo a testa.

“Não estou com fome.”

“Mentirosa. Você está sempre com fome. Isso tem a ver com Patch? Você não está preocupada que ele esteja realmente perseguindo você, está? Porque na noite passada, aquele negócio todo na biblioteca, eu estava brincando.”

Eu massageei círculos pequenos nas minhas têmporas. A dor maçante que tinha tomado residência atrás dos meus olhos resplandeceram na menção de Patch. “Patch é a última das minhas preocupações,” eu disse. Não era exatamente verdade.

“Meu assento, se não se importa.”

Vee e eu olhamos para cima simultaneamente ao som da voz de Patch.

Ele soava feliz o bastante, mas ele manteve seus olhos treinados na Vee enquanto ela se levantava e atirava sua mochila por seu ombro. Parecia que ela

---

<sup>14</sup> Doce de canela, em formato de 'tubinho', com um gosto ardido e apimentado.

não conseguia se mover rápida o bastante; ele passou seu braço pelo corredor, convidando-a para fora.

“Bonita como sempre,” ele disse para mim, tomando sua cadeira. Ele se reclinou, esticando suas pernas na sua frente. Eu sempre soubera que ele era alto, mas eu nunca tinha medido. Olhando para a extensão das pernas dele agora, eu pressupus que ele tivesse 1,83. Talvez até 1,85.

“Obrigada,” eu respondi sem pensar. Imediatamente eu quis retirar o que dissera. *Obrigada?* De todas as coisas que eu poderia ter dito, “obrigada” era a pior. Eu não queria que Patch pensasse que eu tinha gostado do elogio dele. Porque eu não tinha... na maior parte. Não precisava de muita percepção para perceber que ele era encrenca, e eu já tinha tido encrenca o bastante na minha vida. Não havia necessidade de convidar mais. Talvez se eu o ignorasse, ele eventualmente desistiria de puxar conversa. E então poderíamos sentar lado a lado em uma silenciosa harmonia, como todas as outras parcerias na sala.

“Você está cheirando bem também,” disse Patch.

“Chama-se banho.” Eu estava encarando diretamente a frente. Quando ele não respondeu, eu me virei de lado. “Sabonete. Shampoo. Água quente.”

“Pelada. Conheço o esquema.”

Eu abri minha boca para mudar de assunto quando o sinal me cortou.

“Coloquem seus livros de lado,” o Treinador disse de trás da sua mesa. “Vou dar um teste de treinamento para aquecê-los para o verdadeiro dessa sexta.” Ele parou na minha frente, lambendo seu dedo enquanto tentava separar os testes. “Eu quero quinze minutos de silêncio enquanto respondem as perguntas. Então discutiremos o capítulo sete. Boa sorte.”

Eu trabalhei nas primeiras questões, respondendo-as com uma efusão rítmica de fatos memorizados. Ao menos, o teste roubou minha concentração, empurrando o acidente da noite passada e a voz nos fundos da minha mente questionando a minha sanidade de lado. Parando para me livrar de uma câimbra da mão que escrevia, eu senti Patch se inclinar na minha direção.

“Você parece cansada. Noite difícil?” ele sussurrou.

“Eu te vi na biblioteca.” Tomei cuidado em deixar meu lápis deslizando por sobre o meu teste, parecendo concentrada no trabalho.

“O ponto alto da minha noite.”

“Você estava me seguindo?”

Ele reclinou sua cabeça e riu suavemente.

Eu tentei uma abordagem diferente. “O que você estava fazendo lá?”

“Pegando um livro.”

Eu senti os olhos do Treinador em mim e me dediquei ao teste. Após responder mais diversas perguntas, eu roubei uma olhadela à minha esquerda. Eu fiquei surpresa ao encontrar Patch já me observando. Ele sorriu.

Meu coração deu um salto inesperado, assustado por esse sorriso bizarramente atraente. Para o meu horror, eu fiquei tão alarmada que derrubei meu lápis. Ele saltou pelo tampo da mesa algumas vezes antes de rolar pela beirada. Patch se inclinou para apanhá-lo. Ele o segurou na palma de sua mão, e eu tive que me concentrar para não tocar na pele dele enquanto eu o pegava.

“Depois da biblioteca,” eu sussurrei. “Para onde você foi?”

“Por quê?”

“Você me seguiu?” eu exigi baixinho.

“Você parece um tanto irritada, Nora. O que aconteceu?” Suas sobrancelhas se levantaram em preocupação. Era tudo apresentação, porque havia uma faísca derrisória no centro de seus olhos negros.

“Você está me seguindo?”

“Por que eu iria querer te seguir?”

“Responda a pergunta.”

“Nora.” O aviso na voz do Treinador me chamou de volta para o teste. Mas eu não conseguia evitar especular sobre qual teria sido a resposta dele, e ela me fez querer deslizar para longe de Patch. Para o outro lado da sala. Para o outro lado do universo.

O Treinador gorjeou seu apito. “O tempo acabou. Passem seus testes para frente. Esperem perguntas similares nessa sexta. Agora” – ele juntou suas mãos, e o som seco dele me fez estremecer – “para a lição de hoje. Senhorita Sky, quer declarar o nosso tópico?”

“S-e-x-o,” Vee anunciou.

Precisamente após ela ter anunciado, eu desliguei. Patch estava me seguindo? Era ele o rosto por trás da máscara de esqui – se houvesse mesmo um rosto por trás da máscara? O que ele queria? Eu abracei meus cotovelos, de repente me sentindo muito gelada. Eu queria que a minha vida voltasse a ser do jeito que era antes de Patch entrar de supetão na minha vida.

Ao final da aula, eu impedi Patch de ir embora. “Podemos conversar?”

Ele já estava de pé, então ele se sentou na beirada da mesa. “O que foi?”

“Eu sei que você não quer se sentar perto de mim mais do que eu quero me sentar perto de você. Eu acho que o Treinador pode considerar mudar os nossos assentos se você falar com ele. Se você explicar a situação –”

“A situação?”

“Nós não somos – compatíveis.”

Ele esfregou uma mão em sua mandíbula, um gesto calculado ao qual eu tinha me acostumado nos poucos dias que eu o conhecia. “Não somos?”

“Não estou anunciando notícias devastadoras aqui.”

“Quando o Treinador perguntou a minha lista de qualidades desejadas em uma companheira, eu dei você a ele.”

Minha boca caiu ligeiramente. “Retire o que disse.”

“Inteligente. Atraente. Vulnerável. Você discorda?”

Ele estava fazendo isso com o único propósito de me antagonizar, e isso só me irritava mais. “Você vai pedir ao Treinador para mudar os nossos assentos ou não?”

“Passo. Me afeiçoei a você.”

O que eu devia dizer a isso? Ele estava obviamente mirando para conseguir uma reação de mim. O que não era difícil, já que eu nunca conseguia dizer quando ele estava brincando, e quando ele estava sendo sincero.

Eu tentei injetar uma medida de equanimidade na minha voz. “Eu acho que você ficaria muito melhor sentado com outra pessoa. E acho que você sabe disso.” Eu sorri, tensa, mas educada.

“Acho que eu poderia acabar ao lado da Vee.” O sorriso dele parecia tão educado quando. “Não vou forçar a minha sorte.”

Vee apareceu do lado da nossa mesa, olhando entre mim e Patch. “Interrompendo algo?”

“Não,” eu disse, fechando a minha mochila com força. “Eu estava perguntando ao Patch sobre a leitura de hoje a noite. Eu não conseguia lembrar quais páginas o Treinador tinha passado.”

Vee disse, “A lição está no quadro, como sempre. Como se você já não tivesse lido-a.”

Patch riu, parecendo dividir uma piada particular com ele mesmo. Não pela primeira vez, eu desejei saber o que ele estava pensando. Porque as vezes eu tinha certeza que essas piadas particulares tinham tudo a ver comigo. “Algo mais, Nora?” ele disse.

“Não,” eu disse. “Vejo você amanhã.”

“Vou ficar esperando.” Ele piscou. Realmente piscou.

Após Patch estar fora de alcance, Vee agarrou meu braço. “Boas notícias. Cipriano. Esse é o sobrenome dele. Eu vi na lista de chamada do Treinador.”

“E isso é algo para se estar feliz porque...?”

“Todos sabem que os estudantes devem registrar remédios na enfermaria.” Ela puxou o bolso fronteiro da minha mochila, onde eu mantinha minhas pílulas de ferro. “Igualmente, todos sabem que a enfermaria está convenientemente

localizada no lado de dentro do escritório principal, onde, acontece, as fichas estudantis também são mantidas.”

Os olhos ardentes, Vee travou seu braço no meu e puxou-me na direção da porta. “Hora de fazer uma investigação de verdade.”

## Capítulo Cinco

“POSSO AJUDÁ-LA?”

Eu me forcei a sorrir para a secretária do escritório principal, esperando não parecer tão desonesta quanto eu me sentia. “Eu tenho uma receita que tomo diariamente na escola, e minha amiga –”

Minha voz ficou presa na palavra, e eu me perguntei se depois de hoje eu chamaria Vee de minha amiga novamente.

“– minha amiga me informou que eu tenho que registrá-la com a enfermeira. Você sabe se isso está correto?” Eu não conseguia acreditar que estava parada aqui, pretendendo fazer algo ilegal. Ultimamente, eu estava exibindo muitos comportamentos não-característicos. Primeiro eu tinha seguido Patch para uma arcada de má reputação tarde da noite. Agora eu estava a beira de bisbilhotar seu arquivo estudantil. Qual era o meu problema? Não – qual era o problema do Patch, que quando se tratava dele, eu não conseguia parar de exercer maus julgamentos.

“Ah, sim,” a secretaria disse solenemente. “Todos os remédios precisam ser registrados. A enfermaria é aqui por trás, terceira porta à esquerda, do outro lado dos registros estudantis.” Ela gesticulou para o corredor atrás dela. “Se a enfermeira não estiver lá, você pode se sentar na cama portátil dentro do escritório dela. Ela deve voltar a qualquer minuto.”

Eu fabriquei outro sorriso. Eu realmente esperava que fosse ser tão fácil.

Dirigindo-me para o corredor, eu parei para diversas vezes para checar sobre meu ombro. Ninguém veio atrás de mim.

O telefone no escritório principal estava tocando, mas soava como um mundo distante do corredor turvo onde eu estava. Eu estava totalmente sozinha, livre para fazer o que eu desejava.

Eu parei com tudo na terceira porta à esquerda. Eu inspirei e bati, mas estava óbvio pela janela escura que a sala estava vazia. Eu empurrei a porta. Ela se moveu com relutância, abrindo com um rangido para uma sala compacta com azulejo branco desgastado. Eu fiquei de pé na entrada por um momento, quase desejando que a enfermeira aparecesse para que eu não tivesse escolha a não ser registrar minhas pílulas de ferro e ir embora. Um rápido olhar para o outro lado do corredor revelou uma porta com uma janela escrita REGISTROS ESTUDANTIS. Ela também estava escura.

Eu foquei minha atenção em um pensamento importunador no fundo da minha mente. Patch alegava que ele não tinha ido para escola no ano passado. Eu estava bem certa de que ele estava mentindo, mas se ele não estivesse, ele ao menos teria um registro estudantil? Ele teria um endereço residencial pelo menos, eu deduzi. E uma ficha médica, e as notas do último semestre. Ainda assim. Uma possível suspensão parecia um preço grande para pagar para espiar a ficha médica de Patch.

Eu inclinei um ombro contra a parede e chequei meu relógio. Vee me dissera para esperar pelo seu sinal. Ela disse que seria óbvio.

Ótimo.

O telefone no escritório principal tocou novamente, e a secretária atendeu.

Mastigando meu lábio, eu roubei uma segunda espiada na porta rotulada REGISTROS ESTUDANTIS. Havia uma boa chance dela estar trancada. Arquivos estudantis provavelmente com considerados de alta segurança. Não importava que tipo de distração Vee criasse, se a porta estivesse trancada, eu não entraria.

Eu mudei a minha mochila para o ombro oposto. Outro minuto passou. Eu disse a mim mesma que talvez devesse ir embora...

Por outro lado, e se Vee estivesse certa? E se Patch tivesse um passado criminal? Como sua parceira de biologia, contato regular com ele podia me colocar em perigo. Eu tinha uma responsabilidade de me proteger... não tinha?

Se a porta estivesse destrancada e os arquivos estivessem em ordem alfabética, eu não teria problema algum em localizar o arquivo de Patch rapidamente. Acrescente outros poucos segundos para folhear seu arquivo por algum sinal de perigo, e eu provavelmente poderia entrar e sair da sala em menos de um minuto. O que era tão breve que poderia parecer que eu não tinha entrado de modo algum.

As coisas tinham ficado estranhamente silenciosas no escritório principal. De repente Vee circulou a esquina. Ela se esgueirou pela parede na minha direção, andando agachada, arrastando suas mãos pela parede, roubando olhares clandestinos por sobre o seu ombro. Era o tipo de andar que espões elaboravam em filmes antigos.

“Tudo está sob controle,” ela sussurrou.

“O que aconteceu com a secretária?”

“Ela teve que sair do escritório por um minuto.”

“Teve que? Você não a incapacitou, foi?”

“Não dessa vez.”

Graças a Deus pelas pequenas misericórdias.

“Eu alertei uma amiga de bomba do telefone público lá fora,” Vee disse. “A secretária ligou para a polícia, então correu para achar o diretor.”

“Vee!”

Ela bateu em seu pulso. “A hora está passando. Não queremos estar aqui quando os tiras chegarem.”

Nem me diga.

Vee e eu medimos a porta para os registros estudantis.

“Mexa-se,” Vee disse, batendo-me com seu quadril.

Ela abaixou sua manga sobre seu pulso e o bateu na janela.

Nada aconteceu.

“Isso foi só pra praticar,” ela disse. Ela recuou para dar outro soco e eu agarrei seu braço.

“Pode estar destrancada,” eu virei a maçaneta e a porta se abriu.

“Isso não foi tão divertido,” disse Vee.

Uma questão de opinião.

“Entra você,” Vee instruiu. “Eu vou ficar de vigilância. Se tudo correr bem, nós nos encontraremos em uma hora. Encontre-me no restaurante mexicano na esquina da Drake com a Beech.” Ela andou agachada pelo corredor.

Eu fiquei sozinha de pé parcialmente dentro e parcialmente fora da sala estreita alinhada à parede com armários. Antes que a minha consciência me convencesse, eu entrei e fechei a porta atrás de mim, pressionando as minhas costas contra ela.

Com um fôlego profundo, eu escorreguei a minha mochila e me apressei, arrastando meu dedo pela frente dos armários. Eu achei a gaveta marcada CAR-CUV. Com um puxão, a gaveta se abriu com uma pancada. As etiquetas nos arquivos estavam escritas a mão, e eu me perguntei se Coldwater High era a última escola no país não computadorizada.

Meus olhos passaram pelo nome “Cipriano.”

Eu puxei o arquivo da gaveta entupida com violência. Eu o segurei em minhas mãos por um momento, tentando me convencer que não havia nada de muito errado com o que eu estava prestes a fazer. E daí que havia informações confidenciais dentro? Como parceira de biologia do Patch, eu tinha o direito de saber dessas coisas.

Do lado de fora, vozes encheram o corredor.

Eu remexi no arquivo aberto e imediatamente recuei. Não fazia sentido algum.

As vozes avançaram.

Eu enfiei o arquivo ao acaso dentro da gaveta e dei um empurrão, fazendo-a agitar-se de volta no armário. Enquanto eu me virava, eu congelei. Do outro lado da janela, o diretor estava parado a meio caminho, seu olhar fechando-se sobre mim.

O que quer que ele estivera dizendo para o grupo, que consistia de todos os maiores membros do conselho da escola, dissipou-se. “Me dêem licença por um instante,” eu o ouvi dizer. O grupo continuou acotovelando-se para frente. Ele não.

Ele abriu a porta. “Essa área é fora dos limites para estudantes.”

Eu coloquei uma cara indefesa. “Eu sinto tanto. Estou tentando achar a enfermaria. A secretária disse que era a terceira porta a direita, mas eu acho que contei errado...” Eu joguei minhas mãos para cima. “Estou perdida.”

Antes que ele pudesse responder, eu puxei com violência o zíper da minha mochila. “Eu deveria registrá-las. Pílulas de ferro,” eu expliquei. “Eu sou anêmica.”

Ele me estudou por um momento, sua testa enrugando. Eu achei que conseguia vê-lo pesando suas opções: ficar por aqui e lidar comigo, ou lidar com a ameaça de bomba. Ele sacudiu seu queixo porta afora. “Eu preciso que você saia do prédio imediatamente.”

Ele sustentou a porta aberta e eu me abaixei por debaixo do seu braço, meu sorriso sofrendo um colapso.

\*\*\*

Uma hora mais tarde eu deslizei numa cabine de canto no restaurante mexicano na esquina do Drake com a Beech. Um cacto de cerâmica e um coioote empalhado estavam na parede acima de mim. Um homem usando um sombrero mais largo do que ele era alto passou vagueando. Dedilhando cordas em seu vidão, ele me fez uma serenata enquanto o hostess colocava cardápios na mesa. Eu franzi a testa para o símbolo no copo da frente. The Borderline. Eu não tinha comido aqui antes, mas ainda assim algo no nome me soava vagamente familiar.

Vee surgiu atrás de mim e caiu no assento oposto. Nosso garçom seguia de perto.

“Quatro chimis<sup>15</sup>, creme de leite extra, uma porção de nachos, e uma porção de feijões pretos,” Vee disse a ele sem consultar o cardápio.

“Um red burrito<sup>16</sup>,” eu disse.

“Contas separadas?” ele perguntou.

“Eu não vou pagar por ela,” Vee e eu dissemos ao mesmo tempo.

Após o nosso garçom ir embora, eu disse, “Quatro chimis. Estou ansiosa em ouvir a conexão com uma fruta.”

“Nem começa. Eu estou morrendo de fome. Não comi desde o almoço.” Ela pausou. “Se não contar os Hot Tamales, o que eu não conto.”

Vee é voluptuosa, com complexo escandinávio, e de um jeito heterodoxo, incrivelmente sexy. Houvera dias onde a nossa amizade era a única coisa no caminho da minha inveja. Perto da Vee, a única coisa que eu tenho a meu favor são as minhas pernas. E talvez meu metabolismo. Mas definitivamente não o meu cabelo.

“É melhor que ele traga chips logo,” disse Vee. “Eu vou ficar com urticária se eu não comer algo salgado nos próximos quarenta e cinco segundos. E de qualquer jeito, as primeiras três letras na palavra dieta<sup>17</sup> devem te informar o que eu quero que aconteça a ela.”

“Eles fazem salsa com tomate,” eu apontei. “É vermelho. E abacates são frutas. Eu acho.”

Seu rosto se iluminou. “E vamos pedir daiquiris de morango.”

Vee estava certa. Essa dieta era fácil.

“Já volto,” ela disse, deslizando para fora da cabine. “Aquele período do mês. Depois disso, eu quero o *furo*.”

Enquanto esperava por ela, eu me encontrei concentrada no assistente de garçom há algumas mesas. Ele estava trabalhando arduamente esfregando um pano sobre o topo de uma mesa. Havia algo estranhamente familiar no jeito com que ele se movia, no jeito que sua camisa caia sobre o arco de suas costas bem definidas. Quase como se ele suspeitasse que estava sendo observado, ele se endireitou e se virou, seus olhos fixos nos meus no exato momento em que eu descobri o que era tão familiar nesse assistente de garçom em particular.

Patch.

---

<sup>15</sup> Abreviação de chimichanga. É feito a partir de tortilhas, e tem ingredientes como feijão, arroz, queijo, carne moída, tiras de carne, carne em conserva ou tiras de frango. É então frito e servido com salsa, guacamole, creme de leite e/ou queijo.

<sup>16</sup> Feito com carne moída, arroz mexicano, feijões refritos e salsa robusta – tudo enfiado em uma tortilha quente. Então é colocado um molho apimentado e queijo cheddar derretido.

<sup>17</sup> Primeiras 3 letras = die, 'morra' em português.

Eu não conseguia acreditar nisso. Eu pensei em dar um tapa na minha testa quando eu me lembrei que ele tinha me contado que trabalhava na Borderline.

Enxugando suas mãos em seu avental, ele andou até aqui, aparentemente gostando do meu desconforto enquanto eu procurava ao redor por alguma maneira de escapar, descobrindo que eu não tinha lugar algum para ir a não ser para mais dentro da cabine.

“Ora, ora,” ele disse. “Cinco dias por semana não é o bastante de mim? Tinha que me ceder uma noite também?”

“Eu peço desculpas pela infeliz coincidência.”

Ele deslizou no assento da Vee. Quando ele abaixou seus braços, eles eram tão longos que cruzavam na minha metade da mesa. Ele alcançou o meu copo, girando-o em suas mãos.

“Todos os assentos aqui estão tomados,” eu disse. Quando ele não respondeu, eu peguei meu copo de volta e tomei um gole d’água, engolindo acidentalmente um cubo de gelo. Queimou o caminho todo. “Você não deveria estar trabalhando, ao invés de fraternizando com os clientes?” eu engasguei.

Ele sorriu. “O que você vai fazer domingo a noite?”

Eu bufei. Por acidente. “Você está me chamando para sair?”

“Você está ficando metida. Eu gosto disso, Anjo.”

“Eu não ligo para o que você gosta. Eu não vou sair com você. Não em um encontro. Não sozinha.” Eu queria me chutar por ter sentido um tremor quente ao especular o que uma noite sozinha com Patch poderia trazer. Era mais provável que ele nem quisesse ter dito isso. Era mais provável que ele estivesse me sondando por razões conhecidas só por ele próprio. “Espera aí, você acabou de me chamar de Anjo?” eu perguntei.

“E se eu chamei?”

“Eu não gosto.”

Ele sorriu. “Vai ficar. Anjo.”

Ele se inclinou sobre a mesa, levantou sua mão para o meu rosto, e roçou seu dedão pelo canto da minha boca. Eu me afastei, tarde demais.

Ele esfregou gloss labial entre seu dedão e seu indicador. “Você ficaria melhor sem isso.”

Eu tentei lembrar do que estávamos falando, mas não tão arduamente quanto eu tentei parecer impassível ao seu toque. Eu joguei meu cabelo para trás sobre o meu ombro, pegando o fio da nossa conversa anterior. “De qualquer jeito, eu não posso sair em noites de escola.”

“Que pena. Tem uma festa na costa. Achei que pudéssemos ir.” Ele realmente soou sincero.

Eu não conseguia entendê-lo. Não mesmo. O tremor quente de antes ainda prolongava-se no meu sangue, e eu tomei um longo gole do meu canudo, tentando esfriar meus sentimentos com uma dose de água gelada. Tempo sozinha com Patch seria intrigante, e perigoso. Eu não tinha certeza de como exatamente, mas eu estava confiando nos meus instintos nessa.

Eu fingi um bocejo. “Bem, como eu disse, é uma noite de escola.” Na esperança de convencer a mim mesma mais do que ele, eu acrescentei, “Se essa festa é algo na qual você está interessado, eu posso quase garantir que eu não estarei.”

Pronto, eu pensei. Caso encerrado.

E então, sem nenhum aviso qualquer, eu disse, “Por que você está me chamando, de qualquer jeito?”

Até esse momento, eu fiquei dizendo a mim mesma que não ligava para o que Patch pensava de mim. Mas agora, eu sabia que era uma mentira. Mesmo que isso provavelmente voltasse para me assombrar, eu estava curiosa o bastante sobre Patch para ir a quase qualquer lugar com ele.

“Eu quero ficar com você a sós,” Patch disse. Bem dessa maneira, minhas defesas atacaram.

“Escuta, Patch, eu não quero ser rude, mas —”

“Claro que quer.”

“Bom, você começou!” Adorável. Muito maduro. “Eu não posso ir na festa. Fim de papo.”

“Por que você não pode sair em uma noite de escola, ou por que você tem medo de ficar sozinha comigo?”

“Ambos.” A confissão simplesmente escorregou de mim.

“Você tem medo de todos os caras... ou só de mim?”

Eu girei meus olhos, como se para dizer que não ia responder uma pergunta tão insana.

“Eu te deixo desconfortável?” Sua boca permaneceu uma linha neutra, mas eu detectei um sorriso de especulação preso atrás dela.

Sim, na verdade, ele tinha esse efeito em mim. Ele também tinha a tendência de apagar todos os pensamentos lógicos da minha mente.

“Me desculpe,” eu disse. “Sobre o que estávamos falando?”

“Você.”

“Eu?”

“A sua vida pessoal.”

Eu ri, incerta de que outra resposta dar. “Se isso for sobre mim... e o sexo oposto... Vee já fez esse discurso. Não preciso ouvi-lo duas vezes.”

“E o que a velha e sábia Vee disse?”

Eu estava brincando com as minhas mãos, e as deslizei para fora de visão. “Não consigo imaginar o por que de você estar tão interessado.”

Ele balançou suavemente sua cabeça. “Interessado? Estamos falando de você. Estou fascinado.” Ele sorriu, e foi um sorriso fantástico. O efeito foi uma pulsação avassaladora – a *minha* pulsação avassaladora.

“Eu acho que você deveria voltar ao trabalho,” eu disse.

“Se é que isso conta, eu gosto da ideia de que não haja um cara na escola que corresponda às suas expectativas.”

“Eu esqueci que você é a autoridade das minhas supostas expectativas,” eu fiz troça.

Ele me estudou de um jeito que me fez parecer transparente. “Você não é cautelosa, Nora. Não é tímida, tampouco. Você só precisa de uma razão muito boa para sair do seu caminho para conhecer alguém.”

“Eu não quero mais falar de mim.”

“Você acha que desvendou tudo.”

“Não é verdade,” eu disse. “Por exemplo, bem, assim, eu não sei muito sobre... você.”

“Você não está pronta para me conhecer.”

Não havia nada de leve no jeito como ele disse isso. De fato, sua expressão era afiada como uma navalha.

“Eu olhei no seu arquivo estudantil.”

Minhas palavras pairaram no ar por um instante antes que os olhos de Patch se alinhassem com os meus. “Estou bastante certo de que isso é ilegal,” ele disse calmamente.

“Seu arquivo estava vazio. Nada. Nem mesmo uma ficha médica.”

Ele não fingiu parecer surpreso. Ele relaxou de volta em seu assento, os olhos brilhando obsidianamente. “E você está me contando isso porque tem medo que eu cause um surto? Sarampo, ou caxumba?”

“Estou te contando isso porque eu quero que você saiba que eu sei que algo sobre você não é certo. Você não enganou a todos. Eu vou descobrir o que você está aprontando. Eu vou te expor.”

“Estou ansioso por isso.”

Eu corei, captando a insinuação tarde demais. Por sobre a cabeça do Patch, eu consegui ver a Vee tecendo seu caminho pelas mesas.

Eu disse, “Vee está vindo. Você tem que ir.”

Ele ficou no lugar, olhando-me, considerando.

“Por que está me olhando desse jeito?” eu desafiei.

Ele inclinou-se para frente, preparando-se para levantar. “Porque você não é nem um pouco como eu esperava.”

“Nem você,” eu reagi. “Você é pior.”

# Capítulo Seis

NA MANHÃ SEGUINTE FIQUEI SURPRESA POR VER Elliot entrar no primeiro período de EF<sup>18</sup> justo quando o sinal de atraso soou. Ele estava vestido com uma bermuda de basquete e um moletom branco da Nike. Seus tênis de cano alto pareciam novos e caros. Após dar um pedaço de papel para a Senhorita Sully, ele capturou o meu olhar. Ele deu um aceno baixo e se juntou a mim nas arquibancadas.

“Eu estava me perguntando quando iríamos nos esbarrar novamente,” ele disse. “O escritório principal percebeu que eu não tive EF pelos últimos dois anos. Não é obrigatório em escolas particulares. Eles estão debatendo como vão encaixar quatro anos de EF nos próximos dois e meio. Então aqui estou eu. Eu tenho EF no primeiro e no quarto período.”

“Não fiquei sabendo por que você se transferiu para cá,” eu disse.

“A anuidade estava comendo toda a aposentadoria dos meus pais,”

A Senhorita Sully soprou seu apito.

“Suponho que o apito signifique algo,” Elliot disse para mim.

“Dez voltas ao redor do ginásio, nada de cortar caminho.” Eu me levantei das arquibancadas. “Você é atleta?”

Elliot deu um pulo, dançando na ponta dos pés. Ele lançou alguns ganchos e socos no ar. Ele terminou com um direto no queixo que parou bem perto do meu. Sorrindo, ele disse, “Um atleta? Até a alma.”

“Então você vai amar a idéia de diversão da Senhorita Sully.”

Elliot e eu corremos as dez voltas juntos, então nos dirigimos para fora, onde o ar estava atado com uma névoa fantasmagórica. Parecia obstruir os meus pulmões, me sufocando. Do céu vazava alguns pingos de chuva, tentando arduamente empurrar uma tempestade na cidade de Coldwater. Eu olhei as portas do prédio, mas sabia que não faria diferença alguma; a Senhorita Sully era durona.

“Eu preciso de dois capitães para softball<sup>19</sup>,” ela chamou. “Vamos, pareçam vivos – Vamos ver algumas mãos no ar! O melhor voluntário, ou eu escolherei os times, e eu nem sempre jogo limpo.”

---

<sup>18</sup> Educação Física.

<sup>19</sup> Também conhecido como softbol, é uma variação mais leve do beisebol, e, por isso, uma modalidade mais popular entre mulheres. As regras são praticamente as mesmas, sendo as diferenças o tamanho da bola (maior) e do campo (menor) e o tempo de jogo (sete entradas, ao invés de nove).

Elliot levantou sua mão.

“Certo,” a Senhorita Sully disse para ele. “Aqui, na base do batedor. E que tal... Marcie Miller como capitã do time vermelho.”

Os olhos de Marcie varreram Elliot. “Manda ver.”

“Elliot, vá em frente e escolha primeiro,” a Senhorita Sully disse.

Precipitando seus dedos em seu queixo, Elliot examinou a sala, parecendo avaliar nossas habilidades de rebater e apanhar só pela nossa aparência. “Nora,” ele disse.

Marcie jogou seu pescoço para trás e riu. “Obrigado,” ela disse a Elliot, mostrando-lhe um sorriso tóxico que, por razões que eu não conseguia entender, hipnotizava o sexo oposto.

“Pelo quê?” disse Elliot.

“Por nos entregar o jogo.” Marcie apontou um dedo pra mim. “Há uma centena de razões para eu ser uma líder de torcida e a Nora não. *Coordenação* encabeça a lista”.

Eu estreitei meus olhos para Marcie, então caminhei até o lado do Elliot e enfiei um uniforme azul por sobre a minha cabeça.

“Nora e eu somos amigos,” Elliot disse a Marcie calmamente, quase friamente. Era um exagero, mas eu não ia corrigi-lo. Marcie pareceu como se um balde d’água fria tivesse sido jogado nela, e eu estava gostando disso.

“Isso é porque você não conheceu ninguém melhor. Como eu.” Marcie retorceu seu cabelo ao redor de seu dedo. “Marcie Miller. Você saberá tudo sobre mim muito em breve.” Ou seu olho teve um tique, ou ela piscou para ele.

Elliot não deu resposta alguma, e seu ranking de aprovação subiu alguns degraus. Um cara menor<sup>20</sup> teria caído de joelhos e implorado a Marcie por qualquer atenção que ela desejasse dispor.

“Queremos ficar aqui a manhã toda esperando a chuva vir, ou ir direto ao negócio?” a Senhorita Sully perguntou.

Após dividir os times, Elliot liderou o nosso até o abrigo cavado e determinou a ordem de rebatida. Dando-me um taco, ele empurrou um capacete na minha cabeça. “Você é a primeira, Grey. Tudo o que precisamos é que chegue a base.”

Dando um giro de prática, e quase acertando-o com ele, eu disse. “Mas eu estava com vontade de fazer um home run<sup>21</sup>.”

---

<sup>20</sup> Aqui no sentido de ‘menos digno’.

<sup>21</sup> home run é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida (junto com uma corrida anotada por cada corredor que já estava na base).

“Vamos fazer um desses também.” Ele me direcionou na direção da base do batedor. “Vá para o campo e balance inteiramente.”

Eu equilibrei o taco no meu ombro, pensando que talvez eu devesse ter prestado mais atenção durante o World Series<sup>22</sup>. Está bem, talvez eu devesse ter assistido o World Series. Meu capacete deslizou sobre meus olhos, e eu o empurrei para cima, tentando analisar o campo interno, que estava perdido debaixo de punhados de neblina necrófagas.

Marcie Miller tomou seu lugar no monte do arremessador. Ela segurou a bola na frente de si, e eu notei que seu dedo do meio estava levantado para mim. Ela mostrou outro sorriso tóxico e jogou a bola de softball para mim.

Eu peguei um pedaço dela, mandando-a voando para a terra no lado errado da linha de falta.

“Foi um strike!” a Senhorita Sully chamou de sua posição entre a primeira e a segunda base.

Elliot gritou do abrigo cavado, “Essa tinha muito giro – mande uma limpa para ela!” Levei um momento para perceber que ele estava falando com a Marcie e não comigo.

Novamente a bola deixou a mão de Marcie, arqueando-se sobre o céu sombrio. Eu girei, um erro puro.

“Segundo Strike,” Anthony Amowitz disse pela máscara de receptor.

Eu lhe dei um olhar duro.

Afastando-me da base, eu dei mais alguns giros de prática. Eu quase não vi Elliot vindo atrás de mim. Ele esticou seus braços ao meu redor e posicionou suas mãos no taco, fluindo com as minhas.

“Deixe-me te mostrar,” ele disse no meu ouvido. “Assim. Sente isso? Relaxe. Agora gire seu quadril – está tudo no quadril.”

Eu conseguia sentir meu rosto esquentar com os olhos da classe em nós. “Acho que peguei o jeito, obrigada.”

“Arrumem um quarto!” Marcie disse para nós. O campo inteiro riu.

“Se você lhe jogasse um arremesso decente,” Elliot disse de volta, “ela acertaria a bola.”

“Meu arremesso está certo.”

“O giro dela está certo.” Elliot abaixou sua voz, falando só comigo. “Você perde contato visual no minuto que ela solta a bola. Os arremessos dela não são limpos, então você vai ter que trabalhar para acertá-los.”

“Estamos segurando o jogo aqui, gente!” a Senhorita Sully chamou.

---

<sup>22</sup> São as finais do campeonato de beisebol da Major League Baseball. É disputada entre os campeões da National League e da American League numa série melhor de 7.

Bem então, no estacionamento além do abrigo cavado algo chamou minha atenção. Eu pensei ter ouvido meu nome ser chamado. Eu me virei, mas mesmo quando o fazia, eu sabia que meu nome não fora dito em voz alta. Tinha sido dito silenciosamente na minha mente.

Nora.

Patch usava um boné de beisebol azul claro e estava com seus dedos presos na cerca com malha em forma de corrente, inclinando-se contra ela. Nada de casaco, apesar do clima. Só preto da cabeça aos pés. Seus olhos estavam opacos e inacessíveis enquanto ele me observava, mas eu suspeitava que havia muito acontecendo por trás deles.

Outra seqüência de palavras arrastou-se pela minha mente.

Lições para rebater? Belo... toque.

Eu soltei uma respiração firme e disse a mim mesma que tinha imaginado as palavras. Porque a alternativa era considerar que Patch tinha o poder de enviar pensamentos para a minha mente. O que não podia ser. Simplesmente não podia. A não ser que eu estivesse delirando. Isso me assustava mais do que a ideia de que ele tivesse violado métodos normais de comunicação e pudesse, por vontade, falar comigo sem mesmo abrir sua boca.

“Grey! Fique atenta ao jogo!”

Eu pestanejei, voltando a vida bem a tempo de ver a bola rolando pelo ar na minha direção. Eu comecei a balançar, então ouvi outra corrente de palavras.

Ainda... não.

Eu segurei, esperando pela bola chegar até mim. Enquanto ela descia, eu dei um passo para frente na direção da frente da base. Eu girei com tudo que tinha.

Um grande estouro soou, e o taco vibrou nas minhas mãos. A bola viajou até Marcie, que caiu de costas. Apertando-se entre a interbase e a segunda base, a bola saltou pela grama do campo interno.

“Corre!” meu time gritou do abrigo cavado. “Corre, Nora!”

Eu corri.

“Derruba o taco!” eles gritaram.

Eu o joguei de lado.

“Fica na primeira base!”

Eu não fiquei.

Pisando num canto da primeira base, eu a circulei, correndo a toda velocidade na direção da segunda. O campo esquerdo tinha a bola agora, em posição para me expulsar. Eu abaixei minha cabeça, movi meus braços a todo

gás, e tentei me lembrar como os profissionais da ESPN deslizavam para a base. Primeiro com os pés? Primeiro com a cabeça? Parar, cair, e rolar?

A bola navegou na direção do jogador da segunda base, um branco girando em algum lugar da minha visão periférica. Uma entonação animada da palavra “Deslize!” veio do abrigo cavado, mas eu ainda não tinha me decidido qual acertaria a terra gelada antes – meus sapatos ou meu rosto.

O jogador da segunda base agarrou a bola do ar. Eu mergulhei primeiro de cabeça, os braços esticados. A luva saiu do nada, descendo sobre mim. Ela colidiu com o meu rosto, um cheiro forte de couro. Meu corpo machucou-se na terra, deixando-me com um bocado de brita e areia se dissolvendo debaixo da minha língua.

“Ela está fora!” gritou a Senhorita Sully.

Eu cambaleei de lado, me inspecionando por machucados. Minhas coxas queimavam em uma estranha mistura de quente e frio, e quando levantei minha roupa de malha, dizer que parecia que dois gatos tinham sido soltos nas minhas coxas seria uma atenuação. Mancando até o abrigo cavado, eu desmorenei no banco.

“Fofo,” Elliot disse.

“O truque que eu fiz ou minha perna machucada?” Dobrando meu joelho contra meu peito, eu gentilmente tirei o máximo de terra que eu consegui.

Elliot curvou-se de lado e soprou o meu joelho. Vários dos pedaços maiores de terra caíram no chão.

Um momento de silêncio estranho se seguiu.

“Consegue andar?” ele perguntou.

Ficando de pé, eu demonstrei que, enquanto minha perna estava uma zona de arranhões e terra, eu ainda conseguia usá-la.

“Posso te levar para a enfermaria se você quiser. Te colocar uns band-aids,” ele disse.

“Sério, eu estou bem.” Eu olhei para a cerca, onde tinha visto Patch por último. Ele não estava mais ali.

“Aquele era o seu namorado parado na cerca?” Elliot perguntou.

Eu fiquei surpresa por Elliot ter notado Patch. Ele estivera de costas para ele. “Não,” eu disse. “Só um amigo. Na verdade, nem isso. Ele é o meu parceiro de biologia.”

“Você está corando.”

“Provavelmente queimadura de vento.”

A voz do Patch ainda ecoava na minha cabeça. Meu coração bombeava mais rápido, mas na verdade, meu sangue correu mais gelado. Ele tinha falado

diretamente com os meus pensamentos? Havia alguma ligação inexplicável entre nós que permitia que isso acontecesse? Ou eu estava ficando louca?

Elliot não pareceu inteiramente convencido. “Você tem certeza de que nada está acontecendo entre vocês dois? Eu não quero perseguir uma garota que não está disponível.”

“Nada.” Nada que eu fosse permitir, de qualquer jeito.

*Espera.* O que Elliot tinha dito?

“*Perdão?*” eu disse.

Ele sorriu. “A Delphic Seaport reabre nesse sábado à noite, e Jules e eu estamos pensando em dirigir até lá. O clima não deve estar muito ruim. Talvez você e a Vickie queiram ir?”

Eu levei um momento para considerar essa oferta. Eu tinha bastante certeza de que se eu recusasse o Elliot, a Vee me mataria. Além do mais, sair com Elliot parecia um jeito bom de escapar da minha desconfortável atração pelo Patch.

“Parece uma boa ideia,” eu disse.

## Capítulo Sete

ERA SÁBADO À NOITE, E DOROTHEA E EU ESTÁVAMOS NA cozinha. Ela tinha acabado de colocar uma caçarola no forno e estava examinando uma lista de tarefas que minha mãe deixou pendurada por um imã na geladeira.

“Sua mãe ligou, Ela não vai chegar até segunda à noite,” Dorothea disse enquanto esfregava ajax na pia da nossa cozinha com um vigor que fez meu cotovelo doer. “Ela deixou uma mensagem na secretária. Ela quer que você ligue para ela. Você está ligando toda noite antes de dormir?”

Eu sentei no banquinho do bar, comendo um *bagel* amanteigado. Eu tinha acabado de dar uma grande mordida, e agora Dorothea estava me olhando como se quisesse uma resposta. “Hm-hmm,” eu disse, comendo.

“Uma carta da escola chegou hoje.” Ela mexeu seu queixo na direção da pilha de cartas no balcão. “Talvez saiba por quê?”

Eu dei a minha melhor encolhida de ombros inocente e disse, “Nem ideia.” Mentalmente, eu plantei a palma da minha mão firmemente contra minha testa. Há doze meses eu abri a porta da frente para encontrar a polícia nos degraus. *Temos más notícias*, eles disseram. O funeral do meu pai foi uma semana depois. Toda segunda à tarde desde então eu aparecia no meu espaço de tempo marcado com o Dr. Hendrickson, o psicólogo da escola. Eu tinha perdido as duas últimas sessões, e se eu não comparecesse essa semana, eu ia ficar encrencada. Era bem provável que a carta fosse um aviso.

“Você tem planos hoje à noite? Você e a Vee estão tomando algo? Talvez um filme aqui em casa?”

“Talvez. Honestamente, Doth, eu posso limpar a pia mais tarde. Venha se sentar e... comer a outra metade do meu *bagel*.”

O coque cinza de Dorothea estava se desfazendo a medida em que ela esfregava. “Eu vou para uma conferência amanhã,” ela disse. “Em Portland. Dra. Melissa Sandrez vai falar. Ela diz que você *projeta* um eu mais sexy. Hormônios são drogas poderosas. A não ser que digamos a eles o que queremos, eles dão um tiro pela culatra. Eles se voltam contra nós.” Dorothea se virou, apontando o ajax para mim para dar ênfase. “Agora eu acordo de manhã e levo batom vermelho para o meu espelho. ‘Eu sou sexy’, eu escrevo. ‘Os homens me querem. Sessenta e cinco é o novo vinte e cinco.’”

“Você acha que está funcionando?” eu perguntei, tentando arduamente não sorrir.

“Está funcionando,” Dorothea disse sobriamente.

Eu lambi manteiga dos meus dedos, enrolando por uma resposta cabível. “Então você vai passar o fim de semana reinventando seu lado sexy.”

“Toda mulher precisa reinventar seu lado sexy – eu gosto disso. Minha filha colocou implantes. Ela disse que fez isso por si mesma, mas que mulher faz implante para si mesma? Eles são um fado. Ela fez o implante para um homem. Eu espero que você não faça coisas idiotas por um garoto, Nora.” Ela balançou seu dedo para mim.

“Confie em mim, Doth, não há garotos na minha vida.” Está bem, talvez haja dois espreitando na periferia, circulando de longe, mas já que eu não conheço nenhum dos dois muito bem, e um me assusta completamente, pareceu mais seguro fechar meus olhos e fingir que eles não estavam lá.

“Essa é uma coisa boa e uma coisa ruim,” Dorothea disse repreensivamente. “Você acha o garoto errado, e está pedindo por encrenca. Você acha o garoto certo, e achará o amor.” Sua voz se suavizou com as lembranças. “Quando eu era uma garotinha na Alemanha, eu tive que escolher entre dois garotos. Um era um garoto muito levado. O outro era o meu Henry. Estamos alegremente casados por quarenta e um anos.”

Era hora de mudar de assunto. “Como vai, hum, o seu afilhado... Lionel?”

Seus olhos se estreitaram. “Você tem uma queda pelo pequeno Lionel?”

“Nãããã.”

“Eu posso bolar alguma coisa –”

“Não, Dorothea, sério. Obrigada, mas – estou realmente me concentrando nas minhas notas agora. Eu quero entrar numa faculdade prestigiada.”

“Se no futuro –”

“Eu te avisarei.”

Eu termino o meu *bagel* ao som do bate-papo monótono de Dorothea, interpondo alguns oceanos ou “ahams” sempre que ela parava de falar tempo o bastante para esperar pela minha resposta. Eu estava preocupada debatendo se eu realmente queria encontrar Elliot hoje à noite ou não. De primeira, se encontrar pareceria uma ótima ideia. Mas quanto mais eu pensava sobre isso, mais dúvida se arrastava para dentro. Eu só conhecia o Elliot há alguns dias, por um lado. E eu não estava certa de como minha mãe se sentiria quanto a esse arranjo, por outro lado. Estava ficando tarde, e Delphic ficava a uma viagem de pelo menos meia hora. Mais objetivamente, nos finais de semana o Delphic tinha uma reputação de ser selvagem.

O telefone tocou, e o número de Vee apareceu no identificador de chamada.

“Vamos fazer algo hoje à noite?” ela quis saber.

Eu abri minha boca, calculando minha resposta cuidadosamente. Uma vez que eu contasse a Vee sobre a oferta de Elliot, não haveria volta.

Vee gritou. “Ai, cara! Ai-cara-ai-cara-ai-cara. Eu acabei de derrubar esmalte no sofá. Espera aí, eu vou pegar papel-toalha. Esmalte é solúvel em água?” Um momento mais tarde ela retornou. “Acho que arruinei o sofá. Temos que sair hoje à noite. Eu não quero estar aqui quando o meu último trabalho de arte acidental for descoberto.”

Dorothea tinha se deslocado pelo corredor até o banheiro. Eu não tinha desejo algum de passar a noite toda escutando ela resmungar sobre o encanamento do banheiro enquanto ela limpava, então tomei minha decisão. “Que tal o Delphic Seaport. Elliot e Jules vão. Eles querem se encontrar.”

“Você escondeu a surpresa! Informação vital aqui, Nora. Vou te pegar em quinze minutos.” Eu fui deixada ouvindo o barulho do telefone.

Eu fui para cima e coloquei um confortável suéter de casimira branco, calça jeans escura, e moccasins de mergulho azul-marinho. Eu modelei o cabelo enquadrando meu rosto com os meus cachos naturais, e... voilà! Espirais meio decentes. Eu dei um passo para trás do espelho para fazer uma dupla olhada e me denominei uma cruz entre despreocupada e *quase* sexy.

Quinze minutos mais tarde exatamente, Vee saltou o Noon pela entrada e apertou a buzina de modo destacado. Geralmente eu levava dez minutos para percorrer o caminho entre as nossas casas, mas eu geralmente prestava atenção ao limite de velocidade. Vee entendia a palavra velocidade, mas limite não fazia parte de seu vocabulário.

“Eu vou ao Delphic Seaport com a Vee,” eu gritei para Dorothea. “Se a mamãe ligar, você se importa de repassar a mensagem?”

Dorothea saiu bamboleando do banheiro. “Até Delphic? Tão tarde?”

“Divirta-se na sua conferência!” eu disse, escapando porta afora antes que ela conseguisse protestar ou colocar a minha mãe no telefone.

O cabelo loiro da Vee estava puxado em um rabo-de-cavalo alto, grandes e gordos cachos caindo. Brincos de aro dourados pendiam das suas orelhas. Batom cereja. Rímel preto e alongador.

“Como você fez isso?” eu perguntei. “Você teve cinco minutos para se arrumar.”

“Sempre preparada.” Vee me lançou um sorriso irônico. “Eu sou o sonho de um Escoteiro.”

Ela me deu uma rápida olhadela crítica.

“O quê?” eu disse.

“Vamos nos encontrar com garotos hoje à noite.”

“Da última vez que eu chequei, sim.”

“Garotos gostam de garotas que se parecem com... garotas.”

Eu arqueei minha sobrancelha. “E como eu me pareço?”

“Como se você tivesse saído do banho e decidido que só isso já era o bastante para parecer apresentável. Não me entenda mal as roupas são boas, e cabelo está legal, mas o resto... aqui.” Ela esticou sua mão para dentro de sua bolsa. “Sendo a amiga que eu sou, vou te emprestar meu batom. E meu rímel, mas só se você jurar que não tem uma doença ocular contagiosa.”

“Eu não tenho uma doença ocular.”

“Só estou me precavendo.”

“Eu passo.”

A boca de Vee caiu, parcialmente de brincadeira, parcialmente séria. “Você se sentirá nua sem ele!”

“Soa bem com o tipo de aparência que você adotaria,” eu disse.

Bem honestamente eu estava indecisa sobre ir sem maquiagem. Não porque eu *realmente* me sentisse um pouco nua, mas porque Patch tinha colocado a sugestão de não usar maquiagem na minha mente. Em um esforço para me fazer sentir melhor, eu disse a mim mesma que a minha dignidade estava em questão. Tampouco o meu orgulho. Tinham me dado uma sugestão, e eu tinha a mente aberta o bastante para tentar isso. O que eu não queria reconhecer é que eu tinha escolhido especificamente uma noite que sabia que não veria o Patch para testar isso.

Uma meia hora mais tarde Vee dirigiu sob os portões do Delphic Seaport. Fomos forçadas a estacionar na ponta mais longe do estacionamento, devido ao pesado tráfego do final de semana de abertura. Aconchegado bem na costa Delphic não é conhecido por seu tempo ameno. Um vento fraco tinha aumentado, varrendo sacos de pipoca e embalagens de doce ao redor dos nossos calcanhares enquanto Vee e eu andávamos na direção do guichê de ingressos. As árvores tinham há muito perdido suas folhas, e seus galhos assomavam-se sobre nós como dedos deslocados. O Delphic Seaport bombava o verão todo com um parque de diversões, mascaradas, cabines de previsão do futuro, músicos ciganos e um show de horrores. Eu nunca tinha certeza se as deformidades humanas eram reais ou uma ilusão.

“Um adulto, por favor,” eu disse à mulher no guichê de ingressos. Ela tomou meu dinheiro deslizou uma pulseira sob a janela. Então ela sorriu, expondo dentes de vampiro brancos de plástico, borrados de vermelho com batom.

“Divirta-se,” ela disse em uma voz sem fôlego. “E não se esqueça de experimentar nossa montanha-russa recentemente remodelada.” Ela bateu em seu lado do vidro, apontando para uma pilha de mapas do parque e de folhetos.

Eu peguei um de cada a caminho dos portões giratórios. No folheto se lia:

**PARQUE DE DIVERSÕES DELPHIC  
MAIS NOVA SENSAÇÃO!  
O ARCANJO  
REMODELADO E RENOVADO!  
CAIA EM DESGRAÇA NESSA  
QUEDA VERTICAL DE 30 METROS**

Vee leu o folheto sobre o meu ombro. Suas unhas começaram a perfurar a pele do meu braço. “Temos de ir nesse!” ela berrou.

“Por último,” eu prometi, esperando que se fôssemos em todos os outros antes, ela se esqueceria desse. Eu não tinha tido medo de altura há anos, provavelmente porque eu tinha evitado-as convenientemente por anos. Eu não tinha certeza se eu já estava pronta para descobrir se o tempo tinha dissipado meu medo delas.

Após termos ido na roda gigante, nos carrinhos de bate-bate, no Tapete Mágico, e em algumas das cabines de jogos, Vee e eu decidimos que era hora de procurar o Elliot e o Jules.

“Hmm,” disse Vee, olhando para ambos os lados do caminho curvante do parque. Dividimos um silêncio pensativo.

“A arcada,” eu disse por fim.

“Boa”

Nós tínhamos acabado de passar pelas portas para a arcada quando eu o vi. Não Elliot. Não Jules.

Patch.

Ele olhou por cima de seu vídeo-game. O mesmo boné de beisebol que ele tinha usado quando eu o vi durante a EF encobriu a maior parte de seu rosto, mas eu tinha certeza de ter visto um relampejo de sorriso. De primeira pareceu amigável, mas então eu me lembrei de como ele tinha entrado nos meus pensamentos, e eu fiquei gelada até o osso.

Se eu tivesse sorte, Vee não tinha visto-o. Eu a empurrei na direção da multidão, deixando o Patch sair do campo de visão. A última coisa que eu precisava era que ela sugerisse que fôssemos até lá e começássemos uma conversa.

“Lá estão eles!” Vee disse, acenando seu braço por cima da cabeça. “Jules! Elliot! Aqui!”

“Boa noite, damas,” Elliot disse, abrindo caminho pela multidão. Jules moveu-se atrás dele, parecendo tão entusiasmado quanto um bolo de carne de três dias. “Posso comprar uma coca para ambas?”

“É uma boa,” disse Vee. Ela estava olhando diretamente para Jules. “Vou querer uma Diet.”

Jules murmurou uma desculpa sobre precisar usar o banheiro e escorregou de volta para dentro da multidão.

Cinco minutos mais tarde Elliot retornou com as cocas. Após dividi-las entre nós, ele esfregou suas mãos e examinou o chão. “Por onde começamos?”

“E quanto ao Jules?” Vee perguntou.

“Ele nos achará.”

“Air hockey<sup>23</sup>,” eu disse imediatamente air rockey ficava do outro lado da arcada. Quanto mais distante de Patch, melhor. Eu disse a mim mesma que era uma coincidência ele estar aqui, mas os meus instintos discordavam.

“Aah, olha!” Vee interpôs. “Pebolim!” Ela já estava ziguezagueando em direção a uma mesa livre. “Jules e eu contra vocês dois. Os perdedores pagam a pizza.”

“Justo,” disse Elliot.

O pebolim podia ter sido legal, se a mesa não ficasse a uma curta distância de onde Patch jogava seu jogo. Eu disse a mim mesma para ignorá-lo. Se eu ficasse de costas para ele, eu mal notaria que ele estava lá. Talvez Vee não o notasse também.

“Ei, Nora, aquele não é o Patch?” Vee disse.

“Hmm?” eu disse inocentemente.

Ela apontou, “Lá. É ele, não é?”

“Eu duvido que seja. Elliot e eu somos o time branco, então?”

“Patch é o parceiro de biologia da Nora,” Vee explicou para Elliot. Ela piscou astutamente para mim, mas ficou com uma cara de inocente no momento em que Elliot prestou atenção nela. Eu balancei minha cabeça sutil, mas firmemente, para ele transmitindo uma mensagem silenciosa – *pare*.

---

<sup>23</sup> <http://www.skatetime209.com/Air%20Hockey.jpg>

“Ele fica olhando para cá,” Vee disse em voz mais baixa. Ela se debruçou pela mesa de pebolim, tentando parecer sua conversa comigo parecer privada, mas ela sussurrou alto o bastante que Elliot não teve escolha a não ser escutar. “Ele vai começar a se perguntar o que você está fazendo aqui com —” Ela balançou sua cabeça para Elliot.

Eu fechei meus olhos e visualizei bater a minha cabeça contra a parede.

“Patch deixou bem claro que gostaria de ser mais do que parceiro de biologia com a Nora,” Vee continuou. “Não que alguém possa culpá-la.”

“É assim?” disse Elliot, olhando-me de um jeito que dizia que ele não estava surpreso. Ele suspeitava desde o começo. Eu notei que ele tinha dado um passo mais para perto.

Vee me lançou um sorriso triunfante. *Agradeça-me mais tarde*, ele dizia.

“Não é assim,” eu corriji. “É —”

“Duas vezes pior,” Vee disse. “Nora suspeita que ele esteja perseguindo-a. A polícia está quase se envolvendo.”

“Vamos jogar?” eu disse audivelmente. Eu derrubei a bolinha no centro da mesa. Ninguém notou.

“Você quer que eu fale com ele?” Elliot me perguntou. “Eu vou explicar que não estamos procurando encrenca. Eu direi a ele que você está aqui comigo, e se ele tiver um problema com isso, pode discuti-lo comigo.”

Não era nessa direção que eu queria que a conversa fosse. Não mesmo. “O que aconteceu ao Jules?” eu disse. “Ele saiu faz um tempão.”

“É, talvez ele tenha caído na privada,” disse Vee.

“Deixa que eu falo com o Patch,” Elliot disse.

Embora eu gostasse da preocupação, eu não gostava da ideia de Elliot tendo um combate direto com o Patch. Patch era desconhecido: intangível, assustador, e desconhecido. Quem sabia do que ele era capaz? Elliot era legal demais para enfrentar o Patch.

“Ele não me assusta,” Elliot disse, como se para refutar os meus pensamentos.

Obviamente, isso era algo que Elliot e eu discordávamos.

“Péssima ideia,” eu disse.

“Ótima ideia,” Vee disse. “De outro modo, Patch pode ficar... violento. Lembra da última vez?”

“Última vez?!” Eu balbuciei para ela.

Eu não fazia ideia do porque da Vee estar fazendo isso, outra que ela não tem tendência de tornar tudo o mais dramático possível. Sua ideia de drama era a minha ideia de humilhação mórbida.

“Sem ofensa, mas esse cara parece estranho,” disse Elliot. “Me dê dois minutos com ele.” Ele começou a andar até lá.

“Não!” eu disse, puxando as manga para pará-lo. “Ele, hm, pode ficar violento novamente. Deixe-me cuidar disso.” Eu estreitei um olhar para Vee.

“Tem certeza?” Elliot disse. “Fico mais do que feliz em fazê-lo.”

“Eu acho que é melhor vindo de mim.”

Eu enxuguei minhas palmas na minha calça jeans, e após tomar um fôlego bastante estabilizante, eu comecei a apertar a distância entre o Patch e eu, que era só a largura de alguns consoles de jogos. Eu não fazia ideia do que diria quando o alcançasse. Com sorte só um breve olá. Então eu podia voltar e tranqüilizar. Elliot e Vee que tudo estava sob controle.

Patch estava vestido como de costume: camisa preta, calça jeans preta, e um fino colar prata que relampejava contra sua pele escura. Suas mangas estavam empurradas em seus antebraços, e eu conseguia ver seus músculos trabalhando na medida em que apertava os botões. Ele era alto e magro e austero, e eu não teria ficado surpresa se debaixo de suas roupas ele possuísse diversas cicatrizes, lembranças de brigas de rua e outro comportamento imprudente. Não que eu quisesse olhar debaixo de suas roupas.

Quando eu cheguei no console do Patch, eu bati uma mão contra a lateral para chamar sua atenção. Na voz mais calma que consegui, eu disse, “Pac-Man? Ou é Donkey Kong?” Na verdade, parecia um pouco mais violento e militar.

Um sorriso irônico vagaroso espalhou-se pelo seu rosto. “Beisebol. Acha que talvez possa ficar atrás de mim e me dar algumas dicas?”

Bombas incendiárias irromperam pela tela, e corpos gritando velejavam pelo ar. Obviamente, ele não estava jogando beisebol.

“Qual o nome dele?” Patch perguntou, direcionando um aceno quase imperceptível para a mesa de pebolim.

“Elliot. Escuta, tenho que ser breve. Eles estão esperando.”

“Eu já o vi antes.”

“Ele é novo. Acabou de se transferir.”

“Primeira semana de escola e ele já fez amigos. Cara de sorte.” Ele deslizou um olhar sobre mim. “Pode ter um lado sombrio e perigoso que não conhecemos.”

“Parece ser a minha especialidade.”

Eu esperei que ele entendesse o que eu quis dizer, mas ele só disse, “Está a fim de jogar?” Ele inclinou sua cabeça na direção dos fundos da arcada. Através da multidão eu conseguia discernir as mesas de sinuca.

“Nora!” Vee chamou. “Venha para cá. Elliot está enfiando uma derrota pela minha goela abaixo.”

“Não posso,” eu disse ao Patch.

“Se eu ganhar,” ele disse, como se não tivesse intenção de ser recusado, “você dirá ao Elliot que algo surgiu. Você dirá a ele que não está mais livre hoje à noite.”

Eu não consegui evitar; ele era arrogante demais. Eu disse, “E se *eu* ganhar?”

Seus olhos me vasculharam, da cabeça aos pés. “Eu não acho que temos que nos preocupar com isso.”

Antes que eu pudesse me impedir, eu soquei seu braço.

“Cuidado,” ele disse em uma voz baixa. “Eles podem achar que estamos flertando.”

Eu senti vontade de me chutar, porque isso era exatamente o que estávamos fazendo. Mas não era minha culpa – era do Patch. Em contato próximo a ele, eu experimentava uma polaridade confusa de desejos. Parte de mim queria fugir dele gritando, *Fogo!* Uma parte mais impulsiva estava tentada a ver o quanto eu conseguia chegar perto sem... entrar em combustão.

“Um jogo de sinuca,” ele tentou.

“Estou aqui com outra pessoa.”

“Se dirija às mesas de sinuca. Eu cuidarei disso.”

Eu cruzei meus braços, esperando parecer severa e um pouco exasperada, mas ao mesmo tempo, eu tive que morder meu lábio para me impedir de mostrar uma posição ligeiramente mais positiva. “O que você vai fazer? Lutar com o Elliot?”

“Se chegar a esse ponto.”

Eu tinha quase certeza de que ele estava brincando. Quase.

“Uma mesa de sinuca acabou de vagar. Vá pegá-la.” *Eu... te... desafio.*

Eu endureci. “Como fez isso?”

Quando ele não negou imediatamente, eu senti um aperto de pânico. Era real. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. As palmas das minhas mãos ficaram suadas.

“Como fez isso?” eu repeti.

Ele me deu um sorriso dissimulado. “Fiz o quê?”

“Não,” eu avisei. “Não finja que não está fazendo isso.”

Ele inclinou um ombro contra o console e olhou para baixo para mim. “Diga-me o que eu devo estar fazendo.”

“Meus.... pensamentos.”

“O que tem eles?”

“Corta essa, Patch.”

Ele olhou ao redor teatralmente. “Você não quer dizer – falar com a sua mente? Você sabe o quanto isso soa doido, certo?”

Engolindo em seco, eu disse na voz mais calma que consegui, “Você me assusta, e não tenho certeza se você é bom para mim.”

“Eu podia mudar você de ideia.”

“Nooooora!” Vee chamou por sobre o ruído de vozes e os bipes eletrônicos.

“Me encontre no Arcanjo,” Patch disse.

Eu dei um passo para trás. “Não,” eu disse impulsivamente.

Patch veio atrás de mim, e um arrepio içou pela minha espinha. “Estarei esperando,” ele disse na minha orelha. Então ele deslizou para fora da arcada.

# Capítulo Oito

EU VOLTEI PARA A MESA DE PEBOLIM COM UMA FRIA ESTUPEFAÇÃO. Elliot estava inclinado sobre ele, seu rosto mostrando uma concentração competitiva. Vee berrava e ria. Jules ainda estava desaparecido.

Vee olhou por cima do jogo. “Bem? O que aconteceu? O que ele disse para você?”

“Nada. Eu disse a ele para não nos incomodar. Ele foi embora.” minha voz soava monótona.

“Ele não pareceu bravo quando foi embora,” Elliot disse. “O que quer que você tenha dito, funcionou.”

“Que pena,” Vee disse. “Eu estava esperando alguma animação.”

“Prontas para jogar?” Elliot perguntou. “Estou faminto por algumas pizzas arduamente ganhas.”

“É, se o Jules voltar algum dia,” disse Vee. “Estou começando a achar que talvez ele não goste da gente. Ele fica desaparecendo. Estou começando a achar que é uma deixa não-verbal.”

“Está brincando? Ele ama vocês.” Elliot disse com entusiasmo de mais. “Ele só é meio devagar em se acostumar com estranhos. Eu irei achá-lo. Não vão a lugar algum.”

Assim que Vee e eu ficamos sozinhas, eu disse, “Sabe que eu vou te matar, certo?”

Vee levantou suas palmas e deu um passo para trás. “Eu estava te fazendo um favor. Elliot é louquinho por você. Depois que você saiu, eu disse a ele que você tinha, tipo, dez caras te ligando toda noite. Você devia ter visto a cara dele. Mal continha a inveja.”

Eu resmunguei.

“É a lei da oferta e procura,” Vee disse. “Quem pensaria que economia seria útil?”

Eu enfiei minha palma contra minha testa. “Eu preciso de algo.”

“Você precisa do Elliot.”

“Não, eu preciso de açúcar. Bastante. Eu preciso de algodão-doce.” O que eu precisava era de uma borracha grande o bastante para apagar toda a evidência do Patch da minha vida. Particularmente a parte de falar com a mente. Eu estremei. Como ele estava fazendo isso? E por que eu? A não ser...

que eu tivesse imaginado isso. Bem como eu tinha imaginado bater em alguém com o Neon.

“Eu também precisava de um pouco de açúcar,” Vee disse. “Eu vi um vendedor perto da entrada do parque ao entrarmos. Eu fico aqui para que o Jules e o Elliot não achem que a gente fugiu, e você pode pegar o algodão-doce.”

Do lado de fora, eu retrocedi para a entrada, mas quando eu achei o vendedor de algodão-doce, eu fui distraída por uma visão distante no passadiço. O Arcanjo elevava-se sobre o alto das árvores. Um serpentear de canos fechados nos semáforos e que mergulhavam para fora de vista. Eu me perguntei por que Patch queria se encontrar. Eu senti um soco no meu estômago e provavelmente devia ter aceito isso como resposta, mas apesar das minhas melhores intenções, eu me encontrei continuando pelo passadiço em direção ao Arcanjo.

Eu fiquei com o fluxo do tráfego a pé, mantendo meus olhos no rumo distante do Arcanjo fazendo curvas no céu. O vento tinha mudado de frio para gelado, mas não era essa a razão de eu me sentir cada vez mais enjoada. A sensação estava de volta aquela sensação fria e de parar o coração de que alguém estava me observando.

Eu roubei um olhar para ambos os lados. Nada anormal na minha visão periférica. Eu girei 180º graus. Um pouco para trás, parado em um pequeno pátio de árvores, uma figura encapuzada se virou e desapareceu na escuridão.

Com o meu coração batendo mais rápido, eu passei por um comprido grupo de pedestres, colocando distância entre eu e a clareira. Diversas passadas adiante, eu olhei para trás novamente. Ninguém se sobressaia me seguindo.

Quando eu encarei à frente novamente, eu trombei em alguém. “Desculpe!” eu falei apressadamente, tentando ganhar novamente meu equilíbrio.

Patch sorriu maliciosamente para mim. “Sou difícil de resistir.”

Eu pestanejei para ele. “Deixe-me em paz.” Eu tentei dar um passo para o lado dele, mas ele me pegou pelo cotovelo.

“Qual o problema? Você parece prestes a vomitar.”

“Você tem esse efeito em mim,” eu retruquei.

Ele riu. Eu tive vontade de chutar suas canelas.

“Você precisa de uma bebida.” Ele ainda me pegava pelo cotovelo, e ele me empurrou na direção do carrinho de limonada.

Eu afundei em meus saltos. “Você quer ajudar? Fica longe de mim.”

Ele empurrou um cacho para longe do meu rosto. “Amo o cabelo. Amo quando está fora de controle. É como ver um lado de você que precisa sair mais freqüentemente.”

Eu alisei meu cabelo furiosamente. Assim que eu percebi que estava tentando me deixar mais apresentável para ele, eu disse, “Tenho que ir. A Vee está esperando.” Uma pausa irritada. “Acho que te vejo na aula na segunda.”

“Ande no Arcanjo comigo.”

Eu estiquei meu pescoço, encarando-o. Gritos estridentes ecoaram enquanto os carros ressoavam nos trilhos.

“Duas pessoas por assento.” Seu sorriso mudou para um sorriso malicioso vagaroso e ousado.

“Não.” *De jeito nenhum.*

“Se continuar fugindo de mim, você nunca vai descobrir o que realmente está acontecendo.”

Aquele comentário deveria ter feito eu correr. Mas não fez. Era quase como se o Patch soubesse exatamente o que dizer para atizar a minha curiosidade. Exatamente o que dizer, exatamente no momento certo.

“O que está acontecendo?”

“Só há uma maneira de descobrir.”

“Não posso. Tenho medo de altura. Além do mais, a Vee está esperando.” Só que, de repente, pensar em subir tão alto no ar não me assustava. Não mais. De um jeito absurdo, sabendo que eu estaria com o Patch me fez sentir segura.

“Se você der uma volta completa sem gritar, eu direi ao Treinador para mudar nossos assentos.”

“Eu já tentei. Ele não cede.”

“Eu posso ser mais, convincente que você.”

Eu tomei seu comentário como insulto pessoal. “Eu não giro,” eu disse. “Não por causa de parques de diversão.” Não por sua causa.

No ritmo do Patch, eu caminhei até o final da linha levando para o Arcanjo. Um arrojo de gritos se levantou, então se dissipou, bem acima no céu noturno.

“Eu nunca te vi no Delphic antes,” Patch disse.

“Você vem muito aqui?” Eu fiz uma nota mental para não fazer mais viagens de final de semana para o Delphic.

“Eu tenho um histórico com o local.”

Nós fomos nos aproximando na linha a medida em que os carros se esvaziavam e um novo grupo de perseguidores de emoção embarcava no brinquedo.

“Deixe-me adivinhar,” eu disse. “Você matou aula aqui ao invés de ir para a escola no ano passado.”

Eu estava sendo sarcástica, mas Patch disse, “Responder isso significaria iluminar o meu passado. E eu gostaria de mantê-lo no escuro.”

“Por quê? Qual o problema com o seu passado?”

“Eu acho que agora é uma boa hora para falar sobre isso. Meu passado pode assustá-la.”

*Tarde demais*, eu pensei.

Ele deu um passo mais para perto e nossos braços se encontraram, uma conexão roçante que fez com que os pelos no meu braço se levantassem. “As coisas que eu tenho a confessar não são as coisas que você conta a sua petulante parceira de biologia,” ele disse.

O vento frígido se envolveu ao meu redor, e quando eu o respirei, ele me encheu com gelo. Mas não se comparou com a gelidez que as palavras de Patch mandaram por mim.

Patch sacudiu seu queixo para a rampa. “Parece que é a nossa vez.”

Eu empurrei o portão giratório. Na hora em que chegamos à plataforma de embarque, os únicos carros vazios eram os bem da frente e bem de trás da montanha-russa. Patch se dirigiu em direção do primeiro.

A construção da montanha-russa não inspirava confiança, remodelado ou não. Parecia ter mais de um século e era feito de madeira que tinha passado muito tempo exposto aos elementos desagradáveis do Maine. O desenho pintado nas laterais era ainda menos inspirador.

O carro que Patch tinha escolhido tinha um agrupamento de quatro desenhos. O primeiro representava uma aglomeração de demônios chifrudos arrancando as asas de um anjo gritando. O próximo desenho mostrava o anjo sem asas empoleirado em uma lápide, observando as crianças brincarem à distância. No terceiro desenho, o anjo sem asas estava perto de uma criança, entortando um dedo para uma pequena menina de olhos verdes. No desenho final, o anjo sem asas passava através do corpo da garota como um fantasma. Os olhos da garota estavam pretos, seu sorriso tinha sumido, e ela tinha brotado chifres como os demônios do primeiro desenho. Uma lua rachada estava pendurada sobre os desenhos.

Eu desviei meus olhos e assegurei a mim mesma que era o ar frígido que estava fazendo minhas pernas tremerem. Eu deslizei para o carro ao lado do Patch.

“Seu passado não me assustaria,” eu disse, ajustando meu cinto de segurança no meu colo. “Acho que eu ficaria mais horrorizada do que tudo.”

“Horrorizada,” ele repetiu. O tom da sua voz me fez acreditar que ele tinha aceito a acusação. Estranho, já que o Patch nunca se degradava.

Os carros rolaram para trás, então se lançaram para frente. Não de um jeito suave, nós nos dirigimos para longe da plataforma, subindo colina acima uniformemente. O cheiro de suor, ferrugem, e água salgada soprando do mar encheu o ar. Patch sentava-se perto o bastante para ser cheirado. Eu capturei o traço mais leve de sabonete de menta espesso.

“Você está pálida,” ele disse, inclinando-se para ser ouvido por sobre os trilhos estalando.

Eu me senti pálida, mas não admiti isso.

No cume da colina, houve um momento de hesitação. Eu conseguia enxergar por quilômetros, observando onde à região rural se misturava com o barulho dos subúrbios e gradualmente se tornava a grade dos lugares de Portland. O vento retinha-se, permitindo que o úmido assentasse na minha pele.

Sem querer, eu roubei uma olhada para o Patch. Eu encontrei um sentido de consolação em tê-lo ao meu lado. Então ele lançou um sorriso sarcástico.

“Assustado, Anjo?”

Eu apertei a barra de metal parafusada na frente do carro enquanto senti meu peso insinuar-se para frente. Uma risada trêmula escapou de mim.

Nosso carro voou demoniacamente rápido, meu cabelo chicoteando atrás de mim. Inclinando-se para a esquerda, então para a direita, nós tremíamos sobre os trilhos. Dentro, eu senti meus órgãos flutuarem e caírem em resposta ao passeio. Eu olhei para baixo, tentando me concentrar em algo que não estivesse se movendo.

Foi então que eu notei que meu cinto de segurança tinha se soltado.

Eu tentei gritar para o Patch, mas minha voz foi engolida pelo movimento do ar. Eu senti meu estômago ficar oco, e eu soltei a barra de metal com uma mão, tentando colocar o cinto de segurança ao redor da minha cintura com a outra. O carro se lançou para a esquerda. Eu bati de ombros com o Patch, pressionando contra ele tão arduamente que doía. O carro levantou vôo, e eu senti se levantar dos trilhos, não totalmente fixo neles.

Nós estávamos submergindo. As luzes piscando nos trilhos me cegavam; eu não conseguia ver pra que lado o trilho se virava no final do mergulho.

Era tarde demais. O carro inclinou-se para a direita. Eu senti uma onda de pânico, e então aconteceu. Meu ombro esquerdo bateu contra a porta do carro. Ela se abriu, e eu fui arrancada do carro enquanto a montanha-russa acelerava sem mim. Eu rolei para os trilhos e lutei por algo para me ancorar. Minhas mãos

não achavam nada, e eu desabei sobre a beirada, mergulhando diretamente para baixo pelo ar negro. O chão se acelerou até mim, e eu abri minha boca para gritar.

Quando dei por mim, o passeio acabou repentinamente na plataforma de desembarque.

Meus braços doíam de tão apertado que Patch me segurava. “Agora, isso é o que eu chamo de grito,” ele disse, sorrindo ironicamente para mim.

Estupefata, eu o observei colocar uma mão sobre sua orelha como se o meu grito ainda ecoasse lá. Nenhum pouco certo do que tinha acabado de acontecer, eu encarei o lugar em seu braço onde as minhas unhas tinham deixado semi-círculos tatuados em sua pele. Então os meus olhos se moveram para o meu cinto de segurança. Estava preso ao redor da minha cintura.

“Meu cinto de segurança...,” eu comecei. “Eu achei —”

“Achou o quê?” Patch perguntou, soando genuinamente interessado.

“Eu achei... eu voei para fora do carro. Eu literalmente achei... que eu ia morrer.”

“Eu acho que esse é o objetivo.”

Nas minhas laterais, meus braços tremeram. Meus joelhos cambaleavam ligeiramente sob o peso do meu corpo.

“Acho que estamos presos como parceiros,” disse Patch. Eu suspeitei de um leve grau de vitória em sua voz. Eu estava espantada demais para discutir.

“O Arcanjo,” eu murmurei, olhando por sobre o meu ombro para o passeio, que tinha começado sua próxima ascendência.

“Significa um anjo de alto nível.” Havia uma presunção definitiva em sua voz. “Quanto mais alto, mais dura é a queda.”

Eu comecei a abrir a minha boca, querendo dizer novamente como eu tinha certeza que tinha deixado o carro só um momento e que forças além da minha habilidade de explicar tinham me posto de volta em segurança atrás do meu cinto de segurança. Ao invés, eu disse, “Eu acho que sou uma garota mais do tipo anjo da guarda.”

Patch sorriu afetadamente de novo. Me guiando pelo caminho, ele disse, “Te levarei de volta para a Arcada.”

## Capítulo Nove

EU CORTEI A MULTIDÃO DO LADO DE DENTRO DA ARCADA, PASSANDO pelo quiosque e pelos banheiros. Quando as mesas de pebolim entraram no campo de visão, Vee não estava em nenhuma delas. Tampouco Elliot ou Jules.

“Parece que eles foram embora,” Patch disse. Seus olhos talvez tenham tido uma fatia de divertimento. Mas também, com o Patch, poderia tão facilmente ter sido algo inteiramente diferente. “Parece que você precisa de uma carona.”

“Vee não me deixaria,” eu disse, ficando na ponta dos pés para ver por sobre o alto da multidão. “Eles provavelmente estão jogando tênis de mesa.”

Eu passei a multidão pela lateral enquanto Patch seguia atrás, entornando uma lata de refrigerante que tinha comprado no caminho. Ele tinha se oferecido para me comprar uma, mas no meu estado atual, eu não estava certa se conseguiria segurá-la.

Não havia rastros da Vee ou do Elliot nas mesas de tênis.

“Talvez eles estejam nas máquinas de fliperama,” Patch sugeriu. Ele definitivamente estava caçoando de mim.

Eu me senti ficar um pouco vermelha no rosto. *Onde estava a Vee?*

Patch ofereceu seu refrigerante. “Certeza que não quer uma bebida?”

Eu olhei da lata para o Patch. Só porque o meu sangue esquentava ao pensar em colocar a minha boca onde a dele estivera não queria dizer que eu tinha que contar a ele.

Eu escavei a minha bolsa e puxei meu celular. A tela no meu telefone estava preta e se recusava a ligar. Eu não entendia como a bateria podia ter acabado quando eu havia carregado-a logo antes de ir embora. Eu apertei o botão de ligar continuamente, mas nada aconteceu.

Patch disse, “Minha oferta ainda está de pé.”

Eu pensei que ficaria mais segura pegando carona de um estranho. Eu ainda estava balançada por causa do que tinha acontecido no Arcaño, e não importava quantas vezes eu tentasse apagar isso, o imaginário de cair repetia-se na minha cabeça. Eu estava caindo... e então o passeio tinha acabado. Bem assim. Era a coisa mais aterrorizante pela qual eu já tinha passado. Quase tão aterrorizante era que eu era a única que parecera notar. Nem mesmo o Patch, que tinha estado bem ao meu lado.

Eu bati minha palma na minha testa. “O *carro* dela. Ela está provavelmente me esperando no estacionamento.”

Trinta minutos mais tarde eu já havia caçado o estacionamento todo. O Neon tinha ido embora. Eu não acreditava que a Vee tinha ido embora sem mim. Talvez tivesse havido uma emergência. Eu não tinha como saber, já que não podia checar as mensagens no meu celular. Eu tentei conter as minhas emoções, mas se ela *tivesse* me deixado, eu tinha uma ampla quantidade de raiva fervendo sob a superfície, pronta para derramar.

“Já está sem opções?” perguntou o Patch.

Eu mordi meu lábio, pensando minhas outras opções. Eu não tinha outras opções. Infelizmente, eu não estava certa se estava pronta para aceitar a oferta do Patch. Em um dia normal, ele exalava perigo. Hoje havia uma mistura potente de perigo, ameaça, e mistério, todos juntos.

Finalmente eu soltei um suspiro e rezei para não estar prestes a cometer um erro.

“Você me levará diretamente para casa,” eu disse. Soava mais como uma pergunta do que uma ordem.

“Se é isso que você quer.”

Eu estava prestes a perguntar ao Patch se ele tinha notado algo de estranho no Arcanjo, quando eu me impedi. Eu estava assustada demais para perguntar. E se eu estava vendo coisas que não estavam realmente acontecendo? Primeiro o cara com a máscara de esquí. Agora isso. Eu tinha bastante certeza que o Patch falando com a minha mente era real, mas o resto? Não tinha tanta certeza.

Patch se aproximou algumas vagas. Uma moto preta brilhante descansava no estribo lateral. Ele subiu e inclinou sua cabeça para o assento atrás de si. “Sobe aí.”

“Uau. Bike legal,” eu disse. O que era uma mentira. Parecia como uma armadilha mortal preta brilhante. Eu nunca tinha subido numa moto, na minha vida, nunca. Eu não estava certa se queria mudar isso hoje à noite.

“Eu gosto da sensação do vento no meu rosto,” eu continuei, esperando que minha bravata mascarasse o meu terror de me deslocar em velocidade acima de 104 quilômetros por hora com nada entre mim e a estrada.

Havia um capacete – preto com um visor escuro – e ele o segurou para mim.

Tomando-o, eu passei a minha perna por cima da bike e percebi como me sentia insegura com nada além de uma tira de assento debaixo de mim. Eu deslizei o capacete por sobre os meus cachos e o preendi debaixo do meu queixo.

“É difícil dirigir?” eu perguntei. O que eu realmente quis dizer era, *É seguro?*

“Não,” Patch disse, respondendo tanto a minha pergunta proclamada quanto a não. Ele riu suavemente. “Você está tensa. Relaxe.”

Quando ele saiu do estacionamento, a explosão de movimento me assustou; eu estivera segurando a camiseta dele com justo o bastante de tecido entre os meus dedos para manter meu equilíbrio. Agora eu labei meus braços ao redor dele em um abraço de urso ao contrário.

Patch acelerou na rodovia, e minhas coxas se apertaram ao redor dele. Eu esperei ter sido a única a notar.

Quando alcançamos a minha casa, Patch parou a bike na estrada ensopada de névoa, parou o motor, e pulou fora. Eu removi meu capacete, equilibrando-o cuidadosamente no assento na minha frente, e abri a minha boca para dizer algo do tipo *Obrigada pela carona, te vejo segunda*.

As palavras dissolveram a medida em que o Patch cruzava a entrada e se dirigia para os degraus da varanda.

Eu não conseguia começar a especular o que ele estava fazendo. Andando comigo até a porta? Altamente improvável. Então... o quê?

Eu subi na varanda atrás dele e encontrei-o na porta. Eu observei, dividida entre confusão e uma preocupação escalante, a medida em que ele retirava um molho de chaves familiares de seu bolso e inseria a chave da minha casa na fechadura.

“Devolve as minhas chaves,” eu disse, desconcertada por não saber como as *minhas* chaves tinham ido parar na posse *dele*.

“Você derrubou elas na arcada quando estava caçando o seu celular,” ele disse.

“Não ligo onde eu as derrubei. Devolva-as.”

Patch ergueu suas mãos, clamando inocência, e se afastou da porta. Ele inclinou um ombro contra os tijolos e me observou chegar até a fechadura. Eu tentei virar a chave. Eu dei um passo para trás. “Vá em frente. Tente. Está presa.”

Com um *clique* afiado, ele virou a chave. A mão postada na maçaneta, ele arqueou suas sobrancelhas como se para dizer *Posso?*

Eu engoli em seco, enterrando uma onda de fascínio mútuo e inquietação. “Vá em frente. Não vai esbarrar em ninguém. Estou sozinha em casa.”

“A noite toda?”

Imediatamente, eu percebi que podia não ter sido a coisa mais esperta a se dizer. “Dorothea virá logo.” Isso era mentira. Dorothea há muito tinha ido. Estava perto da meia-noite.

“Dorothea?”

“A empregada. Ela é velha – mas forte. Muito forte.” Eu tentei me espremer para passar por ele. Sem sucesso.

“Soa aterrorizante,” ele disse, retirando a chave da fechadura. Ele a segurou para mim.

“Ela consegue limpar uma privada dentro e fora em menos de um minuto. Está mais para assustador.” Tomando a chave, eu passei ao redor dele. Eu tinha plenas intenções de fechar a porta entre nós, mas enquanto me virava, Patch preencheu a entrada, seus braços apoiados em ambos os lados da moldura.

“Não vai me convidar para entrar?” ele perguntou, sorrindo.

Eu pestanejei. Convidá-lo a entrar? Na minha casa? Com ninguém mais em casa?

Patch disse, “É tarde.” Seus olhos seguiram os meus de perto, refletindo um brilho caprichoso. “Você deve estar com fome.”

“Não. Sim. Eu quero dizer, sim, mas –”

De repente ele estava do lado de dentro.

Eu dei três passos para trás; ele cutucou a porta com seu pé para fechá-la. “Gosta de mexicana?” ele perguntou.

“Eu –” Eu gostaria de saber o que você está fazendo dentro da minha casa!

“Tacos?”

“Tacos?” eu ecoei.

Isso pareceu diverti-lo. “Tomates, alface, queijo.”

“Eu sei o que é um taco!”

Antes que eu pudesse impedi-lo, ele passou cavalgando por mim para dentro da casa. No fim do corredor, ele dirigiu-se a esquerda. Para a cozinha.

Ele foi até a pia e abriu a torneira enquanto esfregava sabão até a metade de seus braços. Aparentemente tendo ficado à vontade, ele foi primeiro para a despensa, então pesquisou a geladeira, pegando itens aqui e ali – salsa, queijo, alface, um tomate. Então ele escavou as gavetas e achou uma faca.

Eu suspeitei que estava na metade de um ataque de pânico com a imagem do Patch segurando uma faca quando outra coisa capturou minha atenção. Eu dei dois passos para frente e olhei de soslaio para o meu reflexo em uma das frigideiras suspensas no pendura-panelas. Meu cabelo! Parecia um arbusto seco gigante que tinha rolado para o alto da minha cabeça. Eu bati uma mão na minha boca.

Patch sorriu. “Você tem cabelo ruivo natural?”

Eu o encarei. “Eu não tenho cabelo ruivo.”

“Odeio ter que te informar disso, mas é ruivo. Eu podia tocar fogo nele e ele não ficaria mais vermelho.”

“É *castanho*.” Então talvez eu tivesse a menor, mais minúscula, mais infinitesimal quantidade de castanho avermelhado no meu cabelo. Eu ainda era morena. “É a iluminação,” eu disse.

“É talvez sejam as lâmpadas incandescentes.” O sorriso dele levantou ambos os cantos de sua boca, e uma covinha surgiu.

“Eu volto logo,” eu disse, me apressando para fora da cozinha.

Eu subi as escadas e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo. Com isso fora do caminho, eu juntei meus pensamentos. Eu não estava totalmente confortável com a ideia do Patch vagando livremente pela minha casa – armado com uma faca. E a minha mãe me mataria se descobrisse que eu tinha convidado Patch para entrar quando Dorothea não estava.

“Pode ficar para outro dia?” eu perguntei ao encontrá-lo ainda trabalhando arduamente na cozinha dois minutos mais tarde. Eu coloquei uma mão no meu estômago, sinalizando que ele estava me incomodando. “Enjoada,” eu disse. “Eu acho que foi a carona.”

Ele parou de cortar e olhou para cima. “Eu quase acabei.”

Eu notei que ele tinha trocado de faca por uma lâmina maior – e mais afiada.

Como se ele tivesse uma janela para os meus pensamentos, ele levantou a faca, examinando-a. A lâmina brilhou na luz. Meu estômago se apertou.

“Abaixa a faca,” eu instruí silenciosamente.

Patch olhou de mim para a faca e então novamente. Após um minuto ele a deitou na minha frente. “Não vou te machucar, Nora.”

“Isso é... tranquilizante,” eu consegui dizer, mas minha garganta estava apertada e seca.

Ele girou a faca, o cabo apontado na minha direção. “Vem aqui. Vou te ensinar a fazer tacos.”

Eu não me movi. Havia um brilho nos olhos dele que me fez pensar que eu devia estar com medo dele... e eu estava. Mas aquele medo era igualmente fascinante. Havia algo extremamente perturbador em estar perto dele. Na presença dele, eu não confiava em mim mesma.

“Que tal... um acordo?” Seu rosto estava curvado, enegrecido e ele olhou para mim através de seus cílios. O efeito era uma impressão de integridade. “Me ajude a fazer tacos, e eu responderei algumas de suas perguntas.”

“Minhas perguntas.”

“Eu acho que você sabe o que eu quero dizer.”

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Ele estava me dando um vislumbre de seu mundo particular. Um mundo onde ele conseguia falar com a

minha mente. Novamente ele sabia exatamente o que dizer, exatamente no momento certo.

Sem uma palavra, eu me movi para seu lado. Ele deslizou a tábua de corte na minha frente.

“Primeiro,” ele disse, vindo por trás de mim e colocando suas mãos no balcão, bem do lado das minhas, “escolha o seu tomate.” Ele abaixou sua cabeça para que sua boca estivesse na minha orelha. Seu hálito estava quente, fazendo cócegas na minha pele. “Ótimo. Agora, pegue a faca.”

“O chefe sempre fica tão perto?” eu perguntei, não certa se eu gostava ou temia a palpitação que sua proximidade causava dentro de mim.

“Quando ele está revelando segredos culinários, sim. Segure a faca com vontade.”

“Eu estou segurando.”

“Ótimo.” Recuando, ele me deu uma olhada minuciosa, parecendo escrutinar cada imperfeição – seus olhos moviam-se para cima e para baixo, aqui e ali. Para cada momento enervante, eu pensei ter visto um sorriso secreto de aprovação. “Cozinhar não é algo que se ensina,” Patch disse. “É herdado. Ou você tem ou não tem. Como química. Você acha que está pronta para química?”

Eu pressionei a faca pelo tomate; ele foi dividido em dois, cada metade balançando gentilmente na tábua de corte. “Me diz você. Estou pronta para química?”

Patch fez um som profundo que eu não consegui decifrar e sorriu ironicamente.

Após o jantar, Patch levou nossos pratos para a pia. “Eu lavo, você seca.” Caçando nas gavetas na lateral da pia, ele achou um pano de prato e o tirou brincalhonamente para mim.

“Estou pronta para te fazer aquelas perguntas,” eu disse. “Começando com aquela noite na biblioteca. Você me seguiu...”

Eu dissipei. Patch se inclinou preguiçosamente contra a bancada. Cabelo negro saía debaixo de seu boné de beisebol. Um sorriso repuxou as boca. Meus pensamentos dissolveram e bem assim, um pensamento novo penetrou a superfície da minha mente.

Eu quero beijá-lo. Agora.

Patch arqueou suas sobrancelhas. “O quê?”

“Hãh – nada. Nada mesmo. Você lava, eu seco.”

O que aconteceu com tratar Patch como seu pior hábito? Eu perguntei a mim mesma. O que aconteceu com jogar fora o velho, e ficar com o novo?

Não levou muito para terminar com os pratos, e quando terminamos, nos encontramos comprimidos no espaço próximo a pia. Patch se deslocou para pegar o pano de mim, e nossos corpos se tocaram. Nenhum de nós se moveu, segurando o elo frágil que nos unia.

Eu recuei primeiro.

“Assustada?” ele murmurou.

“Não.”

“Mentira.”

Meu pulso subiu um degrau. “Não tenho medo de você.”

“Não?”

Eu falei sem pensar. “Talvez seja só que eu tenha medo de –” eu me amaldiçoei por ter começado a frase. O que eu deveria dizer agora? Eu não estava prestes a admitir para o Patch que tudo nele me assustava. Isso lhe dava permissão para me provocar ainda mais. “Talvez seja só que eu tenha medo de... de –”

“Gostar de mim?”

Aliviada por não ter que terminar minha própria fase, eu automaticamente respondi, “Sim.” Eu percebi tarde demais o que havia confessado. “Quero dizer, *não*! Definitivamente não. *Não* era isso que eu estava tentando fazer!”

Patch riu suavemente.

“A verdade é que, parte de mim definitivamente não fica confortável ao seu redor,” eu disse.

Eu agarrei a bancada atrás de mim para me apoiar. “Mas ao mesmo tempo eu sinto uma atração assustadora por você.”

Patch sorriu ironicamente.

“Você é metido demais,” eu disse, usando minha mão para empurrá-lo um passo para longe.

Ele prendeu a minha mão contra seu peito e puxou minha manga pelo meu pulso, cobrindo minha mão com ela. Tão rapidamente quanto, ele fez a mesma coisa com minha outra manga. Ele segurou minha camiseta pelos punhos, minhas mãos capturadas. Minha boca se abriu em protesto.

Me puxando para mais perto, ele não parou até que eu estivesse diretamente na frente dele. De repente ele me levantou na bancada. Meu rosto estava no nível do dele. Ele me fixou com um sorriso negro e convidativo. E foi aí que eu percebi que esse momento estivera dançando nas beiradas das minhas fantasias por diversos dias já.

“Tire seu boné,” eu disse, as palavras saindo antes que eu pudesse impedi-las.

Ele o deslizou ao redor, a aba para trás.

Eu me movi para a beirada da bancada, minhas pernas balançando de cada lado das dele. Algo dentro de mim estava me dizendo para parar – mas eu varri essa voz para o fundo da minha mente.

Ele esparramou suas mãos na bancada, bem do lado de fora dos meus quadris. Inclinando sua cabeça para um lado, ele se moveu mais para perto. O cheiro dele, que era todo de terra escura úmida, me inundou.

Eu inalei duas respirações agudas. Não. Isso não estava certo. Isso não, não com o Patch. Ele era assustador. De um jeito bom, sim. Mas também de um jeito ruim. Um jeito muito ruim.

“Você deveria ir,” eu respirei. “Você definitivamente deveria ir.”

“Ir para cá?” Sua boca estava no meu ombro. “Ou para cá?” Ela se moveu para o meu pescoço.

Meu cérebro não conseguia processar um pensamento lógico. A boca do Patch estava perambulando para o norte, sobre a minha mandíbula, sugando gentilmente minha pele...

“Minhas pernas estão adormecendo,” eu soltei. Não era uma mentira total. Eu estava experimentando sensações de formigamento por todo o meu corpo, inclusive as pernas.

“Eu posso resolver isso.” As mãos do Patch se fecharam nos meus quadris.

De repente meu telefone celular tocou. Eu pulei ao som dele e tateie-o no meu bolso.

“Oi, docinho,” minha mãe disse alegremente.

“Posso te ligar de volta?”

“Claro. O que está acontecendo?”

Eu desliguei o telefone. “Você precisa ir embora,” eu disse ao Patch. “Agora.”

Ele deslizou seu boné de beisebol de volta. Sua boca era o único traço que eu conseguia ver por debaixo dele, e ela se curvou em um sorriso travesso.

“Você não está usando maquiagem.”

“Eu devo ter esquecido.”

“Bons sonhos essa noite.”

“Claro. Sem problema.” O que ele tinha dito?

“Sobre aquela festa amanhã à noite...”

“Eu pensarei nisso,” eu consegui dizer.

Patch enfiou um pedaço de papel dentro do meu bolso, seu toque mandando sensações quentes pelas minhas pernas. “Aqui está o endereço. Eu estarei te procurando. Venha sozinha.”

Um momento mais tarde eu escutei a porta da frente fechar atrás de mim. Um rubor feroz subiu até o meu rosto. *Perto demais*, eu pensei. Não havia nada de errado com fogo... contanto que você não chegasse muito perto. Algo para se ter em mente.

Eu me inclinei contra os armários, tomando fôlegos curtos e rasos.

## Capítulo Dez

EU FUI PUXADA DO SONO PELO SOM DO MEU TELEFONE TOCANDO. Pega com um pé ainda no sonho, eu enfiei meu travesseiro por sobre a minha cabeça e tentei bloquear o som. Mas o telefone tocou. E tocou.

A ligação foi para a caixa postal. Cinco segundos mais tarde o toque começou novamente.

Eu estiquei um braço pelo lado da cama, apalpei até achar minha calça jeans, e tirei meu celular do bolso.

“Sim?” eu disse em um grande bocejo, deixando meus olhos fechados.

Alguém estava respirando nervosamente na outra linha. “O que aconteceu com você? O que houve com trazer algodão-doce? E enquanto estamos nesse assunto, que tal me dizer onde você está para que eu possa ir estrangulá-la – com minhas próprias mãos!”

Eu bati a palma da minha mão contra minha testa algumas vezes.

“Eu achei que você tivesse sido raptada!” Vee continuou. “Eu achei que você tivesse sido raptada! Eu achei que você tivesse sido *assassinada!*”

Eu tentei achar o relógio no escuro. Eu esbarrei num porta-retrato na cabeceira, e todos os porta-retratos atrás dele caíram como dominós.

“Eu meio que fui atrasada,” eu disse. “Na hora em que eu voltei para a arcada, você tinha ido.”

“Atrasada? Que tipo de desculpa é 'atrasada'?”

Os números vermelhos no relógio flutuaram em foco. Era pouco depois das duas da manhã.

“Eu dirigi pelo estacionamento por uma hora,” Vee disse. “Elliot andou pelo parque mostrando a única foto que eu tinha de você no meu celular. Eu tentei te ligar no celular um zilhão de vezes. Espera aí. Você está em casa? Como chegou em casa?”

Eu esfreguei os cantos dos meus olhos. “Patch.”

“Patch, o *perseguidor?*”

“Bem, não tive muita escolha, tive?” eu disse concisamente. “Você foi embora sem mim.”

“Você soa animada. Realmente animada. Não, não é isso. Você soa agitada... aturdida... *excitada.*” Eu conseguia sentir seus olhos se alargarem. “Ele te beijou, não foi?”

Nada de resposta.

“Ele beijou! Eu sabia! Eu vi o modo como ele olha para você. Eu sabia que isso ia acontecer. Eu vi há um quilômetro e meio de distância.”

Eu não queria pensar nisso.

“Como é que foi?” Vee pressionou. “Um beijo de pêssego? Um beijo de ameixa? Ou foi um beijo de al-fa-fa?”

“O quê?”

“Foi um selinho, bocas se separaram, ou tinha linha? Esquece. Não tem que responder isso. Patch não é o tipo de cara que lida com preliminares. Tinha língua envolvida. Certeza.”

Eu cobri meu rosto com as minhas mãos, me escondendo atrás delas. Patch provavelmente achava que eu não tinha auto-controle algum. Eu tinha sucumbido em seus braços. Eu tinha derretido como manteiga. Logo antes de ter dito a ele que ele deveria ir, eu estava bem certa que tinha feito um som que era uma cruz entre um suspiro de pura felicidade e um gemido de êxtase.

Isso explicaria seu sorriso irônico arrogante.

“Podemos falar sobre isso mais tarde?” eu perguntei, apertando a ponte do meu nariz.

“De jeito algum.”

Eu suspirei. “Estou morta de cansaço.”

“Não acredito que está pensando em manter em suspense.”

“Estou esperando que você esqueça disso.”

“Zero de chance.”

Eu tentei visualizar os músculos no meu pescoço relaxando, prevenindo a dor de cabeça que eu sentia se arrastando. “Ainda vamos às compras?”

“Te pego às quatro.”

“Achei que não fôssemos nos encontrar até as cinco.”

“As circunstâncias mudaram. Eu estarei ainda mais cedo se conseguir escapar do tempo em família. Minha mãe está tendo um colapso nervoso. Ela culpa minhas notas ruins nas habilidades parentais dela. Aparentemente passar tempo juntas é a solução. Deseje-me boa sorte.”

Eu fechei meu celular com tudo e deslizei profundamente para a minha cama. Eu imaginei o sorriso irônico imortal do Patch e seus olhos negros brilhantes. Após me debater na cama por diversos minutos, eu desisti tentar ficar confortável. A verdade era que, enquanto Patch estivesse na minha mente, conforto estava fora de questão.

Quando eu era menor, o afilhado de Dorothea, Lionel, estilhaçou um dos copos da cozinha. Ele varreu todos os fragmentos de vidro exceto um, e ele me desafiou a lambê-lo. Eu imaginei que ficar caída pelo Patch era um pouco como

lamber aquele fragmento. Eu sabia que era estúpido. Eu sabia que iria me cortar. Após todos aqueles anos uma coisa não tinha mudado: eu ainda era atraída pelo perigo.

De repente eu me senti reta na cama e alcancei meu celular. Eu acendi o abajur.

A bateria mostrou estar totalmente carregada.

Minha espinha formigou ameaçadoramente. Meu celular deveria estar descarregado. Então como a minha mãe e Vee tinham conseguido ligar?

\*\*\*

Chuva batia nos toldos coloridos das lojas ao redor do cais e derramava na calçada abaixo. As lamparinas de gás antigas que estavam dispostas em ambos os lados da rua brilhando vivamente com nossas sombrinhas colidindo, Vee e eu nos acotovelando pela calçada e sob o toldo listrado rosa e branco da Victoria's Secret. Nós chacoalhamos nossas sombrinhas em uníssono e as apoiamos logo fora da entrada.

Um estrondo de trovão nos mandou voando para adentro.

Eu bati os pés para tirar chuva dos meus sapatos e estremei do frio. Diversos difusores de óleo queimavam num display no canto da loja, nos cercamos com um cheiro exótico e robusto.

Uma mulher com calça preta e uma regata preta de stretch veio para frente. Ela tinha uma fita de medida enrolado ao redor do seu pescoço, e ela começou a pegá-la. “Meninas, vocês gostariam de uma medição grátis –”

“Guarde a maldita fita de medida,” Vee ordenou. “Eu já conheço o meu tamanho. Eu não preciso ser lembrada.”

Eu dei um sorriso à mulher que era parcialmente apologético enquanto seguia a Vee, que estava se dirigindo à dispensa de liquidação nos fundos.

“Um tamanho 42 não é nada de que se envergonhar,” eu disse à Vee. Eu peguei um sutiã azul de cetim e cocei a etiqueta de preço.

“Quem disse algo sobre estar envergonhada?” Vee disse. “Não estou envergonhada. Por que estaria? As únicas outras garotas de dezesseis anos com peitos tão grandes como os meus estão infiltradas de silicone – e todos sabem disso. Por que eu teria razão para ficar envergonhada. Ela vasculhou uma dispensa. “Acha que eles têm algum sutiã aqui que faça as minhas meninas ficarem retas?”

“Isso se chama sutiã esportivo, e eles têm um péssimo efeito colateral chamado mono peito,” eu disse, meus olhos escolhendo um sutiã preto rendado da pilha.

Eu não deveria estar olhando para lingerie. Elas naturalmente me faziam pensar em coisas sexy. Como beijar. Como o Patch.

Eu fechei meus olhos e repeti nossa noite juntos. O toque da mão do Patch na minha coxa, seus lábios provando o meu pescoço...

Vee me pegou desprevenida com um par de calcinhas de estampa de leopardo turquesa arremessado no meu peito. “Essas ficariam boas em você,” ela disse. “Tudo que você precisa é uma bunda como a minha para enchê-las.”

O que eu estivera pensando? Eu tinha chego *pertíssimo* de beijar o Patch. O mesmo Patch que poderia estar invadindo a minha mente. O mesmo Patch que tinha me salvado de mergulhar a morte no Arcanjo – porque era isso que eu tinha certeza que tinha acontecido, apesar de eu não ter nenhuma explicação lógica. Eu me perguntei se ele tinha, de algum modo, interrompido o tempo e me capturado durante a queda. Se ele era capaz de falar com os meus pensamentos, talvez, ele fosse capaz de outras coisas.

Ou talvez, eu pensei com um arrepio, eu já não possa confiar na minha mente.

Eu ainda tinha o pedaço de papel que o Patch tinha enfiado dentro do meu bolso, mas de jeito nenhum eu ia à festa hoje à noite. Eu secretamente gostava da atração entre nós, mas o mistério e a lugubridade pesavam mais. Eu ia descartar o Patch do meu sistema – e dessa vez eu falava sério. Seria como uma dieta de limpeza. O problema era que, a única dieta que eu já fizera falhara. Uma vez eu tentara ficar um mês inteiro sem chocolate. Nenhuma mordida. No fim de duas semanas, eu sucumbi e me entupi de mais chocolate do que teria comido em três meses.

Eu esperava que a minha dieta nada-de-chocolate não fosse uma previsão do que aconteceria se eu evitasse o Patch.

“O que você está fazendo?” eu perguntei, minha atenção voltada para a Vee.

“O que parece que estou fazendo? Estou tirando as etiquetas de preço de liquidação desses sutiãs em liquidação e colocando nos sutiãs que não estão em promoção. Desse jeito eu consigo sutiãs sexy ao preço de sutiãs vagabundos.”

“Você não pode fazer isso. Ela vai escanear os códigos de barra quando você for ao caixa. Ela saberá o que você está aprontando.”

“Códigos de barra? Eles não escaneiam códigos de barra.” Ela não soava muito segura.

“Escaneiam sim. Eu juro. De coração.” Eu imaginei que mentir fosse melhor do que observar a Vee ser arrastada para a cadeia.

“Bem, pareceu uma boa ideia...”

“Você tem que comprar essa,” eu disse à Vee, jogando um fragmento de seda nela, esperando distrai-la.

Ela levantou a calcinha. Minúsculos caranguejos<sup>24</sup> vermelhos ornavam o tecido. “Essa é a coisa mais nojenta que eu já vi. Eu gostei daquele sutiã preto que você está segurando, por outro lado. Eu gostei que você deveria comprá-lo. Vai pagar e eu continuarei olhando.”

Eu paguei. Então, pensando que seria mais fácil esquecer do Patch se eu estivesse olhando algo mais benigno, eu vaguei até a seção de loções.

Eu estava cheirando uma garrafa de Anjos dos Sonhos quando senti uma presença familiar próxima. Era como se alguém tivesse derrubado uma concha de sorvete pelas costas da minha camiseta. Era o mesmo solavanco trêmulo que eu experienciava sempre que o Patch se aproximava.

Vee e eu ainda éramos as duas únicas clientes na loja, mas do outro lado da janela de vidro para espelho, eu vi uma figura encapuzada sair de um toldo sombreado do outro lado da rua. Recém transtornada, eu fiquei imóvel por um minuto inteiro antes que me recobrasse e fosse achar a Vee.

“Hora de ir,” eu disse a ela.

Ela estava virando uma prateleira de camisolas. “Uau. Olha isso – pijamas de flanela, desconto de cinquenta por cento. Eu preciso de pijama de flanela.”

Eu mantive um olho grudado na janela. “Acho que estou sendo seguida.”

A cabeça de Vee levantou-se. “Patch?”

“Não. Olhe pro outro lado da rua.”

Vee espremeu os olhos. “Não vejo ninguém.”

Nem eu mais. Um carro tinha passado, interrompendo minha linha de visão. “Acho que entraram na loja.”

“Como sabe que estão te seguindo?”

“Uma sensação ruim.”

“Parecia com alguém que a gente conhece? Por exemplo... uma cruz entre a Pippi Meialonga<sup>25</sup> e a Bruxa Má do Oeste obviamente seria a Marcie Millar.”

---

<sup>24</sup> No original, crabs, que é a mesma palavra usada para 'caranguejo' e 'piolho do púbis', também conhecido como chato ou piolho-caranguejo. Ele é o inseto parasita responsável pela pediculose pubiana.

<sup>25</sup> Pippi Meialonga é uma personagem fictícia de uma série de livros para crianças da sueca Astrid Lindgren, que foi adaptado para diversos filmes e séries de tv. Pippi tem nove anos é extraordinariamente forte, sendo capaz de levantar seu cavalo com uma só mão sem dificuldade alguma.

“Não era a Marcie,” eu disse, os olhos ainda fixos do outro lado da rua. “Quando eu deixei a arcada na noite passada para comprar algodão-doce, eu vi alguém me observando. Eu acho que a mesma pessoa está aqui agora.”

“Está falando sério? Por que só está me dizendo isso agora? Quem é?”

Eu não sabia. E isso me assustava mais do que tudo.

Eu direcionei minha voz para a vendedora. “Tem uma porta traseira na loja?”

Ela levantou seu olhar de organizar uma gaveta. “Somente funcionários.”

“A pessoa é homem ou mulher?” Vee queria saber.

“Não sei dizer.”

“Bem porque acha que estão te seguindo? O que querem?”

“Me assustar.” Parece razoável o bastante.

“Por que iriam querer te assustar?”

Eu quis dizer, Quem não está tentando me assustar?

“Precisamos de uma distração,” eu disse a Vee.

“Exatamente o que eu estava pensando,” ela disse. “E sabemos que sou realmente boa em distrações. Me dê sua jaqueta jeans.”

Eu encarei-a. “De jeito nenhum. Não sabemos nada sobre essa pessoa. Não vou deixar você sair vestida como eu. E se estiverem armados?”

“Às vezes a sua imaginação me assusta,” Vee disse.

Eu tinha que admitir, a ideia que eles estivessem armados e prontos para matar era um pouco forçado. Mas com todas essas coisas sinistras acontecendo ultimamente, eu não me culpava por me sentir tensa e presumir o pior.

“Eu saberei primeiro,” disse a Vee. “Se me seguirem, você os segue. Eu me dirigirei colina acima na direção do cemitério, e então os encurralaremos e teremos algumas respostas.”

Um minuto mais tarde Vee deixou a loja usando a minha jaqueta jeans. Ela pegou minha sombrinha vermelha, segurando-a baixo em sua cabeça. Fora o fato dela ser alguns centímetros mais altas, e alguns quilos mais voluptuosa, ela se passava por mim. De onde eu estava agachada atrás da prateleira de camisolas, eu observei a figura encapuzada sair da loja do outro lado da rua e seguiu atrás da Vee. Eu arrastei perto da janela apesar do moletom e do jeans largos da figura terem como objetivo parecer andrógenos, o andar era feminino. Definitivamente feminino.

Vee e a garota viraram a esquina e desapareceram, e eu corri até a porta. Do lado de fora, a chuva tinha virado um aguaceiro.

Agarrando a sombrinha da Vee, eu acelerei o passo, ficando debaixo da minha calça jeans umedecendo. Desejei ter usado botas.

Atrás de mim o cais se estendia para o oceano cinza-cimento. Na minha frente, a faixa de lojas acabava na base de uma colina íngreme e capinada. No topo da colina, eu conseguia distinguir a cerca alta de ferro do cemitério local.

Eu destranquei o Neon, acionei o degelador no máximo, e coloquei os limpadores de pára-brisas a todo poder. Eu dirigi para fora do estacionamento e virei à esquerda, acelerando pela colina sinuosa. As árvores no cemitério agigantavam-se a frente, seus galhos enganosamente ganhando vida pelos loucos golpes dos limpadores. As lápides de mármore branco parecia ser golpeada pela escuridão. As lápides cinza dissolviam-se na atmosfera.

Do nada um objeto vermelho foi arremessado no pára-brisas. Ela bateu contra o vidro diretamente na minha linha de visão, então voou por sobre o carro. Eu pisei nos freios e o Neon deslizou para parar na espádua da estrada.

Eu abri a porta e saí. Eu corri para frente do carro, procurando pelo que tinha me atingido.

Houve um instante de confusão enquanto a minha mente processava o que eu estava vendo. Minha sombrinha vermelha estava emaranhada nas ervas daninhas. Estava quebrada; um lado tinha colapsado do jeito exato que eu esperava que tivesse se tivesse sido atirado contra outro objeto mais pesado.

Através do ataque furioso da chuva eu ouvi um soluço abafado.

“Vee?” eu disse. Eu corri pela estrada, protegendo meus olhos da chuva enquanto passei meu olhar pela paisagem. Um corpo estava deitado amarrotado logo a frente. Eu comecei a correr.

“Vee!” eu caí de joelhos ao lado dela. Ela estava do lado dela, suas pernas juntas de seu peito. Ela resmungou.

“O que aconteceu? Você está bem? Consegue se mexer?” Eu joguei minha cabeça para trás, piscando a chuva. *Pensa!* Eu disse a mim mesma. Meu celular. Lá no carro. Eu tinha que ligar para 190.

“Vou chamar ajuda,” eu disse à Vee.

Ela gemeu e apertou a minha mão.

Eu me abaixei sobre ela, segurando-a apertadamente. Lágrimas queimaram atrás dos meus olhos. “O que aconteceu? Foi a pessoa que eu segui? Fizeram isso com você? *O que* fizeram?”

Vee murmurou algo ininteligível que poderia ter sido “bolsa de mão.” Como visto, sua bolsa de mão estava sumida.

“Você vai ficar bem,” eu me esforcei para manter a minha voz firme. Eu tinha uma sensação ruim agitando dentro de mim, e eu estava tentando mantê-lo no vazio. Eu estava certa de que a mesma pessoa que tinha me observado no Delphic e me seguido às compras hoje era o responsável, mas eu me culpava

por colocar a Vee no caminho do perigo. Eu apertei 190 no meu celular, e um operador atendeu.

Tentando manter a histeria fora da minha voz, eu disse, “Preciso de uma ambulância. Minha amiga foi atacada e roubada.”

## Capítulo Onze

SEGUNDA-FEIRA PASSOU CONFUSAMENTE. EU FUI DE AULA PARA aula esperando pelo sino final do dia. Eu liguei para o hospital antes da escola e fui informada que Vee estava indo para a Sala Cirúrgica. Seu braço esquerdo fora quebrado durante o ataque e já que o osso não estava alinhado, ela precisava de cirurgia. Eu queria vê-la, mas não podia até o entardecer, quando a anestesia passasse e os funcionários do hospital movessem-na para seu próprio quarto. Era especialmente importante que eu ouvisse sua versão do ataque antes que esquecesse dos detalhes ou enfeitasse-os. Qualquer coisa que ela lembrasse que pudesse preencher a imagem e me ajudar a descobrir quem havia feito isso.

A medida que as horas se esticavam pela tarde, meu foco mudou da Vee para a garota do lado de fora da Victoria's Secret. Quem era ela? O que ela queria? Talvez fosse uma coincidência perturbadora Vee ter sido atacada minutos após eu observar a garota segui-la, mas meus instintos discordavam. Eu desejava ter uma imagem melhor de como ela era. O moletom largo com capuz e a calça jeans, junto com a chuva, fizeram um bom trabalho em disfarçá-la. Pelo que eu sabia, podia ter sido a Marcie Millar. Mas no fundo não parecia a pessoa certa.

Eu passei no meu armário para pegar meu livro de texto, então me dirigi para minha última aula. Eu entrei para encontrar a cadeira do Patch vazia. Tipicamente, ele chegava no último momento possível, empatado com o sinal de atraso, mas o sinal tocou e o treinador tomou seu lugar no quadro negro e começou a lecionar sobre equilíbrio.

Eu ponderei sobre a cadeira vazia do Patch. Uma minúscula voz no fundo da minha cabeça especulava que sua falta pudesse estar conectada ao ataque da Vee. Era um pouco estranho ele faltar na manhã seguinte. E eu não conseguia esquecer o frio gelado que tinha sentido momentos antes de olhar para fora da Victoria's Secret e perceber que estava sendo observada. Em todas as outras vezes que me sentia dessa maneira, era porque Patch estava próximo.

A voz da razão rapidamente extinguiu o envolvimento do Patch. Ele podia ter pego um resfriado. Ou ele podia ter ficado sem gasolina a caminho da escola e estava encalhado a quilômetros de distancia. Ou talvez houvesse um jogo de sinuca com apostas altas acontecendo na Bo's Arcade e ele achava que era mais lucrativo que uma tarde passada aprendendo as complexidades do corpo humano.

No fim da aula, o Treinador me parou a caminho da porta.

“Espere um minuto, Nora.”

Eu me virei e puxei minha mochila sobre meu ombro. “Sim?”

Ele estendeu um pedaço dobrado de papel. “A Senhorita Greene deu uma passada antes da aula e me pediu para te dar isso,” ele disse.

Eu aceitei o bilhete. “Senhorita Greene?” Eu não tinha nenhuma professora com esse nome.

“A nova psicóloga da escola. Ela acabou de substituir o Dr. Hendrickson.”

Eu desdobrei o bilhete e li a mensagem rabiscada.

*Querida Nora,*

*Eu tomarei o papel do Dr. Hendrickson como sua psicóloga escolar. Eu notei que você faltou nas suas duas últimas consultas com o Dr. H. Por favor, venha logo, para que possamos nos conhecer. Eu enviei uma carta para sua mãe para deixá-la ciente da mudança.*

*Tudo de bom,  
Senhorita Greene.*

“Obrigada,” eu disse ao Treinador, dobrando o bilhete até ficar pequeno o bastante para enfiar dentro do meu bolso.

No corredor eu me misturei com o fluxo da multidão. Não tinha mais como evitar agora – eu tinha que ir. Eu guiei pelos corredores até que conseguisse ver a porta fechada do escritório do Dr. Hendrickson. Como previsto, havia uma placa com um novo nome na porta. O latão polido brilhava contra a porta de carvalho acastanhado: SENHORITA D. GREENE, PSICÓLOGA ESCOLAR.

Eu bati na porta, e um momento mais tarde ela se abriu de dentro. Senhorita Greene tinha uma pele pálida perfeita, olhos azuis marítimos, uma boca luxuriante, e um cabelo loiro fino e liso que caía abaixo de seus cotovelos. Estava partido no meio de seu rosto oval. Um óculos turquesa de olho de gato<sup>26</sup> estava na ponta de seu nariz, e ela estava vestida formalmente com uma saia-lápis com um padrão ziguezague cinza. Ela não devia ter mais que cinco anos a mais que eu.

“Você deve ser Nora Grey. Você parece exatamente como na foto em seu arquivo.” Ela disse, dando um firme estímulo em minha mão. Sua voz era abrupta, mas não rude. De negócios.

Recuando, ela sinalizou para que eu entrasse no escritório.

---

<sup>26</sup> **Olho-de-gato** – Efeito óptico de reflexão da luz causado por um conjunto de múltiplas inclusões tubulares/aciculares paralelas (e.g crisoberilo, turmalina, silimanite e opala).

“Posso te servir suco, água?” ela perguntou.

“O que aconteceu com o Dr. Hendrickson?”

“Ele se aposentou mais cedo. Eu estava de olho nesse trabalho por um tempo, então aceitei a oportunidade. Eu freqüentei a Florida State, mas cresci em Portland, e meus pais ainda moram lá. É bom estar perto da família novamente.”

Eu vasculhei o pequeno escritório. Tinha mudado drasticamente desde a última vez que estive aqui, há algumas semanas. As estantes de livro de parede a parede estavam agora cheias de livros de capa dura acadêmicos, mas genéricos, todos encadernados em cores neutras com letras douradas. O Dr. Hendrickson tinha usado as estantes para mostrar fotos da família, mas não havia fotos instantâneas da vida partícipal da Senhorita Greene. A mesma samambaia pendia da janela, mas sob os cuidados do Dr. Hendrickson, ela fora bem mais marrom do que verde. Alguns dias com a Senhorita Greene e já parecia alegre e viva. Havia uma cadeira rosa de paislei exposta à mesa, e diversas caixas de mudança empilhadas no canto distante.

“Sexta foi meu primeiro dia,” ela explicou, vendo meus olhos caindo nas caixas de mudança. “Ainda estou desempacotando. Sente-se.”

Eu abaixei minha mochila pelo meu braço e me sentei na cadeira de paislei. Nada no pequeno cômodo dava pistas sobre a personalidade da Srt. Greene. Ela tinha uma pilha de pastas de arquivos em sua mesa – não organizada, mas não bagunçada, tampouco – e uma caneca branca do que parecia ser chá. Não havia um traço de perfume ou de perfumador de ar. O monitor de seu computador estava desligado.

A Senhorita Greene se agachou atrás de um gabinete de arquivos atrás de sua mesa, enfiou um arquivo de papel manilha claro, e escreveu na aba em letra de imprensa com uma caneta esferográfica preta. Ela o colocou em sua mesa próximo ao meu antigo arquivo, que levava algumas manchas da caneca de café do Dr. Hendrickson.

“Eu passei o final de semana inteiro vendo os arquivos do Dr. Hendrickson,” ela disse. “Entre nós, a caligrafia dele me dá enxaqueca, então estou copiando todos os arquivos. Fiquei surpresa ao descobrir eu ele não usava o computador para digitar suas notas. Quem ainda usa letra cursiva atualmente?”

Ela se assentou de volta em sua cadeira de rotação, cruzou suas pernas, e sorriu educadamente para mim. “Bom. Por que não me conta um pouco sobre a história das suas consultas com o Dr. Hendrickson. Eu mal consegui decifrar suas notas. Parece que vocês dois estavam discutindo como você se sente sobre o novo trabalho da sua mãe.”

“Não é tão novo assim. Ela está trabalhando faz um ano.”

“Ela costumava ser dona de casa, correto? E após a morte do seu pai, ela pegou um trabalho de tempo integral.” Ela espreitou os olhos para uma folha de papel no meu arquivo. “Ela trabalha para uma companhia de leilões, correto? Parece que ela coordena leilões imobiliários por toda a costa.” Ela me espiou por cima do óculos. “Isso deve requerer bastante tempo longe de casa.”

“Nós queríamos ficar na nossa casa da fazenda,” eu disse, meu tom beirando o defensivo. “Não podíamos bancar a hipoteca se ela pegasse um trabalho local.” Eu não tinha exatamente amado minhas sessões com o Dr. Hendrickson, mas eu me encontrei sentindo ressentimento por ele ter se aposentado e me abandonado com a Senhorita Greene. Eu estava começando perceber a dela, e ela parecia atenta a detalhes. Eu a senti se coçando para escavar cada canto obscuro da minha vida.

“Sim, mas você deve ficar bem solitária sozinha na casa da fazenda.”

“Nós temos uma governanta que fica comigo todas as tardes até as nove ou dez da noite.”

“Mas uma governanta não é o mesmo que uma mãe.”

Eu espio a porta. Eu nem tentei ser discreta.

“Você tem uma melhor amiga? Um namorado? Alguém com quem possa falar quando sua governanta não é bem... apropriada para a questão?” Ela afundou um saquinho de chá na caneca, então a levantou para tomar um gole.

Suas sobrancelhas levantaram-se perpendicularmente. “Namorado?”

“Não.”

“Você é uma garota atraente. Eu imagino que deve haver algum interesse do sexo oposto.”

“É o seguinte,” eu disse tão pacientemente quanto possível. “Eu realmente aprecio você estar tentando me ajudar, mas eu tive essa mesma conversa com o Dr. Hendrickson há um ano quando meu pai morreu. Reprocessá-la com você não irá ajudar. É como voltar no tempo e viver tudo de novo. Sim, foi trágico e horrível, e ainda estou lidando com isso todos os dias, mas o que eu realmente preciso é seguir em frente.”

O relógio na parede tiquetaqueou entre nós.

“Bem,” a Senhorita Greene disse por fim, emplastando um sorriso. “É muito prestativo conhecer o seu ponto de vista, Nora. Que era o que eu estava tentando entender o tempo todo. Eu anotarei os seus sentimentos no seu arquivo. Algo mais sobre o que gostaria de falar?”

“Nada.” Eu sorri para confirmar que, realmente, eu estava bem.

Ela folheou mais algumas páginas do meu arquivo. Eu não fazia ideia de que observações o Dr. Hendrickson tinha imortalizado ali, e eu não queria esperar tempo o bastante para descobrir.

Eu levantei minha mochila do chão e movi para a beirada da cadeira. “Eu não quero encurtar as coisas, mas eu preciso estar em um lugar as quatro.”

“Ah?”

Eu não tinha vontade alguma de entrar no assunto do ataque da Vee com a Senhorita Greene. “Pesquisa na biblioteca,” eu menti.

“Para que aula?”

Eu disse a primeira resposta que apareceu na minha mente. “Biologia.”

“Falando em aulas, como as suas estão? Alguma preocupação nesse departamento?”

“Não.”

Ela folheou mais algumas páginas no meu arquivo. “Notas excelentes,” ela observou. “Diz aqui que você está dando aulas particulares para o seu parceiro de biologia, Patch Cipriano.” Ela olhou para cima, aparentemente querendo a minha confirmação.

Eu fiquei surpresa da minha tarefa de dar aulas particulares ser importante o bastante para ir parar no arquivo da psicóloga escolar. “Até então não conseguimos nos encontrar. Horários conflitantes.” Eu dei de ombros, do tipo *O que se pode fazer?*

Ela deu um tapinha em meu arquivo na sua mesa, arrumando todas as folhas soltas de papel em uma pilha arrumada, então inseriu-o no novo arquivo que ela tinha etiquetado a mão. “Para te avisar de antemão, vou falar com o Sr. McConaughy e ajustar alguns parâmetros para as suas sessões de aula particular. Eu gostaria que todos os encontros fossem feitos aqui na escola, sob a supervisão direta de um professor ou membro da escola. Eu não quero você dando aulas particulares para o Patch fora da propriedade da escola. Eu especialmente não quero que vocês dois se encontrem sozinhos.”

Um calafrio andou na ponta dos pés pela minha pele. “Por quê? O que está acontecendo?”

“Não posso discutir isso.”

A única razão que eu conseguia pensar no por que dela não me querer sozinha com o Patch era porque ele era perigoso. *Meu passado pode assustá-la*, ele tinha dito na plataforma de embarque do Arcanjo.

“Obrigada por seu tempo. Não vou te segurar mais.” A Senhorita Greene disse. Ela caminhou até a porta, segurando-a aberta com seu delgado quadril. Ela deu um sorriso de despedida, mas parecia perfunctório.

Após deixar o escritório da Senhorita Greene, eu liguei para o hospital. A cirurgia da Vee tinha acabado, mas ela ainda estava na sala de recuperação e não podia ter visitas até as sete da noite. Eu consultei o relógio no meu celular. Três horas. Eu achei o Fiat no estacionamento dos estudantes e entrei nele, esperando que uma tarde fazendo tarefa de casa na biblioteca mantivesse minha mente longe da longa espera.

Eu fiquei na biblioteca pela tarde toda, e antes que eu percebesse, o relógio na parede tinha passado silenciosamente para a noite. Meu estômago retumbou contra a quietude da biblioteca, e meus pensamentos foram para a máquina de comida bem do lado de dentro da entrada.

A última parte da minha tarefa de casa podia esperar até mais tarde, mas havia ainda um projeto que requeria a ajuda de recursos da biblioteca. Eu tinha um computador IBM vintage em casa com uma conexão de internet discada, e eu tipicamente tentando me poupar de um monte de gritaria e puxação de cabelo usando o computador do laboratório da biblioteca. Eu tinha uma resenha teatral de *Otelo* com prazo para estar na mesa do editor do eZine às nove da noite, e eu fiz um trato comigo mesma, prometendo caçar comida assim que terminasse com ela.

Empacotando meus pertences, eu andei até o elevador. Dentro da caixa eu apertei o botão para fechar as portas, mas não requisitei imediatamente um andar. Eu puxei meu celular e liguei para o hospital novamente.

“Oi,” eu disse à enfermeira que atendeu. “Minha amiga está se recuperando de uma cirurgia, e quando eu chequei mais cedo essa tarde, foi-me dito que ela sairia hoje à noite. Seu nome é Vee Sky.”

Houve uma pausa e o clique de teclas do computador. “Parece que vão levá-la para um quarto particular dentro dessa hora.”

“Que horas o tempo de visita acaba?”

“Oito.”

“Obrigada.” Eu desliguei e pressionei o botão do terceiro andar, mandando-me para cima.

No terceiro andar, eu segui as placas para as coleções, esperando que se lesse diversas resenhas de teatro no jornal local, isso estimularia minha fonte de inspiração.

“Com licença,” eu disse para a bibliotecária atrás da mesa de coleções. “Estou tentando achar cópias do *Portland Press Herald* do ano passado. Particularmente o guia de teatro.”

“Não temos nada tão atual nas coleções,” ela disse, “mas se procurar na internet, eu acredito que o *Portland Press Herald* mantenha arquivos em seu site. Dirija-se direto pelo corredor atrás de você e verá o laboratório de mídia à sua esquerda.”

Dentro do laboratório, eu acessei um computador. Eu estava prestes a mergulhar na minha tarefa, quando uma ideia me atingiu. Eu não conseguia acreditar que não tinha pensado nisso antes. Após confirmar que ninguém estava observando sobre o meu ombro, eu digitei “Patch Cipriano” no Google. Talvez eu encontrasse um artigo que iluminasse seu passado. Ou talvez ele mantivesse um blog.

Eu franzi a testa para os resultados de busca. Nada. Nada de Facebook, nada de MySpace, nada de blog. Era como se ele nem existisse.

“Qual a sua história, Patch?” eu murmurei. “Quem é você – de verdade?”

Meia hora mais tarde, eu tinha lido diversas resenhas e meus olhos estavam vidrados. Eu ampliei minha pesquisa online para todos os jornais de Maine. Um link para o jornal escolar da Kinghorn Prep apareceu. Alguns segundos se passaram antes que eu identificasse o nome familiar. Por um capricho, eu decidi checar. Se a escola era de elite como Elliot clamava ser, provavelmente tinha um jornal respeitável.

Eu cliquei no link, voltei até a página de arquivos, e escolhi randomicamente 10 de fevereiro desse ano. Um instante depois eu tinha uma manchete.

### ***ESTUDANTE QUESTIONADO POR ASSASSINATO NA KINGHORN PREP***

Eu puxei minha cadeira mais para perto, atraída pela ideia de ler algo mais excitante que resenhas teatrais.

*Um estudante de dezesseis anos da Kinghorn Prep, que foi questionado pela polícia no que foi batizado de “O Cingido da Kinghorn” foi liberado sem acusações. Após o corpo de Kjirsten Halverson, de dezoito anos, ter sido encontrado pendurada de uma árvore no bosque do campus da Kinghorn Prep, a polícia questionou Elliot Saunders, do segundo ano, que foi visto com a vítima na noite de sua morte.*

Minha mente foi devagar em processar a informação. Elliot foi investigado como parte de uma investigação de assassinato?

*Halverson trabalhava como garçomete no Blind Joe's. A polícia confirmou que Halverson e Saunders foram vistos andando pelo campus juntos tarde de sábado a noite. O corpo de Halverson foi descoberto na manhã de domingo, e Saunders foi liberado na tarde de domingo após um bilhete de suicídio ter sido descoberto no apartamento de Halverson.*

“Achou alguma coisa interessante?”

Eu pulei ao som da voz de Elliot atrás de mim. Eu girei, encontrando-o reclinado contra a ombreira da porta. Seus olhos estavam estreitados ligeiramente, sua boca ajustada em uma linha. Algo frio fluiu por mim, como um rubor, só que ao contrário.

Eu virei minha cadeira ligeiramente para a direita, tentando me posicionar na frente do monitor do computador. “Eu só – eu só estou terminando a lição de casa. E quanto a você? O que você está fazendo? Eu não te escutei entrar. Há quanto tempo você está parado aí?” Meu tom estava descontrolado.

Elliot se afastou da ombreira da porta e entrou no laboratório. Eu apalpei cegamente atrás de mim o botão de ligar/desligar do monitor.

Eu disse, “Estou tentando acelerar minha inspiração numa resenha de teatro que devo entregar para o meu editor mais tarde hoje à noite.” Eu ainda estava falando rápido demais. *Onde estava o botão?*

Elliot espiou ao meu redor. “Resenhas teatrais?”

Meus dedos apertaram um botão, eu ouvi o monitor ficar preto. “Perdão, o que você disse que estava fazendo aqui?”

“Eu estava andando quando te vi. Algo errado? Você parece... nervosa.”

“Hãh – glicose baixa.” Eu varri meus papéis e livros em uma pilha e joguei-os dentro da minha mochila. “Eu não comi desde o almoço.”

Elliot fisgou uma cadeira próxima e a girou para perto da minha. Ele sentou-se de costas nela e se aproximou, invadindo meu espaço pessoal. “Talvez eu possa ajudar com a resenha.”

Eu me inclinei para longe. “Uau, isso é muita bondade sua, mas eu vou encerrar por hoje. Eu preciso pegar algo para comer. É uma boa hora para dar um tempo.”

“Deixe-me te levar para jantar,” ele disse. “Não tem uma lanchonete bem na esquina?”

“Obrigada, mas minha mãe ficará me esperando. Ela esteve fora da cidade a semana toda e volta hoje à noite.” Eu me levantei e tentei contorná-lo. Ele estendeu seu celular, e ele me acertou no umbigo.

“Liga para ela.”

Eu abaixei meu olhar para o telefone e lutei por uma desculpa. “Não posso sair em noites de semana.”

“Isso se chama mentir, Nora. Diga à ela que sua lição de casa está demorando mais que o esperado. Diga à ela que você precisa de mais uma hora na biblioteca. Ela não vai saber a diferença.”

A voz do Elliot tinha assumido um tom que eu nunca ouvira antes. Seus olhos azuis tinham a energia de uma frieza recém-descoberta, sua boca parecia mais fina.

“Minha mãe não gosta que eu saia com caras que ela não conheceu,” eu disse.

Elliot sorriu, mas não havia calor. “Nós dois sabemos que você não se preocupa muito com as regras da sua mãe, já que sábado a noite você estava comigo no Delphic.”

Eu estava com a minha mochila tombada em um ombro, e eu estava agarrando a alça. Eu não disse nada. Eu passei encostando no Elliot e saí do laboratório apressada, percebendo que se ele ligasse o monitor, ele veria o artigo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer agora.

Na metade do caminho até a mesa das coleções, eu ousei olhar sobre o meu ombro. As paredes de vidro mostravam que o laboratório estava vazio. Elliot não estava em lugar algum. Eu refiz meus passos até o computador, mantendo meus olhos atentos no caso dele reaparecer. Eu liguei o monitor; o artigo de investigação de assassinato ainda estava aberto. Enviando uma cópia para a impressora mais próxima, eu a enfiei dentro do meu encadernador, fiz logoff, e me apressei em sair.

## Capítulo Doze

MEU CELULAR TOCOU NO MEU BOLSO, E, após confirmar que eu não estava sendo olhada de cara feia pela bibliotecária, eu atendi. “Mãe?”

“Boas notícias,” ela disse. “O leilão acabou cedo. Eu entrei na estrada uma hora mais cedo que o planejado e devo chegar logo em casa. Onde você está?”

“Oi! Eu não estava te esperando até mais tarde. Eu estou saindo da biblioteca. Como estava o norte de Nova York?”

“O norte de Nova York estava... comprido.” Ela riu, mas pareceu esgotada. “Mal posso esperar para te ver.”

Eu procurei ao redor por um relógio. Eu queria parar no hospital e ver a Vee antes de me dirigir para casa.

“É o seguinte,” eu disse à minha mãe. “Eu preciso visitar a Vee. Eu talvez me atrase alguns minutos. Eu irei me apressar – eu prometo.”

“É claro.” Eu detectei uma pequenina decepção. “Alguma novidade? Eu recebi sua mensagem essa manhã sobre a cirurgia dela.”

“A cirurgia acabou. Eles vão levá-la para um quarto particular a qualquer minuto agora.”

“Nora.” Eu ouvi a inflamação de emoção em sua voz. “Estou tão feliz por não ter sido você. Eu não poderia viver comigo mesma se algo acontecesse com você. Especialmente depois que o seu pai –” Ela dissipou. “Só estou feliz por ambas estarmos seguras. Diga oi para a Vee por mim. Te vejo logo. Beijinhos e abraços.”

“Te amo, mãe.”

O Centro Médico Regional de Coldwater é uma estrutura de tijolos vermelhos de três andares com um passadiço coberto que leva à entrada principal. Eu passei pelas portas giratórias de vidro e parei na bancada principal para indagar sobre a Vee. Foi-me dito que ela foi deslocada para um quarto a meia hora, e que o horário de visita acabava em quinze minutos. Eu localizei os elevadores e apertei os botões para me mandar para um andar.

No quarto 207, eu empurrei a porta. “Vee?” eu atraí para dentro um buquê de balões atrás de mim, cruzei o pequeno vestíbulo, e encontrei a Vee reclinada na cama, seu braço esquerdo com gesso e erguido sobre seu corpo.

“Oi!” eu disse quando eu vi que ela estava acordada.

Vee expeliu um suspiro luxurioso. “Eu amo remédios. Sério. Eles são demais. Até melhores que um cappuccino Enzo. Ei, isso rimou. Cappuccino Enzo. É um

sinal. Estou destinada a ser uma poetisa. Quer ouvir outro poema? Sou boa de improviso.”

“Hãh –”

Uma enfermeira assobiou e arrumou o intra-venoso da Vee. “Está se sentindo bem?” ela perguntou à Vee.

“Esqueça ser uma poetisa,” Vee disse. “Estou destinada à comédia de stand-up. Toc, toc.”

“O quê?” eu disse.

A enfermeira rolou os olhos. “Quem é?”

“Garra,” disse a Vee.

“Garra quem?”

“Garra sua toalha, nós vamos para a praia.”

“Talvez um pouco menos de analgésicos,” eu disse à enfermeira.

“Tarde demais. Eu acabei de lhe dar outra dose. Espere até vê-la daqui a dez minutos.” Ela saiu pela porta assobiando.

“Então?” eu perguntei a Vee. “Qual o veredicto?”

“O veredicto? Meu médico é um bundão. Lembra muito um Oompa-Loompa. Não me olhe severamente. Da última vez que ele veio, ele começou a cantar Funky Chicken. E ele está sempre comendo chocolate. Na maior parte animais de chocolate. Você sabe os coelhinhos sólidos de chocolate que eles vendem na Páscoa? Foi isso que o Oompa-Loompa comeu de janta. Comeu um pato de chocolate no almoço com Peeps<sup>27</sup> amarelo.”

“Eu quis dizer o veredicto...” eu apontei para a parafernália médica enfeitando-a.

“Ah. Um braço quebrado, uma concussão, e cortes, arranhões, e contusões sortidas. Felizmente, por causa dos meus reflexos rápidos, eu pulei para fora do caminho antes que algum dano maior fosse feito. Quando se trata de reflexos, eu sou como um gato. Eu sou a mulher gato. Eu sou invulnerável. A única razão por ele ter me acertado foi por causa da chuva. Gatos não gostam de água. Nos enfraquece. É a nossa kriptonita.”

“Eu sinto tanto,” eu disse à Vee sinceramente. “Devia ser eu na cama do hospital.”

“E ficar com todos os remédios? Uh-uh. De jeito nenhum.”

“A polícia achou alguma pista?” eu perguntei.

“Nada, necas, zero.”

“Nenhuma testemunha?”

---

<sup>27</sup> Peeps são [marshmallows](#) pequenos no formato de filhotes de frango, coelhos e outros animais.

“Nós estávamos em um cemitério no meio de uma tempestade,” Vee apontou.

“A maioria das pessoas normais estavam dentro de casa.”

Ela estava certa. A maioria das pessoas normais tinha estado dentro de casa. É claro, Vee e eu estávamos fora... junto com a garota misteriosa que seguiu Vee para fora da Victoria's Secret.

“Como aconteceu?” eu perguntei.

“Eu estava andando até o cemitério, como planejamos, quando de repente eu ouço passos chegando perto por trás de mim,” Vee explicou. “Foi quando eu olhei para trás, e foi tudo muito rápido. Houve o relampejo de uma arma, e ele dando o bote em mim. Como eu disse aos policiais, meu cérebro não estava exatamente transmitindo, ‘Consiga uma identificação visual.’ Estava mais para, ‘Santa bizarrice, estou prestes a virar papinha!’ Ele rosnou, me bateu três ou quatro vezes com a arma, agarrou minha bolsa de mão, e correu.”

Eu estava mais confusa do que nunca. “Espera. Foi um cara? Você viu o rosto dele?”

“É claro que era um cara. Ele tinha olhos escuros... olhos de carvão. Mas foi tudo o que eu vi. Ele estava usando uma máscara de esqui.”

Na menção da máscara de esqui, meu coração agitou-se por diversas batidas. Era o mesmo cara que tinha pulado na frente do Neon, eu tinha certeza disso. Eu não tinha imaginado ele – Vee era a prova. Eu me lembrava de como toda a evidência da batida desaparecera. Talvez eu não tivesse imaginado essa parte tampouco. Esse cara, quem quer que fosse, era real. E ele estava por aí. Mas se eu não tinha imaginado o dano no Neon, o que realmente aconteceu naquela noite? A minha visão, ou minha memória, de algum jeito... tinha sido alterada? Após um momento, uma enorme quantidade de perguntas secundárias surgiu em mente. O que ele queria dessa vez? Ele estava conectado à garota do lado de fora da Victoria's Secret? Ele soubera que eu estava fazendo compras no pier? Usar uma máscara de esqui constituía em planejamento avançado, então ele deve ter sabido de antemão onde eu estaria. E ele não queria que eu reconhecesse seu rosto.

“Para quem você disse que iríamos fazer compras?” eu perguntei à Vee de repente.

Ela amassou um travesseiro atrás de seu pescoço, tentando ficar confortável. “Minha mãe.”

“Foi só? Ninguém mais?”

“Eu talvez tenha falado para o Elliot.”

Meu sangue pareceu parar de fluir repentinamente. “Você contou ao Elliot?”

“Qual o problema?”

“Tem algo que eu preciso de contar,” eu disse sobriamente. “Lembra da noite que eu levei o Neon para casa e acertei um veado?”

“Sim?” ela disse, franzindo a testa.

“Não foi um veado. Foi um cara. Um cara com máscara de esqui.”

“Cala a boca,” ela sussurrou. “Você está me dizendo que o ataque não foi aleatório? Você está dizendo que esse cara quer algo de mim? Não, espera. Ele quer algo de você. Eu estava usando a sua jaqueta. Ele achou que eu fosse você.”

Meu corpo todo pareceu chumbo.

Após uma contagem de silêncio, ela disse, “Você tem certeza de que não contou ao Patch sobre as compras? Porque, refletindo mais, eu acho que o cara tinha o complexo do Patch. Mais ou menos alto. Mais ou menos magro. Meio sexy, tirando a parte do ataque.”

“Os olhos do Patch não são da cor do carvão, eles são pretos,” eu apontei, mas eu estava desconfortavelmente ciente de que tinha dito ao Patch que faríamos compras no pier.

Vee levantou um ombro indecisa. “Talvez seus olhos fossem pretos. Eu não consigo me lembrar. Aconteceu realmente rápido. Eu posso ser específica quanto à arma,” ela disse auxiliadoramente. “Estava apontada para mim. Tipo, diretamente para mim.”

Eu empurrei algumas peças confusas pela minha mente. Se Patch tinha atacado a Vee, ele deve tê-la visto deixar a loja com o meu casaco e achou que fosse eu. Quando ele percebeu que estava seguindo a garota errada, ele acertou a Vee com a arma de raiva e desapareceu. O único problema era que eu não conseguia imaginar o Patch sendo bruto com a Vee. Não parecia certo. Além do mais, ele supostamente estava numa festa na costa à noite toda.

“O seu atacante parecia com o Elliot?” eu perguntei.

Eu observei a Vee absorver a pergunta. Qualquer remédio que lhe fora dado parecia diminuir seu processo de pensamento, e eu podia praticamente ouvir cada marcha em seu cérebro entrar em ação.

“Ele era cerca de nove quilos mais leve e dez centímetros mais alto para ser o Elliot.”

“Isso é culpa minha,” eu disse. “Eu nunca deveria ter deixado você sair daquela loja usando o meu casaco.”

“Eu sei que você não quer escutar isso,” disse a Vee, parecendo estar lutando contra um bocejo induzido por remédio. “Mas quanto mais eu penso nisso, mais similaridades eu vejo entre o Patch e o meu atacante. Mesmo complexo. Mesma passada longa. Pena o arquivo escolar dele estar vazio. Nós precisamos de um endereço. Nós precisamos achar uma avózinha crédula vizinha que pode ser persuadida a instalar uma webcam em sua janela e direcioná-la na casa dele. Porque algo no Patch simplesmente não é certo.”

“Você honestamente acha que o Patch poderia ter feito isso com você?” eu perguntei, ainda não convencida.

Vee mastigou seu lábio. “Eu acho que ele está escondendo algo. Algo grande.”

Eu não ia discordar disso.

Vee se afundou mais em sua cama. “Meu corpo está formigando. Eu me sinto bem por toda parte.”

“Nós não temos um endereço,” eu disse. “Mas nós sabemos onde ele trabalha.”

“Você está pensando o que eu estou pensando?” Vee perguntou, os olhos brilhando brevemente através da névoa de sedação química.

“Baseada em experiências passadas, eu espero que não.”

“A verdade é que você nós precisamos reciclar nossa habilidade de investigação,” disse a Vee. “Ou nós a usamos ou a perdemos, foi o que o Treinador disse. Nós precisamos descobrir mais sobre o passado do Patch. Ei, aposto que se a gente documentar, o Treinador até mesmo nos dará pontos extras.”

Altamente duvidoso, já que se a Vee estava envolvida, a investigação mais provavelmente daria uma guinada ilegal. Para não mencionar que esse trabalho particular de investigação não tinha nada a ver com biologia. Nem remotamente.

O leve sorriso que Vee tinha tirado de mim se dissipou. Por mais divertido que fosse ficar despreocupado quanto à situação, eu estava apavorada. O cara com a máscara de esqui estava lá fora, planejando seu próximo ataque. Meio que fazia sentido que o Patch pudesse saber o que estava acontecendo. O cara com a máscara de esqui pulou na frente do Neon no dia em que o Patch se tornou meu parceiro de biologia. Talvez isso não fosse uma coincidência.

Bem então uma enfermeira enfiou sua cabeça dentro da porta. “São oito horas,” ela me disse, batendo em seu relógio. “O horário de visita acabou.”

“Eu já sairei,” eu disse.

Assim que seus passos se dissiparam no corredor, eu fechei a porta do quarto da Vee. Eu queria privacidade antes de contar a ela sobre a investigação de assassinato cercado o Elliot. Contudo, quando eu voltei para a cama da Vee, estava aparente que sua medicação tinha surtido efeito.

“Aqui vem,” ela disse com uma expressão de pura alegria. “Corrente de remédios... a qualquer momento agora... a onda de calor... tchauzinho, Sr. Dor...”

“Vee –”

“Toc, toc.”

“Isso é realmente importante –”

“Toc, toc.”

“É sobre o Elliot –”

“Toc, tooooc,” ela disse numa voz cantante.

Eu suspirei. “Quem é?”

“Bu.”

“Bu quem?”

“Buá, alguém está chorando, e não sou eu!” Ela caiu numa risada histérica.

Percebendo que era inútil forçar o assunto, eu disse, “Me liga amanhã após ser liberada.” Eu abri a minha mochila. “Antes que eu esqueça, eu trouxe a sua lição de casa. Onde quer que eu a coloque?”

Ela apontou para a lata de lixo. “Bem ali estará bom.”

Eu coloquei o Fiat na garagem e guardei as chaves no bolso. No céu faltaram estrelas na viagem para a casa, e como previsto, uma chuva leve começou a cair. Eu puxei a porta da garagem, abaixando-a ao chão e trancando. Eu entrei na cozinha. Uma luz estava acesa em algum lugar do andar de cima, e um instante mais tarde minha mãe veio correndo pelas escadas e jogou seus braços ao meu redor.

Minha mãe tinha cabelos pretos ondulados e olhos verdes. Ela é dois centímetros menor que eu, mas compartilhamos a mesma estrutura dos ossos. Ela sempre cheira a Love, do Ralph Lauren.

“Estou tão feliz por você estar salva,” ela disse, apertando-me forte.

Mais ou menos salva, eu pensei.

## Capítulo Treze

NA NOITE SEGUINTE, ÀS SETE, O ESTACIONAMENTO DO BORDERLINE ESTAVA APINHADO. Após aproximadamente uma hora implorando, Vee e eu havíamos convencido seus pais que nós precisávamos celebrar sua primeira noite fora do hospital com *chiles rellenos*<sup>28</sup> e *virgin strawberry daiquiris*<sup>29</sup>. Afinal, era isso o que estávamos planejando. Mas também tínhamos um outro motivo por trás.

Eu guiei o Neon até uma vaga estreita no estacionamento e desliguei o motor.

“Ew,” disse Vee quando eu a devolvi as chaves e toquei em sua mão. “Acha que poderia suar mais?”

“Eu estou nervosa.”

“Uh, eu não tenho dúvidas.”

Eu olhei descuidadamente para a porta.

“Eu sei o que você está pensando,” Vee disse, pressionando seus lábios. “E a resposta é não. Não, ou seja, *sem chance*.”

“Você não sabe o que eu estou pensando,” eu disse.

Vee lançou um olhar incrédulo para o meu braço. “A merda que eu não sei.”

“Eu não ia fugir,” eu disse. “Eu, não.”

“Mentirosa.”

Terça-feira era a noite de folga de Patch, e Vee havia enfiado na minha cabeça que aquela era a oportunidade perfeita para interrogar seus colegas de trabalho. Eu me imaginei desfilando até o bar, dando ao barman o sorriso exótico de Marcie Millar, e então seguindo para o tópico Patch. Eu precisava do endereço dele. Eu precisava de qualquer informação sobre antecedentes criminais. Eu precisava saber se ele tinha alguma conexão com o cara na máscara de ski, não importa o quanto mínima fosse. E eu precisava descobrir por que o cara na máscara de ski e a garota misteriosa estavam na minha vida.

Eu vasculhei minha bolsa, checando novamente se a lista de interrogação que eu havia preparado ainda estava comigo. Uma parte da lista era preenchida com questões sobre a vida particular do Patch. O outro lado da folha continha alguns truques de flerte. Só no caso de precisar.

---

<sup>28</sup> Chilles rellenos: prato feito com chilis, ovos, pimenta, queijo e leite.

<sup>29</sup> Virgin Strambery Daiquiris: sobremesa de morango com suco de limão e rum.

“Whoa, whoa, whoa,” Vee disse. “O que é *isso*?”

“Nada,” eu disse, escondendo a lista.

Vee tentou pegar a lista, mas eu fui mais rápida e já a tinha no fundo da minha bolsa antes que Vee pudesse alcançá-la.

“Regra número um,” Vee disse. “Não existe essa história de truques de flerte”.

“Toda regra tem sua exceção.”

“E você não é uma!” Ela puxou dois sacos plásticos da lanchonete 7-Eleven do banco de trás e saiu do carro. Assim que eu saí também, ela utilizou seu braço bom para lançar os dois sacos sobre o teto do Neon, na minha direção.

“O que é isso?” eu perguntei, pegando os sacos. Eles estavam atados e eu não podia ver o que tinha dentro, mas o contorno inconfundível de um salto stiletto<sup>30</sup> ameaçou aparecer através do plástico.

“Tamanho 36,” Vee disse. “Pele de tubarão. É mais fácil interpretar um personagem quando se está usando as roupas certas.”

“Eu não consigo andar em saltos altos.”

“Ainda bem que não são altos, então.”

“Parecem altos,” eu disse, examinando o salto do sapato.

“Quase cinco polegadas. Só começa a ser alto a partir das cinco polegadas completas.”

Perfeito. Se eu não quebrasse o pescoço, eu só teria que me humilhar tentando seduzir garçons em troca dos segredos do Patch.

“Olha aqui,” disse Vee quando paramos na calçada em frente às portas de entrada. “Eu meio que convidei algumas pessoas. Quanto mais, melhor, certo?”

“Quem?” eu perguntei, sentindo o terrível pressentimento de algo ruim a caminho na boca do estômago.

“Jules e Elliot.”

Antes de eu ter tido tempo de dizer a Vee o quão ruim eu achava aquela ideia, ela disse, “Momento da verdade: eu meio que andei encontrando o Jules. Escondido.”

“O quê?”

“Você tinha que ver a casa dele. Bruce Wayne não pode competir. Os pais dele ou são traficantes na América do Sul ou são da máfia. Já que eu ainda não os conheci, eu não posso dizer qual das opções.”

Eu não conseguia encontrar palavras. Minha boca abria e fechava, mas nada saía. “Quando aconteceu?”, eu finalmente consegui perguntar.

“Um pouco depois daquela agradável manhã no Enzo’s.”

---

<sup>30</sup> Nota da revisora: <http://isabellavito.com.br/wp-content/uploads/2009/06/stilieto.jpg>

“Agradável? Vee, você não tem ideia –“

“Eu espero que eles tenham chegado antes e reservado uma mesa,” Vee disse, esticando o pescoço enquanto olhava a multidão acumulada ao redor das portas. “Eu não quero esperar. Eu estou seriamente a dois curtos minutos de morrer de fome.”

Eu segurei Vee por seu cotovelo bom, puxando-a para o lado. “Há algo que eu preciso lhe contar –“

“Eu sei, eu sei,” ela disse. “Você acha que há uma pequena chance de Elliot ter me atacado domingo à noite. Bom, eu acho que você confundiu o Elliot com o Patch. E depois que você fizer a sua parte hoje à noite, você vai ver como eu estou certa. acredite, eu quero saber quem me atacou tanto quanto você. Provavelmente até mais. É pessoal agora. E enquanto estamos nessa troca de conselhos, aqui vai o meu. Fique longe do Patch. Só para se manter viva.”

“Fico feliz que esteja tentando me manter viva,” eu disse sobriamente, “mas olha só. Eu achei um artigo –“

As portas do Borderline se abriram. Uma brisa refrescante e quente, carregando o cheiro de limão e cilantro, veio até nós, ainda com o som de uma banda mexicana tocando através dos auto-falantes.

“Bem vindas ao Borderline,” a hostess nos recebeu. “Mesa para duas esta noite?”

Elliot estava de pé atrás dela, dentro do hall esmaecido. Nós nos vimos ao mesmo tempo. Sua boca sorriu, mas seus olhos não.

“Ladies,” ele disse, juntando as mãos enquanto se aproximava. “Maravilhosas, como sempre.”

Minha pele se arrepiou.

“Onde está seu parceiro de crime?” Vee perguntou, entrando no hall. Lanternas de papel pendiam do teto, e um mural de uma cidade mexicana ocupava o espaço de duas paredes. Os bancos de espera estavam lotados. Não havia sinal de Jules.

“Más notícias”, disse Elliot. “O homem está doente. Vocês terão que se contentar apenas comigo.”

“Doente?” Vee demandou. “Como assim, ‘doente’? Que tipo de desculpa é *doente*?”

“O tipo em que a comida sai pelos dois lados”.

Vee torceu o nariz. “Informação demais.”

Eu ainda estava tendo dificuldade tentando digerir a ideia de haver algo acontecendo entre Vee e Jules. Jules pareceu mal humorado, carrancudo, e completamente desinteressado quanto estar à companhia de Vee ou de

qualquer outra pessoa. Nenhuma parte de mim se sentia confortável com a ideia de Vee estar passando tempo com Jules. Não necessariamente por causa do quão desagradável ele era ou o quão pouco eu sabia sobre ele, mas por causa da única coisa que eu tinha certeza: ele era um amigo muito próximo de Elliot.

A hostess tirou três menus do alto de um cubículo encaixado à parede e nos guiou a uma mesa tão próxima à cozinha que eu podia sentir o calor dos fornos através das paredes. À nossa esquerda estava o bar de salsa. À nossa direita portas de vidro úmidas com água condensada mostravam um pátio externo. Minha blusa social já estava grudando nas minhas costas com o suor. Meu suor deve ter aumentado mais provavelmente por causa da notícia da aproximação exagerada de Vee e Jules do que com o aumento de calor, no entanto.

“Está boa?”, a hostess perguntou, indicando a mesa.

“Ótima,” Elliot disse, tirando a jaqueta. “Eu adoro este lugar. Se a sala não manter você aquecido, a comida certamente irá.”

O sorriso da hostess aumentou. “Você já esteve aqui antes. Podemos começar com batatas e a nossa mais nova salsa de jalapeño? É a mais apimentada.”

“Eu gosto das coisas apimentadas,” disse Elliot.

Eu tinha completa certeza de que ele estava insinuando algo mais. Eu tinha sido muito generosa em pensar que ele não era tão humilde quanto Marcie. Eu tinha sido muito generosa quanto ao seu caráter, ponto. Especialmente agora que eu sabia que ele tinha toda uma investigação policial sendo escondida com sei lá quantos outros esqueletos em seu armário.

A hostess fez uma avaliação de olhar rápida sobre ele. “Eu volto logo com as batatas e a salsa. A sua garçonete estará aqui logo, logo para anotar os pedidos.”

Vee sentou-se à mesa primeiro. Eu deslizei ao seu lado, e Elliot pegou o assento em minha frente. Nossos olhos se conectaram, e houve um flash de algo sombrio nos dele. Algo mais ou menos como ressentimento. Talvez até hostilidade. Eu me perguntei se ele sabia que eu tinha visto o artigo.

“Roxo é a sua cor, Nora,” ele disse, assentindo para o meu cachecol enquanto eu o desenrolava do meu pescoço e o amarrava na alça da minha bolsa. “Destaca os seus olhos.”

Vee chutou os meus pés. Ela realmente pensava que aquilo vindo dele era um elogio.

“Então,” eu disse a Elliot com um sorriso falso, “por que você não nos conta mais sobre Kinghorn Prep?”

“É,” Vee entrou na conversa. “Há alguma sociedade secreta lá? Como nos filmes?”

“O que há para contar?”, Elliot disse. “Grande escola. Fim da história.” Ele pegou seu menu e o analisou. “Alguém interessado em um aperitivo? Eu estou.”

“Se é uma escola tão boa, por que você se transferiu?” Eu encontrei seus olhos e os segurei. Fracamente, eu arqueei as sobrancelhas, desafiando-o.

Um músculo na mandíbula de Elliot saltou um pouco antes de ele abrir um sorriso. “As garotas. Eu ouvi dizer que elas eram muito desinteressantes nessas partes. O rumor era verdadeiro.” Ele piscou para mim, e um sentimento frio como gelo desceu da minha cabeça para os meus pés.

“Por que Jules não se transferiu também?” perguntou Vee. “Nós poderíamos ter sido o quarteto fabuloso, só que um pouco melhor. O quarteto *fenomenal*.”

“Os pais de Jules são obcecados pela sua educação. Intensidade nem sequer cobre parte disso. Eu juro pela minha vida, ele está indo direto para o topo. O cara não pode ser parado. Quer dizer, eu confesso, eu sou bom na escola. Melhor que a maioria. Mas ninguém ultrapassa Jules. Ele é um deus acadêmico.”

O olhar sonhador retornou aos olhos de Vee. “Eu nunca conheci os pais dele,” ela disse. “Nas vezes em que eu fui lá, eles estavam sempre fora da cidade ou trabalhando.”

“Eles trabalham muito,” Elliot concordou, voltando seus olhos para o menu, dificultando para mim ler qualquer coisa neles.

“Onde eles trabalham?” Eu perguntei.

Elliot tomou um longo gole da sua água. Pareceu-me que ele estava apenas ganhando tempo enquanto pensava numa resposta. “Diamantes. Eles passam muito tempo na África e na Austrália.”

“Eu não sabia que a Austrália era grande no comércio de diamantes,” eu disse.

“É, nem eu,” disse Vee.

Na verdade, eu tinha muita certeza de que a Austrália não tinha nenhum diamante. Ponto.

“Por que eles estão morando no Maine?”, eu perguntei. “Por que não na África?”

Elliot estudou seu menu com mais intensidade. “O que vocês vão pedir? Eu acho que a *steak fajita*<sup>31</sup> parece boa.”

---

<sup>31</sup> <http://womackfarms.com/zencart/images/beef-fajitas.jpg>

“Se os pais de Jules estão no negócio de diamantes, eu aposto que eles sabem muito sobre escolher o anel de noivado perfeito,” Vee disse. “Eu sempre quis uma esmeralda com corte solitaire<sup>32</sup>.”

Eu chutei Vee sob a mesa. Ela me espetou com o seu garfo.

“Oww!”, eu disse.

Nossa garçonete parou ao lado da mesa em tempo suficiente para perguntar, “Algo para beber?”

Elliot olhou sobre o topo do seu menu, primeiro para mim, depois para Vee.

“Diet Coke,” Vee disse.

“Água com pedaços de limão, por favor,” eu disse.

A garçonete retornou rapidamente com nossas bebidas. Seu retorno foi a minha chance para sair da mesa e iniciar o primeiro passo do plano, e Vee me lembrou com uma segunda espetada de sob-a-mesa.

“Vee,” eu disse entre dentes. “Você gostaria de me acompanhar até o banheiro feminino?” Eu de repente não quis mais continuar com o plano. Eu não queria deixar Vee sozinha com Elliot. O que eu realmente queria era tirá-la dali, contar a ela sobre a investigação de assassinato, e então achar algum jeito de fazer Elliot e Jules desaparecerem das nossas vidas.

“Por que você não vai sozinha?”, disse Vee. “Eu acho que seria um *plano* melhor.” Ela balançou a cabeça na direção do bar e murmurou ‘Vai!’ em linguagem labial, enquanto balançava os pés sob a mesa.

“Eu estava *planejando* ir sozinha, mas eu realmente gostaria que você se juntasse a mim.”

“O que há com as garotas?”, Elliot disse, sorrindo. “Eu juro, eu nunca vou conhecer uma só garota que vá sozinha ao banheiro.” Ele balançou a cabeça e sorriu conspiratoriamente. “Contem-me o segredo. Sério. Eu pago cinco dólares para cada uma.” Ele levou sua mão até o bolso traseiro. “Dez, se eu for junto para ver qual o grande lance lá dentro.”

Vee sorriu. “Pervertido. Não esqueça isso,” ela me disse, entregando-me os sacos da 7-Eleven.

As sobrancelhas de Elliot se arquearam.

“Lixo,” Vee explicou a ele. “A lixeira do lado da minha casa estava cheia. Minha mãe perguntou se eu podia jogar fora quando saísse.”

Elliot não parecia ter acreditado nela, e Vee não parecia se importar. Eu me levantei, meus braços suando loucamente, e engoli minha frustração.

Andando entre as mesas, eu entrei no hall e fui em direção aos banheiros. O hall era decorado no estilo “terra-cotta”, com maracas, sombreiros e bonecos

---

<sup>32</sup> Solitaire: anel com um só diamante.

de madeira. Estava mais quente aqui, e eu limpei a testa com as costas da mão. O plano agora era ir embora o mais rápido possível. Assim que eu estivesse de volta à mesa, eu formularia uma desculpa sobre ter que ir embora, e arrastaria Vee comigo. Com ou sem o consentimento dela.

Depois de espreitar abaixo das três cabines do banheiro feminino e confirmar que eu estava sozinha, eu tranquei a porta do banheiro e despejei todo o conteúdo dos sacos 7-Eleven sobre a pia. Uma peruca dourada plantinum, um sutiã roxo, um top tubinho preto, uma minissaia com lantejoulas, uma meia-calça arrastão rosa, e um par de saltos stiletto de pele de tubarão tamanho 36.

Eu enfiei o sutiã, o top tubinho e as meia-calças dentro dos sacos. Depois de tirar minhas jeans, eu vesti a minissaia. Escondi meu cabelo sob a peruca dourada e apliquei o batom. Eu finalizei tudo com um generoso aplique do gloss labial de alto brilho.

“Você consegue,” eu disse ao meu reflexo, tampando o brilho labial e esfregando os lábios um no outro. “Você consegue dar uma de Marcie Millar. Seduzir homens em troca de segredos. Quão difícil isso pode ser?”

Chutei os meus sapatos para longe, enfiando-os dentro de um saco junto com as jeans, então escondi os sacos sob a pia, escondidos. “Além disso,” eu continuei, “não há nada de errado em sacrificar um pouco de orgulho pela inteligência. E se você quiser olhar isso por um lado mais mórbido, você pode até dizer que se você não conseguir respostas, você pode acabar morta. Porque goste ou não, alguém lá fora quer você morta.”

Eu localizei os saltos de pele de tubarão dentro da minha visão periférica. Eles não eram as coisas mais feias que eu já havia visto, poderiam até ser considerados sensuais. Eu enfiei o pé dentro deles e comecei a treinar, desfilando pelo banheiro várias vezes.

Dois minutos depois eu me sentei em um banco em frente ao bar.

O barman me olhou. “Dezesseis?”, ele chutou. “Dezessete?”

Ele parecia ser uns dez anos mais velho do que eu e tinha um cabelo castanho escuro raspado. Uma argola de prata pendia de sua orelha direita. Camiseta branca e calças Levi’s. Nada mal... mas não muito bom, também.

“Eu não sou uma bebedeira de menor idade,” eu disse alto o bastante para ele me ouvir sobre a música. “Eu estou esperando por um amigo. Eu tenho uma boa visão das portas de entrada daqui.” Eu retirei a lista de perguntas da minha bolsa e disfarçadamente posicionei a folha de papel sob um saleiro de vidro.

“O que é isso?”, o barman perguntou, enxugando suas mãos em uma toalha e apontando com a cabeça para a lista.

Eu empurrei a lista mais para baixo do saleiro. “Nada,” eu disse, toda inocente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

Eu decidi falhar com a verdade. “É uma... lista de compras. Eu tenho que comprar algumas coisas para a minha mãe quando for para casa.” O que aconteceu com o *flerte*? Eu perguntei a mim mesma. *O que aconteceu com Marcie Millar?*

Ele me mandou um olhar de avaliação que eu decidi que não era completamente negativo. “Depois de trabalhar neste negócio por cinco anos, eu me tornei muito boa em localizar mentirosos.”

“Eu não sou uma mentirosa,” eu disse. “Talvez eu estivesse mentindo um segundo atrás, mas foi apenas uma mentira. Uma mentirinha boba não faz de alguém um mentiroso”.

“Você parece uma repórter,” ele disse.

“Eu trabalho para o eZine da minha escola.” Eu queria me chutar. Repórteres não inspiravam confiança nas pessoas. As pessoas normalmente suspeitavam de repórteres. “Mas eu não estou trabalhando hoje à noite,” eu emendei rapidamente. “Estritamente diversão esta noite. Sem trabalho. Sem anotações. Sem nada demais.”

Depois de um momento de silêncio eu decidi que o melhor movimento agora era ir em frente. Eu pigarreei e disse, “O Borderline é um lugar popular para empregar estudantes do colegial?”

“Nós temos muitos estudantes trabalhando em meio período, é. Hostesses e entregadores e tal.”

“Sério?” Eu disse, fingindo surpresa. “Talvez eu conheça alguns deles. Cite alguns.”

O barman virou os olhos para o teto e coçou a barba por fazer em seu queixo. O seu olhar vazio não estava inspirando confiança em mim. Sem mencionar que eu não tinha muito tempo. Elliot podia estar colocando algum tipo de drogas letais na bebida da Vee.

“E que tal Patch Cipriano?” Eu perguntei. “Ele trabalha aqui?”

“Patch? Yeah. Ele trabalha aqui. Em algumas noites, e nos fins de semanas.”

“Ele estava trabalhando no domingo?” Eu tentei não soar muito curiosa. Mas eu precisava saber se era possível Patch ter estado no píer. Ele disse que havia uma festa na costa, mas talvez seus planos haviam mudado. Se alguém verificasse que ele estava trabalhando no domingo à noite, eu poderia descartar seu envolvimento no ataque de Vee.

“Domingo?” Mais coça, coça. “As noites se misturam. Tente alguma hostess. Qualquer uma irá lembrar. Todas elas dão risadinhas e ficam um pouco esquisitas quando ele está por perto.” Ele sorriu como se eu de alguma forma simpatisasse com elas.

Eu disse, “Você não poderia acessar algum histórico de trabalho dele?” Com o seu endereço escrito.

“Isso seria um *não*.”

“Só por curiosidade,” eu disse, “você sabe se é possível ser empregado aqui se tiver um assassinato na ficha?”

“Um assassinato?” Ele fez um barulho que parecia uma risada. “Você está me zoando?”

“Ok, talvez não um assassinato, mas que tal um pequeno delito?”

Ele pousou suas mãos no balcão e se inclinou para mais perto. “Não.” Seu tom havia mudado de humorado para insultado.

“Bom. É muito bom saber.” Eu me repositonei no banco de bar, e senti a pele das minhas coxas escorregarem pelo banco. Eu estava suando. Se a regra número um do flerte era ‘sem listas sobre flerte’, eu tinha completa certeza que a número dois era ‘não sue’.

Eu consultei minha lista.

“Você sabe se o Patch já teve alguma injunção? Ele tem um histórico de crime?” Eu suspeitava que o barman estava sentindo uma vibração ruim por minha parte, e decidi fazer todas as minhas perguntas rapidamente antes que ele me expulsasse do bar – ou pior, me despejasse do restaurante por assédio a informações restritas e comportamento suspeito. “Ele tem uma namorada?” Eu soltei.

“Vá perguntar a ele,” ele disse.

Eu pisquei. “Ele não está trabalhando esta noite.”

Ao sorriso do barman, meu estômago pareceu se revirar.

“Ele não está trabalhando hoje... está?” Eu perguntei, minha voz pulando uma oitava. “Ele deveria estar de folga nas terças!”

“Normalmente, sim. Mas ele está cobrindo por Benji. Benji está no hospital. Ruptura no apêndice.”

“Você quer dizer que o Patch está *aqui? Agora?*” Eu lancei um olhar por sobre meu ombro, passando a mão pela peruca para cobrir meu perfil enquanto escaneava a área de jantar atrás dele.

“Ele foi para a cozinha há alguns minutos.”

Eu já estava me atirando do banco do bar. “Eu acho que deixei o carro ligado. Mas foi bom falar com você!” Eu corri o mais rápido que pude até os banheiros.

Dentro do banheiro feminino eu fechei a porta atrás de mim, respirei profundamente algumas vezes com as minhas costas pressionadas na porta, e então andei até a pia e joguei água gelada no meu rosto. Patch descobriria que eu o havia espionado. Minha performance memorável garantia isso. Por um lado, isso era uma coisa ruim porque, bem, era humilhante. Mas quando eu pensava nisso, eu tinha que admitir o fato de que Patch era bem misterioso. Pessoas misteriosas não gostavam que sua vida pessoal fosse espionada e descoberta. Como ele reagiria quando descobrisse que eu estava o analisando com uma lupa de laboratório?

E agora eu me perguntava por que eu tinha vindo até aqui, afinal, já que bem no fundo eu não acreditava que Patch era o cara com a máscara de ski. Talvez ele guardasse segredos sombrios e perturbadores, mas correr por aí com uma máscara de ski não era um deles.

Eu fechei a torneira, e quando olhei para cima, o rosto de Patch estava refletido no espelho. Eu gritei e me virei.

Ele não estava sorrindo, e não parecia particularmente divertido.

“O que você está fazendo aqui?”, arfei.

“Eu trabalho aqui.”

“Eu quero dizer *aqui*. Não sabe ler? A placa na porta diz –”

“Eu estou começando a pensar que você está me seguindo. Toda vez que eu me viro, aí está você.”

“Eu queria levar a Vee para jantar,” eu expliquei. “Ela está no hospital.” Eu soava na defensiva. Eu tinha certeza que aquilo apenas me fazia parecer mais culpada. “Eu nunca sonhei que iria acabar me esbarrando em você. Hoje tinha que ser a sua noite de folga. E do que você está falando? Toda vez que eu me viro, aí está você.”

Os olhos de Patch eram afiados, intimidadores, extraidores. Eles calculavam cada palavra minha, cada movimento meu.

“Quer explicar o cabelo horrível?”, ele disse.

Eu arranquei a peruca da minha cabeça e a coloquei sobre a pia. “Quer explicar onde você estava? Você faltou os últimos dois dias de aula.”

Eu tinha quase certeza de que Patch não iria revelar por onde ele tinha andado, mas ele disse, “Jogando paintball. O que você estava fazendo no bar?”

“Conversando com o barman. Isso é um crime?” Apoiando uma mão contra o balcão, eu levantei um pé para desafivelar os saltos altos. Eu me inclinei para

o lado, e a lista de interrogação flutuou para fora do meu decote e pousou no chão.

Eu me joguei sobre os joelhos para pegá-la, mas Patch foi mais rápido. Ele segurou a lista acima da cabeça enquanto eu pulava para alcançá-la.

“Devolva-me isso!”, eu disse.

“Patch tem alguma ordem de restrição contra ele?”, ele leu. “Patch é um assassino?”

“Me – devolva – isso!” Eu assobiei furiosamente.

Patch soltou uma risada suave, e eu soube que ele havia passado para a próxima pergunta. “Patch tem uma namorada?”

Ele enfiou a lista em seu bolso traseiro. Eu estava seriamente tentada a pegá-la, ignorando sua localização.

Ele se inclinou sobre o balcão, nivelando nossos olhos. “Se você pretende sair por aí perguntando coisas sobre mim, eu preferiria que você me perguntasse.”

“Essas perguntas” – eu apontei com a cabeça para onde ele havia escondido a lista – “eram uma brincadeira. Vee as escreveu,” eu adicionei em um flash de inspiração. “É tudo culpa dela.”

“Eu conheço a sua caligrafia, Nora.”

“Bem, ok, *ótimo*,” eu comecei, procurando alguma resposta inteligente, mas eu demorei muito e perdi minha chance.

“Sem injunções,” ele disse. “Sem assassinatos.”

Eu levantei meu queixo. “Namorada?” Eu disse a mim mesma que eu não me importava com aquela resposta. Qualquer coisa estava ótimo para mim.

“Não é da sua conta.”

“Você tentou me beijar,” eu o lembrei. “Isso é da minha conta agora.”

A sombra de um pirata sorrindo surgiu em sua boca. Eu tive a impressão que ele estava repassando todo o pequeno detalhe daquele quase-beijo, incluindo meu suspiro-gemido-suspiro.

“Ex-namorada,” ele disse após um momento.

Meu estômago deu um salto quando de repente um pensamento surgiu em minha mente. E se a garota de Delphic e Victoria’s Secret fosse a ex de Patch? E se ela me viu falando com ele na arcada e – enganadamente – achou que havia muito mais coisa no nosso relacionamento? Se ela ainda fosse apaixonada por ele, fazia sentido que ela ficasse com ciúme suficiente para começar a me seguir. Algumas peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar...

E então Patch disse, “Mas ela não está mais por perto.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Ela se foi. E não vai mais voltar.”

“Você quer dizer... que ela está morta?” Eu perguntei.

Patch não negou.

Meu estômago de repente ficou pesado e nauseado. Eu não esperava por isso. Patch teve uma namorada, e agora ela estava morta.

Alguém forçou a porta do banheiro, querendo abri-la. Eu tinha me esquecido que eu tinha trancado. O que me fez me perguntar como Patch conseguiu entrar ali. Ou ele tinha uma chave, ou havia outra explicação. Uma explicação na qual eu provavelmente não iria querer pensar, como passando sob a porta como ar. Como fumaça.

“Eu preciso voltar ao trabalho,” Patch disse. Ele me lançou um olhar de cima a baixo, demorando-se um pouco no meu quadril. “Saia de matar. Pernas perfeitas.”

Antes que eu pudesse formular qualquer pensamento coerente, ele estava passando pela porta.

A mulher esperando para entrar no banheiro me olhou, então olhou para Patch por sobre seus ombros, que estava desaparecendo pelo hall. “Querida,” ela me disse, “ele parece escorregadio como sabão.”

“Boa descrição,” eu murmurei.

Ela passou a mão por seu cabelo prateado curto. “Uma garota poderia escorregar em um sabão daqueles.”

Depois de recolocar as minhas próprias roupas, eu voltei à mesa e escorreguei no banco ao lado de Vee. Elliot checou o seu relógio e arqueou as sobrancelhas para mim.

“Desculpe ter demorado tanto,” eu disse. “Eu perdi alguma coisa?”

“Nada,” disse Vee. “Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa.” Ela chutou o meu joelho, e a pergunta estava implícita. *E então?*

Antes que eu pudesse retornar o chute, Elliot disse, “Você perdeu a garçonete. Eu pedi burritos para você.” Um sorriso assustador surgiu nos cantos da sua boca.

Eu vi minha chance.

“Na verdade, eu não tenho certeza se eu estou a fim de comer.” Eu fiz uma expressão nauseada que não era completamente forçada. “Eu acho que peguei o que Jules tem.”

“Oh, cara,” Vee disse. “Você está bem?”

Eu balancei a cabeça.

“Eu vou procurar a nossa garçonete e pedir para embalar para a viagem,” Vee sugeriu, caçando as chaves do carro na bolsa.

“E quanto a mim?”, disse Elliot, parecendo apenas um pouco brincalhão.

“Fica pra próxima?”

Bingo, eu pensei.

## Capítulo Quatorze

Eu voltei para a casa da fazenda pouco antes das oito. Eu virei a chave na tranca, segurei a maçaneta e bati meu quadril contra a porta. Eu tinha ligado para minha mãe poucas horas antes do jantar; ela estava no escritório, terminando algumas coisas, sem ter certeza se estaria em casa e eu esperava encontrar a casa quieta, escura e fria.

Na terceira batida, a porta cedeu e eu arremessei minha bolsa na escuridão em seguida lutei com a chave que ainda estava atolada na fechadura. Desde a noite que o Patch veio, a fechadura desenvolveu uma disposição gananciosa. Eu me perguntei se Dorothea tinha notado hoje cedo.

“Me-dê-a-porcaria-da-chave,” eu disse, mexendo para que ela se soltasse.

O relógio do vovô no hall badalou a hora, e oito *dongs* altos reverberaram no silêncio. Eu estava andando na sala para acender o fogão a lenha quando ouvi um farfalhar de tecido e um rangido baixo do outro lado da sala.

Eu berrei.

“Nora!” minha mãe disse, jogando longe o cobertor e sentando-se apressadamente no sofá. “Qual é o problema do mundo?”

Eu tinha colocado uma mão em cima do meu coração e a outra espalmada na parede para me segurar. “Você me assustou!”

“Eu caí no sono. Eu tivesse ouvido você entrar eu teria falado alguma coisa.”

Ela tirou o cabelo do rosto e piscou como uma coruja. “Que horas são?”

Eu me joguei na poltrona mais próxima e tentei recuperar as batidas normais do meu coração. Minha imaginação tinha conjurado um par de olhos atrás de uma máscara de esquí. Agora eu tinha certeza que ele não era uma invenção da minha imaginação, eu tinha um desejo irresistível de contar tudo para minha mãe, desde que ele tinha pulado no Neon até seu papel como atacante da Vee. Ele estava me perseguindo e era violento. Nós temos que trocar as fechaduras das portas. E parece lógico que a polícia se envolva. Eu me sentiria muito mais segura com um policial estacionado na guia.

“Eu ia esperar para tocar no assunto,” mamãe disse, interrompendo meus pensamentos, “mas eu não tenho certeza se o momento perfeito vai aparecer.”

Eu fiz uma careta. “O que está acontecendo?”

Ela deu um longo suspiro. “Estou pensando em por a casa da fazenda à venda.”

“O que? Por quê?”

“Eu estou lutando há um ano e não estou conseguindo o quanto eu esperava. Eu considerei ter um segundo emprego, mas honestamente, não acho que tenha horas suficientes no dia.” Ela riu sem nenhum traço de humor. “Os salários da Dorothea são modestos, mas é um dinheiro extra que não temos. A única coisa que posso pensar é nos mudar para uma casa menor. Ou um apartamento.”

“Mas esta é a nossa casa.” Todas as minhas memórias estão aqui. As memórias do meu pai estão aqui. Eu não podia acreditar que ela não se sentisse do mesmo jeito. Eu faria tudo que pudesse para ficar.

“Vou dar mais três meses,” ela disse. “Mas não quero que tenha muitas esperanças.”

Certo, então eu sabia que não podia dizer para mamãe sobre o cara com a máscara de esqui. Ela se demitiria do trabalho amanhã. Ela pegaria um emprego local e não haveria absolutamente nenhuma escolha a não ser vender a casa da fazenda.

“Vamos falar sobre algo mais brilhante,” mamãe disse, colocando um sorriso em seu rosto. “Como foi o jantar?”

“Bom,” eu disse melancolicamente.

“E a Vee? Como está a recuperação dela?”

“Ela poderá voltar para a escola amanhã.”

Mamãe sorriu ironicamente. “Ela ter quebrado o braço esquerdo foi uma coisa boa. Se não ela não conseguiria tomar notas nas aulas e eu posso imaginar o quão desapontador isso seria para ela.”

“Há, há,” eu disse. “Eu vou fazer chocolate quente.” Eu fiquei em pé e apontei por sobre meu ombro para a cozinha. “Você quer?”

“Na verdade isso soa perfeito. Eu vou acender o fogo.”

Depois de uma rápida passada pela cozinha para pegar as xícaras, leite e a caixa de chocolate em pó, eu voltei e descobri que mamãe tinha colocado uma chaleira com água no fogão a lenha. Eu me empoeirei no braço do sofá e passei a xícara para ela.

“Como você soube que estava apaixonada pelo Papai?” Eu perguntei, fazendo um esforço para parecer casual. Havia sempre a possibilidade de que falar sobre Papai traria rios de lágrimas, algo que eu esperava evitar.

Mamãe sentou no sofá e ergueu seus pés e os colocou na mesinha de centro. “Eu não sabia. Não até estarmos casados por um ano.”

Não era a resposta que eu esperava. “Então... por que você casou com ele?”

“Porque eu achava que estava apaixonada. E quando você acha que está apaixonada, você fica disposta a aguentar e trabalhar para que se transforme em amor.”

“Você ficou apavorada?”

“Por causa do casamento?” Ela riu. “Essa foi a parte divertida. Comprar o vestido de noiva, reservar a capela, usar um solitário de diamante.”

Eu imaginei o sorriso malicioso do Patch. “Alguma vez você ficou com medo do Papai?”

“Sempre que o New England Patriots perdia.”

Sempre que o New England Patriots perdia, meu pai ia para a garagem e acelerava sua motosserra. Dois outonos atrás ele arrastou sua motosserra para a floresta atrás da nossa propriedade, derrubou dez árvores e as transformou em lenha. Nós ainda temos mais da metade da pilha para queimar.

Mamãe afagou o sofá ao seu lado e eu me enrolei nela, descansando minha cabeça no seu ombro. “Sinto falta dele,” eu disse.

“Eu também.”

“Tenho medo de me esquecer como ele se parecia. Não nas fotos, mas andando por aí nos sábados pela manhã suando fazendo ovos mexidos.”

Mamãe enlaçou seu dedo no meu. “Você é muito parecida com ele, desde criança.”

“Sério?” eu me sentei reta. “De que maneira?”

“Ele era um bom aluno, muito inteligente. Ele não era chamativo ou comunicativo, mas as pessoas o respeitavam.”

“O Papai era... misterioso?”

Mamãe pareceu procurar em sua mente. “Pessoas misteriosas tem muitos segredos. Seu pai era um livro aberto.”

“Ele já foi rebelde?”

Ela deu uma gargalhada alta e curta. “Você o vê dessa forma? Herrison Grey, a pessoa mais ética do mundo... Rebelde?” Ela deu uma engasgada teatral. “Deus me perdoe! Por um tempo ele teve cabelo comprido. Era ondulado e loiro – igual ao de surfista. Claro, que seus óculos com aro de tartaruga mataram o visual. Então... Eu deveria perguntar o que nos trouxe a esse assunto?”

Eu não tinha ideia de como explicar para minha mãe meus sentimentos conflitantes em relação ao Patch. Eu não tinha ideia de como explicar Patch, ponto. Provavelmente minha mãe estava esperando uma descrição que incluía o nome dos pais, seu boletim, quais esportes ele praticava e em quais faculdades ele pretendia se inscrever. Eu não queria alarmá-la dizendo que eu

apostava meu cofrinho que o Patch tinha uma ficha criminal. “Tem um cara,” eu disse, incapaz de não sorrir ao pensar no Patch. “Estamos saindo ultimamente. Sobretudo coisas de escola.”

“Ooh, um cara,” ela disse misteriosamente. “Bem? Ele está no clube do xadrez? Conselho estudantil? Time de tênis?”

“Ele gosta de pool<sup>33</sup>,” eu disse otimista.

“Um nadador! Ele é bonito como o Michael Phelps? Claro, eu sempre preferi Ryan Lochte quando o assunto é aparência.”

Eu pensei em corrigir minha mãe. Pensando bem, provavelmente era melhor não esclarecer. Pool, nataçã... É próximo certo?

O telefone tocou e mamãe se esticou no sofá para atender. Dez segundos de ligação e ela se jogou no sofá e bateu com a mão na testa. “Não, não é problema. A primeira coisa que farei amanhã pela manhã é correr até lá, pegar e levar.”

“Hugo?” Eu perguntei depois que ela desligou. Hugo era o chefe da minha mãe e dizer que ele ligava *toda hora* era falar o mínimo. Uma vez ele ligou para ela ir ao trabalho porque ele não sabia mexer na máquina de tirar cópias.

“Ele deixou alguns papéis inacabados no escritório e precisa que eu vá lá. Tenho que fazer cópias, mas não devo demorar mais que uma hora. Você já terminou seu dever de casa?”

“Ainda não.”

“Então posso dizer para mim mesma que não teríamos passado um tempo juntas mesmo que eu estivesse aqui.” Ela suspirou e ficou em pé. “Vejo você em uma hora?”

“Diga ao Hugo que ele deveria te pagar mais.”

Ela riu. “*Muito* mais.”

Assim que tive a casa só para mim, eu tirei a louça do café da manhã da mesa da cozinha para dar espaço para meus livros escolares. Inglês, história do mundo, biologia. Armada com meu lápis número dois novinho, eu abri o primeiro livro e fui ao trabalho.

Quinze minutos depois minha mente se rebelou, recusando-se a digerir outro parágrafo do sistema feudal europeu. Eu me perguntei o que o Patch estaria fazendo depois do trabalho. Dever de casa? Difícil de acreditar. Comendo pizza e assistindo basquete na TV? Talvez, mas não parecia a cara

---

<sup>33</sup> Em inglês a palavra pool pode significar piscina e mesa de bilhar. Aqui ela quis dizer mesa de bilhar, mas sua mãe achou que ela estava falando de piscina.

dele. Fazendo apostas e jogando bilhar no Bo's Arcade? Isso parecia um bom palpite.

Eu tinha um desejo inexplicável de dirigir até o Bo's e defender meu comportamento de mais cedo, mas esse pensamento foi rapidamente colocado em perspectiva pelo simples fato de eu não ter tempo. Minha mãe estará em casa em um tempo menor do que eu levaria para fazer meia viagem até lá. Isso sem mencionar que Patch não era o tipo de cara que você poderia simplesmente sair caçando. No passado, nossos encontros tinha sido de acordo com a agenda dele, não a minha. Sempre.

Eu subi as escadas para me trocar e colocar alguma coisa mais confortável. Eu empurrei a porta do meu quarto e dei três passos antes de parar. As gavetas da minha cômoda foram arrancadas, roupas espalhadas pelo chão. A cama estava destroçada. As portas do guarda roupa estavam abertas, penduradas tortas pelas dobradiças. Livros e porta retratos espalhados pelo chão.

Eu vi o reflexo de um movimento na janela do outro lado do cômodo e me virei. Ele estava em pé, encostado na parede atrás de mim, vestido dos pés a cabeça de preto e usando a máscara de esqui. Meu cérebro estava em um turbilhão enevoado, começando a transmitir corra! para as minhas pernas, quando ele foi para a janela, escancarou-a e agilmente pulou para fora.

Eu descii três degraus de cada vez, atirei-me ao redor do corrimão, voei do corredor para a cozinha e liguei 911.

Quinze minutos depois um carro da polícia esbarrou na calçada. Tremendo, eu destranquei a porta e deixei os dois policiais entrarem. O primeiro policial a entrar era baixo, cintura grossa e com o cabelo parcialmente preto e cinza. O outro era alto, magro com os cabelos quase tão escuros quanto os do Patch, mas aparado em cima da orelha. De um jeito estranho ele vagamente se assemelhava ao Patch. Compleição mediterrânea, face simétrica, olhos puxados.

Eles se apresentaram; o policial de cabelo escuro era o Detetive Basso. Seu parceiro era o Detetive Holstijic.

“Você é a Nora Grey?” O Detetive Holstijic perguntou.

Eu confirmei com um aceno de cabeça.

“Seus pais estão em casa?”

“Minha mãe saiu alguns minutos antes de eu ligar para o 911.”

“Então você está em casa sozinha?”

Outro aceno de cabeça.

“Por que você não nos conta o que aconteceu?” ele perguntou, cruzando seus braços e aumentando sua base de sustentação, enquanto o Detetive Basso dava alguns passos pela casa dando uma olhada ao redor.

“Eu cheguei as oito e fiz um pouco de dever de casa,” eu disse. “Quando eu subi para meu quarto, eu o vi. Estava tudo bagunçado. Ele detonou meu quarto.”

“Você o reconheceu?”

“Ele estava usando uma máscara de esqui. E as luzes estavam apagadas.”

“Alguma marca distinta? Tatuagens?”

“Não.”

“Altura? Peso?”

Eu procurei, com relutância, na minha memória de curto prazo. Eu não queria reviver o momento, mas era importante que eu lembrasse qualquer pista. “Peso médio, mas um pouquinho alto. Quase do mesmo tamanho do Detetive Basso.”

“Ele disse alguma coisa?”

Eu chacoalhei a cabeça.

O Detetive Basso reapareceu e disse, “Tudo limpo,” para seu parceiro. Então ele subiu para o segundo andar. O assoalho rangia com o sobrepeso conforme ele passava pelo corredor, abrindo e fechando as portas.

O Detetive Holstijic abaixou para examinar a fechadura da porta da sala. “A porta estava destrancada ou estragada quando você chegou em casa?”

“Não. Eu usei minha chave para entrar. Minha mãe estava dormindo na sala.”

O Detetive Basso apareceu no alto da escada.

“Você pode nos mostrar o que está estragado?” ele me perguntou.

Eu e o Detetive Holstijic subimos as escadas juntos e eu indiquei o caminho pelo corredor para onde o Detetive Basso estava em pé bem na porta do meu quarto com suas mãos em seus quadris, inspecionando meu quarto.

Eu fiquei completamente parada, um formigamento de medo rastejou por mim. Minha cama estava feita. Meus pijamas estavam em cima do meu travesseiro, bem do jeitinho que eu os tinha deixado hoje de manhã. As gavetas da minha cômoda estavam fechadas, com os porta-retratos arrumados em cima. O baú que fica no pé da minha cama estava fechado. O chão estava limpo. As cortinas penduradas na janela, painéis lisos, um de cada lado da janela fechada.

“Você disse que viu o intruso,” o Detetive Basso disse. Ele estava olhando para mim com o olhar duro que não perdia nada. Olhos que eram especialistas em filtrar mentira.

Eu dei um passo para dentro do quarto, mas faltava o toque familiar de conforto e segurança. Havia uma nota de violação e ameaça. Eu apontei para a

janela do outro lado do quarto, tentando manter minha mão firme. “Quando eu entrei, ele pulou pela janela.”

O Detetive Basso olhou para fora da janela. “Uma longa jornada até o chão,” ele observou. Ele tentou abrir a janela. “Você a trancou depois que ele pulou?”

“Não, eu corri para o andar de baixo e liguei para o 911.”

“Alguém trancou.” O Detetive Basso ainda estava me olhando com olhos cortantes, sua boca era uma linha fina.

“Não tenho certeza se alguém seria capaz de escapar depois de um pulo desses,” o Detetive Holstijic disse, juntando-se ao seu parceiro perto da janela. “Teria sorte se escapasse com uma perna quebrada.”

“Talvez ele não tenha pulado, talvez ele tenha descido pela árvore,” eu disse.

O Detetive Basso virou sua cabeça ao redor. “Bem? Esta? Ele escalou ou pulou? Ele poderia ter te empurrado ao passar por você e sair pela porta da frente. Esta seria a opção lógica. É isso que eu teria feito. Eu vou perguntar mais uma vez. Pense com muito cuidado. Você realmente viu alguém no seu quarto esta noite?”

Ele não acreditava em mim. Ele achava que eu tinha inventado. Por um momento eu fiquei tentada a pensar a mesma coisa. O que há de errado comigo? Por que a minha realidade estava torcida? Por que a realidade nunca batia? Para minha própria sanidade eu disse a mim mesma que não era eu. Era *ele*. O cara com a máscara de esqui. Ele estava fazendo isso. Eu não sabia como, mas a culpa era dele. O Detetive Holstijic quebrou o silêncio tenso dizendo, “Quando seus pais chegam em casa?”

“Eu moro com minha mãe. Ela teve que dar uma passadinha no escritório.”

“Nós precisamos te perguntar mais algumas coisas,” ele continuou. Ele apontou para eu sentar na minha cama, mas eu balancei a cabeça entorpecida. “Recentemente você terminou com um namorado?”

“Não.”

“E drogas? Você tem um problema com drogas, agora ou no passado?”

“Não.”

“Você mencionou que vive com sua mãe. E seu pai? Onde ele está?”

“Isso foi um engano,” eu disse. “Sinto muito. Eu não deveria ter ligado.”

Os dois detetives trocaram olhares. O Detetive Holstijic fechou os olhos e massageou os cantos internos. O Detetive Basso parecia que já tinha perdido tempo demais e estava pronto para ir embora.

“Nós temos coisas para fazer,” ele disse. “Você vai ficar bem sozinha aqui até sua mãe voltar?”

Eu mal o ouvi; eu não conseguia tirar os olhos da janela. Como ele tinha feito isso? Quinze minutos. Ele teve *quinze* minutos para dar um jeito de voltar para dentro e colocar o quarto em ordem antes da polícia chegar. E comigo no andar de baixo o tempo todo. Ao perceber que estive sozinha com ele na casa, eu estremei.

O Detetive Holstijic estendeu seu cartão de trabalho. “Sua mãe poderia nos telefonar quando ela chegar?”

“Nos vemos por aí,” o Detetive Basso disse. Ele já estava no meio do corredor.

## Capítulo Quinze

“VOCÊ ACHA QUE ELLIOT MATOU ALGUÉM?”

“Shhhh!,” eu alertei Vee, olhando pelas mesas de laboratório para assegurar que ninguém estava entreouvindo.

“Sem ofensa, querida, mas isso está começando a ficar ridículo. Primeiro ele me atacou. Agora ele é um assassino. Foi mal, mas *Elliot*? Um assassino? Ele é, tipo, o cara mais simpático que eu já conheci. Quando foi a última vez que ele esqueceu de segurar a porta para você passar? Ah, sim, é verdade... *nunca*.”

Vee e eu estávamos na aula de biologia, e Vee estava de cabeça baixa em uma mesa. Nós tínhamos que analisar a pressão sanguínea do pulso do nosso parceiro, e Vee supostamente deveria estar descansando silenciosamente por cinco minutos. Normalmente eu estaria trabalhando com Patch, mas o Treinador havia nos dado um dia livre, o que significava que estávamos livres para escolher nossos próprios parceiros. Vee e eu estávamos no fundo da sala; Patch estava trabalhando com um garoto chamado Thomar Rookery na frente da sala.

“Ele foi interrogado como suspeito em uma investigação criminal,” eu sussurrei, sentindo os olhos do Treinador pairarem em cima de nós. Eu fiz algumas notas no meu caderno de biologia. *O objeto está calmo e relaxado. O objeto já parou de falar há cerca de três minutos e meio.* “A polícia obviamente pensou que ele tinha motivos.”

“Você tem certeza que é o mesmo Elliot?”

“Quantos Elliot Saunderer's você acha que estudavam no Kinghorn em fevereiro?”

Vee passou seus dedos pelo estômago. “É que é realmente muito, muito difícil de acreditar. E aliás, e daí se ele foi interrogado? O importante é que ele foi absolvido. Eles não o declararam culpado.”

“Porque a polícia achou uma carta de suicídio no apartamento da Halverson.”

“E que é mesmo a Halverson?”

“Kjirsten Halverson,” eu disse impacientemente. “A garota que supostamente se enforcou.”

“Talvez ela tenha mesmo se enforcado. Quero dizer, e se um dia ela disse, 'Hey, a vida é uma droga', e pulou de uma árvore com uma corda no pescoço? Isso acontece.”

“Você não acha uma coincidência muito grande o apartamento dela ter mostrado evidências de arrombamento quando a carta foi encontrada?”

“Ela morava em Portland. Arrombamentos acontecem.”

“Eu acho que alguém a colocou lá. Alguém que queria Elliot longe de suspeitas.”

“Quem iria querer Elliot longe de suspeitas?”, Vee perguntou.

Eu dei a ela o meu melhor olhar *duh*.

Vee se sentou reta com a ajuda de seu cotovelo bom. “Então você está dizendo que Elliot levou Kjirsten até uma árvore, amarrou uma corda em seu pescoço, jogou ela lá de cima, depois invadiu o apartamento dela e colocou uma carta falsa de suicídio que provava que ela mesma tinha se matado.”

“Por que não?”

Vee retornou o olhar *duh*. “Porque os policiais já analisaram tudo. Se eles dizem que foi um suicídio, eu acredito.”

“E que tal isso,” eu disse. “Algumas semanas depois de Elliot ser absolvido, ele se transferiu de escola. Por que alguém iria sair de Kinghorn Prep para estudar no CHS?”

“Você tem um ponto aí.”

“Acho que ele está tentando escapar do passado. Acho que ficou muito desconfortável estudar no mesmo campus onde ele matou Kjirsten. Ele está com a consciência pesada.” Eu encostei meu lápis nos lábios. “Eu preciso ir ao Kinghorn Prep e fazer algumas perguntas. Ela morreu há apenas dois meses; todo mundo ainda deve estar fofocando sobre isso.”

“Eu não sei, Nora. Eu estou sentindo vibrações ruins quanto a iniciar uma operação de espionagem no Kinghorn. Quero dizer, você vai perguntar sobre Elliot, especificamente? E se ele descobrir? O que ele vai pensar?”

Eu a olhei. “Ele só tem algo com o que se preocupar se ele for realmente culpado.”

“E depois ele vai matar você para silenciá-la.” Vee deu um sorriso igual ao do gato Cheshire<sup>34</sup>. Eu não. “Eu quero descobrir quem me atacou tanto quanto você,” ela continuou com uma nota mais séria na voz, “mas eu juro pela minha vida que não foi o Elliot. Eu repassei essa cena na memória, tipo, umas cem vezes. Não combina. Nem chega perto. Confie em mim.”

“Ok, talvez Elliot não atacou você,” eu disse, tentando satisfazer Vee, mas não querendo limpar o nome de Elliot. “Ele ainda tem muitas coisas contra ele. A) ele estava envolvido em uma investigação de assassinato, B) ele é quase simpático *demais* – é assustador – e C) ele é amigo de Jules.”

---

<sup>34</sup> Cheshire cat é o gato de “Alice no país das maravilhas”.

Vee franziu o cenho. “Jules? O que há de errado com Jules?”

“Você não acha estranho que toda vez que estamos com eles, Jules vai embora?”

“O que você quer dizer com isso?”

“Na noite em que fomos para Delphic, Jules foi embora quase que imediatamente para usar o banheiro. Ele alguma hora voltou? Depois que eu fui comprar o algodão doce, Elliot o encontrou?”

“Não, mas eu aposto em problemas intestinais.”

“Então, ontem à noite, ele misteriosamente ficou doente.” Eu esfreguei a borracha da ponta do meu lápis no nariz, pensando. “Ele parece ficar doente *frequentemente*.”

“Eu acho que você está exagerando. Talvez... talvez ele tenha SIF.”

“SIF?”

“A Síndrome do Intestino Frágil.”

Eu descartei a sugestão de Vee para vasculhar a minha mente à procura de uma resposta aceitável. Kinghorn Prep ficava a uma hora de distância de carro. Se a escola era tão rigorosa como Elliot dissera que era, como Jules conseguia tempo para vir a Coldwater visitá-lo? Eu o via toda as manhãs antes da escola no Enzo's Bistro com Elliot. Ainda mais, ele sempre dá uma carona a Elliot depois da escola. Era quase como se Elliot tivesse Jules na palma da mão.

Mas isso não era tudo. Eu esfreguei a borracha com mais força na ponta do nariz. O que eu estava deixando passar?

“Por que Elliot mataria Kjirsten?” Eu me perguntei em voz alta. “Talvez ela o tenha visto fazendo algo ilegal, e ele a matou para silenciá-la.”

Vee soltou um suspiro. “Isso está começando a ir à terra do Isso Absolutamente Não Faz Sentindo Algum.”

“Há algo mais. Algo que nós não estamos vendo.”

Vee me olhou como se a minha lógica estivesse passando as férias em outro planeta. “Pessoalmente, eu acho que você está vendo até demais. Isso está começando a se parecer com uma caça às bruxas.”

E então de repente eu soube o que eu estava deixando passar. Isso estava me incomodando o dia todo, chamando do fundo da minha mente, mas eu estava muito concentrada em todo o resto para prestar atenção. O Detetive Basso havia me perguntando se havia algo faltando. E só agora eu notei que havia, sim, algo faltando. Eu deixei o artigo sobre Elliot no topo da minha penteadeira ontem à noite. Mas esta manhã – eu consultei minha memória para ter certeza –, o artigo tinha sumido. Simplesmente sumido.

“Aimeudeus,” eu disse. “Elliot invadiu a minha casa ontem à noite. Foi ele! Ele roubou o artigo.” Desde que o artigo estava em primeiro plano, era óbvio que Elliot havia revirado o meu quarto de cabeça para baixo para me aterrorizar – possivelmente como punição por eu ter encontrado o artigo, em primeiro lugar.

“Espera, o *quê?*”, Vee disse.

“O que foi?”, perguntou o Treinador, parando ao meu lado.

“É, o que foi?” Vee ecoou. Ela apontou e riu de mim por trás das costas do Treinador.

“Hm – o objeto não aparenta ter pulsação,” eu disse, dando um beliscão forte no pulso de Vee.

Enquanto o Treinador verificava o pulso de Vee, ela fingiu estar desmaiando e se abanou. O Treinador capturou os meus olhos com os dele, olhando-me sobre os óculos. “Bem aqui, Nora. Batendo alto e forte. Tem certeza que o objeto não fez nenhum movimento, incluindo falar, durante os cinco minutos inteiros? O pulso não está tão lento quanto eu teria esperado.”

“O objeto não concorda com a parte do não-falar,” Vee se intrometeu. “E o objeto não consegue descansar sobre uma mesa tão dura. O objeto gostaria de propor uma troca de lugares para Nora ser o novo objeto.”

Vee usou sua mão direita para me afastar e se sentar no meu lugar.

“Não me faça mudar de ideia quanto a deixar vocês escolherem seus próprios parceiros,” o Treinador nos disse.

“Não me faça mudar de ideia quanto a vir à escola,” disse Vee docemente.

O Treinador lançou a ela um olhar de advertência, e então pegou meu caderno de anotações, seus olhos correndo pela página completamente branca.

“O objeto compara laboratórios de biologia com overdose de sedativos,” Vee disse.

O Treinador deu um assobio alto, e todos os olhos na classe se viraram para nós.

“Patch?”, ele disse. “Importa-se em vir aqui? Parece que nós estamos tendo um problema com parceiros de laboratório.”

“Eu estava só *brincando*,” Vee disse rapidamente. “Aqui – eu faço a experiência.”

“Você deveria ter pensado nisso quinze minutos atrás,” o Treinador disse.

“Por favor, me perdoe?”, ela pediu, batendo os cílios de forma angelical.

O Treinador colocou o caderno dela debaixo de seu braço bom. “Não.”

*Desculpe!*, Vee fez com os lábios por sobre o ombro enquanto andava relutantemente para a frente da sala.

Um momento depois Patch sentou-se na mesa ao meu lado. Ele juntou as mãos preguiçosamente entre os joelhos e manteve um olhar firme sobre mim.

“O quê?”, eu disse, sentindo-me nervosa sob o peso de seu olhar.

Ele sorriu. “Eu estava me lembrando dos saltos de tubarão. Ontem à noite.”

Eu senti o usual peso no estômago que Patch sempre me fazia sentir, e como sempre, não consegui distinguir se era uma coisa boa ou ruim.

“Como foi a sua noite?”, eu perguntei, minha voz cuidadosamente neutra enquanto eu tentava quebrar o gelo. Minhas aventuras de espionagem ainda jaziam inconfortavelmente entre nós.

“Interessante. A sua?”

“Não muito.”

“O dever de casa foi brutal, hein?”

Ele estava gozando de mim. “Eu não *fiz* o dever de casa.”

Ele tinha o sorriso de uma raposa. “Quem você fez?<sup>35</sup>”

Eu fiquei sem fala por um momento. Eu fiquei ali com minha boca entreaberta. “Isso foi alguma insinuação?”

“Só curioso com qual é a minha competição.”

“Cresça.”

O seu sorriso se alargou. “Relaxe.”

“Eu já estou andando em gelo fino com o Treinador, então me faça um favor e vamos nos concentrar na experiência. Eu não estou no humor de brincar, então, se você não se importa...”, eu lancei um olhar severo para a mesa.

“Não posso,” ele disse. “Eu não tenho coração.”

Eu disse a mim mesma que ele não estava sendo literal.

Eu me relaxei na cadeira e pousei minhas mãos sobre o estômago. “Avise-me quando os cinco minutos tiverem se passado.” Eu fechei os olhos, preferindo não ter que olhar os olhos de Patch me observando.

Alguns minutos depois eu abri uma fresta do meu olho.

“Acabou o tempo,” disse Patch.

Eu levantei meu pulso para que ele tirasse a pulsação. Patch pegou minha mão, e uma onda de calor subiu pelo meu braço e terminou com um aperto no estômago.

“O pulso do objeto aumentou com o contato,” ele disse.

“Não escreva isso.” Eu deveria soar indignada. Na verdade, soou como se eu estivesse lutando com um sorriso.

---

<sup>35</sup> Nesse caso, o Patch quis insinuar que Nora se agarrou com alguém ou coisas assim hihi

“O Treinador quer que sejamos honestos.”

“O que você quer?”, eu perguntei.

Os olhos de Patch se conectaram aos meus. No fundo ele estava sorrindo. Eu sabia disso.

“Com exceção, você sabe, *daquilo*,” eu disse.

Depois da escola eu fui ao escritório da Senhorita Greene para a nossa sessão. No final das aulas, Dr. Hendrickson sempre mantinha sua porta entreaberta, um convite implícito para os alunos entrarem. Sempre que eu passava por esse lado do corredor agora, a Senhorita Greene mantinha sua porta fechada. Completamente.

O *Não Perturbe* estava implícito.

“Nora,” ela disse, abrindo a porta assim que eu bati, “por favor, entre. Sente-se.”

Seu escritório estava cheio de coisas e decorado hoje. Ela havia trazido várias plantas, e um painel com pinturas de plantas decorado estava pendurado na parede atrás de sua mesa.

A Senhorita Greene disse, “Eu venho pensando muito sobre o que você disse semana passada. Eu cheguei à conclusão óbvia que o nosso relacionamento precisa ser construído sobre respeito e confiança. Não vamos mais discutir sobre o seu pai, a não ser que seja preciso.”

“Ok,” eu disse cautelosamente. Sobre o que nós *íamos* conversar?

“Eu ouvi algumas notícias decepcionantes,” ela disse. Seu sorriso desapareceu e ela se aproximou, descansando seus cotovelos sobre a mesa. Ela segurava uma caneta, e a rolava entre as palmas das mãos. “Eu não quero invadir a sua vida pessoal, Nora, mas eu achei que eu havia sido perfeitamente clara quanto à minha preocupação com o seu envolvimento com Patch.”

Eu não tinha muita certeza sobre aonde isso ia dar. “Eu não tenho dado aulas a ele.” E, realmente, isso tinha algo a ver com o trabalho dela?

“Sábado à noite Patch lhe deu uma carona para casa de Delphic Seaport. E você o convidou para entrar.”

Eu lutei para abafar um arfar. “Como você sabe sobre isso?”

“Parte do meu trabalho como psicóloga é guiá-la,” Senhorita Greene disse. “Por favor, prometa que vai tomar muito cuidado quando estiver perto de Patch.” Ela me olhou como se estivesse esperando por meu juramento sagrado.

“É meio complicado,” eu disse. “Minha carona me deixou presa em Delphic. Eu não tive escolha. Não é como se eu procurasse oportunidades para passar mais tempo com Patch.” Bem, exceto por ontem à noite no Borderline. Em

minha defesa, eu honestamente não esperava ver Patch. Ele deveria ter tido sua noite de folga.

“Fico muito feliz em ouvir isso,” Senhorita Greene respondeu, mas ela não parecia muito convencida da minha inocência. “Tirando isso, há mais alguma coisa que você gostaria de discutir hoje? Qualquer coisa que esteja presa na sua mente?”

Eu não ia contar que Elliot havia invadido minha casa. Eu não confiava na Senhorita Greene. Eu não podia meter meu dedo no meio, mas algo nela me incomodava. E eu não gostava do jeito que ela continuava insistindo que Patch era perigoso e não me contava o por quê. Era quase como se ela tivesse uma agenda de espionagem.

Eu tirei minha mochila do chão e abri a porta. “Não”, eu disse.

## Capítulo Dezesseis

Vee estava encostada no meu armário, rabiscando no seu personagem com um marcador roxo.

“Oi,” ela disse quando não havia mais nada no corredor entre nós.

“Onde você esteve? Eu chequei o laboratório do eZine e a biblioteca.”

“Eu tive uma reunião com a Srta. Greene, a nova psicóloga da escola.” Eu disse muito normalmente, mas por dentro, eu tinha um sentimento oco e trêmulo. Eu não conseguia parar de pensar no Elliot invadindo a minha casa. O que o impediria de fazer isso novamente? Ou de fazer alguma coisa pior?

“O que aconteceu?” a Vee perguntou.

Eu girei a combinação do meu armário e tirei os livros. “Você sabe quanto um alarme bom custa?”

“Sem ofensas, babe, mas ninguém vai roubar seu carro.”

Eu atirei um olhar negro para a Vee. “É para minha casa. Eu quero ter certeza que o Elliot não entre novamente.”

Vee olhou em volta e limpou sua garganta.

“O que?” eu disse.

Vee levantou as mãos. “Nada. Nadinha mesmo. Se você ainda está empenhada em jogar isso no Elliot... Esta é a sua prerrogativa. É uma prerrogativa louca, mas hey, é sua.”

Eu bati a porta do meu armário para fechar e o barulho ecoou pelo corredor. Eu engoli uma resposta acusadora que de todas as pessoas ela deveria acreditar em mim e no lugar disso eu disse, “Estou indo para a biblioteca, estou meio que com pressa.”

Nós saímos do prédio e cruzamos a área em direção ao estacionamento e eu fiz isso brevemente. Eu olhei em volta procurando o Fiat, mas foi quando eu me lembrei que mamãe tinha me deixado a caminho do trabalho essa manhã. E com o braço quebrado da Vee, ela não estava dirigindo.

“Droga,” a Vee disse, lendo meus pensamentos, “estamos sem carro.”

Protegendo meus olhos do sol, eu olhei para a rua. “Acho que isso significa que temos que caminhar.”

“Nós não. Você. Eu iria, mas uma vez por semana é meu limite para biblioteca.”

“Você não foi à biblioteca essa semana,” eu apontei.

“Yeah, mas talvez eu tenha que ir amanhã.”

“Amanhã é quinta-feira. Em toda sua vida, você já estudou de quinta-feira?”  
Vee colocou o dedo nos lábios e fez uma expressão pensativa. “Alguma vez eu já estudei de quarta-feira?”

“Não que eu me lembre.”

“Então é isso. Eu não posso ir. Seria ir contra uma tradição.”

Trinta minutos depois eu subi as escadas indo para a porta principal da biblioteca. Uma vez lá dentro, eu coloquei meu dever de casa embaixo de uma luminária e fui direto para o laboratório de mídia, onde eu vasculhei pela internet tentando encontrar mais informações sobre o ‘Enforcamento em Kinghorn’. Eu não achei muita coisa. Inicialmente havia sido muito comentado, mas depois que o bilhete de suicídio foi descoberto e o Elliot foi solto, as notícias mudaram.

Era hora de viajar para Portland. Eu não ia aprender muito mais peneirando artigos e notícias arquivadas, mas talvez eu tivesse mais sorte dando uma voltinha por lá.

Eu saí da internet e liguei para minha mãe.

“Eu preciso estar em casa as nove hoje?”

“Sim, por quê?”

“Eu estava pensando em tomar um ônibus até Portland.”

Ela me lançou uma de suas risadas do tipo *você deve achar que sou louca*.

“Eu preciso entrevistar alguns estudantes na Kinghorn Preparatória,” eu disse. “É para um projeto que tenho feito pesquisas.” Não era uma mentira. Não de verdade. Claro que teria sido muito mais fácil para justificar se eu não tivesse queimada pela culpa de esconder dela uma invasão e subsequentemente a visita da polícia. Eu pensei em dizer a ela, mas toda vez que eu abria minha boca para dizer as palavras, elas escapavam. Estamos lutando para sobreviver. Precisamos da renda da mamãe. Se eu falasse para ela sobre o Elliot, ela se demitiria imediatamente.

“Você não pode ir para a cidade sozinha. É uma escola noturna e em breve estará escuro. Além do mais, quando você chegar lá, os estudantes já terão saído.”

Eu suspirei. “Ok, estarei em casa em breve.”

“Eu sei que prometi uma carona pra você, mas estou presa no escritório.” Escutei ela remexer nos papéis e imaginei se ela tinha o telefone preso no queixo e o fio enrolado no seu corpo várias vezes. “Seria muito pedir para você caminhar?”

A temperatura só estava um pouquinho baixa, eu tinha minha jaqueta e duas pernas. Eu podia caminhar. O plano parecia muito mais razoável na minha

cabeça, porque o pensamento de caminhar até em casa me deixava oca por dentro. Mas deixando de lado a possibilidade de passar a noite na biblioteca, eu não via outra escolha.

Eu tinha quase passado pelas portas da biblioteca quando ouvi meu nome. Eu me virei e vi a Marcie Millar diminuindo a distância entre nós.

“Eu ouvi sobre a Vee,” ela disse. “É realmente triste. Quero dizer, quem a atacaria? A menos que, você sabe, eles não pudessem evitar. Talvez tenha sido em auto defesa. Ouvi dizer que estava escuro e chovendo. Seria fácil confundir a Vee com um alce. Um urso, ou um búfalo. Sério, qualquer animal pesado serviria.”

“Gosh, é bom conversar com você, mas tem muitas coisas que prefiro fazer. Como por exemplo, prender minha mão no dispositivo de lixo.” Eu continuei andando para a saída.

“Espero que ela esteja desintoxicada da comida do hospital,” Marcie disse, ainda atrás de mim. “Eu ouvi dizer que elas são ricas em gordura. Ela não pode continuar a ganhar muito peso.”

Eu dei um giro. “Chega. Mais uma palavra e eu vou...” Nós duas sabíamos que esse era um trato vazio.

Marcie deu um sorrisinho. “Você vai o que?”

“Vadia,” eu disse.

“Geek<sup>36</sup>.”

“Cadela.”

“Aberração.”

“Porca anoréxica.”

“Wow,” Marcie disse, inclinando-se para trás melodramaticamente com a mão no coração. “Eu deveria supostamente estar ofendida? Avalie essa ideia. Isso é notícia velha. Pelo menos eu sei como exercitar um pouco de autocontrole.”

O segurança em pé perto da porta limpou sua garganta. “Certo, parem com isso. Vão para fora ou eu vou colocar as duas no meu escritório e ligar para os pais de vocês.”

“Fale com ela,” Marcie disse, apontando um dedo para mim. “Eu sou aquela que está tentando ser legal. Ela me atacou verbalmente. Eu estava apenas oferecendo minhas condolências à amiga dela.”

“Eu disse *lá fora*.”

---

<sup>36</sup> Geek é uma expressão idiomática da língua inglesa, uma “gíria” que define pessoas peculiares ou excêntricas obcecadas com tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro etc.

“Você fica bem de uniforme,” Marcie disse a ele, dando um sorriso tóxico, sua marca registrada.

Ele apontou para a porta com a cabeça. “Saíam daqui.” Mas não souu metade rude.

Marcie andou casualmente para a porta. “Importa-se em segurar a porta para mim? Minhas mãos são pequenas.” Ela estava segurando um livro. Um brochura.

O guarda empurrou o botão para pessoas deficientes e as portas automaticamente se abriram.

“Obrigada por isso,” Marcie disse, jogando um beijo para ele.

Eu não a segui. Eu não sabia o que aconteceria se eu o fizesse, mas eu estava cheia de emoções negativas que eu só poderia fazer coisas que me arrependeria. Ela chamar meu nome e a briga estava abaixo de mim. A menos que eu estivesse lidando coma Marcie Millar.

Eu me virei e voltei para a biblioteca. Para o elevador, eu entrei na gaiola de metal e apertei o botão do andar subterrâneo. Eu poderia ter esperado alguns minutos a Marcie ir embora, mas eu conhecia outro caminho e resolvi ir por ele. Cinco anos atrás a cidade tinha aprovado a mudança da biblioteca pública para um prédio histórico bem no centro da Cidade Antiga Coldwater. O tijolo vermelho datava de 1850 e o prédio era completo com uma romântica cúpula e uma widow’s walk<sup>37</sup> para ver os navios vindo do mar. Infelizmente, não havia estacionamento no prédio, então um túnel subterrâneo foi cavado para ligar a biblioteca com o estacionamento subterrâneo do tribunal do outro lado da rua. Agora a garagem servia aos dois prédios.

O elevador chiou para parar e eu saí. O túnel era repleto de luzes fluorescentes que cintilava um roxo pálido. Levei um tempo para forçar meus pés andarem. Fui atingida pelo pensamento repentino do meu pai na noite que ele foi morto. Eu me perguntava se ele estava em uma rua remota e escura como o túnel à frente.

Pare com isso, eu disse para mim mesma. *Foi um ataque de violência aleatório. Você passou o último ano com paranóia de qualquer beco escuro, quarto escuro, cubículo escuro. Você não pode viver o resto da sua vida com medo de colocarem uma arma em você.*

Determinada a provar que o medo estava na minha cabeça, eu andei pelo túnel, ouvindo a leve batida dos meus sapatos no concreto. Mudando minha

---

<sup>37</sup> É uma plataforma no teto do edifício cercada e geralmente tem uma cúpula. Não sei em português como seria o nome disso, segue o link para uma foto:

[http://en.wikipedia.org/wiki/File:Widows\\_Walk\\_Gaithersburg.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Widows_Walk_Gaithersburg.jpg)

mochila para o ombro esquerdo, eu calculei quanto tempo levaria para caminhar até em casa e, querendo ou não, eu estava pronta para tomar o atalho pelo trilho do trem agora que estava escurecendo. Esperava que se eu mantivesse meus pensamentos ocupados e otimistas, eu não teria tempo para me concentrar no meu crescente senso de alarme.

O túnel acabou e uma forma escura estava parada bem à frente.

Eu parei o passo no meio e meu coração diminuiu algumas batidas. Patch estava usando uma camiseta preta, jeans surrado, botas com ponteira de aço. Seus olhos pareciam dizer que ele não seguia as regras. Seu sorriso era muito astuto para oferecer conforto.

“O que você está fazendo aqui?” eu perguntei, tirando um punhado de cabelo do meu rosto e olhando além dele para um carro parado acima do solo. Eu sabia que estava bem em frente, mas diversas lâmpadas fluorescentes estavam queimadas, dificultando ver claramente. Se, estupro, assassinato, ou qualquer outra atividade vil estivesse na mente do Patch, ele me encurralou no lugar perfeito.

Enquanto o Patch se movia na minha direção, eu andava para trás. Eu vi minha chance e fui em direção ao carro. Tropeçando em volta, ficando do lado oposto do Patch, com o carro entre nós.

Patch olhou para mim por cima do carro. Suas sobrancelhas ergueram.

“Eu tenho perguntas,” eu disse. “Muitas.”

“Sobre?”

“Sobre tudo.”

Sua boca torceu e eu tinha certeza que ele estava tentando não sorrir. “E se minhas respostas não machucarem, você vai dar um tempo nisso?” Ele fez um gesto em direção à saída da garagem.

Esse era o plano. Mais ou menos. Tirando alguns grandes problemas, como o fato do Patch ser muito mais rápido que eu.

“Vamos ouvir as perguntas,” ele disse.

“Como você sabia que eu estava na biblioteca esta noite?”

“Pareceu-me um bom palpite.”

Por nenhum momento eu acreditei que o Patch estava aqui por pressentimento. Ele tinha um lado que era quase predatório. Se as forças armadas soubessem dele, fariam de tudo para recrutá-lo.

Patch precipitou-se para a esquerda. Eu contrapus seu movimento, correndo para a traseira do carro. Quando o Patch arremeteu, eu também o fiz. Ele estava na frente do carro e eu estava na traseira.

“Onde você estava domingo a tarde?” eu perguntei. “Você me seguiu enquanto eu fazia compras com a Vee?” O Patch poderia não ser o cara da máscara de esqui, mas não significa que ele não tivesse envolvido nos recentes acontecimentos perturbadores. Ele estava escondendo alguma coisa de mim. Ele estava escondendo alguma coisa de mim desde o dia que nos encontramos. Era uma coincidência que o último dia normal da minha vida tinha sido antes daquele dia fatídico? Eu acho que não.

“Não. E a propósito, como foi? Comprou alguma coisa?”

“Talvez,” eu disse fora de guarda.

“Como?”

Eu pensei naquele dia. Eu e Vee só tínhamos ido até a Victoria’s Secret. Eu tinha gastado trinta dólares em um sutiã preto rendado, mas eu não ia chegar aí. Em vez disso eu contei sobre a minha tarde, começando com o sentimento de eu estar sendo seguida e acabando comigo encontrando a Vee na calçada, vítima de um assalto.

“Bem?” Eu exigi quando terminei. “Você tem alguma coisa para dizer?”

“Não.”

“Você não tem ideia do que aconteceu com a Vee?”

“Novamente, não.”

“Eu não acredito em você.”

“Isso é porque você tem problemas de confiança.” Ele espalmou as duas mãos no carro, inclinando no capô. “Já passamos por isso.”

Eu senti meu temperamento faiscar. Patch tinha mudado a conversa de novo. No lugar de iluminar ele, o holofote estava direcionado para mim. Eu não gosto especialmente de ser lembrada que ele sabia todo o tipo de coisa sobre mim. Coisas particulares. Como meu problema de confiança.

Patch andou repentinamente para o sentido horário. Eu corri dele, parando quando ele o fez. Quando estávamos parados novamente, seus olhos prenderam os meus, quase como se ele estivesse tentando descobrir qual seria meu próximo movimento para fugir dele.

“O que aconteceu no Archangel? Você me salvou?” eu perguntei.

“Se eu tivesse te salvado, não estaríamos aqui tendo essa conversa.”

“Você quis dizer se você *não tivesse* me salvado não estaríamos aqui. Eu estaria morta.”

“Não foi isso que eu disse.”

Eu não fazia ideia do que ele quis dizer. “Por que não estaríamos aqui?”

“Você estaria aqui.” Ele pausou. “Eu provavelmente não.”

Antes que eu pudesse descobrir o sobre que ele estava falando, ele se atirou para mim novamente, dessa vez atacando pela direita. Momentaneamente confusa, eu deixei diminuir a distância entre nós. Em vez de parar, Patch contornou o carro. Eu saí correndo direto para a garagem.

Eu tinha passado três carros antes de ele agarrar meu braço. Ele me virou e me apoiou contra uma viga de cimento.

“Tanta coisa por aquele plano,” ele disse.

Eu olhei para ele. Acredito que havia muito pânico por trás disso. Por um instante ele deu um sorriso transbordante com intenções obscuras, confirmando que eu tinha razão para estar suando.

“O que está acontecendo?” eu disse, trabalhando duro para não parecer hostil. “Como eu posso jurar ouvir sua voz na minha cabeça? E por que você disse que veio para escola por minha causa?”

“Eu estava cansado de admirar suas pernas à distância.”

“Eu quero a verdade.” Eu engoli em seco. “Eu mereço toda a revelação.”

“Toda a revelação,” ele repetiu com um sorriso astuto. “Isso tem alguma coisa a ver com a promessa que você fez de me expor? Sobre o que exatamente estamos falando aqui?”

Eu não conseguia me lembrar do que estávamos falando. Tudo que eu sabia era que o olhar do Patch era especialmente quente. Eu tinha que quebrar o contato visual, então eu mandei meus olhos para minhas mãos. Elas estavam cintilantes com o suor e eu as escondi atrás das minhas costas.

“Eu tenho que ir,” eu disse. “Tenho dever de casa.”

“O que aconteceu lá dentro?” Ele indicou os elevadores com o queixo.

“Nada.”

Antes que eu pudesse impedi-lo, ele tinha a palma da minha mão pressionada na dele, formando um campanário com elas. Ele escorregou os dedos entre os meus, me prendendo a ele. “Suas articulações são brancas,” ele disse, roçando sua boca nelas. “E você saiu parecendo possessa.”

“Me solta. E eu não estava possessa. Não de verdade. Se você me der licença, eu tenho dever de casa –“

“Nora.” Patch disse meu nome suavemente, mas ainda com cada intenção de conseguir o que queria.

“Eu tive uma briga com a Marcie Millar.” Eu não fazia ideia de onde a confissão tinha vindo. A última coisa que eu queria era dar ao Patch outra janela para dentro de mim. “Ok?” Eu disse, com uma nota de exasperação na minha voz. “Satisfeito? Você pode, por favor, me deixar ir agora?”

“Marcie Millar?”

Eu tentei soltar meus dedos, mas Patch tinha uma ideia diferente.

“Você não conhece a Marcie?” Eu disse cinicamente. “Difícil de acreditar, considerando que um: você cursa o Colégio Coldwater. E dois: você tem um cromossomo Y.”

“Conte-me sobre a briga,” ele disse.

“Ela chamou a Vee de gorda.”

“E?”

“Eu a chamei de porca anoréxica.”

Parecia que o Patch estava tentando não abrir um sorriso. “É isso? Sem socos? Sem mordidas, apertões e puxões de cabelo?”

Eu estreitei um olhar para ele.

“Vamos ter que te ensinar a lutar, Anjo?”

“Eu posso lutar.” Eu ergui meu queixo apesar da mentira.

Desta vez ele não se importou em segurar um sorriso.

“Na verdade, eu tenho aulas de boxe.” Kickboxing. No ginásio. Uma vez.

Patch ergueu suas mãos como um alvo. “Dê-me um soco. O mais forte que conseguir.”

“Eu – não sou fã de violência desnecessária.”

“Estamos sozinhos aqui.” As botas do Patch estavam niveladas com a ponta dos meus sapatos. “Em cara como eu poderia tirar vantagem de uma garota como você. Melhor me mostrar o que você consegue.”

Eu andei para trás e a moto preta do Patch entrou no meu campo de visão.

“Deixe-me te dar uma carona,” ele ofereceu.

“Eu vou caminhar.”

“Está tarde e escuro.”

Ele tinha razão. Eu gostando ou não.

Mas internamente eu tinha sido colocada a força num jogo de cabo de guerra. Em primeiro lugar eu tinha sido idiota em ir andando para casa e agora eu estava presa entre duas decisões ruins: carona com o Patch, ou o risco de ter alguém pior por aí.

“Estou começando a pensar que a única razão para você continuar a me oferecer uma carona é porque você sabe que eu não sou apaixonado por essa coisa.” Eu soltei um suspiro nervoso, eu enfiei o capacete e montei atrás dele. Não era minha culpa que eu estava pertinho dele. O assento não era exatamente espaçoso.

Patch fez um som baixinho de diversão. “Eu posso pensar em algumas outras razões.”

Ele acelerou pela garagem, indo em direção a saída. Uma cancela automática branca e vermelha barrava a saída. Eu estava me perguntando se o Patch diminuiria a velocidade o suficiente para colocar o dinheiro na máquina, quando ele desacelerou a moto, me jogou para mais próximo dele. Ele colocou o dinheiro na máquina e acelerou a moto para a saída.

Patch guiou sua moto para a entrada da minha garagem e eu segurei nele para manter meu equilíbrio enquanto eu descia. Eu devolvi o capacete.

“Obrigada pela carona,” eu disse.

“O que você vai fazer no sábado a noite?”

Um tempo de pausa. “Eu tenho um encontro com o habitual.”

Isso pareceu acender seu interesse. “O habitual?”

“Lição de casa.”

“Cancele.”

Eu estava me sentindo muito mais relaxada. Patch era quente e sólido e seu cheiro era fantástico. Como hortelã e terra escura. Ninguém tinha pulado em nós na volta para casa e todas as janelas do andar inferior da casa da fazenda brilhavam com a luz. Pela primeira vez durante o dia todo eu me senti segura.

Exceto que o Patch tinha me encurralado em um túnel escuro e estava possivelmente me perseguindo. Talvez não tão segura.

“Eu não saio com estranhos,” eu disse.

“É uma ótima coisa para se fazer. Eu te pego às cinco.”

# Capítulo Dezesete

Houve uma chuva fria durante todo o dia de sábado e eu me sentei perto da janela olhando ela cair sobre a crescente poças de lama no chão. Eu tinha uma velha cópia de Hamlet no meu colo, uma caneta atrás da minha orelha, e um copo vazio de chocolate quente aos meus pés. O documento com as perguntas compreensão de leitura sobre a mesa, estava tão vazio como agora, quando a Sra. Lemon entregou em sala de aula há dois dias. Isso foi ruim. Minha mãe tinha ido para sua aula de ioga há quase trinta minutos, e apesar de eu ter praticado algumas maneiras diferentes de dar a notícia da minha saída com Patch, não cheguei a lugar algum. Eu disse-me que não era algo importante. Eu já tenho dezesseis anos e eu posso decidir quando sair de casa. Perfeito. Agora eu teria que pagar minha culpa a noite toda. Quando o relógio do hall tocou anunciando 4:30, felizmente deixei o livro de lado e corri para o meu quarto. Eu passei quase o dia todo fazendo minha lição de casa e trabalho doméstico, o que tinha mantido os meus pensamentos longe da reunião de hoje à noite. Mas agora que estava no minuto final, os nervos de antecipação superaram tudo. Eu não queria pensar sobre, Patch e eu tínhamos negócios inacabados.

O nosso último beijo foi subitamente cortado. Mais cedo ou mais tarde o nosso beijo seria resolvido. Eu não tinha dúvida de quanto ele queria que se resolvesse, só não me esqueceria de estar pronta para o que quer que aconteça hoje à noite. Além de tudo isso, o aviso de Vee não ajudava em nada já que continuava a aparecer como uma bandeira vermelha em minha mente: “Fique longe de Patch”. Eu estava em pé diante do espelho olhando o que eu usava.

A maquiagem era mínima, reduzido a uma única passada de rímel. O cabelo emaranhado, mas e se estivesse estranho? Passei pouco brilho em meus lábios. Eu lambi meus lábios para os deixar com aparência úmida. Isso me fez pensar mais sobre o meu quase-beijo com Patch, e eu tive um ataque involuntário de calor. Se um quase-beijo poderia fazer isso comigo, eu me perguntava o que poderia acontecer com um beijo “completo”.

Minha reflexão sorriu.

“Não é grande coisa” – disse a mim mesma analisando os meus brincos. O primeiro par era grande, longo e turquesa... e me fez ver como eu estava trabalhando demais. Coloquei-a de lado e tentei novamente com pequenas gotas de opala. Melhor. Fiquei imaginando que Patch tinha em mente. Jantar? Um filme?

“É como uma aula de biologia” – eu disse indiferentemente a minha reflexão. – “Apenas sem a parte de biologia, e da classe”.

Eu coloquei na minha calça jeans e sapatos tubo bailarina. Envolvi um lenço de seda azul céu em volta da minha cintura, por cima do meu tronco. Então eu amarrei por atrás de meu pescoço, deixando a blusa estilo frente única. Eu balancei meu cabelo e depois ouvi batidas na porta.

“Já vou.” Corri para a escada a baixo. Eu verifiquei uma última vez que estive no espelho do corredor, em seguida, abri a porta e encontrei dois homens em casacos pretos na varanda.

“Nora Grey.” Disse o detetive Basso, segurando seu distintivo da polícia.

“Nós nos encontramos de novo.” Levei um tempo para encontrar a minha voz.

“O que você está fazendo aqui?” Ele apontou para o lado com a cabeça.

“Você se lembra de meu parceiro Detetive Bait, e se importa se fizermos algumas perguntas?” Isso soava como se estivesse pedindo permissão. De fato, soou quase como um ameaça.

“Sobre o que?” Perguntei, quebrando o meu olhar entre os dois.

“Sua mãe está em casa?” Perguntou o detetive Basso.

“Ela está na yoga. Por quê? O que está acontecendo?” Eles arrastaram os pés e entraram na casa.

“Você pode nos dizer o que aconteceu entre você e Marcie Miller na biblioteca, na tarde de quarta-feira?” Detetive Bait perguntou e se sentou confortável no sofá. Detetive Basso permaneceu de pé, examinando cuidadosamente as fotografias de família sobre a mesa. Suas palavras levaram um momento para serem registradas em meu cérebro. A biblioteca. Na tarde de quarta-feira. Marcie Miller.

“Marcie está bem?” Eu perguntei. Não era nenhum segredo que Marcie não ocupava um espaço um caloroso e amoroso em meu coração. Mas isso não significa que eu queria vê-la em problemas ou, pior, em perigo.

E, especialmente, não queria que ela parada em qualquer problema que possa me deixar envolvida. O detetive Basso colocou as mãos nos quadris.

“O que faz você pensar que ela não está se sentindo bem?”

“Eu não fiz nada para Marcie.”

“Por que vocês duas estavam discutindo?” - O outro detetive perguntou: - “O guarda me disse que na saída biblioteca as coisas estavam ficando ruim entre vocês”

“Não é assim.”

“Como foi?”

“Nós dissemos algumas coisas uma a outra.” Eu disse, na esperança de explicar.

“Que coisas?”

“Coisas estúpidas,” disse em retrospecto.

“Eu preciso ouvir essas coisas, Nora.”

“Eu a relacionei com suínos anoréxicos.” Meu rosto estava queimado e minha voz saiu humilhada. Se a situação não fosse tão grave, poderia ter desejado fazer algo mais cruel e degradante. Para não falar de algo que fazia mais sentido. Os detetives trocaram olhares.

“Teve uma ameaça?” perguntou Detetive Bait.

“Não.”

“O que você fez após a biblioteca?”

“Vim para casa.”

“Você continuou com a Marcie?”

“Não. Como eu disse. Eu vim para casa. Vão me dizer o que aconteceu com Marcie?”

“Há alguém que possa verificar isso?”, Perguntou o detetive Basso.

“Meu companheiro de biologia. Me encontrou na biblioteca e se ofereceu para me levar para casa.”

Eu tinha um ombro apoiado nas portas que dava para a sala de estar, e o detetive Basso andou e mudou-se para um lado oposto, na minha frente.

“Vamos ouvir o que você diz sobre esse parceiro de Biologia.”

“Que tipo de pergunta é essa?” Ele estendeu as mãos.

“É uma questão bastante básica. Mas se você quiser perguntas mais específicas que posso fazer. Quando eu estava na escola, geralmente oferecia carona para as meninas em que eu estava interessado. Vamos dar um passo além. Qual é o seu relacionamento com seu parceiro... fora da sala de aula de biologia?”

“Você está brincando, certo?” Um lado da boca do detetive Basso ficou rosa.

“Isso é o que eu pensava. Você e seu namorado bateram em Marcie Miller?”

“Marcie foi espancada?”

Ele deixou a porta e se posicionou diretamente em frente de mim.

“Você queria mostrar o que acontece com as meninas quando elas não mantêm a boca fechada? Você acha que ela merecia alguns arranhões? Eu conheci meninas como Marcie quando eu estava na escola. Elas merecem não

é? O que Marcie merecia, Nora? Alguém bateu nela na noite de quarta-feira e eu acho que você sabe mais do que quer admitir.”

Eu estava tentando duramente suprimir os meus pensamentos. Com medo que de alguma forma estes fossem refletidas na minha cara. Talvez tenha sido uma coincidência que na mesma noite em que eu reclamei para Patch sobre Marcie, ela apanhou. Mas da mesma forma, talvez fosse ele... ou não.

“Nós vamos ter de conversar com seu namorado,” disse o detetive Bait.

“Ele não é meu namorado. E meu companheiro de biologia.”

“Ele está vindo para cá agora?” Eu sabia que deveria ser direta. Mas, pensando bem, não podia aceitar que Patch poderia ferir Marcie. Marcie não era o melhor tipo de pessoa e tinha ganhado um monte de inimigos. Alguns desses inimigos talvez fossem capazes de tal brutalidade. Mas Patch não era um deles. A brutalidade sem sentido não era o seu estilo.

“Não,” eu disse. Detetive Basso deu-me um sorriso.

“Se arruma para uma noite em casa?”

“As vezes,” eu disse, com o mais frieza com que me atrevi a responder. O detetive Bait puxou um pequeno caderno de um dos bolsos do casaco. Ele abriu e pegou uma caneta.

“Nós vamos precisar do seu nome e do seu número.”

Dez minutos depois de os detetives terem ido embora, um Jeep Commando preto chegou em minha casa. Patch correu através da chuva para a varanda, vestindo jeans, botas e camisa cinza escuro térmica.

“Carro novo?” Eu perguntei depois que eu abri a porta. Um misterioso sorriso surgiu.

“Eu ganhei ele um par de noites atrás em um jogo de bilhar.”

“Alguém aposta um carro?”

“Ele não estava muito feliz com isso. Estou tentando ficar longe de becos escuros pelos próximos dias.”

“Ouviu falar de Marcie Millar?” Eu falei ali mesmo, esperando que a pergunta o pegasse de surpresa.

“Não. O que aconteceu?” Sua resposta veio fácil e eu decidi que isso provavelmente significava que ele estava dizendo a verdade. Infelizmente, não sabia quando ele estava mentindo, Patch não era qualquer amador.

“Alguém bateu nela.”

“Pena.”

“Qualquer ideia de quem poderia ter feito?” Se Patch ouviu a preocupação em minha voz, não mostrou. Ele encostou na parede e passou a mão pelo queixo, pensativo.

“Não.”

Eu perguntei a mim mesma se eu pensei que ele estava escondendo algo. No entanto, detectar coisas nunca foi meu forte. Eu nunca tive muita experiência em fazer isso. Normalmente eu confiava nas pessoas ao meu redor... normalmente.

Patch estacionou o Jeep por trás da Bo's Arcade. Quando chegamos à frente da fila, o caixa fixou os olhos em mim e depois em Patch, uma e outra vez, como se tentasse encontrar uma conexão.

“Que é?” Disse Patch, e lançou três bilhetes de entrada sobre a mesa.

O caixa fez o seu olhar penetrante sobre mim. Ele percebeu que eu não conseguia parar de olhar para o molde de tatuagens verdes que cobria cada centímetro de seus braços. Ele moveu um pouco de chiclete? tabaco? Para o outro lado do seu lábio inferior e disse, “Você perdeu alguma coisa?”

“Só gostei de sua tatu –” Comecei. Ele me mostrou os dentes afiados como um cão.

“Eu não acho que ele gostou de mim,” sussurrei para Patch quando estávamos a uma distância segura.

“O Bo não gosta de ninguém.”

“Quem é Bo? Bo do Bo's Arcade?”

“Este é Bo's Arcade Junior. Bo pai morreu há vários anos.”

“Como?” Eu perguntei.

“Briga de bar.”

Eu senti uma vontade inquietante de correr na direção do Jeep e sair rapidamente do estacionamento.

“Aqui é seguro?” Eu perguntei.

Patch olhou para os lados. “Anjo.”

“Só perguntei.” A parte debaixo com as mesas de bilhar parecia exatamente como na primeira noite que eu vim. As paredes pretas pintadas de cinza escuro. Mesas vermelhas no meio da sala. Mesas de poker espalhadas ao redor dos cantos. Lâmpadas de luz baixa curvando pelo teto. O cheiro dos cigarros congestionando o fluxo aéreo. Patch escolheu a mesa mais distante da escada. Ele pediu dois refrigerantes 7UP e os destampou na borda da mesa.

“Eu nunca joguei bilhar.” Confessei.

“Escolha um taco.” Ele apontou para o aparador de varas embutido na parede. Eu levantei um e trouxe-o para nossa mesa. Patch passou a mão sobre a boca para sorrir.

“O que?” Eu disse.

“Você não pode marcar um Home Run em bilhar.”

“Sem Home Run. Entendido.” Seu sorriso alargou.

“Você está segurando o taco como um bastão de beisebol.” Eu olhei para minhas mãos. Ele estava certo. Eu estava segurando-o como um bastão.

“Assim fica mais confortável.” Ele mudou-se atrás de mim, pôs as mãos nos meus quadris e me posicionou na frente da mesa. Deslizou as mãos em volta de mim e tomou o taco de sinuca.

“Assim...”, disse ele, reorganizando a minha mão direita até a poucos centímetros.

“E... assim,” continuou, levando a minha mão esquerda em um círculo com o polegar e o indicador. Ele então colocou sua mão esquerda sobre a mesa. Como um tripé. Ele empurrou a ponta do taco de bilhar no meio do círculo e sobre a junta do meu dedo médio.

“Dobre sua cintura.” Eu inclinei em direção à mesa de bilhar, seu hálito aquecendo minha garganta. Ele puxou para trás o taco de sinuca e levou-o através do círculo.

“Em que bola quer bater?”, perguntou, referindo-se ao triângulo de bolas acomodados no final da mesa. “O amarelo da frente parece uma boa escolha.”

“Vermelho é minha cor favorita.”

“Então, será a vermelha.” Patch levou o taco para trás e através do círculo, apontando para a bola, praticando. Eu mirei a bola branca para dentro do triângulo mas ela foi parar além da mesa.

“Foi um pouco desviado,” ele disse. Senti-me sorrir.

“O que quer apostar?”

“Cinco dólares.” Eu senti ele balançando a cabeça suavemente.

“Seu casaco.”

“Você quer o meu casaco?”

“Eu quero ver você tira-lo.”

Meu braço se moveu para trás e disparou o taco de sinuca com meus dedos, batendo na bola. Em seguida, atirou a bola para a frente, batendo a bola vermelha, destruindo o triângulo, deixando as bolas bagunçadas em todos os sentidos.

“Ok,” eu disse, tirando minha jaqueta jeans.

“Eu posso dizer que estou um pouco chocado.” Patch examinou meu lenço de seda/camisa halter. Seus olhos eram negros como o mar à meia-noite, a expressão contemplativa. “Muito bom,” disse ele. Em seguida, passou-se à volta da mesa, observando a posição onde as bolas estavam.

“Cinco dólares que você não pode bater a azul.” Eu disse, selecionando a bola que foi separada da bola branca para um monte de bolas de outras cores.

“Eu não quero seu dinheiro,” disse Patch. Nossos olhos se encontraram e a menor das covinhas apareceu em seu rosto. Minha temperatura subiu um grau.

“Então o que você quer?” Eu perguntei. Patch abaixou o seu taco de sinuca para a mesa, tomou impulso e golpeou forte a bola branca. No instante que a bola branca golpeou a verde, esta golpeou por sua vez a bola oito e com o impulso bateu limpamente na azul. Eu soltei um riso nervoso e tentei encobrir o meu toque dos dedos. Um mau hábito não posso desfazer.

“Ok, talvez eu esteja mais do que um pouco impressionada.” Patch ainda estava debruçado sobre a mesa e então olhou para mim. Seus olhos aqueceram minha pele.

“Nós nunca apostamos tudo,” disse. Resisti à vontade para mudar de posição. O taco de sinuca sentiu o aperto entre as minhas mãos e eu limpei minha mão discretamente no meu colo. Como se não fosse o bastante de transpiração, Patch disse:

“Você me deve. Algum dia eu vou cobrar.”

Eu ri, mas veio um som fora do tom. “Bem que você queria.”

Passos pesados ecoaram no piso da escada. Um rapaz alto e fibroso, com um nariz aquilino e cabelo desarrumado apareceu com uma substância negra. Olhando primeiro a Patch, em seguida, fixou os olhos em mim.

Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto quando ele estendeu a mão e agarrou meu 7Up, que eu tinha deixado na beira da mesa de sinuca.

“Desculpe-me, mas eu acho que é –” eu comecei a dizer.

“Você não mencionou que ela era tão bela aos olhos,” disse ele a Patch, limpando a boca com as costas de sua mão. Ele falou com um forte sotaque irlandês.

“Eu não mencionei que você é tão feio aos olhos também,” Patch retrucou, sua boca no estado de relaxamento que precede um sorriso. O rapaz inclinou-se sobre a mesa de sinuca ao lado de mim e me ofereceu sua mão.

“Meu nome é Rixon, amor.” Eu ofereci minha mão com relutância.

“Nora.”

“Estou interrompendo alguma coisa aqui?” Rixon disse, dividindo e inquirindo um olhar entre mim e o Patch.

“Não,” eu disse ao mesmo tempo em que o Patch disse, “Sim.”

De repente Rixon de um soco de brincadeira no Patch, e os dois caíram no chão, rolando e trocando socos. Havia um o som de uma risada rude, punhos contra a carne, tecido se rasgando e as costas nuas do Patch ficaram a vista. Com dois talhos ao longo dela. Eles começavam perto dos seus rins e

terminavam nas escápulas, abertos com a forma de um V invertido. As cicatrizes eram tão grotescas que quase engasguei em horror.

“Me larga!” Rixon berrou.

Patch saiu de cima dele e ficou em pé, sua camisa estava rasgada, meio aberta. Ele a arrancou e jogou numa lata de lixo no canto.

“Me dê sua camisa,” ele disse para o Rixon.

Rixon deu uma piscada para mim. “O que você acha Nora? Devo dar a camisa para ele?”

Patch deu um passo para frente como se fosse dar o bote de brincadeira e Rixon ergueu suas mãos perto de seus ombros.

“Calminha,” ele disse, indo para trás. Ele tirou seu moletom e o jogou para Patch, revelando uma camiseta justa por baixo.

Enquanto Patch descia o moletom por seu abdome forte o suficiente para borboletas voarem pelo meu estômago, Rixon virou para mim. “Ele disse como ele conseguiu esse apelido?”

“Como?”

“Antes do nosso bom amigo Patch aqui competir no bilhar, o rapaz era favorecido no boxe Irlandês. Ele não era muito bom nisso.” Rixon abanou a cabeça. “Verdade seja dita, ele era completamente patético. Eu passei muitas noites remendando ele<sup>38</sup>, e logo todos começaram a chamá-lo de Patch. Eu dizia para ele desistir do boxe, mas ele não me ouvia.”

Patch olhou nos meus olhos e deu um sorriso de medalha de ouro de briga em bar. Apenas o sorriso era assustador o suficiente, mas embaixo da fachada, tinha uma nota de desejo. Mais que uma nota na verdade. Uma sinfonia completa de desejo.

Patch inclinou sua cabeça em direção às escadas e ergueu sua mão para mim. “Vamos dar o fora daqui,” ele disse.

“Onde estamos indo?” eu perguntei, com meu estômago descendo aos joelhos.

“Você vai ver.”

Enquanto nós subíamos as escadas, Rixon falou alto para mim, “Boa sorte com esse aí, querida!”

---

<sup>38</sup> A expressão no inglês é ‘patching him up’ daí que tiraram o Patch.

## Capítulo Dezoito

Na viagem de volta, Patch pegou a saída para Topsham e estacionou ao lado da histórica fábrica de papel Topsham na margem do rio Androscoggin. Certa vez a fábrica tinha sido usada para transformar a polpa das árvores em papel. Agora uma placa grande atravessava o lado do prédio e dizia CERVEJARIA SEA DOG CO<sup>39</sup>. O rio era largo e agitado, com árvores antigas margeando os dois lados.

Ainda estava chovendo forte, e a noite tinha caído ao nosso redor. Eu tinha que dar um toque pra minha mãe em casa. Eu não tinha contado a ela que eu ia sair por que... Bem, a verdade é que o Patch não é o tipo de cara que as mães gostam. Ele é o tipo de que faz com que elas troquem as fechaduras da casa.

“Podemos fazer um lanchinho?” eu perguntei.

O Patch abriu a porta do lado do motorista. “Alguma coisa em particular?”

“Um sanduíche de peru. Mas sem picles. Oh, e sem maionese.”

Eu podia dizer que ganhei um de seus sorrisos que nunca chegavam à superfície. Parece que eu ganho muito desses. Desta vez, eu não descobri o que eu tinha falado para merecer.

“Vou ver o que posso fazer,” ele disse, deslizando para fora.

Patch deixou as chaves na ignição e o aquecedor ligado. Nos primeiros minutos eu revi nossa tarde muito longe na minha mente. E então isso me lembrou de que eu estava sozinha no Jeep do Patch. Seu espaço privado.

Se eu fosse o Patch, e eu quisesse esconder uma coisa muito secreta, não poderia ser no meu quarto, no meu armário da escola, nem mesmo na minha mochila, todos esses lugares podiam ser confiscados ou sofrer uma busca sem aviso prévio. Eu esconderia no meu Jeep preto brilhante com um sofisticado sistema de alarme.

Eu tirei meu cinto de segurança e remexi na pilha de livros didáticos próximos ao meu pé, sentindo um sorriso misterioso fluir na minha boca ao pensar em descobrir um dos segredos do Patch. Eu não estava esperando encontrar nada em particular; eu deveria ter procurado a combinação do seu armário ou o número do seu celular. Mexendo em uns papéis antigos da escola bagunçando os tapetes do chão, eu encontrei um perfumador de ambiente de pinho meio usado, um CD do AC/DC *Highway to Hell*, tocos de lápis e um recibo

---

<sup>39</sup> Nome da nova empresa.

de uma 7-Eleven com a data de quarta feira às 10:18 P.M. Nada especialmente surpreendente ou revelador.

Eu abri o porta-luvas e fuzei através do manual do carro e outros documentos oficiais. Tinha um brilho de cromado e meus dedos roçaram em um metal. Eu puxei uma lanterna de aço e a liguei, mas nada aconteceu. Eu desparafusei o fundo, achando que a lanterna tinha um pouco de luz, e com certeza, não tinha baterias. Eu me perguntei por que Patch tinha uma lanterna que não funcionava guardada em seu porta-luvas. Foi o último pensamento que tive antes que meus olhos pousassem em um líquido áspero que tinha secado na ponta da lanterna.

Sangue.

Muito cuidadosamente, eu guardei a lanterna no porta-luvas e a fechei fora do meu alcance de visão. Eu disse a mim mesma que havia muitas coisas que poderiam levar a ter sangue em uma lanterna. Como segurá-la com uma mão machucada, usá-la para empurrar um animal morto para fora da estrada... bater com força em um corpo até que a pele se rasgue.

Com meu coração batendo forte, eu pulei na primeira conclusão que se apresentou. Patch tinha mentido. Ele tinha atacado a Marcie. Ele tinha me deixado na noite de quarta, trocado a moto pelo Jeep, e saiu procurando ela. Ou talvez seus caminhos se cruzaram por acaso e ele agiu por impulso. De qualquer maneira, Marcie estava machucada, a polícia está envolvida e Patch era o culpado.

Racionalmente, eu sei que isso era uma conclusão precipitada e um grande salto, mas emocionalmente, as apostas eram altas demais para voltar e pensar sobre isso. Patch tinha um passado assustador e muitos, muitos segredos. Se violência brutal e sem sentido era um deles, eu não estava segura saindo sozinha com ele.

Um flash de luz no horizonte. O Patch saiu do restaurante e correu pelo estacionamento segurando uma sacola marrom em uma mão e dois refrigerantes na outra. Ele foi em direção ao lado do motorista e subiu no Jeep. Ele ergueu o boné e esfregou a chuva de seu cabelo. Ondas escuras saiam para todos os lados. Ele me passou a sacola marrom.

“Um sanduíche de peru, sem maionese e pickles, e alguma coisa para segurá-lo embaixo.”

“Você atacou a Marcie Millar?” eu perguntei calmamente. “Eu quero a verdade – agora.”

O Patch abaixou sua 7UP da boca. Seus olhos cortaram os meus. “O que?”

“A lanterna no seu porta-luvas. Explique.”

“Você abriu meu porta-luvas?” Ele não pareceu aborrecido, mas também não pareceu satisfeito.

“A lanterna tem sangue seco nela. A polícia veio na minha casa mais cedo. Eles acham que eu estou envolvida. Marcie foi atacada na noite de quarta feira, logo depois que eu te disse que não a suportava.”

Patch deu uma risada curta, sem humor. “Você acha que eu usei a lanterna para bater na Marcie.”

Ele procurou atrás do banco e tirou uma arma grande. Eu gritei.

Ele se inclinou e tampou minha boca com sua mão. “Arma de Paintball,” ele disse. Seu tom era gelado.

Eu dividi os olhares entre a arma e o Patch, sentindo muito branco ao redor dos meus olhos.

“Eu joguei paintball no começo dessa semana,” ele disse. “Achei que já tínhamos superado isso.”

“I-Isso não explica o sangue na lanterna.”

“Não é sangue,” ele disse, “é tinta. Estávamos jogando Pega Bandeira.”

Meus olhos voltaram-se para o porta-luvas que guardava a lanterna. A lanterna era... A bandeira. Uma mistura de alívio, idiotice e culpa por ter acusado o Patch nadou através de mim. “Oh,” eu disse lamentando. “Eu – sinto muito.”

Mas parecia um pouco tarde para desculpas.

Patch ficou olhando diretamente para frente através do pára-brisa, respirando profundamente. Eu me perguntei se ele estava usando o silêncio para deixar sair um pouco da raiva. Afinal eu o tinha acusado de atacar uma pessoa. Eu me sentia horrível por isso, mas minha mente estava muito atrapalhada para pedir desculpas corretamente.

“Pela descrição que você fez da Marcie, parece que ela provavelmente tem alguns inimigos,” ele disse.

“Tenho certeza que a Vee e eu estamos no topo da lista,” eu disse, tentando melhorar o ambiente, mas tinha um fundo de verdade.

Patch estacionou na casa da fazenda e desligou o carro. Seu boné estava quase em cima de seus olhos, mas agora sua boca tinha uma sugestão de sorriso. Seus lábios pareciam macios e suaves e eu estava tendo dificuldades para desviar meu olhar. O melhor de tudo é que eu estava grata por ele parecer ter me perdoado.

“Vamos ter que trabalhar mais no nosso jogo de bilhar, Anjo,” o Patch disse.

“Por falar em bilhar.” Eu limpei minha garganta. “Eu gostaria de saber onde e quando você vai querer aquela... *coisa* que lhe devo.”

“Não essa noite.” Seus olhos assistiam os meus de perto, julgando minha resposta. Eu tinha sido pega entre o alívio da minha mente e desapontamento. Mas a maior parte era desapontamento.

“Eu tenho uma coisa para você,” Patch disse. Ele procurou debaixo do seu assento e puxou uma sacola de papel branca com pimentas vermelhas impressa. Uma embalagem para viagem da Borderline. Ele colocou entre nós.

“Pra que isso?” eu perguntei, espreitando dentro do saco, sem ter absolutamente nenhuma ideia do que teria lá dentro.

“Abra.”

Eu puxei uma caixa de papelão marrom para fora do saco e levantei a tampa. Dentro tinha um globo de neve com a miniatura do Parque de Diversões Delphic Seaport dentro. Fios de bronze foram torcidos formando um círculo para a roda gigante e para os loopings da montanha russa; chapas de metal manchado faziam o Tapete Mágico.

“É lindo,” eu disse, um pouco confusa por ele me comprar um presente. “Obrigada. De verdade. Eu adorei.”

Ele tocou o vidro curvado. “Aqui é o Arcanjo, antes de ser remodelado.” Atrás da roda gigante, um fio fino com fitas formava os montes e vales do Arcanjo. Um anjo com as asas quebradas estava no ponto mais alto, sua cabeça inclinada, olhando para baixo, sem olhos. “O que realmente aconteceu na noite que fomos nela juntos?” eu perguntei.

“Você não quer saber.”

“Se você me disser, vai ter que me matar?” eu meio que brinquei.

“Não estamos sozinhos,” Patch respondeu, olhando através do para-brisa.

Eu olhei para cima e vi minha mãe parada na porta de entrada aberta. Para meu horror, ela saiu e andou em direção ao Jeep.

“Deixe-me conduzir a conversa,” eu disse, guardando o globo de neve de volta na caixa. “Não fale nada. Nenhuma palavra!”

Patch saiu e deu a volta para minha porta. Nós encontramos minha mãe no meio do caminho da entrada de carros.

“Eu não sabia que você ia sair,” ela me disse, sorrindo, mas não de um jeito relaxado. Era uma sorriso que dizia, *Vamos conversar mais tarde*.

“Foi meio que de última hora,” eu expliquei.

“Eu vim direto para casa depois da yoga,” ela disse. O resto estava implícito. *Sorte minha, mas não para você*. Eu estava contando com ela ter saído para tomar um suco com suas amigas depois da aula. Nove de dez vezes ela ia. Ela virou sua atenção para o Patch. “É bom finalmente te conhecer. Aparentemente minha filha é uma grande fã sua.”

Eu abri minha boca para uma introdução extremamente concisa e mandar o Patch pegar seu caminho, mas minha mãe se adiantou. “Eu sou a mãe da Nora. Blyte Grey.”

“Esse é o Patch,” eu disse, acelerando meu cérebro para dizer alguma coisa que parasse rapidamente com as gentilezas. Mas as únicas coisas que eu podia pensar era gritar *Fogo!* ou fingir uma crise. De algum jeito, as duas opções pareciam mais humilhantes que enfrentar uma conversa entre minha mãe e o Patch.

“Nora me disse que você é um nadador<sup>40</sup>,” mamãe disse.

Eu senti o Patch se mexer com uma risada ao meu lado. “Um nadador?”

“Você está no time de natação da escola, ou em uma liga da cidade?”

“É mais... por diversão,” Patch disse, me dando um olhar questionador.

“Bem diversão também é bom,” mamãe disse. “Onde você nada? No centro recreativo?”

“Sou mais um cara tipo ao ar livre. Rios e lagos.”

“Não é frio?” mamãe perguntou.

Ao meu lado, o Patch sacudiu. Perguntei-me o que tinha perdido. Nada sobre a conversa parecia fora do comum. E eu estava do lado da minha mãe nessa. Maine não era um lugar tropical, quente. Nadar ao ar livre era frio, mesmo na época do verão. Se Patch era realmente um nadador ao ar livre, ou ele era louco ou tinha um alto limiar de dor.

“Certo!” eu disse, tirando proveito da calma. “Patch precisa ir.” *Vá!* eu fiz com a boca para ele.

“É um Jeep bem legal,” mamãe perguntou. “Seus pais compraram para você?”

“Eu mesmo peguei.”

“Você deve ter um emprego bom.”

“Eu sirvo mesas no Borderline.”

Patch estava dizendo o mínimo possível, mantendo-se cuidadosamente misterioso. De volta na minha mente, eu não podia parar de pensar no seu passado assustador. Até agora eu tinha fantasiado sobre descobrir seus segredos mais profundos e escuros porque eu queria provar para mim mesma e para o Patch que eu era capaz de sacá-lo. Mas agora eu queria saber seus segredos porque eles eram parte dele. E sem contar o fato que eu rotineiramente tentava negar que eu sentia algo por ele. Quanto mais tempo eu passava com ele, mais eu sabia que esses sentimentos não iam embora.

---

<sup>40</sup> Lembram da dualidade da palavra pool em inglês? Quando a mãe da Nora fez confusão entre piscina e mesa de bilhar? Quem não lembra, volte no capítulo 14 ;)

Mamãe fez uma careta. “Espero que o trabalho não atrapalhe os estudos. Pessoalmente, não acho que estudantes do colegial deveriam trabalhar durante o ano escolar. Vocês já têm muitas coisas.”

Patch sorriu. “Isso não tem sido um problema.”

“Se importa se eu perguntar seu rendimento escolar?” Mamãe disse. “Seria muito rude?”

“Caramba! Está ficando tarde –”, eu comecei a falar alto, consultando o relógio que eu não estava usando. Eu não podia acreditar que minha mãe estava sendo tão mala sobre isso. Era um mau sinal. Isso só dizia que sua primeira impressão do Patch era pior que eu temia. Isso não era uma apresentação. Era uma entrevista.

“Dois-ponto-dois,” Patch disse.

Minha mãe olhou para ele.

“Ele está brincando,” eu disse baixinho. Eu dei um empurrão discreto no Patch em direção ao Jeep. “Patch tem coisas para fazer. Lugares para ir. Pool<sup>41</sup> para jogar –” Eu coloquei minha mão na boca.

“Jogar?” minha mãe disse, parecendo confusa.

“Nora se referia ao Bo’s Arcade,” Patch explicou. “Mas não é para lá que estou indo. Eu tenho alguns assuntos para resolver.”

“Nunca estive no Bo’s,” ela disse.

“Não é tão bom assim,” eu disse. “Você não está perdendo nada.”

“Espere,” mamãe disse, soando como se uma bandeira vermelha tivesse surgido em sua memória. “É fora da costa? Perto do Delphic Seaport? Não houve um tiroteio no Bo’s alguns anos atrás?”

“Lá está mais domesticado do que costumava ser,” Patch disse. Eu estreitei meus olhos para ele. Ele tinha me ferrado. Eu tinha planejado mentir sobre o Bo’s ter qualquer histórico de violência.

“Você gostaria de entrar e tomar sorvete?” Mamãe perguntou, soando abafada, pega entre fazer uma coisa educada e agir sob o impulso de me levar para dentro e trancar a porta. “Nós temos apenas de baunilha,” ela adicionou para azedar o convite. “Está há algumas semanas aberto.”

Patch balançou a cabeça. “Eu tenho que ir andando. Talvez na próxima vez. Foi um prazer te conhecer, Blythe.”

Eu peguei a interrupção da conversa como minha deixa e empurrei minha mãe para a porta da frente, aliviada que a conversa não tinha sido tão ruim como poderia ter sido. De repente mamãe se virou.

“O que você e Nora fizeram essa noite?” ela perguntou para o Patch.

---

<sup>41</sup> De novo nos deparamos com a linda palavrinha Pool que significa piscina e mesa de bilhar.

Patch olhou para mim e ergueu suas sobrancelhas ligeiramente.

“Nós jantamos em Topsham,” eu respondi rapidamente. “Sanduíches e refrigerantes. Uma noite puramente inofensiva.”

O problema era que meus sentimentos por Patch *não eram* inofensivos.

# Capítulo Dezenove

EU DEIXEI O GLOBO DE NEVE EM SUA CAIXA E ENFIEI dentro do meu armário atrás de uma pilha de suéteres com padrão de diamante que eu tinha roubado do meu pai. Quando eu abri o presente a frente do Patch, o Delphic parecera brilhante e lindo, arco-íris de luz girando dos arames. Mas sozinha no meu quarto, o parque de diversão parecera assombrado. Um campo ideal para espíritos separados dos corpos. E eu não tinha muita certeza de que não havia uma câmera escondida dentro.

Após colocar uma camisola larga e calça de pijama floral, eu liguei para Vee.

“Bem?” ela disse. “Como foi? Obviamente ele não te matou, então esse é um bom começo.”

“Jogamos sinuca.”

“Você odeia sinuca.”

“Ele me deu algumas dicas. Agora que eu sei o que estou fazendo, não é tão ruim.”

“Aposto que ele podia te dar algumas dicas em outras áreas da sua vida.”

“Hmm.” Normalmente, o comentário dela podia ter incitado pelo menos um rubor de mim, mas meu humor era sério demais. Eu estava concentrada no trabalho, pensando.

“Eu sei que disse isso antes, mas o Patch não instila uma profunda sensação de conforto em mim,” Vee disse. “Eu ainda tenho pesadelos com o cara com a máscara de esqui. Em um dos meus pesadelos, ele arrancou sua máscara, e adivinha quem se escondia por trás dela? Patch. Pessoalmente, acho que devia tratá-lo como uma bomba armada. Algo nele não é normal.”

Isso é exatamente sobre o que eu queria falar.

“O que faria com que alguém tivesse uma cicatriz em formato de V nas costas?” eu perguntei a ela.

Houve um momento de silêncio.

“Anormal,” Vee engasgou. “Você o viu pelado? Onde aconteceu? No jipe dele? Na casa dele? Nos seu quarto?”

“Eu não o vi pelado! Foi meio que um acidente.”

“Aham, já ouvi essa desculpa antes,” disse Vee.

“Ele tinha uma cicatriz enorme em formato de V de cabeça para baixo nas costas. Isso não é um pouquinho estranho?”

“É claro que é estranho. Mas é do Patch que estamos falando. Ele tem alguns parafusos a menos. Eu vou dar um chute e dizer... briga de gangue? Cicatrizes de guerra? Marcas de derrapagem de uma batida com carro?”

Metade do meu cérebro estava focado na minha conversa com Vee, mas a outra metade mais subconsciente tinha se desviado. Minha memória voltava para a noite que Patch tinha me desafiado a andar no Arcanjo. Eu recapturei as pinturas apavorantes e bizarras na lateral dos carros. Eu me lembrava das bestas chifrudas arrancando as asas do anjo. Eu me lembrava do V negro de ponta-cabeça onde as asas do anjo costumavam estar.

Eu quase derrubei o telefone.

“D-desculpa, o quê?” eu perguntei a Vee quando percebi que ela tinha continuado a conversa e estava esperando pela minha resposta.

“O que. Aconteceu. Depois?” ela repetiu, enunciando cada palavra. “Terra para Nora. Eu *preciso* de detalhes. Estou morrendo aqui.”

“Ele se meteu numa briga e sua camiseta rasgou. Fim da história. Não tem nada de o-que-aconteceu-depois.”

Vee prendeu a respiração. “É disso que estou falando. Vocês dois saíram juntos... e ele se mete numa briga? Qual o problema dele? Parece que ele é mais animal do que humano.”

Na minha mente eu ficava alternando entre a pintura das cicatrizes do anjo e das cicatrizes do Patch. Ambas as cicatrizes tinham sarado à cor de alcaçuz preto, ambas corriam das omoplatas até os rins, e ambas se curvavam enquanto viajavam pelo comprimento das costas. Eu disse a mim mesma que havia uma boa chance de ser meramente uma coincidência muito bizarra que as pinturas no Arcanjo descrevam as cicatrizes do Patch perfeitamente. Eu disse a mim mesma que um monte de coisas podia causar cicatrizes como as do Patch. Brigas de gangue, cicatrizes de prisão, marcas de derrapagem – exatamente como Vee dissera. Infelizmente, todas as desculpas pareciam mentiras. Como se a verdade estivesse me encarando, mas eu não era corajosa o bastante para olhar de volta.

“Ele foi um anjo?” Vee perguntou.

Eu voltei à mim. “O quê?”

“Ele foi um anjo, ou ele correspondeu à sua imagem de bad boy? Porque, sério? Eu não estou engolindo essa versão toda da história de ele-não-tentou-nada.”

“Vee? Eu tenho que ir.” Minha voz estava juncada com teias de aranha.

“Estou vendo como é. Você vai desligar antes que eu consiga os detalhes da parada.”

“Nada aconteceu no encontro, e nada aconteceu depois. Minha mãe nos encontrou na entrada.”

“Não creio!”

“Eu não acho que ela goste do Patch.”

“Não diga!” Vee disse. “Quem teria adivinhado?”

“Eu te ligo amanhã, está bem?”

“Bons sonhos, querida.”

*Sem chance*, eu pensei.

Após eu sair do telefone com a Vee, eu andei pelo corredor até o escritório provisório da minha mãe e liguei o nosso IBM ultrapassado. A sala era pequena, com um teto inclinado, mais uma cumeira do que uma sala. Uma janela engordurada com cortinas laranja desbotadas dos anos 70 tinha visto para o jardim lateral. Eu podia ficar totalmente de pé em cerca de 30 por cento da sala.

Nos outros 70 por cento, o alto do meu cabelo roçava nas vigas expostas do refúgio. Um único bulbo exposto estava pendurado ali.

Dez minutos mais tarde o computador conseguiu uma conexão discada na internet, e eu digitei “cicatrices de asas de anjos” na barra de pesquisa do Google. Eu parei com o meu dedo sobre a tecla de enter, com medo de que se eu fosse adiante com isso, eu teria que admitir que eu estava realmente considerando a possibilidade de que Patch era – bem, não... humano.

Eu apertei o enter e cliquei com o mouse no primeiro link antes que eu pudesse me convencer a não fazer isso.

## **ANJOS CAÍDOS: A ATERRORIZANTE VERDADE**

**Na criação do jardim do Éden, anjos celestiais foram mandados à Terra para zelar por Adão e Eva. Logo, contudo, alguns anjos colocaram seus olhos no mundo além das paredes do jardim. Eles se viram como os futuros governantes da população da Terra, cobiçando poder, dinheiro, e até mesmo mulheres humanas.**

**Juntos eles tentaram e convenceram Eva a comer o fruto proibido, abrindo os portões guardando o Éden. Como punição por esse grave pecado e por abandonarem seus deveres, Deus arrancou as asas dos anjos e os banuiu à Terra para sempre.**

Eu pulei alguns parágrafos, meu coração batendo erratically.

**Anjos caídos são os mesmos espíritos malignos (ou demônios) descritos na Bíblia que possuem corpos humanos. Anjos caídos vagam pela Terra procurando por corpos humanos para molestar e controlar. Eles tentam humanos a fazer coisas más ao comunicarem pensamentos e imagens diretamente à suas mentes. Se um anjo caído tiver sucesso em tornar um humano maligno, ele pode entrar no corpo do humano e influenciar a personalidade e as ações dele ou dela.**

**Contudo, a possessão de um corpo humano por um anjo caído só pode se dar durante o mês judaico de Cheshvan. Cheshvan, conhecido como “o mês amargo”, é o único mês sem quaisquer feriados ou jejuns judaicos, tornando-o um mês não-sagrado. Entre as luas nova e cheia durante o Cheshvan, anjos caídos invadem corpos humanos em rebanho.**

Meu olhar hesitou no monitor do computador por alguns minutos após eu terminar de ler.

Eu não tinha pensamentos. Nenhum. Somente uma complexidade de emoções deturpada dentro de mim. Frio, um espanto assustado e mau presságio entre eles.

Um tremor involuntário despertou meus sentidos. Eu me lembrei das poucas vezes em que tive certeza de que Patch tinha rompido os métodos normais de comunicação e sussurrado diretamente para a minha mente, exatamente como o artigo clamava que anjos caídos podem fazer. Comparando essa informação com as cicatrizes de Patch, seria possível... o Patch podia ser um anjo caído? Ele queria possuir o meu corpo?

Eu olhei rapidamente pelo resto do artigo, diminuindo quando lia algo ainda mais bizarro.

**Anjos caídos que tem um relacionamento sexual com um humano produzem uma prole sobre-humana chamada nephilim. A raça nephilim é uma maligna e anormal e nunca deveria habitar a Terra. Apesar de muitos acreditarem que o Dilúvio no tempo de Noé teve a intenção de limpar a Terra dos nephilim, não temos jeito de saber se essa raça híbrida morreu e se os anjos caídos continuaram ou não a se reproduzir com humanos desde então. Parece lógico que eles continuassem, o que quer dizer que a raça nephilim provavelmente está na Terra hoje.**

Eu me empurrei da mesa. Eu comprimi tudo que tinha lido em uma pasta mental e a arqueei. E carimbei ASSUSTADOR no lado de fora da pasta. Eu não queria pensar nisso agora. Eu analisaria isso depois. Talvez.

Meu celular tocou no meu bolso e eu pulei.

“Nós decidimos que abacates são verdes ou amarelos?” Vee perguntou. “Eu já preenchi toda a quota de frutas verdes de hoje, mas se você me disser que abacates são amarelos, estou dentro.”

“Você acredita em super-heróis?”

“Depois de ver o Tobey Maguire em Homem-Aranha, sim. E então tem o Christian Bale. Mais velhos, mas gostoso pra caramba. Eu o deixaria me resgatar de ninjas empunhando espadas.”

“Estou falando sério.”

“Eu também.”

“Quando foi a última vez que você foi na Igreja?” eu perguntei.

Eu a escutei estourar um chiclete. “Domingo.”

“Você acha que a Bíblia é precisa? Quero dizer, você acha que é real?”

“Eu acho que o Pastor Calvin é gostoso. Num jeito de quarentão. Isso basicamente sintetiza a minha convicção religiosa.”

Após eu ter desligado, eu fui para o meu quarto e deslizei para debaixo das cobertas. Eu peguei um cobertor extra para repelir o frio repentino. Eu não tinha certeza se o quarto estava frio, ou se a sensação gelada originava-se de dentro de mim. Palavras assombradas como “anjo caído,” “possessão humana,” e “Nephilim” dançaram até eu dormir.

## Capítulo Vinte

Eu me virei a noite inteira. O vento soprava pelos campos abertos que margeavam a casa da fazenda, espalhando detritos pelas janelas. Eu acordei várias vezes, escutando as telhas serem arrancadas do telhado e jogadas nas bordas. Cada pequeno barulho desde o barulho das vidraças até o rangido das molas da minha cama me faziam acordar.

Perto das seis eu desisti, saí da cama, me arrastei pelo corredor em direção a um banho quente. Depois eu limpei meu quarto – meu closet estava parecendo escasso e com certeza, eu enchi a cesta três vezes com roupas para lavar. Eu estava subindo as escadas com um carregamento novo quando ouvi um bater na porta de frente. Eu a abri e encontrei Elliot parado no degrau da porta.

Ele estava de jeans, uma camisa xadrez vintage<sup>42</sup> com a manga dobrada até os cotovelos, óculos de sol e um boné do Red Sox<sup>43</sup>. Por um lado ele parecia um típico americano. Mas eu o conhecia melhor, e um choque de adrenalina e nervoso confirmaram isso.

“Nora Grey,” Elliot disse em uma voz condescendente. Ele inclinou e sorriu, eu peguei um tom amargo de álcool em seu hálito. “Ultimamente você tem me causado muitos problemas.”

“O que você está fazendo aqui?”

Ele espiou atrás de mim para dentro da casa. “O que parece que estou fazendo? Eu quero conversar. Não vai me deixar entrar?”

“Minha mãe está dormindo. Eu não quero acordá-la.”

“Eu nunca conheci sua mãe.” Alguma coisa no jeito que ele disse isso fez com que os pelos da minha nuca se arrepiassem.

“Sinto muito, você precisa de alguma coisa?”

Seu sorriso era meio desleixado, meio zombeteiro. “Você não gosta de mim, gosta Nora Grey?”

Como resposta eu cruzei meus braços no peito.

Ele voltou um degrau com sua mão no coração. “Ouch. Estou *aqui*, Nora, como uma última oferta para te convencer que eu sou um cara comum e você pode confiar em mim. Não me desaponte.”

“Escuta, Elliot, eu tenho algumas coisas que preciso –”

---

<sup>42</sup> Moda vintage é uma moda retrógrada, uma recuperação de estilos dos anos 20, 30, 40, 50 e 60.

<sup>43</sup> Time profissional americano de beisebol.

Ele bateu com o punho na casa, batendo os dedos na madeira com força suficiente para agitar a tinta lascada. “Eu não terminei!” ele repreendeu com a voz quente. De repente ele jogou a cabeça para trás e riu baixinho. Ele voltou e colocou sua mão sangrando entre os joelhos e gemeu. “Aposto dez dólares que vou me arrepender disso mais tarde.”

A presença de Elliot fazia minha pele formigar. Lembrei-me de alguns dias atrás, quando eu realmente achei que ele era bonito e charmoso. Perguntei-me porque eu tinha sido tão idiota.

Eu estava cogitando fechar a porta e trancá-la, quando Elliot tirou os óculos de sol, revelando seus olhos vermelhos. Ele limpou a garganta, sua voz saiu franca. “Eu vim aqui porque quero dizer que o Jules está sob muito estresse na escola. Exames, conselho estudantil, candidatura às bolsas, blá, blá, blá. Ele não está sendo ele mesmo. Ele precisa sair um pouco por uns dias. Nós quatro – Jules, eu, você e a Vee – deveríamos ir acampar para dar um tempo. Saindo amanhã para o Powder Horn<sup>44</sup> e voltando na quinta a tarde. Isso dará a chance para o Jules relaxar.” Cada palavra que saía de sua boca parecia assustadoramente e cuidadosamente ensaiada.

“Sinto muito, eu já tenho planos.”

“Deixe-me mudar sua mente. Eu vou planejar toda a viagem. Eu vou pegar as barracas, a comida. Vou te mostrar o cara legal que sou. Vou te mostrar ótimos momentos.”

“Eu acho que você deve ir.”

Elliot encostou a mão no batente da porta inclinando-se para mim. “Resposta errada.” Por um rápido instante, o estupor vidrado em seus olhos desapareceu, algo sinistro e retorcido tomou seu lugar. Involuntariamente eu dei um passo para trás. Eu tinha quase certeza que o Elliot tinha nele aquilo necessário para matar. Eu tinha quase certeza que a morte da Kjirsten estava em suas mãos.

“Saia ou eu vou chamar um taxi,” eu disse.

Elliot arremessou a porta de tela tão forte que ela bateu contra a casa. Ele agarrou a frente do meu roupão e me puxou para fora. Então ele me jogou de costas nas tábuas e me segurou lá com seu corpo. “Você vai vir acampar querendo ou não.”

“Me solta!” eu disse, me sacudindo para longe dele.

“Ou o que? O que você vai fazer?” Ele estava me segurando pelos ombros agora, ele me jogou contra a casa novamente, batendo meus dentes.

---

<sup>44</sup> Nome do hotel.

“Eu vou ligar para polícia.” Eu não tenho ideia de como eu disse isso tão bravamente. Minha respiração estava rápida e superficial, minhas mãos frias.

“Você vai gritar por eles? Eles não podem te ouvir. O único jeito de eu te deixar ir é você prometer ir acampar.”

“Nora?”

Elliot e eu olhamos para a porta da frente, de onde vinha a voz da minha mãe. Elliot manteve suas mãos em mim por mais um tempo, então fez um som de desgosto e me soltou. A meio caminho da escada, ele olhou por cima dos seus ombros. “Isso ainda não acabou.”

Eu corri para dentro e tranquei a porta. Meus olhos começaram a queimar. Eu encostei minhas costas na porta e sentei no tapete da entrada, lutando com a urgência de soluçar.

Minha mãe apareceu no topo da escada, apertou seu roupão no peito. “Nora? O que há de errado? Quem estava na porta?”

Eu pisquei meus olhos para secar rapidamente. “Um cara da escola.” Eu não pude tirar o vacilo da minha voz. “Ele – ele –” Eu já estava com problemas suficientes por causa do meu encontro com o Patch. Eu sabia que minha mãe estava planejando cuidar da recepção de um casamento hoje a noite da filha de um colega do trabalho, mas se eu dissesse a ela que Elliot tinha me coagido, ela não iria de jeito nenhum. E isso era a última coisa que eu queria, porque eu precisava ir a Portland investigar o Elliot. Mesmo uma pequena prova incriminatória poderia ser o suficiente para colocá-lo atrás das grades e até que isso acontecesse, eu não me sentiria segura. Eu senti uma certa violência crescendo nele e eu não queria ver o que aconteceria se ele perdesse o controle. “Ele queria minhas anotações do *Hamlet*,” eu disse. “Semana passada ele copiou minhas questões e aparentemente ele está tentando fazer disso um hábito.”

“Oh, querida.” Ela desceu para ficar ao meu lado, acariciando meu cabelo úmido, que estava frio desde meu banho. “Eu entendo porque você está chateada. Eu posso ligar para os pais dele se você quiser.”

Eu balancei a cabeça.

“Então vou fazer seu café da manhã,” mamãe disse. “Vá terminar de se vestir. Eu terei tudo pronto quando você descer.”

Eu estava na frente do meu armário quando meu celular tocou.

“Você está ouvindo? Nós quatro vamos a-c-a-m-p-a-r para dar uma relaxada!” a Vee disse, soando bizarramente alegre.

“Vee,” eu disse, com a voz tremendo. “Elliot está planejando alguma coisa. Alguma coisa assustadora. A única razão para ele querer ir acampar é para que ele nos tenha sozinhas. Nós não vamos.”

“O que você quer dizer com nós não vamos? Isso é uma piada, certo? Quero dizer, finalmente vamos fazer uma coisa excitante para relaxar e você está dizendo não? Você sabe que minha mãe nunca vai me deixar ir sozinha. Faça qualquer coisa. Sério. Faça sua lição de casa por uma semana. Vamos, Nora. Uma pequena palavra. Diga. Começa com a letra S...”

A mão que estava segurando o celular tremeu e eu o segurei com a outra. “Elliot apareceu na minha casa quinze minutos atrás, bêbado. Ele – ele me ameaçou fisicamente.”

Ela ficou quieta por um momento. “O que você quer dizer com ‘ameaçou fisicamente’?”

“Ele me puxou para fora da porta da frente e me jogou contra a casa.”

“Mas ele estava bêbado, certo?”

“Isso importa?” eu bati.

“Bem, ele tem muita coisa na cabeça. Quero dizer, ele foi erradamente acusado de estar envolvido com o suicídio de uma garota e ele foi forçado a trocar de escola. Se ele te machucou – eu não estou justificando o que ele fez – talvez ele apenas precise de... aconselhamento, você sabe?”

“Se ele me machucou?”

“Ele estava perdido. Talvez – talvez ele não soubesse o que estava fazendo. Amanhã ele vai sentir-se horrível.”

Eu abri minha boca e fechei. Eu na podia acreditar que a Vee estava do lado do Elliot. “Eu tenho que ir,” eu disse brevemente. “Falo com você mais tarde.”

“Posso ser bem honesta, querida? Eu sei que você está preocupada com esse cara com máscara de esqui. Não me odeie, mas eu acho que a única razão para você estar tentando tanto colocar a culpa no Elliot é porque você não quer que seja o Patch. Você racionaliza tudo e isso me assusta.”

Eu estava sem palavras. “Racionalizando? Patch não apareceu na minha porta essa manhã e me jogou contra minha casa.”

“Quer saber? Eu não devia ter dito isso. Vamos apenas esquecer, tudo bem?”

“Tudo bem,” eu disse duramente.

“Então... o que você vai fazer hoje?”

Eu coloquei a cabeça pra fora da porta, escutando minha mãe. O som de alguma coisa raspando em uma tigela vinha da cozinha. Parte de mim não via uma razão para dividir qualquer coisa com a Vee, mas outra parte sentia-se

ressentida e confrontada. Ela queria saber meus planos? Por mim tudo bem. Não era meu problema se ela não gostasse deles. “Eu vou para Portland assim que minha mãe sair para o casamento na Praia Old Orchard.” O casamento começava às 4 da tarde e em seguida com a recepção, minha mãe não chegaria em casa antes das 9 da noite. O que me dava tempo suficiente para passar a tarde em Portland, e chegar em casa.

“Na verdade, eu estava me perguntando se talvez eu pudesse pegar emprestado o Neon. Eu não quero que minha mãe veja os quilômetros a mais no meu carro.”

“Oh, cara. Você vai espionar o Elliot não vai? Você vai bisbilhotar em Kinghorn.”

“Eu vou fazer um pouco de compras e pegar um jantar,” eu disse, pegando uns cabides e deslizei para fora do armário. Eu puxei uma blusa de manga comprida, jeans, um gorro listrado rosa e branco que eu reservava para os dias de cabelo ruim e fins de semana.

“E você pegar um jantar inclui parar em uma certa lanchonete que fica a algumas quadras da Kinghorn Prep? Um jantar onde Kjirsten que é-o-nome-dela costumava trabalhar?”

“Isso não é uma má ideia,” eu disse. “Talvez eu vá.”

“E você vai realmente comer, ou apenas interrogar os trabalhadores?”

“Talvez eu faça algumas perguntas. Posso pegar o Neon ou não?”

“Claro que pode,” ela disse. “Para que servem as melhores amigas? Eu até vou com você nessa pequena viagem condenada. Mas primeiro você tem que prometer que vamos acampar.”

“Esqueça. Vou de ônibus.”

“Nós vamos falar sobre a viagem depois!” Vee falou pelo telefone antes que eu pudesse desligar.

Eu estive em Portland em várias ocasiões, mas eu não conhecia muito bem a cidade. Eu desci do ônibus armada com meu celular, um mapa e minha própria bússola interna. Os prédios eram altos, de tijolos vermelhos e esguios, bloqueando o pôr-do-sol, que brilhava abaixo de um trecho de nuvens pesadas de tempestade, deixando as ruas sob um dossel de sombras. Todas as fachadas das lojas tinham varandas e placas excêntricas do lado de fora das portas. As ruas estavam cheias com lâmpadas com chapéu-de-bruxa<sup>45</sup> preto. Depois de vários quarteirões, as ruas congestionadas se abriram para uma área com

---

<sup>45</sup> Tipo de lustre nos postes da rua.

árvores, e eu tive a vista do Kinghorn Prep. Uma catedral, uma torre de campanário e uma torre com relógio que ia além do topo das árvores.

Eu fiquei na calçada e virei a esquina em direção à rua 32nd. O porto era apenas a algumas quadras a diante e eu tive uns vislumbres de barcos passando atrás das lojas enquanto eles vinham para as docas. No meio da rua 32nd, eu vi uma placa do Café-Restaurante Blind Joe's. Eu puxei minhas perguntas para fora e as li pela última vez. O plano era para que não parecesse que eu estava fazendo uma entrevista oficial. Eu esperava que se eu casualmente puxasse o assunto sobre a Kjirsten com os empregados do lugar, eu poderia destrinchar alguma coisa que vários repórteres antes de mim tivessem de alguma forma perdido. Esperando que as questões permanecessem na minha memória, eu disfarçadamente joguei a lista na lixeira mais próxima.

A porta fez tocar um sininho quando eu entrei.

O chão tinha piso amarelo e branco, e as mesas foram estofadas com um azul marinho. Fotos do porto estavam penduradas na parede. Eu me sentei em uma mesa perto da porta e tirei meu casaco.

Uma garçonete com um avental branco manchado. "Chamo-me Whitney," ela me disse com uma voz azeda. "Bem vinda ao Blind Joe's. O especial de hoje é o sanduíche de atum. A sopa do dia é de lagosta." Sua caneta estava posicionada para anotar meu pedido.

"Blid Joe's?" eu fiz uma careta e coloquei a mão no queixo. "Por que esse nome me soa *tão* familiar?"

"Você lê jornais? Nós estivemos nas notícias por uma semana inteira mês passado. Quinze minutos e tudo."

"Oh!" Eu disse de repente. "Agora me lembro. Houve um assassinato, certo? A garota não trabalhava aqui?"

"Era a Kjirsten Halverson." Ela clicava sua caneta impacientemente.

"Você pode me trazer uma tigela daquela sopa para começar?" Eu não queria sopa de lagosta. Na verdade eu não estava nem remotamente com fome. "Isso deve ter sido difícil. Vocês duas eram amigas?"

"Droga, não. Você vai fazer o pedido ou o quê? Eu vou te contar um pequeno segredo. Se eu não trabalho, não ganho dinheiro. Se eu não ganho dinheiro, eu não pago o aluguel."

De repente eu desejei que o garçom do outro lado da lanchonete viesse anotar meu pedido. Ele era baixo, careca até as orelhas e seu corpo tinha a forma dos paliteiros que ficavam na ponta da mesa. Seus olhos nunca chegavam a mais de um metro acima do chão. Patética como me sentiria após este fato, um sorriso amigável meu talvez fosse o suficiente para que ele derramasse toda

a história de vida da Kijirsten. “Desculpe,” eu disse para a Whitney. “Não consigo parar de pensar no assassinato. Claro que para você provavelmente seja uma novidade ultrapassada. Você deve ter repórteres por aqui o tempo todo fazendo perguntas.”

Ela me deu um olhar afiado. “Precisa de mais um tempo para olhar o menu?”

“Eu, pessoalmente, acho repórteres irritantes.”

Ela se inclinou, dobrando os braços sobre a mesa. “Eu acho clientes que demoram muito, irritantes.”

Eu dei um suspiro silencioso e abri o cardápio. “O que você recomenda?”

“Tudo aí é bom. Pergunte para o meu namorado.” Ela deu um sorriso. “Ele é o cozinheiro.”

“Falando em namorados... a Kijirsten tinha um?” *Boa mudança de tema*, eu disse para mim mesma.

“Corta essa,” Whitney pediu. “Você é policial? Uma advogada? Uma repórter?”

“Apenas uma cidadã preocupada.” Isso soou como uma pergunta.

“Yeah, tá bom. Seguinte. Peça um milk-shake, batatas fritas, um hambúrguer Angus, um prato de sopa, me dê vinte e cinco por cento de gorjeta e eu digo para você o que eu disse para todos os outros.”

Eu pesei minhas opções: minha mesada ou respostas. “Feito.”

“Kijirsten tava saindo com aquele garoto, o Elliot Saunders. O que saiu nos jornais. Ele estava aqui o tempo todo. Voltava com ela caminhando para o apartamento dela no final do turno.”

“Você falou alguma vez com o Elliot?”

“Eu não.”

“Você acha que a Kijirsten cometeu suicídio?”

“Como eu saberia?”

“Eu li nos jornais que um bilhete de suicídio foi encontrado no apartamento da Kijirsten, mas também havia evidências de arrombamento.”

“E?”

“Você não acha isso um pouco... estranho?”

“Se você está perguntando se eu acho que o Elliot poderia ter colocado o bilhete no apartamento dela, claro que acho. Garoto rico como ele pode conseguir qualquer coisa. Provavelmente contratou alguém para plantar o bilhete. É assim que funciona quando se tem dinheiro.”

“Eu não acho que o Elliot tem muito dinheiro.” Minha impressão sempre foi a de que o Jules é que era o endinheirado. Vee nunca parava de divagar sobre a

casa dele. “Eu acho que ele estava na Kinghorn Prep com uma bolsa de estudos.”

“Bolsa de estudos?” ela repetiu bufando. “O que tem na água que você anda bebendo? Se o Elliot não tem tanto dinheiro, como ele comprou para a Kjirsten o apartamento? Me explica.”

Eu lutei para segurar minha surpresa. “Ele comprou um *apartamento* para ela?”

“Kjirsten nunca parava de falar nisso. Quase me deixou maluca.”

“Por que ele compraria um apartamento para ela?”

Whitney baixou seu olhar e me encarou, com as mãos no quadril. “Não vai me dizer que você é realmente tão boba.”

Oh. Privacidade. Intimidade. Entendi.

Eu disse, “Você sabe por que o Elliot foi transferido para fora da Kinghorn?”

“Não sabia que ele tinha sido.”

Eu driblei suas respostas com perguntas que eu ainda queria fazer, tentando retirar eles da sua memória. “Alguma vez ele encontrou com amigos aqui? Alguém além da Kjirsten?”

“Como eu me lembraria disso?” Ela rolou os olhos. “Eu pareço ter memória fotográfica?”

“Que tal um cara alto? *Bem* alto. Cabelo loiro e longo, bonito, roupas sob medida.”

Ela arrancou um pedaço de unha com seus dentes da frente e o colocou dentro do bolso do seu avental. “Yeah, eu me lembro desse cara. Difícil não lembrar. Todo mal humorado e quieto. Ele veio uma ou duas vezes. Não faz muito tempo. Talvez próximo de quando a Kjirsten morreu. Eu me lembro porque nós íamos servir sanduíches de carne enlatada para o dia de St. Patrick e não consegui que ele pedisse um. Apenas me olhou como se ele fosse voar pela mesa e cortar minha garganta se eu continuasse a ler o especial do dia por ali. Mas eu *acho* que eu me lembro de alguma coisa. Não que eu sou intrometida, mas eu tenho ouvidos. As vezes não posso evitar ouvir algumas coisas. A última vez que o cara alto e o Elliot vieram, eles estavam debruçados na mesa falando sobre um teste.”

“Um teste de escola?”

“Como eu saberia? Pelo o que pareceu, o cara alto falhou em um teste e Elliot não estava muito feliz com isso. Ele jogou sua cadeira para trás e saiu. Nem mesmo comeu seu sanduíche.”

“Eles mencionaram a Kjirsten?”

“O cara alto veio primeiro, perguntou se a Kjirsten estava trabalhando. Eu disse a ele que não, ela não estava e ele pegou seu celular. Dez minutos depois, Elliot entrou. Kjirsten sempre servia a mesa do Elliot, mas como eu disse, ela não estava trabalhando, então eu servi. Se eles falaram sobre a Kjirsten, eu não ouvi. Mas para mim, pareceu que o cara alto não queria a Kjirsten por perto.”

“Você se lembra de mais alguma coisa?”

“Depende. Você vai pedir uma sobremesa?”

“Eu acho que quero um pedaço de torta.”

“Torta? Eu te dou cinco minutos do meu precioso tempo e tudo o que você pede é uma torta? Eu pareço não ter mais nada para fazer do que bater papo com você?”

Eu olhei para a lanchonete. Estava morta. Sem contar o cara debruçado sobre o jornal no balcão, eu era a única cliente.

“Okay...” Eu olhei o cardápio.

“Você vai querer um suco de framboesa para empurrar a torta para baixo.” Ela escreveu no bloquinho. “E um cafezinho.” Mais escrita. “Estou esperando mais um adicional de vinte e cinco por cento de gorjeta com isso.”

Ela me deu um sorriso presunçoso, colocou o bloquinho no avental e gingou de volta para a cozinha.

## Capítulo Vinte e Um

DO LADO DE FORA, O TEMPO TINHA FICADO FRIO. E estava garoando. Os postes de luz queimavam uma cor lúgubre e lívida que não adiantava muito contra a espessa névoa fermentando pelas ruas. Eu saí apressadamente do Blind Joe's, grata por ter olhado a previsão do tempo mais cedo e trazido o meu guarda-chuva. Enquanto eu passava por janelas de fachada, eu vi multidões de reunindo nos bares.

Eu estava a algumas quadras do ponto de ônibus quando a sensação gelada agora-familiar beijou a minha nuca. Eu sentira na noite em que tive certeza de que alguém olhava pela janela do meu quarto, no Delphic, e novamente logo antes da Vee sair do Victoria's Secret usando a minha jaqueta. Eu me curvei, fingi amarrar meu cadarço, e lancei um olhar clandestino ao redor. As calçadas em ambos os lados da rua estavam vazias.

A luz do semáforo de pedestres mudou, e eu sai do meio fio. Me movendo mais rápido, eu enfiei minha bolsa de mão sob meu braço e esperei que o ônibus estivesse no horário. Eu cortei caminho por um beco atrás de um bar, passei deslizando por um amontoado de fumantes, e saí na próxima rua. Correndo devagar por uma quadra, eu desviei-me em outro beco e circulei de volta o quarteirão. A cada poucos segundos eu checava atrás de mim.

Eu escutei o ruído do ônibus, e um instante depois ele circulou a esquina se materializando da nevoa. Ele diminuiu a velocidade contra o meio-fio e eu entrei nele, me dirigindo para casa. Eu era a única passageira.

Tomando um assento a diversas fileiras atrás do motorista, eu deslizei para ficar fora de vista. Ele sacudiu a manivela para fechar as portas, e o ônibus rugiu pela rua. Eu estava prestes a dar um suspiro de alívio quando recebi uma mensagem de texto da Vee.

onde vc tá?

PORTLAND, eu mandei de volta, VOCÊ?

eu tb. numa festa com jules e o elliott vamos nos encontrar.

por que você está em portland?!

Eu não esperei por sua resposta; eu liguei diretamente para ela. Falar era mais rápido. E isso era urgente.

“Bem? O que diz?” Vee perguntou. “Está em clima para festejar?”

“A sua mãe sabe que você está numa festa em Portland com dois caras?”

“Você está começando a soar neurótica, querida.”

“Eu não acredito que você veio para Portland com o Elliot!” eu tive um pensamento submerso. “Ele sabe que você está no telefone comigo?”

“Para que ele possa ir te matar? Não, desculpa. Ele e Jules correram para Kinghorn para pegar algo, e eu estou passando o tempo sozinha. Eu podia contar com uma parceira. Ei!” Vee gritou de fundo. “Tire as mãos, está bem? T-I-R-E. Nora? Não estou exatamente na melhor das áreas. Quanto mais rápido, melhor.”

“Onde você está?”

“Espera aí... está bem, o prédio do outro lado da rua diz um-sete-dois-sete. É a rua Highsmith, tenho bastante certeza.”

“Estarei aí assim que puder. Mas não vou ficar. Eu vou para casa, e você vem comigo. Pare o ônibus!” eu gritei para o motorista.

Ele pisou nos freios, e eu fui jogada contra o assento na minha frente.

“Pode me dizer onde fica Highsmith?” eu perguntei a ele assim que cheguei no começo do corredor.

Ele apontou para as janelas nos lambris do lado direito do ônibus. “O oeste daqui. Está planejando ir a pé?” Ele me observou de alto abaixo. “Porque devo avisá-la, é uma vizinhança pesada.”

Ótimo.

Eu tive que andar por apenas algumas quadras antes que soubesse que o motorista do ônibus estivera certo em me alertar. O cenário mudou drasticamente. As antiquadas fachadas foram substituídas por prédios pichados com grafite de gangues. As janelas eram negras, trancadas com barras de ferro. As calçadas eram caminhos sombrios esticando-se até a névoa.

Um som lento e retumbante era trazido pela névoa, e uma mulher empurrando uma carroça com sacos de lixo entrou à vista. Seus olhos eram passas, pequenos e redondos como contas e negros, e eles contorciam-se na minha direção numa avaliação quase predatória.

“O que temos aqui?” ela disse por um buraco onde faltava um dente.

Eu dei um passo discreto para trás e apertei a minha bolsa de mão contra mim.

“Parece um casaco, mitenes, e um bonito chapéu de lã,” ela disse. “Sempre quis pra eu um bonito chapéu de lã.” Ela pronunciava a palavra como [i]bu-ni-to.[/i]

“Olá,” eu disse, limpando minha garganta e tentando soar amigável. “Você pode por favor me dizer quanto falta para a rua Highsmith?”

Ela cacarejou.

“Um motorista de ônibus, me apontou nessa direção,” eu disse com menos confiança.

“Ele te disse que Highsmith é por aqui?” ela disse, soando irritada. “Eu sei o caminho até Highsmith, e não é por aqui.”

Eu esperei, mas ela não elaborou. “Você acha que podia me dar as direções?” eu perguntei.

“Eu tenho as direções.” Ela bateu em sua cabeça com um dedo que se assemelhava fortemente a um graveto retorcido e nodoso. “Guardo tudo aqui em cima, eu guardo.”

“Para que lado é Highsmith?” eu encorajei.

“Mas não posso te contar de graça,” ela disse em um tom censurador. “Isso vai te custar. Ninguém nunca te disse que não há nada de graça na vida?”

“Eu não tenho dinheiro algum.” Não muito, de qualquer jeito. Somente o bastante para uma passagem de ônibus para casa.

“Você tem um belo casaco quente.”

Eu olhei para baixo para o meu casaco acolchoado. Um vento gelado desordenou o meu cabelo, e pensar em tirar meu casaco mandou um fluxo de arrepios pelos meus braços. “Eu acabei de ganhar esse casaco de Natal.”

“Eu estou congelando a minha derrièrre aqui,” ela retrucou. “Você quer direções ou não?”

Eu não conseguia acreditar que eu estava parada aqui. Eu não conseguia acreditar que estava trocando meu casaco com uma sem-teto. Vee tinha tantas dividas comigo que talvez ela nunca as quitasse.

Eu tirei meu casaco e observei ela coloca-lo e fechar o zíper.

Minha respiração saia como fumaça. Eu me abracei e bati meu pé, conservando a temperatura corporal. “Você pode por favor me dizer agora para que lado é Highsmith?”

“Você quer o caminho longo, ou o curto?”

“Cu-curto,” eu bati os dentes.

“Isso vai te custar também. O caminho curto tem uma taxa adicional anexada. Como eu disse, sempre quis para eu um bonito chapéu de lã.”

Eu tirei o gorro rosa e branco da minha cabeça.

“Highsmith?” eu perguntei tentando manter o tom amigável enquanto eu o passava.

“Viu aquele beco?” ela disse, apontando para trás de mim. Eu me virei. O beco estava a uma quadra e meia de distancia. “Entre nele, você sairá em Highsmith do outro lado.”

“É isso?” eu disse incredulamente. “Uma quadra?”

“A boa notícia, é que você tem uma caminhada curta. A má notícia é que não tem uma caminhada que pareça curta nesse tempo. Claro, estou bem quente agora que eu tenho um casaco e um bonito chapéu. Me dê essas mitenes, e eu mesma andarei com você até lá.

Eu olhei para baixo para as mitenes. Pelo menos as minhas mãos estavam quentes. “Eu me viro.”

O beco era escuro e entulhado com latas de lixo, caixas de papelão manchadas de água, e um calombo irreconhecível que poderia ter sido um aquecedor de água. Mas também, podia tão facilmente ser um tapete com um corpo enrolado dentro. Uma cerca alta de elo de correntes espalhava-se pela metade de baixo do beco. Eu mal conseguia escalar uma cerca de um metro e vinte num dia normal, muito menos uma de três metros. Construções de tijolo me ilhavam de ambos os lados. Todas as janelas estavam engorduradas e embarriladas.

Pisando em cima de engradados e sacos de lixo, eu fui caminhando pelo beco. Vidro quebrado era esmigalhado sob meus sapatos. Um relampejo de branco passou entre as minhas pernas, me deixando sem fôlego. Um gato. Só um gato, desaparecendo na escuridão à frente.

Eu estiquei a mão para o meu bolso para mandar uma mensagem para Vee, com a intenção de dizer a ela que eu estava perto e para me procurar, quando eu lembrei que deixei meu celular no bolso do meu casaco. *Muito bem*, eu pensei. *Quais as chances da mulher dos sacos te devolver seu telefone?* Precisamente – de mínimas a zero.

Eu decidi que valia a pena, e enquanto eu me virava, um sedã preto polido passou correndo pela abertura do beco. Com um brilho repentino de vermelho, as luzes do freio se acenderam.

Por razões que eu não conseguia explicar além da intuição, eu fui atraída para as sombras.

Uma porta de carro abriu e o estralar de tiros escapou. Dois tiros. A porta do carro bateu e o sedã preto foi embora com um som agudo. Eu conseguia ouvir o meu coração martelando no meu peito, e ele se misturou com o som de pés correndo. Eu percebi um instante mais tarde de que eram os meus pés, e eu estava correndo para a boca do beco. Eu circulei a esquina e parei abruptamente.

O corpo da mulher dos sacos estava numa pilha na calçada.

Eu me apressei até lá e caí de joelhos ao lado dela. “Você está bem?” eu disse freneticamente, girando-a. Sua boca estava aberta, seus olhos de passa

ocos. Líquido negro fluía pelo casaco acolchoado que eu estivera usando há três minutos.

Eu senti vontade de pular para trás, mas me forcei a esticar a mão para dentro dos bolsos do casaco. Eu precisava ligar chamando por ajuda, mas meu telefone não estava ali.

Havia uma cabine telefônica na esquina do outro lado da rua. Eu corri até ela e disquei 192. Enquanto eu esperava pelo operador atender, eu olhei para trás para o corpo da mulher dos sacos, e foi quando eu senti a adrenalina fria me percorrer. O corpo tinha sumido.

Com uma mão tremendo, eu desliguei. O som de passos se aproximando soaram nos meus ouvidos, mas se eles estavam perto ou longe, eu não conseguia afirmar.

Clip, clip, clip.

Ele está aqui, eu pensei. O homem de máscara de esqui.

Eu enfiei algumas moedas no telefone e agarrei o receptor com ambas as mãos. Eu tentei me lembrar do número do celular do Patch. Espremendo meus olhos fechados, eu visualizei os sete números que ele tinha escrito em tinta vermelha na minha mão no dia que nos conhecemos. Antes que eu pudesse duvidar da minha memória, eu disquei os números.

“E aí?” Patch disse.

Eu quase solucei ao som da voz dele. Eu conseguia ouvir o crepitar de bolas de bilhar colidindo numa mesa de sinuca nos fundos, e eu sabia que ele estava na Bo's Arcade. Ele podia chegar aqui em quinze, talvez vinte minutos.

“Sou eu.” Eu não ousei forçar a minha voz mais que um sussurro.

“Nora?”

“Estou em P-Portland. Na esquina da Hampshire com Nantucket. Pode me pegar? É urgente.”

Eu estava amontoada no fundo da cabine telefônica, contando silenciosamente até cem, tentando permanecer calma, quando um Jipe Commander preto deslizou para o meio-fio. Patch abriu a porta da cabine telefônica e se agachou na entrada.

Ele retirou sua camada de cima – uma camiseta preta de manga longa – deixando-o com uma camiseta preta. Ele encaixou o decote da camiseta sobre a minha cabeça e um instante mais tarde empurrou meus braços pelas mangas. A camiseta me diminuía, as mangas penduradas para baixo das pontas dos meus dedos. Misturava os cheiros de fumaça, água salgada, e sabonete de menta. Algo nela enchia os lugares ocultos dentro de mim com tranquilidade.

“Vamos para o carro,” Patch disse. Ele me puxou para cima, e eu enlacei meus braços ao redor do seu pescoço e enterrei meu rosto nele.

“Acho que vou passar mal,” eu disse. O mundo inclinou-se, incluindo Patch.

“Eu preciso das minhas pílulas de ferro.”

“Shh,” ele disse, me segurando contra ele. “Vai ficar tudo bem. Estou aqui agora.”

Eu consegui assentir um pouquinho.

“Vamos sair daqui.”

Outro assentimento. “Precisamos pegar a Vee,” eu disse. “Ela está numa festa há uma quadra.”

Enquanto Patch dirigia o Jipe pela esquina, eu escutei o eco do rangido dos meus dentes dentro da minha cabeça. Eu nunca estive tão assustada na minha vida. Vendo a mulher sem-teto morta invocou pensamentos sobre o meu pai.

Minha visão estava manchada com vermelho, e por mais que eu tentasse, eu não conseguia apagar a imagem de sangue.

“Você estava no meio de um jogo de sinuca?” eu perguntei, me lembrando do som das bolhas de bilhar colidindo nos fundos durante nossa breve conversa telefônica.

“Eu estava ganhando um condomínio.”

“Um condomínio?”

“Um daqueles presunçosos no lago. Eu teria odiado o lugar. Aqui é Hughsmith. Você tem o endereço?”

“Eu não consigo lembrar,” eu disse, sentando-me mais alta para dar uma olhada melhor pelas janelas. Todos os prédios pareciam abandonados. Não havia traço de uma festa. Não havia traço de vida, ponto.

“Está com seu celular?” eu perguntei a Patch.

Ele deslizou um Blackberry para fora de seu bolso. “A bateria está fraca. Eu não sei se aguenta uma ligação.”

Eu mandei uma mensagem de texto para a Vee. ONDE VOCÊ ESTÁ?!

MUDANÇA DE PLANOS, ela mandou de volta. ACHO QUE O J E O E NÃO CONSEGUIRAM ACHAR O Q ELES TAVAM PROCURANDO. ESTAMOS INDO PRA CASA.

A tela ficou preta.

“Acabou,” eu disse a Patch. “Está com o carregador?”

“Comigo não.”

“Vee vai voltar para Coldwater. Você acha que pode me deixar na casa dela?”

Minutos mais tarde nós estávamos na estrada costeira, dirigindo bem junto de um penhasco logo acima do oceano. Eu já tinha passado por esse caminho antes, e quando o sol se punha, a água ficava um azul ardósia com remendos de verde escuro onde a água refletia as sempre-vivas. Estava de noite, e o oceano era um veneno preto suave.

“Você vai me dizer o que aconteceu?” Patch perguntou.

O júri ainda não tinha decidido se eu devia ou não contar algo ao Patch. Eu podia contar a ele como, depois da mulher dos sacos ter me enganado para pegar meu casaco, atiraram nela. Eu podia contar a ele que eu achei que a bala era para mim. Então eu podia tentar explicar como o corpo da mulher dos sacos tinha desaparecido magicamente no ar.

Eu me lembrava do olhar louco que o Detetive Basso tinha me dirigido quando eu disse a ele que alguém tinha invadido meu quarto. Eu não estava com humor para revirarem os olhos e rirem de mim novamente. Não pelo Patch. Não agora.

“Eu me perdi, e a mulher dos sacos me encurralou,” eu disse. “Ela me persuadiu a tirar o meu casaco...” Eu limpei meu nariz com as costas da minha mão e funguei.

“Ela pegou o meu gorro, também.”

“O que você estava fazendo por aqui?” perguntou Patch.

“Me encontrando com a Vee numa festa.”

Nós estávamos na metade entre Portland e Coldwater, num pedaço de estrada sumarenta e deserta, quando vapor foi lançado do capô do Jipe. Patch freiou, levando o Jipe para a beira da estrada.

“Espera aí,” ele disse, virando-se. Levantando o capô do Jipe, ele desapareceu de vista.

Um minuto mais tarde ele deixou o capô cair de volta no lugar. Roçando suas mãos na sua calça, ele veio até a minha janela, gesticulando para que eu a abaixasse.

“Más notícias,” ele disse. “É o motor.”

Eu tentei parecer informada e inteligente, mas eu tinha uma sensação de que a minha expressão parecia simplesmente vazia.

Patch levantou uma sobrancelha e disse, “Descanse em paz.”

“Não vai se mover?”

“Não a não ser que a empurremos.”

De todos os carros, ele tinha que escolher justo esse.

“Onde está o seu celular?” Patch perguntou.

“Eu perdi.”

Ele sorriu. “Deixe-me adivinhar. No bolso do seu casaco. A mulher dos sacos realmente lucrou, não foi?”

Ele explorou o horizonte. “Duas escolhas. Nós podemos pedir uma carona, ou podemos andar até a próxima saída e achar um telefone.”

Eu saí, fechando a porta com força atrás de mim. Eu chutei o pneu direito dianteiro do Jipe. Eu sabia que estava usando a raiva para mascarar o meu medo pelo que eu tinha passado hoje. Assim que eu estivesse totalmente sozinha, eu me acabaria de chorar.

“Eu acho que tem um motel<sup>46</sup> na próxima saída. Eu c-c-chamarei um táxi,” eu disse, meus dentes rangendo ainda mais. “V-v-você espera aqui com o Jipe.”

Ele deu um sorriso ligeiro, mas não pareceu divertido. “Eu não vou te deixar sair da minha vista. Você está parecendo um pouco transtornada, Anjo. Nós iremos juntos.”

Cruzando meus braços, eu enfrentei-o. De tênis, meus olhos ficavam no nível dos ombros dele. Eu fui forçada a inclinar meu pescoço para trás para encontrar os olhos dele. “Eu não vou chegar nem perto de um motel com você.” Melhor soar firme, para que eu tivesse menos chance de mudar de ideia.

“Você acha que nós dois num motel pobretão é uma combinação perigosa?”

Na verdade, sim.

Patch se reclinou contra o Jipe. “Nós podemos sentar aqui e discutir isso.” Ele espremeu seus olhos para o céu revoltoso. “Mas essa tempestade está prestes a ter sua energia renovada.”

Como se a Mãe Natureza quisesse dar seu palpite no veredicto, o céu se abriu e uma mistura espessa de chuva e granizo chegou.

Eu lancei a Patch meu olhar mais frio, então soltei um suspiro de raiva.

Como sempre, ele tinha razão.

---

<sup>46</sup> Só pra deixar claro: os môtéis nos EUA não são os que a gente conhece por aqui, eles são uns hoteizinhos de estrada meio vagabundos.

## Capítulo Vinte e Dois

Vinte minutos depois eu e Patch chegamos encharcados na entrada de um hotel barato de beira de estrada. Eu não tinha falado nenhuma palavra para ele enquanto nós andamos rapidamente pela chuva com neve e agora eu não estava apenas ensopada, mas completamente... Enervada. A chuva caía em cascata e eu não achava que nós fossemos voltar ao Jeep em breve. O que deixava eu, Patch e um hotelzinho na mesma equação por uma indeterminada quantidade de tempo.

A porta tocou um sino quando entramos e o recepcionista ficou em pé abruptamente, espalhando migalhas de Cheetos para fora de seu colo. “O que vai ser?” ele disse, lambendo os dedos para limpar o lodo laranja. “Apenas vocês dois essa noite?”

“Nós p-p-precisamos do seu telefone emprestado,” eu disse batendo os dentes, esperando que ele entendesse meu pedido.

“Não podemos. As linhas estão fora do ar. Culpe a tempestade.”

“O que v-você quer dizer com as l-linhas estão f-fora do ar? Você tem um celular?”

O recepcionista olhou para o Patch.

“Ela quer um quarto para não fumantes,” Patch disse.

Eu virei meu rosto para o Patch. *Você pirou?* Eu murmurei.

O recepcionista digitou algumas teclas em seu computador. “Parece que nós temos... espere... Bingo! Um quarto king para não fumantes.”

“Vamos ficar com esse,” Patch disse. Ele olhou de lado para mim e os cantos dos seus lábios subiram. Eu estreitei os olhos.

Bem nessa hora as luzes acima de nossas cabeças piscaram e apagaram, deixando a recepção no escuro. Nós todos ficamos em silêncio por um momento antes de o recepcionista dar a volta e acender uma lanterna grande.

“Eu era escoteiro,” ele disse. “Antigamente. ‘Esteja preparado’.”

“Então você d-d-deve ter um celular?” eu disse.

“Eu tinha. Até que eu não pude mais pagar a conta.” Ele ergueu os ombros.

“O que posso dizer, minha mãe é econômica.”

A mãe dele? Ele deveria ter quarenta anos. Não que isso fosse da minha conta. Eu estava muito mais preocupada com o que *minha* mãe faria quando ela chegasse em casa do casamento e não me encontrasse lá.

“Como você quer pagar?” o recepcionista perguntou.

“Dinheiro,” Patch disse.

O recepcionista riu, balançando sua cabeça para cima e para baixo. “É uma forma popular de pagamento por aqui.” Ele se inclinou mais perto e disse em um tom confidencial. “Temos muitos habitantes que não querem suas atividades extracurriculares rastreadas, se é que você entende o que digo.”

A metade lógica do meu cérebro estava me dizendo que eu não podia considerar realmente passar a noite em um hotelzinho com o Patch.

“Isso é loucura,” eu disse para o Patch numa voz baixa.

“Eu sou louco.” Ele estava quase sorrindo novamente. “Por você. Quanto pela lanterna?” ele perguntou para o recepcionista.

O recepcionista procurou embaixo da mesa. “Eu tenho uma coisa ainda melhor: vela do tamanho-sobrevivência,” ele disse, colocando duas a nossa frente. Pegou um fósforo e acendeu. “São por conta da casa, sem custar nada a mais. Coloque uma no banheiro, a outra na área de dormir e vocês nunca perceberão a diferença. Eu mesmo vou jogar na caixa de fósforos. Se não houver mais nada, isso vai ser uma boa lembrança.”

“Obrigada,” Patch disse, pegando meu cotovelo e caminhou comigo pelo corredor.

No quarto 106, Patch fechou a porta atrás de nós. Ele colocou a vela na cabeceira da cama, em seguida a usou para espalhar luz. Tirando seu boné de beisebol, ele chacoalhou seus cabelos como um cachorro molhado.

“Você precisa de um banho quente,” ele disse. Dando alguns passos para trás, ele enfiou a cabeça dentro do banheiro. “Parece ter um sabonete e duas toalhas.”

Ergui um pouquinho meu queixo. “Você não pode me f-forçar a ficar aqui.” Eu tinha apenas concordado em vir tão longe porque primeiro: eu não queria ficar lá fora naquele aguaceiro e segundo: eu tinha muita esperança de encontrar um telefone.

“Isso parece mais uma pergunta que uma afirmação,” Patch disse.

“Então res-respondia.”

Seu sorriso maroto apareceu. “É difícil concentrar em respostas com você assim.”

Eu olhei para baixo, para a camiseta preta do Patch, molhada e agarrada ao meu corpo. Eu rocei nele ao passar e fechei a porta do banheiro entre nós.

Virando a torneira para o quente, eu tirei a camiseta do Patch e minhas roupas. Um longo fio de cabelo preto estava grudado na parede do chuveiro, eu o peguei com um pedaço de papel higiênico antes de enxaguar a parede. Então eu entrei atrás da cortina do chuveiro, vendo minha pele brilhar com o calor.

Massageando com o sabonete meus músculos ao longo do meu pescoço e descendo pelos meus ombros, eu disse a mim mesma que eu podia lidar com dormir no mesmo quarto que o Patch. Não era o arranjo mais seguro ou esperto, mas eu tinha pessoalmente visto que nada aconteceu. Além do mais, que escolha eu tinha... certo?

A metade imprudente do meu cérebro riu para mim. Eu sabia o que eu estava pensando. No começo eu tinha me sentido atraída pelo Patch por um campo de força misterioso. Agora eu estava atraída por ele por alguma coisa inteiramente diferente.

Alguma coisa com muito calor envolvido. A conexão esta noite era inevitável. Em uma escala de um a dez, isso me assustava perto dos oito. E me excitava perto dos nove.

Eu desliguei a água, saí do chuveiro e sequei minha pele. Com um olhar para minhas roupas ensopadas foi tudo que precisei para saber que eu não desejava colocá-las novamente. Talvez haja uma secadora que funcione com moedas por perto... Uma que não necessite de eletricidade. Eu suspirei, coloquei minha segunda pele regata e minha calcinha, que tinham sobrevivido à chuva.

“Patch?” eu sussurrei pela porta.

“Feito?”

“Apague a vela.”

“Feito,” ele sussurrou pela porta. Sua risada soou tão suave que poderia ter sido um sussurro.

Apagando a vela do banheiro, eu saí, encontrando uma escuridão total.

Eu podia ouvir a respiração do Patch diretamente a minha frente. Eu não queria pensar no que ele estava – ou não estava – vestindo, e eu chacoalhei minha cabeça para quebrar a imagem que estava se formando em minha mente. “Minhas roupas estão ensopadas. Eu não tenho nada para vestir.”

Eu ouvi o som de um tecido deslizando como um rodo por sua pele.

“Sorte minha.” Sua camiseta aterrisou em uma pilha molhada aos nossos pés.

“Isso é realmente embaraçoso,” eu disse a ele.

Eu podia *sentir* seu sorriso. Ele ficou assim, muito perto.

“Você deveria tomar banho,” eu disse. “Agora.”

“Estou cheirando tão mal assim?”

Na verdade, ele cheirava muito *bem*. A fumaça tinha sumido, o cheiro de menta era mais forte.

Patch desapareceu dentro do banheiro. Ele reacendeu a vela e deixou a porta entreaberta, uma luz prateada se espalhava pelo chão e subia por uma parede.

Eu escorreguei minhas costas pela parede até que eu estava sentada no chão, então encostei minha cabeça na parede. Com toda honestidade, eu não podia ficar aqui esta noite. Eu tinha que voltar para casa. Eu tinha que reportar o corpo da mulher no saco. Eu devia? Como eu deveria reportar um corpo desaparecido? Fale sobre insano – que era a direção assustadora que meus pensamentos estavam começando a tomar.

Sem querer insistir na ideia de insanidade, eu me concentrei no meu argumento original. Eu não podia ficar aqui sabendo que a Vee estava com o Elliot, em perigo, quando eu estava salva.

Depois de um momento de consideração, eu decidi que precisava reformular aquele pensamento. Salva era um termo relativo. Enquanto o Patch estivesse por perto, eu não estava em perigo, mas isso não quer dizer que eu achava que ele agiria como meu anjo da guarda.

Imediatamente, eu desejei poder tirar o pensamento do anjo da guarda.

Invocando meu poder de persuasão, eu bani todos os pensamentos de anjos – guardiões, caídos ou de outro tipo – da minha cabeça. Eu disse a mim mesma que provavelmente eu *estava* ficando louca. Por tudo que eu sabia, eu tinha alucinado vendo a mulher da bolsa morrer. E eu tinha alucinado vendo as cicatrizes do Patch.

A água parou, um momento depois o Patch saiu vestindo apenas seu jeans molhado abaixo de sua cintura. Ele deixou a vela do banheiro acesa e a porta aberta. Uma cor suave brilhava pelo quarto.

Uma rápida olhada e eu podia dizer que o Patch passava várias horas da semana correndo e levantando pesos. Um corpo definido desse jeito não vinha sem suor e trabalho. De repente eu me senti embaraçada. Para não mencionar *mole*.

“Qual lado da cama você quer?” ele perguntou.

“Uh...”

Um sorriso matreiro. “Nervosa?”

“Não,” eu disse tão confiante quanto pude diante das circunstâncias. E as circunstâncias eram que eu estava mentindo através dos meus dentes.

“Você é uma péssima mentirosa,” ele disse, ainda sorrindo. “A pior que já vi.”

Eu coloquei minhas mãos no quadril e comuniquei um silencioso *Como é?*

“Venha aqui,” ele disse, me colocando em pé. Eu senti minha promessa de mais cedo sobre resistir, se derreter. Mais dez segundos ficando assim tão perto do Patch e minha defesa poderia explodir em mil pedaços.

Tinha um espelho pendurado na parede atrás dele e por cima do seu ombro eu vi as cicatrizes em ‘V’ invertido brilhando escuras em sua pele.

O meu corpo inteiro ficou rígido. Eu tentei piscar para afastar as cicatrizes, mas elas estavam lá.

Sem pensar, seu deslizei minhas mão para cima do seu peito e desci por suas costas. A ponta de um dedo roçou em sua cicatriz do lado direito.

Patch ficou tenso sob meu toque. Eu congelei, a ponta do meu dedo tremia na sua cicatriz. Eu levei um tempo para perceber que na verdade não era meu dedo que estava se mexendo, mas era *eu*. Eu inteira.

Eu fui sugada em uma correnteza suave e escura e tudo ficou preto.

## Capítulo Vinte e Três

EU ESTAVA DE PÉ NO ANDAR INFERIOR DA BO'S ARCADE COM as minhas costas para a parede, encarando diversos jogos de sinuca. As janelas estavam cobertas por tábuas, e eu não conseguia afirmar se era noite ou dia. Stevie Nicks saía dos auto-falantes; a música sobre a pomba branca ferida na asa e estar à beira dos dezessete anos. Ninguém parecia surpreso pela minha aparência repentina do nada.

E então eu me lembrei que não estava usando nada além de uma camisola e calcinha. Não sou tão vaidosa assim, mas parada numa multidão contendo inteiramente o sexo oposto, minhas partes mal cobertas, e ninguém nem ao menos olhou para mim? Algo estava... estranho.

Eu me belisquei. Perfeitamente viva, pelo que eu podia afirmar.

Acenando uma mão para afastar a nuvem enevoadada de fumaça de cigarro, eu avistei Patch do outro lado do cômodo. Ele estava sentado em uma mesa de pôquer, recuado, segurando uma mão de cartas perto de seu peito.

Eu andei descalça pelo cômodo, cruzando meus braços sobre meu peito, me certificando de me manter coberta. “Podemos conversar?” eu sibilei em seu ouvido. Havia uma característica enevoadada a minha voz. Entendível, já que eu não fazia ideia como eu fora parar no Bo's. Um instante eu estava no motel, e a seguir eu estava aqui.

Patch empurrou uma pilha pequena de fichas de pôquer na pilha no centro da mesa.

“Tipo talvez *agora?*” eu disse. “É meio urgente...” Eu dissipei quando o calendário na parede capturou meu olhar. Era oito meses atrás, mostrando agosto do ano passado. Logo antes de eu começar meu primeiro ano. Meses antes de eu conhecer o Patch. Eu disse a mim mesma que era um erro, que quem quer que estivesse comandando a arrancação dos meses velhos tinha se atrasado, mas ao mesmo tempo eu considerei breve e relutantemente onde devia estar. E eu não estava.

Eu arrastei uma cadeira da próxima cadeira e a coloquei ao lado de Patch. “Ele está segurando um cinco de espadas, um nove de espadas, o ás de copas...” Eu parei quando percebi que ninguém estava prestando atenção. Não, não era isso. Ninguém podia me *ver*.

Passos avançaram com dificuldade escada abaixo pelo cômodo, e o mesmo caixa que tinha ameaçado me jogar para fora na primeira vez que eu fora na arcada apareceu no fim da escadaria.

“Alguém lá em cima quer dar uma palavrinha com vocês,” ele disse ao Patch.

Patch levantou suas sobrancelhas, transmitindo uma pergunta silenciosa.

“Ela dava seu nome,” o caixa disse apologeticamente. “Eu perguntei algumas vezes. Eu disse à ela que você estava num jogo particular, mas ela não ia embora. Eu posso mandá-la embora se quiser.”

“Não. Mande ela descer.”

Patch jogou sua mão, reuniu suas fichas, e empurrou sua cadeira. “Estou fora.” Ele andou para a mesa de sinuca mais perto da escada, descansou contra ela, e deslizou suas mãos para dentro de seus bolsos.

Eu o segui pelo cômodo. Eu estalei meus dedos na frente do rosto dele. Eu chutei suas botas. Eu bati minha palma contra seu peito. Ele não recuou, não se moveu.

Passos leves soaram na escada, ficando mais pertos, e quando a Senhorita Greene saiu da escada escurecida, eu experimentei um instante de confusão. Seu cabelo loiro estava caído até sua cintura e lambido. Ela estava usando uma calça jeans pintada e uma regata rosa, e ela estava descalça. Vestida dessa maneira, ela parecia ainda mais perto da minha idade. Ela estava chupando um pirulito.

O rosto de Patch é sempre uma máscara, e em qualquer instante eu não faço ideia do que ele está pensando. Mas assim que travou os olhos na Senhorita Greene, eu soube que ele estava surpreso. Ele se recuperou rapidamente, todas as emoções se funilando à medida que seus olhos ficavam protetores e prudentes. “Dabria?”

Meu coração bateu numa cadência mais rápida. Eu tentei juntar meus pensamentos, mas tudo em que conseguia pensar era, *se realmente era oito meses atrás, como a Senhorita Greene e o Patch se conheciam?* Ela não tinha um trabalho na escola ainda. E por que ele estava chamando-a por seu nome?

“Como tem passado?” A Senhorita Greene – Dabria – perguntou com um sorriso recatado, jogando o pirulito no lixo.

“O que você está fazendo aqui?” Os olhos de Patch ficaram ainda mais observadores, como se ele não achasse que “é pegar ou largar” se aplicava à Dabria.

“Eu escapuli.” Seu sorriso se contorceu de um lado. “Eu tinha que vê-lo novamente. Eu estive tentando por muito tempo, mas a segurança – bem, você

sabe. Não é exatamente relaxada. O seu povo e o meu – nós não devíamos nos misturar. Mas você sabe disso.”

“Vir aqui foi uma má ideia.”

“Eu sei que faz um tempo, mas eu estava esperando por uma reação ligeiramente mais amigável,” ela disse, empurrando seus lábios em um beicinho.

Patch não respondeu.

“Eu não parei de pensar em você.” Dabria esmaeceu sua voz para um tom baixo e sexy e deu um passo para mais perto de Patch. “Não foi fácil descer aqui. Lucianna está inventando motivos pela minha ausência. Estou arriscando o futuro dela, assim como o meu. Você não quer pelo menos ouvir o que tenho a dizer?”

“Fala.” as palavras de Patch não tinham nenhum fragmento de verdade.

“Eu não desisti de você. Esse tempo todo –” Ela dissipou e pestanejou uma amostra repentina de lágrimas. Quando ela falou novamente, sua voz estava mais contida, mas ainda guardava uma nota vacilante. “Eu sei como você pode conseguir suas asas de volta.”

Ela sorriu para Patch, mas ele não retornou o sorriso.

“Assim que conseguir suas asas de volta, você pode voltar pra casa,” ela disse, falando mais confiantemente. “Tudo será como era antes.

“Nada mudou. Não *mesmo*.”

“Qual a pegadinha?”

“Não tem pegadinha. Você tem que salvar uma vida humana. Muito criterioso, considerando o crime que o baniu para cá em primeiro lugar.”

“Que nível eu serei?”

Toda confiança dispersou-se dos olhos de Dabria, e eu tive a sensação que ele fizera a única questão que ela esperava evitar. “Eu acabei de te contar como conseguir as suas asas de volta,” ela disse, soando um tanto condescendente. “Eu acho que mereço um *obrigado* –”

“Responda a pergunta.” Mas seu sorriso carrancudo me dizia que ele já sabia. Ou tinha um belo palpite. Qualquer que fosse a resposta de Dabria, ele não iria gostar.

“Tudo bem. Você será um anjo da guarda, está bom?”

Patch inclinou sua cabeça para trás e riu suavemente.

“Qual o problema de ser um anjo da guarda?” Dabria exigiu. “Por que não é bom o bastante?”

“Eu tenho algo melhor em progresso.”

“Me escuta, Patch. Não há *nada* melhor. Você está se enganando. Qualquer outro anjo caído iria se jogar na chance de conseguir suas asas de volta e se tornar um anjo da guarda. Por que não você?” Sua voz estava abafada com estupefação, irritação, rejeição.

Patch levantou-se da mesa de sinuca. “Foi bom te ver novamente, Dabria. Tenha uma boa viagem de volta.”

Sem aviso, ela curvou seus punhos na camiseta dele, puxou-o para perto, e esmagou um beijo em sua boca. Muito lentamente o corpo de Patch se virou na direção dela, sua posição suavizando. Suas mãos subiram e roçaram os braços dela.

Eu engoli secamente, tentando ignorar a facada de ciúmes e confusão no meu coração. Parte de mim queria se virar e chorar, parte de mim queria marchar até lá e começar a gritar. Não que fosse fazer algum bem. Eu estava invisível. Obviamente a Senhorita Greene... Dabria... quem quer que ela fosse... e Patch tinham um passado romântico juntos. Eles ainda estavam juntos agora – no futuro? Ela tinha se candidatado a um emprego na Escola Coldwater para ficar mais perto do Patch? Era por isso que ela estava tão determinada a me assustar para ficar longe dele?

“Eu devia ir,” disse Dabria, se desvencilhando. “Eu já fiquei tempo demais. Eu prometi a Lucianna que eu me apressaria.” Ela abaixou sua cabeça contra o peito dele. “Sinto saudade,” ela sussurrou. “Salve uma vida humana, e você terá suas asas novamente. Volte para mim,” ela implorou. “Venha para casa.” Ela se desvencilhou repentinamente. “Eu tenho que ir. Nenhum dos outros pode descobrir que eu descii aqui. Eu te amo.”

Enquanto Dabria se virava, a ansiedade sumiu de seu rosto. Uma expressão de confiança astuta a substituiu. Era o rosto de alguém que tinha blefado inteiramente em uma mão de cartas difícil.

Sem aviso, Patch a capturou pelo punho.

“Agora me diga por que realmente você está aqui,” ele disse.

Eu estremeci pela influência oculta e sombria no tom de Patch. Para um forasteiro, ele parecia perfeitamente calmo. Mas para qualquer um que o conhecia a algum tempo, era óbvio. Ele estava mandando um olhar para Dabria que dizia que ela tinha cruzado uma linha e era melhor para ela saltitar para trás dela – agora.

Patch a dirigiu em direção ao bar. Ele a plantou numa banquetta de bar e deslizou para a do lado. Eu tomei a próxima de Patch, inclinando-me para ouvi-lo sobre a música.

“O que você quer dizer, por que estou aqui?” Dabria gaguejou. “Eu te disse —”

“Você está mentindo.”

Sua boca abriu. “Eu não acredito – você acha —”

“Me conte a verdade, agora mesmo,” disse Patch.

Dabria hesitou antes de responder. Ela lançou-lhe um olhar poderoso, então disse, “Tudo bem. Eu sei o que está planejando fazer.”

Patch riu. Era uma risada que dizia, *eu tenho muitos planos*. A qual você está se referindo?

“Eu sei que você ouviu rumores sobre *O Livro de Enoque*. Eu também sei que você acha que pode fazer a mesma coisa, mas não pode.”

Patch dobrou seus braços no bar. “Eles te mandaram aqui para me persuadir a escolher um curso diferente, não mandaram?” Um sorriso apareceu nos olhos dele. “Se eu sou uma ameaça, os rumores devem ser verdade.”

“Não, não são. São *rumores*.”

“Se aconteceu uma vez, pode acontecer novamente.”

“Nunca aconteceu, Você ao menos se deu ao trabalho de ler *O Livro de Enoque* antes de cair?” ela desafiou. “Você sabe exatamente o que diz, palavra sagrada por palavra?”

“Talvez você possa me emprestar a sua cópia.”

“Isso é blasfêmia! Você está *proibido* de lê-lo,” ela gritou. “Você traiu todos os anjos no paraíso quando caiu.”

“Quantos deles sabem do que estou atrás?” ele perguntou. “Sou muita ameaça?”

Ela jogou sua cabeça de lado a lado. “Não posso te dizer isso. Eu já te disse mais do que deveria.”

“Eles vão tentar me impedir?”

“Os anjos vingadores vão.”

Ele olhou para ela com propósito. “A não ser que eles achem que você me persuadiu.”

“Não me olhe desse jeito.” Ela soava como se estivesse colocando toda sua coragem em soar firme. “Eu não mentirei para protegê-lo. O que você está tentando fazer é errado. Não é natural.”

“Dabria.” Patch falou o nome dela como uma ameaça suave. Tanto faz se ele a tivesse pego pelo braço, torcendo-o atrás de suas costas.

“Não posso te ajudar,” ela disse com uma convicção silenciosa. “Não desse jeito. Tire isso da sua cabeça. Torne-se um anjo da guarda. Foque-se nisso e esqueça *O Livro de Enoque*.”

Patch plantou seus cotovelos no bar, radiando pensamentos. Após um momento ele disse, “Diga a eles que conversamos, e eu mostrei um interesse em me tornar um anjo da guarda.”

“Interesse?” ela disse, um tantinho incredulamente.

“Interesse,” ele repetiu. “Diga a eles que eu pedi um nome. Se eu vou salvar uma vida, eu preciso saber quem está no topo da sua lista de partida. Eu sei que você tem privilégios a essa informação como anjo da morte.”

“Essa informação é sagrada e particular, e não previsível. Os eventos nesse mundo mudam de instante para instante dependendo das escolhas humanas –”

“Um nome, Dabria.”

“Prometa-me que esquecerá O Livro de Enoque primeiro. Me dê sua palavra.”

“Você confiaria na minha palavra?”

“Não,” ela disse, “eu não confiaria.”

Patch riu friamente e, pegando um palito de dentes do ministrador, andou na direção da escada.

“Patch, espera –” ela começou. Ela pulou da banquetta do bar. “Patch, por favor espere!”

Ele olhou sobre seu ombro.

“Nora Grey,” ela disse, então imediatamente prendeu suas mãos sobre sua boca.

Houve uma confusão fraca na expressão do Patch – um franzir de testa de descrença misturado com irritação. O que não fazia sentido, já que, se o calendário na parede estava correto, nós ainda não tínhamos nos conhecido. Meu nome não devia ter estimulado familiaridade. “Como ela vai morrer?” ele perguntou.

“Alguém quer matá-la.”

“Quem?”

“Eu não sei,” ela disse, cobrindo suas orelhas e chacoalhando sua cabeça. “Há tanto barulho e comoção aqui embaixo. Todas as imagens ficam borradas juntas, elas vêm rápidas demais, eu não consigo ver claramente. Eu preciso ir para casa. Eu preciso de paz e calma.”

Patch enfiou uma mecha do cabelo de Dabria atrás de sua orelha e olhou para ela persuasivamente. Ela estremeceu ao toque dele, então assentiu e fechou seus olhos. “Eu não consigo ver... eu não vejo nada... é inútil.”

“Quem quer matar Nora Grey?” Patch encorajou.

“Espere, eu a vejo,” disse Dabria. Sua voz ficou ansiosa. “Há uma sombra atrás dela. É ele. Ele está seguindo-a. Ela não o vê... mas ele está bem ali. Por

que ela não o vê? Por que ela não está correndo? Não consigo ver o rosto dele, está nas sombras...”

Os olhos de Dabria se abriram de supetão. Ela inspirou rápida e distintamente.

“Quem?” Patch disse.

Dabria curvou suas mãos contra sua boca. Ela tremia enquanto levantava seus olhos até os de Patch.

“Você,” ela sussurrou.

Meu dedo se deslocou da cicatriz de Patch e a conexão foi quebrada. Eu levei um tempo para me reorientar, então eu não estava pronta para o Patch, que me arrastou até a cama num instante. Ele prendeu meus punhos sobre a minha cabeça.

“Você não devia ter feito isso.” Havia uma raiva controlada em seu rosto, escura e em fogo brando. “O que você viu?”

Eu levantei meu joelho e o perfurei nas costelas. “Sai-de-cima-de-mim!”

Ele deslizou até os meus quadris, sentando de pernas abertas em cima deles, eliminando o uso das minhas pernas.

Com meus braços ainda esticados sobre a minha cabeça, eu não podia fazer mais do que me contorcer sobre seu peso.

“Saia-de-cima-de-mim-ou-eu-vou-gritar!”

“Você já está gritando. E não vai causar tumulto algum nesse lugar. Está mais para um puteiro do que para um motel.” Ele lançou um sorriso duro que era pura letalidade nos cantos. “Última chance, Nora. O que você viu?”

Eu estava lutando contra as lágrimas. Meu corpo humano zumbiu com uma emoção tão forasteira que eu não conseguia nem nomeá-la. “Você me enoja!” eu disse. “Quem é você? Quem realmente é você?”

Sua boca ficou ainda mais carrancuda. “Estamos chegando perto.”

“Você quer me matar!”

O rosto de Patch não expressava nada, mas seus olhos estavam frios.

“O Jipe não morreu novamente hoje à noite, morreu?” eu disse. “Você mentiu. Você me trouxe aqui para que pudesse me matar. Foi o que a Dabria disse que você queria fazer. Bem, o que está esperando?” Eu não fazia ideia de onde estava indo com isso, e eu não ligava. Eu estava cuspidando palavras numa tentativa de manter o meu horror à margem. “Você esteve tentando me matar o tempo todo. Desde o começo. Você vai me matar agora?” Eu o encarei, firme e sem piscar, tentando impedir as minhas lágrimas de se derramarem enquanto eu me lembrava do dia fatídico em que ele tinha entrado na minha vida.

“É tentador.”

Eu me contorci debaixo dele. Eu tentei rolar para a minha direita, então para a minha esquerda. Eu finalmente percebi que estava desperdiçando um monte de energia e parei. Patch assentou seus olhos em mim. Eles estavam mais pretos do que eu já os tinha visto.

“Aposto que gosta disso,” eu disse.

“Seria uma aposta certa.”

Eu senti meu coração martelando claramente até os meus dedões do pé. “Simplesmente faça isso,” eu disse em uma voz desafiadora.

“Te matar?”

Eu assenti. “Mas primeiro eu quero saber por que. De todos os bilhões de pessoas por aí, por que eu?”

“Genes ruins.”

“É isso? Essa é a única explicação que eu recebo?”

“Por ora.”

“O que isso quer dizer?” Minha voz subiu novamente. “Eu consigo o restante da história quando você finalmente surtar e me matar?”

“Eu não tenho que surtar para te matar. Se eu a quisesse morta há cinco minutos, você estaria morta há cinco minutos.”

Eu engoli seco com o pensamento não-tanto-animador.

Ele roçou seu dedão sobre a minha marca de nascença. O toque dele era enganosamente macio, o que tornava isso ainda mais doloroso de aguentar.

“E quanto à Dabria?” eu perguntei, ainda respirando arduamente. “Ela é a mesma coisa que você é, não é? Ambos são – anjos.” Minha voz rachou na palavra.

Patch girou ligeiramente para longe dos meus quadris, mas manteve suas mãos nos meus punhos. “Se eu soltar, você vai me escutar?”

Se ele soltasse, eu ia correr a toda até a porta. “Por que você liga se eu fugir? Você simplesmente me arrastará de volta para cá.”

“É, mas isso iria causar uma baderna.”

“A Dabria é sua namorada?” Eu conseguia sentir cada levantamento e caída irregulares do meu peito. Eu não tinha certeza se queria ouvir sua resposta. Não que importasse.

Agora que eu sabia que Patch queria me matar, era ridículos eu ao menos ligar.

“Foi. Foi há muito tempo, antes de eu sucumbir ao lado negro.” Ele deu um sorriso duro, tentando debochar. “Foi um erro também.” Ele balançou-se para trás em seus calcanhares, lentamente me soltando, testando para ver se eu

lutaria. Eu fiquei deitada no colchão, respirando arduamente, meus cotovelos me propulsionando. Três contagens passaram, e eu me arremessei contra ele com toda a força que eu tinha.

Eu me empurrei contra seu peito, mas fora cambaleiar ligeiramente para trás, ele não se moveu. Eu me arrastei para fora de debaixo dele e levei meus punhos até ele. Eu martelei em seu peito até que os fundos dos meus punhos começassem a latejar.

“Acabou?” ele perguntou.

“Não!” Eu desloquei meu cotovelo até sua coxa. “Qual o seu problema? Você não sente nada?”

Eu fiquei de pé, encontrei meu equilíbrio no colchão, e chutei-o o mais forte que pude no estômago.

“Você tem mais um minuto,” ele disse. “Tire sua raiva do seu sistema. Então eu assumirei.”

Eu não sabia o que ele queria dizer com “assumir”, e eu não queria descobrir. Eu dei um salto e corri para fora da cama, com a porta em vista. Patch me agarrou no ar e me empurrou contra a parede. Suas pernas estavam niveladas com as minhas, de frente a frente pelo comprimento das nossas coxas.

“Eu quero a verdade,” eu disse, lutando para não chorar. “Você foi para a escola para me matar? Esse foi o seu objetivo desde o início?”

Um músculo na mandíbula de Patch pulou. “Sim.”

Eu enxuguei uma lágrima que ousou escapar. “Você está se vangloriando por dentro? É sobre o que isso é, não é? Me fazer confiar em você para que você possa jogar isso na minha cara!” Eu sabia que estava sendo irracionalmente irada. Eu deveria estar aterrorizada e frenética. Eu devia estar fazendo tudo em meu poder para escapar. A parte mais irracional de tudo era que eu ainda não queria acreditar que ele me mataria, e não importava quanto eu tentasse, eu não conseguia sufocar aquela mancha ilógica de verdade.

“Eu entendo que você esteja brava –” disse Patch.

“Eu estou devastada!” eu gritei.

Suas mãos deslizaram para o meu pescoço, pelando quente. Pressionando seus dedos gentilmente na minha garganta, ele inclinou minha cabeça para trás. Eu senti seus lábios virem contra os meus tão duramente que ele impediu de sair qualquer nome que eu estivera prestes a chamá-lo. Suas mãos caíram para os meus ombros, roçaram pelos meus braços, e foram descansar na parte debaixo das minhas costas. Pequenos tremores de pânico e prazer me atravessaram. Ele tentou me puxar contra ele, e eu o mordi no lábio.

Ele lambeu seu lábio com a ponta de sua língua. “Você acabou de me morder?”

“Tudo é uma piada para você?” eu perguntei.

Ele tocou levemente sua língua em seu lábio novamente. “Não tudo.”

“Como o quê?”

“Você.”

A noite toda parecia desequilibrada. Era difícil ter um confronto com alguém tão indiferente quanto Patch. Não, não indiferente. Perfeitamente controlado. Até a última célula de seu corpo.

Eu ouvi uma voz na minha mente. *Relaxe. Confie em mim.*

“Ameudeus,” eu disse com uma explosão de clareza. “Você está fazendo isso novamente, não está? Mexendo com a minha mente.” Eu me lembrava do artigo que eu tinha pegado quando pesquisei no Google anjos caídos. “Você pode colocar mais do que palavras na minha cabeça, não pode? Você pode colocar imagens – imagens realmente reais – nela.”

Ele não negou.

“O Arcanjo,” eu disse, finalmente entendendo. “Você tentou me matar naquela noite, não foi? Mas algo deu errado. Então você me fez achar que meu celular estava sem bateria, para que eu não pudesse ligar para a Vee. Você planejou me matar na viagem para casa? Eu quero saber como você está fazendo eu ver o que você quer!”

Seu rosto estava cuidadosamente sem expressão. “Eu coloco as palavras e imagens aí, mas depende de você se acredita nelas. É um enigma. As imagens sobrepõem a realidade, e você tem que descobrir qual é real.”

“Esse é um poder especial de anjo?”

Ele balançou sua cabeça. “Poder de anjo caído. Qualquer outro tipo de anjo não invadiria a sua privacidade, mesmo eles podendo.”

Porque os outros anjos eram bons. E Patch não era.

Patch rodeou suas mãos contra a parede atrás de mim, uma de cada lado da minha cabeça. “Eu coloquei um pensamento na mente do Treinador para refazer o mapa de assentos porque eu precisava me aproximar de você. Eu fiz você pensar que caiu do Arcanjo porque queria te matar, mas não consegui prosseguir com isso. Eu quase te matei, mas eu parei. Eu me contentei em te assustar, ao invés. Então eu te fiz pensar que seu celular estava sem bateria porque eu queria te dar uma carona para casa. Quando entrei na sua casa, eu peguei uma faca. Eu ia te matar então.” Sua voz suavizou-se. “Você me fez mudar de ideia.”

Eu suguei uma respiração profunda. “Eu não te entendo. Quando eu te disse que meu pai foi assassinado, você soou genuinamente desgostoso. Quando você conheceu a minha mãe, você foi bonzinho.”

“Bonzinho,” Patch repetiu. “Vamos manter isso entre você e eu.”

Minha cabeça girou mais rápido, e eu consegui sentir a minha pulsação batendo nas minhas têmporas.

Eu tinha sentido essa pânico golpeando o meu coração antes. Eu precisava das minhas pílulas de ferro. Ou isso, ou o Patch estava me fazendo pensar que eu precisava.

Eu inclinei meu queixo para cima e espremi meus olhos. “Cai fora da minha mente. Agora mesmo!”

“Não estou na sua mente, Nora.”

Eu me inclinei para frente, abraçando os meus joelhos, sugando ar. “Sim, você está. Eu te sinto. Então é assim que você vai fazer? Me sufocar?”

Suaves sons de disparo ecoaram nos meus ouvidos, e um preto embaçado enquadrou a minha visão. Eu tentei encher meus pulmões, mas era como se o ar tivesse desaparecido.

O mundo inclinou-se, e Patch deslizou para a lateral na minha visão. Eu espalmei minha mão na parede para firmar o meu equilíbrio. Quanto mais eu tentava inalar, mais apertada a minha garganta contraia-se.

Patch moveu-se em direção a mim, mas eu estiquei a minha mão. “Saia!”

Ele inclinou um ombro na parede e me encarou, sua boca firme com preocupação.

“Saia-de-perto-de-mim,” eu arfei.

Ele não saiu.

“Eu-não-consigo-respirar!” eu sufoquei, arranhando a parede com uma mão, agarrando com força a minha garganta com a outra.

De repente Patch me levantou e carregou até a cadeira do outro lado do quarto. “Coloque sua cabeça entre seus joelhos,” ele disse, guiando a minha cabeça para baixo.

Eu estava com a minha cabeça abaixada, respirando rapidamente, tentando forçar ar para dentro dos meus pulmões. Muito lentamente eu senti o oxigênio se arrastar para dentro do meu corpo.

“Melhor?” Patch perguntou após um minuto.

Eu assenti, uma vez.

“Você tem pílulas de ferro com você?”

Eu balancei minha cabeça.

“Mantenha sua cabeça abaixada e tome respirações longas e profundas.”

Eu segui suas instruções, sentindo um grampo afrouxar ao redor do meu peito.

“Obrigada,” eu disse silenciosamente.

“Ainda não confia nos meus motivos?”

“Se quiser que eu confie em você, me deixe tocar nas suas cicatrizes novamente.”

Patch me estudou silenciosamente por um longo momento. “Essa não é uma boa ideia.”

“Por que não?”

“Não posso controlar o que você vê.”

“Essa é meio que a razão.”

Ele esperou um pouco antes de responder. Sua voz estava baixa, as emoções não rastreáveis. “Você sabe que estou escondendo coisas.” Havia uma pergunta anexada a isso.

Eu sabia que Patch vivia uma vida de portas fechadas e segredos guardados. Eu não era presunçosa o bastante para achar que até mesmo metade deles girava ao meu redor.

Patch vivia uma vida diferente fora da qual ele dividia comigo. Mais de uma vez eu especulava qual sua outra vida poderia ser. Eu sempre tive a impressão que quanto menos eu soubesse sobre ela, melhor.

Meu lábio tremeu. “Me dê uma razão para confiar em você.”

Patch sentou no canto da cama, o colchão afundando sob seu peso.

Ele se inclinou para frente, descansando seus antebraços nos joelhos. Suas cicatrizes estavam em plena visão, a luz de velas dançando sombras misteriosas sobre a superfície delas. Os músculos em suas costas se acentuaram, então relaxaram. “Vá em frente,” ele disse silenciosamente. “Tenha em mente que as pessoas mudam, mas o passado não.”

De repente eu não estava tão certa de que queria isso. Em quase todos os níveis, Patch me aterrorizava. Mas no fundo, eu não achava que ele ia me matar. Se fosse isso que ele quisesse, ele já teria feito isso. Eu espiei suas cicatrizes ameaçadoras. Confiar no Patch parecia muito mais confortável do que deslizar para o seu passado novamente e não ter ideia do que eu poderia achar.

Mas se eu recuasse agora, Patch saberia que eu morria de medo dele. Ele estava abrindo uma das portas fechadas só para mim e só porque eu tinha pedido isso. Eu não podia fazer um pedido tão pesado assim, então mudar de ideia.

“Eu não ficarei presa lá para sempre, ficarei?” eu perguntei.

Patch deu uma risada curta. “Não.”

Convocando a minha coragem, eu sentei na cama ao lado dele. Pela segunda vez hoje à noite, meu dedo roçou no sulco aguçado da cicatriz dele. Um cinza brumoso lotou a minha visão, indo das beiradas para dentro. As luzes se apagaram.

## Capítulo Vinte e Quatro

Eu estava de costas, minha camisola secando a umidade embaixo de mim, espadas de grama pinicando a pele do meu braço. A lua acima não era nada mais que prateada, um sorriso inclinado para o lado. Tirando o estrondo de um trovão distante, tudo estava quieto.

Eu pisquei diversas vezes seguida, ajudando meus olhos se acostumarem rapidamente à luz escassa. Quando virei minha cabeça para o lado, um arranjo simétrico de galhos curvos saindo da grama se solidificou na minha visão. Vagarosamente eu fiquei em pé. Eu não podia tirar os olhos de duas órbitas negras que me encaravam um pouco acima dos galhos.

Minha mente trabalhou para formar uma imagem familiar. Então, com um horrível lampejo de reconhecimento, eu soube. Eu estava deitada próxima a um esqueleto. Eu rastejei para trás até dar um encontrão com uma cerca de ferro. Eu empurrei o momento confuso e recapitulei minha última memória. Eu tinha tocado as cicatrizes do Patch. Onde quer que eu esteja, era algum lugar dentro da sua memória.

Uma voz, masculina e vagamente familiar, carregada através da escuridão, cantava uma melodia baixinho. Virando-me em sua direção, eu vi um labirinto de lápides alinhadas como dominós no meio da neblina. Patch estava agachado em cima de uma. Ele usava uma Levi's e uma camiseta, mesmo a noite não estando quente.

“No luar com os mortos?” falou a voz familiar. Era rouca, cheia e Irlandesa. Rixon. Ele encostou-se a uma lápide oposta ao Patch, observando-o. Ele acariciou seu lábio superior com o dedo. “Deixe-me adivinhar. Você tem em mente possuir os mortos? Eu não sei,” ele disse, abanando a cabeça. “Vermes se contorcendo nas suas órbitas... e em seus outros orifícios, poderia estar levando as coisas um pouco longe demais.”

“É por isso que eu o mantenho por perto, Rixon. Sempre vendo o lado bom das coisas.”

“Cheshvan começa essa noite,” Rixon disse. “O que você está fazendo vagando pelo cemitério?”

“Pensando.”

“Pensando?”

“Um processo onde eu uso meu cérebro para tomar uma decisão racional.” Os cantos da boca do Rixon se inclinaram para baixo. “Estou começando a me

preocupar com você. Venha. Já é hora de ir. Chauncey Langeais e Barnabas esperam. A lua vai mudar a meia noite. Eu confesso que estou de olho em umas apostas na cidade.”

Ele deu um ronronado de gato. “Eu sei que você gosta deles vermelhos, mas eu gosto delas justas, e depois que eu estiver em um corpo, eu pretendo cuidar de uns assuntos mal resolvidos com uma loira que estava de olho em mim mais cedo.”

Quando Patch não se mexeu, Rixon disse, “Você está louco? Nós temos que ir. Chauncey jurou fidelidade. Não te lembra nada? Que tal isso. Você é um anjo caído. Você não pode sentir nada. Até esta noite. As próximas duas semanas são um presente do Chauncey para você. Dado a contragosto, você mente,” ele adicionou um sorriso conspirador.

Patch deu um olhar de soslaio para Rixon. “O que você sabe sobre *O Livro de Enoch*?”

“Tanto quanto qualquer anjo caído: quase nada.”

“Disseram-me que tem uma história no *O Livro de Enoch*. Sobre um anjo caído que virou humano.”

Rixon se dobrou com uma risada. “Você pirou de vez?” Ele juntou as bordas das mãos, fazendo um livro com elas. “*O Livro de Enoch* é uma história para criança dormir. E uma das boas, pela aparência dela. Manda você direto para a terra dos sonhos.”

“Eu quero um corpo humano.”

“É melhor você ficar feliz com duas semanas e um corpo Nephil. Meio-humano é melhor que nada. Chauncey não pode desfazer o que já foi feito. Ele fez um juramento e tem que viver com isso. Assim como o ano passado. E o ano antes desse –”

“Duas semanas não são suficientes. Eu quero ser humano. Permanentemente.” Os olhos de Patch cortaram para Rixon, desafiando-o a rir novamente.

Rixon passou suas mãos no cabelo. “*O Livro de Enoch* é um conto de fadas. Nós somos anjos caídos, não humanos. Nunca fomos humanos e nunca vamos ser. Fim da história. Agora, chega de vagar por aí e me ajude a descobrir como chegar em Portland.” Ele esticou o pescoço para trás e olhou para o céu escuro.

Patch desceu da lápide. “Eu vou virar humano.”

“Claro, camarada, claro que você pode.”

“*O Livro de Enoch* diz que eu tenho que matar meu servo Nephil. Eu tenho que matar o Chauncey.”

“Não, você não tem,” Rixon disse com um pouco de impaciência. “Você tem que *possuí-lo*. Um processo no qual você pega seu corpo e usa como se fosse seu. Sem querer cortar seu barato, mas você não pode matar o Chauncey. Nephilim não podem morrer. Você pensou nisso? Se você pudesse matá-lo, você não o possuiria.”

“Se eu o matar, eu viro humano e não vou precisar possuí-lo.”

Rixon apertou o canto de dentro dos olhos como se ele soubesse que seu argumento estava caindo em orelhas surdas e isso estava lhe dando dor de cabeça. “Se nós pudéssemos matar um Nephilim, nós já teríamos achado um jeito a essa altura. Sinto muito em ter que te dizer, mas se eu não chegar logo nos braços da loira, meu cérebro vai cozinhar. E algumas outras partes do meu –

“Duas escolhas,” Patch disse.

“E?”

“Salvar uma vida humana e se tornar um anjo da guarda, ou matar seu vassalo Nephil e se transformar em humano. Faça sua escolha.”

“Isso é mais uma porcaria do *Livro de Enoch*?”

“Dabria me fez uma visita.”

Os olhos de Rixon ficaram arregalados e ele soltou uma risada. “Sua psicótica ex? O que ela está fazendo aqui embaixo? Ela caiu? Ela perdeu suas asas?”

“Ela desceu para me dizer que eu posso ter minhas asas de volta se eu salvar a vida de um humano.”

Os olhos do Rixon se abriram mais. “Se você confia nela, eu digo para ir fundo. Não há nada de errado em ser um guardião. Passar seus dias mantendo os mortais longe do perigo... pode ser divertido, dependendo do mortal ao qual você foi designado.”

“Mas e se você tivesse uma escolha?” Patch perguntou.

“Sim, bem, minha resposta depende de uma grande diferença. Eu sou um bêbado... ou perdi completamente a cabeça?” Quando o Patch não riu, Rixon disse sobriamente, “Não há escolha. E aqui está o porquê. Eu não acredito no *Livro de Enoch*. Se eu fosse você, eu ficaria com ser guardião. Até estou pensando nesse acordo para mim. É uma pena que eu não conheça nenhum ser humano a beira da morte.”

“Jogando cartas ou boxe?”

“Cartas.”

Os olhos de Rixon cintilaram. “O que temos aqui? Um bonito? Venha até aqui e me deixe te dar uns tapas apropriadamente.” Ele agarrou o Patch em

volta do pescoço, imobilizando-o na dobra do cotovelo, Mas Patch o pegou pelo pulso e arrastou o Rixon pela grama, onde eles se revezaram numa troca de socos.

“Tudo bem, tudo bem!” Rixon berrou, jogando suas mãos para cima em rendição. “Só porque eu não posso sentir um lábio sangrando não quer dizer que eu quero passar o resto da noite andando por aí com um.” Ele piscou. “Não vai melhorar minhas chances com as senhoritas.”

“E um olho roxo?”

Rixon passou seus dedos nos olhos, sondando. “Você não fez isso!” ele disse, balançando o punho para o Patch.

Eu tirei os dedos das cicatrizes do Patch. A pele da minha nuca formigou e meu coração batia muito mais rápido. Patch olhou para mim e nos seus olhos, tinha uma sombra de incerteza.

Eu fui forçada a aceitar que talvez, agora não era hora para contar com a parte lógica do meu cérebro. Talvez essa fosse uma daquelas horas onde eu precisava sair dos limites. Parar de jogar de acordo com as regras. Aceitar o impossível.

“Então, definitivamente você não é humano,” eu disse. “Você é realmente um anjo caído. Um cara mau.”

Isso arrancou um sorriso do Patch. “Você acha que sou um cara mau?”

“Você possui os corpos... das pessoas.”

Ele aceitou a sentença com um aceno.

“Você quer possuir meu corpo?”

“Eu quero fazer muitas coisas com o seu corpo, mas isso não é uma delas.”

“O que há de errado com o corpo que você tem?”

“Meu corpo é parecido com vidro. Real, mas o externo refletindo o mundo ao meu redor. Você me vê e ouve, e eu vejo e a ouço. Quando você me toca, você sente. Eu não te sinto da mesma forma. Eu não posso te sentir. Eu sinto tudo através de uma placa de vidro e o único jeito de eu cortar essa folha é possuindo um corpo humano.”

“Ou parte humano.”

A boca do Patch ficou apertada nos cantos. “Quando você tocou minhas cicatrizes, você viu o Chauncey?” ele perguntou.

“Eu ouvi você falando com o Rixon. Ele disse que você possuía o corpo do Chauncey por duas semanas todo ano durante o Cheshvan. Ele disse que Chauncey também não é humano. Ele é Nephilim.” A palavra rolou da minha língua em um sussurro.

“Chauncey é um cruzamento entre um anjo caído e um humano. Ele é imortal como um anjo, mas com todos os sentidos humanos. Um anjo caído que queira ter as sensações humanas pode fazer isso no corpo de um Nephil.”

“Se você não pode sentir, por que você me beijou?”

Patch passou um dedo pelo meu colo, em seguida rumou para o sul, parando no meu coração. Eu o sentia batendo através da minha pele. “Porque eu sinto aqui, no meu coração,” ele disse baixinho. “Deixe-me colocar dessa forma. Nossa conexão emocional não é deficiente.”

*Não entre em pânico*, eu pensei. Mas minha respiração já estava mais rápida, superficial.

“Você quer dizer que você pode sentir felicidade, tristeza ou —”

“Desejo.” Um quase sorriso.

Continue avançando, eu disse para mim mesma. Não dê as suas emoções tempo para se recuperarem. Lide com elas mais tarde, depois que você obtiver respostas. “Por que você caiu?”

Os olhos do Patch seguraram os meus por alguns instantes. “Cobiça.”

Eu engoli. “Cobiça por dinheiro?”

Patch acariciou o queixo. Ele só fazia isso quando queria ocultar o que ele estava pensando, a doação dos seus pensamentos sendo sua boca. Ele estava lutando com um sorriso. “E por outras coisas. Eu achava que se eu caísse, eu viraria humano. Os anjos que tinham tentado Eva tinham sido banido para a Terra e houve rumores que eles tinham perdido suas asas e se transformados em humanos. Quando eles deixaram o paraíso, não foi uma cerimônia para qual todos nós fomos convidados. Foi privado. Eu não sabia que as asas deles tinham sido arrancadas, ou que eles tinham sido amaldiçoados a vagar pela Terra com o desejo ardente de possuir corpos humanos. Naquela época, ninguém tinha ouvido falar de anjos caídos. Então na minha mente isso fazia sentido, que se eu caísse, se eu perderia minhas asas e me transformaria em humano. Na época, eu estava louco por uma garota humana e o risco parecia valer a pena.”

“Dabria disse que você podia ter suas asas de volta salvando uma vida humana. Ela disse que você seria um anjo da guarda. Você quer isso?” Eu estava confusa no porquê ele era tão contra isso.

“Isso não é para mim. Eu quero ser humano. Eu quero isso mais do que eu jamais quis qualquer coisa.”

“Mas e a Dabria? Se vocês não estão mais juntos, por que ela ainda está aqui? Eu achei que ela era um anjo normal. Ela também quer ser humana?”

Patch ficou mortalmente quieto, todos os músculos do seu braço ficaram rígidos.

“Dabria ainda está na Terra?”

“Ela tem um emprego na escola. Ela é a nova psicóloga, Srta. Greene. Eu já a encontrei algumas vezes.” Meu estômago deu uma torcida forte. “Depois do que eu vi na sua memória, eu acho que ela pegou o emprego para ficar perto de você.”

“O que exatamente ela disse para você quando você se encontrou com ela?”

“Para ficar longe de você. Ela deu uma pista sobre seu passado obscuro e perigoso.” Eu pausei. “Alguma coisa está fora, não está?” Eu perguntei, sentindo um arrepio sinistro na minha coluna.

“Eu preciso te levar para casa. Depois eu vou para a escola procurar nos arquivos dela e ver se posso encontrar alguma coisa útil. Vou me sentir melhor depois de descobrir o que ela está planejando.” Patch deixou a cama despida. “Se enrole nisso,” ele disse, me dando uma trouxa de lençóis secos.

Minha mente estava trabalhando duro para que os fragmentos de informação fizessem sentido. De repente, minha boca ficou seca e pegajosa. “Ela ainda tem sentimentos por você. Talvez ela me queira fora de cena.”

Nossos olhares se encontraram. “Isso passou pela minha cabeça,” Patch disse.

Um pensamento gelado e perturbador ficava batendo dentro da minha cabeça nos últimos minutos, tentando ter minha atenção. Agora ele praticamente se atirou em mim, me dizendo que a Dabria poderia ser o cara da máscara de esqui. Todo o tempo eu achei que a pessoa que bateu no Neon era um cara, assim como a Vee achou que seu atacante era um cara. Nesse ponto, eu não podia deixar de pensar que Dabria queria enganar nós duas.

Depois de uma rápida ida ao banheiro, Patch saiu vestindo sua camiseta molhada.

“Eu vou buscar o Jeep,” ele disse. Eu vou parar na porta dos fundos em vinte minutos. Fique no motel até lá.”

## Capítulo Vinte e Cinco

APÓS PATCH TER IDO EMBORA, EU COLOQUEI A CORRENTE NA PORTA. Eu arrastei a cadeira pelo quarto e a coloquei sob a maçaneta da porta. Eu chequei para ter certeza que as trancas da janela estavam funcionando. Eu não sabia se as trancas funcionariam contra a Dabria – eu nem sabia se ela estava atrás de mim – mas eu imaginei que era melhor não arriscar. Após vagar pelo quarto por alguns minutos, eu tentei o telefone no criado-mudo. Ainda nada de sinal.

Minha mãe ia me matar.

Eu tinha saído escondido dela e ido até Portland. E como eu devia explicar toda a situação de “ter feito check-in num motel com o Patch”? Eu teria sorte se ela não me botasse de castigo até o fim do ano. Não. Eu teria sorte se ela não sáísse de seu emprego e se candidata-se a professora substituta até achar um trabalho em horário integral local. Nós teríamos que vender a casa da fazenda, e eu perderia a única conexão com o meu pai que me restava.

Aproximadamente quinze minutos mais tarde eu espiei pelo olho mágico.

Nada além de escuridão. Eu destranquei a porta, e bem quando estava prestes a dar um empurrão nela, luzes tremeluziram atrás de mim. Eu girei ao redor, meio esperando ver Dabria. O quarto estava parado e vazio, mas a eletricidade tinha voltado.

A porta se abriu com um ruído alto e eu fui para o corredor. O carpete era vermelho-sangue, usado simplesmente no centro do corredor, e manchado com marcas escuros não-identificáveis. As paredes estavam pintadas de neutro, mas a pintura era porca e estava descascando.

Acima de mim, um sinal de verde néon soletrava o caminho para a saída. Eu segui a seta corredor abaixo e até a esquina. O Jipe parou no outro lado da porta traseira, e eu me lancei e pulei no lado do passageiro.

Nenhuma luz estava acesa quando Patch parou na casa da fazenda. Eu experimentei um apertão de culpa no meu estômago e me perguntei se a minha mãe estava dirigindo por aí, me procurando. A chuva tinha parado, e a névoa se pressionava contra a lateral e pairava nos arbustos como um enfeite escandaloso de Natal. As árvores pontilhando a entrada estavam retorcidas e desfiguradas permanentemente pelos constantes ventos do norte. Todas as casas parecem não-convidativas com as luzes apagadas depois de escuro, mas a casa da fazenda com suas fendas pequenas fazendo de janelas, telhado curvado, varanda cavada, e arbustos selvagens parecia assombrada.

“Vou andar até lá,” Patch disse, saindo.

“Você acha que a Dabria está dentro?”

Ele balançou sua cabeça. “Mas não custa checar.”

Eu esperei no Jipe, e alguns minutos mais tarde Patch saiu da porta da frente, “Tudo limpo,” ele me disse. “Eu irei até a escola e voltarei aqui assim que varrer o escritório dela. Talvez ela tenha deixado algo útil para trás.” Ele não soava como se contasse com isso.

Eu retirei meu cinto de segurança e ordenei que minhas pernas me carregassem rapidamente pela caminhada. Enquanto eu virava a maçaneta, eu ouvi Patch recuar pela entrada.

As tábuas da varanda rangeram sob meu pé e eu me senti muito sozinha de repente.

Deixando as luzes apagadas, eu me arrastei pela casa, cômodo por cômodo, começando pelo primeiro andar, então indo escada acima. Patch já tinha liberado a casa, mas eu não achava que um par extra de olhos machucaria.

Depois de eu me certificar que ninguém estava se escondendo sob a mobília, atrás de cortinas do banheiro, ou em armários, eu coloquei uma calça Levi e um suéter preto de gola V. Eu encontrei o celular de emergência que minha mãe mantinha em um kit de primeiros socorros sob a pia do banheiro e liguei para seu celular.

Ela atendeu no primeiro toque. “Alô? Nora? É você? Onde você está? Eu estou morta de preocupação!”

Eu inspirei um longo fôlego, rezando para que as palavras certas saíssem de mim e me ajudassem a sair dessa.

“O negócio é que —”, eu começo em minha voz mais sincera e apologética.

“A Estrada Cascade inundou e eles a fecharam. Eu tive que voltar e conseguir um quarto no Milliken Mills — é onde estou agora. Eu tentei ligar para casa, mas aparentemente as linhas caíram. Eu tentei seu celular, mas você não atendeu.”

“Espera. Você esteve em Milliken Mills esse tempo todo?”

“Onde você achava que eu estava?”

Eu dei um suspiro inaudível de alívio e me abaixei na beira da banheira. “Eu não sabia,” eu disse. “Eu não conseguia entrar em contato com você, tampouco.”

“De que número está ligando?” minha mãe pergunta. “Não reconheço esse número.”

“O celular de emergência.”

“Onde está o seu celular?”

“Eu perdi.”

“O quê! Onde?”

Eu cheguei a uma conclusão instável de que uma mentira por omissão era a única maneira. Eu não queria alarmá-la. Eu também não queria ficar de castigo por uma quantidade interminável de tempo. “Na verdade eu meio que não o acho. Tenho certeza que ele aparecerá em algum lugar.” No corpo de uma mulher morta.

“Eu te ligo assim que eles abrirem as estradas,” ela disse.

A seguir eu liguei para o celular da Vee, Após cinco toques eu fui enviada ao correio de voz.

“Onde você está?” eu disse. “Ligue de volta para esse número o mais rápido possível.” Eu fechei o celular com força e o coloquei no meu bolso, tentando me convencer que a Vee estava bem. Mas eu sabia que era uma mentira. A ameaça invisível nos juntando estivera me alertando por horas agora que ela estava em perigo.

Na verdade, a sensação estava aumentando com cada minuto que passava.

Na cozinha eu vi meu vidro de pílulas de ferro na bancada, e eu imediatamente fui até elas, abrindo a tampa e engolindo duas com um copo de leite achocolatado. Eu fiquei parada um momento, deixando que o ferro entrasse no meu sistema, sentindo minha respiração aprofundar-se e diminuir a velocidade. Eu estava andando para devolver a caixa de leite para a geladeira quando eu a vi de pé na entrada entre a cozinha e a lavanderia.

Uma substância fria e gelada inundou meus pés, e eu percebi que tinha derrubado o leite. “Dabria?” eu disse.

Ela inclinou sua cabeça para um lado, mostrando uma surpresa mediana. “Sabe o meu nome?” Ela fez uma pausa. “Ah, Patch.”

Eu recuei para a pia, colocando mais distância entre nós. Dabria não parecia como quando ela estava na escola como Senhorita Greene. Hoje à noite seu cabelo estava emaranhado, não macio, e seus lábios tinham uma fome mais brilhante e certa refletidos nele. Seus olhos eram um borrão aguçado de preto circulando-os.

“O que quer?” eu perguntei.

Ela riu, e soou como cubos de gelo tilintando num copo. “Eu quero o Patch.”

“O Patch não está aqui.”

Ela assentiu. “Eu sei. Eu esperei na rua para que ele fosse embora antes de eu entrar. Mas não foi isso que eu quis dizer quando disse que queria o Patch.”

O sangue martelando pelas minhas pernas circulou de volta até o meu coração com um efeito vertiginoso. Eu coloquei uma mão na bancada para me

firmar. “Eu sei que você estava me espionando durante as nossas sessões de aconselhamento.”

“Isso é tudo que sabe sobre mim?” ela perguntou, seus olhos procurando os meus.

Eu me lembrei da noite em que tive certeza que alguém tinha olhado pela janela do meu quarto. “Você esteve me espiando aqui também,” eu disse.

“Essa é a primeira vez eu estive na sua casa.” Ela arrastou um dedo pela beirada da ilha da cozinha e se empoleirou numa banquetta.

“Belo lugar.”

“Deixe-me refrescar sua memória,” eu disse, esperando soar corajosa. “Você olhou pela janela do meu quarto enquanto eu dormia.”

Seu sorriso curvou mais alto. “Não, mas eu te segui ao fazer compras. Eu ataquei sua amiga e plantei pequenas pistas em sua mente, fazendo-a pensar que Patch a havia machucado. Não foi muito difícil. Ele não é exatamente inofensivo, para começar. Estava no meu melhor interesse fazê-la ficar o mais assustada dele possível.”

“Para que ficasse longe dele.”

“Mas você não ficou. Você ainda está no nosso caminho.”

“No seu caminho do quê?”

“Vamos, Nora. Se você sabe quem eu sou, então você sabe como isso funciona. Eu quero que ele consiga suas asas de volta. Ele não pertence na Terra. Ele pertence a mim. Ele cometeu um erro, e eu vou corrigi-lo.” Não havia absolutamente compromisso algum em sua voz. Ela saiu da banquetta e andou ao redor da ilha na minha direção.

Eu recuei pela beirada da bancada exterior, mantendo espaço entre nós.

Torturando meu cérebro, eu tentei pensar numa maneira de distraí-la. Ou escapar. Eu vivera na casa por dezesseis anos. Eu conhecia a planta baixa. Eu conhecia cada fenda secreta e os melhores esconderijos. Eu comandeí que meu cérebro bolasse um plano: algo de improvisado e brilhante. Minhas costas encontraram o aparador.

“Enquanto você estiver por aí, Patch não retornará para mim,” Dabria disse.

“Eu acho que você está superestimando seus sentimentos por mim.” Parecia uma boa ideia subestimar o nosso relacionamento. A possessão de Dabria parecia ser a força principal forçando-a a agir.

Um sorriso incrédulo apareceu em seu rosto. “Você acha que ele tem esses sentimentos por você? Todo esse tempo você achou —” Ela cortou, rindo. “Ele não fica porque te ama. Ele quer te matar.”

Eu balancei minha cabeça. “Ele não vai me matar.”

O sorriso de Dabria endureceu nas pontas. “Se é isso em que acredita, você é apenas outra garota que ele seduziu para conseguir o que quer. Ele tem um talento pra isso,” ela acrescentou sagazmente. “Ele me seduziu para conseguir seu nome, afinal. Um toque suave do Patch foi tudo que precisou. Eu caí em seu feitiço e disse a ele que a morte estava chegando para você.”

Eu sabia do que ela estava falando. Eu tinha testemunhado o momento exato ao qual ela se referia de dentro da memória de Patch.

“E agora ele está fazendo a mesma coisa com você,” ela disse. “Traição dói, não é?”

Eu balancei minha cabeça lentamente. “Não –”

“Ele está planejando te usar como sacrifício!” ela irrompeu. “Vê está marcada?”

Ela estendeu seu dedo ao meu pulso. “Quer dizer que você é uma descendente feminina de um Nephil. E não apenas qualquer Nephil, mas Chauncey Langeais, o vassalo de Patch.”

Eu olhei para a minha cicatriz, e por um instante de parar o coração, eu realmente acreditei nela. Mas eu sabia que ela não era de confiança.

“Há um livro sagrado, *O Livro de Enoque*,” ela disse. “Nele, um anjo caído mata seu vassalo Nephil ao sacrificar uma de suas descendentes femininas Nephil. Você não acha que Patch quer te matar? Qual a coisa que ele mais quer? Uma vez que ele te sacrificar, ele se tornará humano. Ele terá tudo que quiser. E ele não voltará para casa comigo.”

Ela desembainhou uma faca enorme do bloco de madeira da bancada. “E é por isso que eu tenho que me livrar de você. Parece que, de um jeito ou outro, as minhas premonições estavam certas. A morte está vindo para você.”

“Patch está voltando,” eu disse, minhas entranhas nauseando. “Você não quer falar sobre isso com ele?”

“Eu farei isso rápido,” ela continuou. “Eu sou um anjo da morte. Eu levo as almas até a pós-vida. Assim que eu terminar, eu levarei sua alma pelo véu. Você não tem nada a temer.”

Eu queria gritar, mas a minha voz ficou presa no fundo da minha garganta. Eu circulei o aparador, colocando a mesa da cozinha entre nós. “Se você é um anjo, onde estão as suas asas?”

“Nada mais de perguntas.” Sua voz tinha ficado impaciente, e ela começou a fechar a distância entre nós seriamente.

“Quanto tempo faz desde que deixou o céu?” eu perguntei, protelando. “Você está aqui embaixo há vários meses, certo? Você não acha que os outros anjos notaram que você sumiu?”

“Nem mais outro passo,” ela retrucou, levantando a faca, dispersando a luz da lâmina.

“Você está se encrencando muito por causa do Patch,” eu disse, minha voz não tão desprovida de pânico quanto eu queria. “Fico surpresa que você não se ressinta dele por te usar quando satisfaz os propósitos dele. Fico surpresa por você querer que ele consiga as asas de volta afinal. Depois do que ele fez com você, você não está feliz por ele ter sido banido para cá?”

“Ele me deixou por uma humana sem valor!” ela cuspiu, seus olhos um azul feroz.

“Ele não te deixou. Não mesmo. Ele caiu –”

“Ele caiu porque queria ser humano, como ela! Ele me tinha – ele me tinha!” Ela deu uma risada zombeteira, mas não mascarou a raiva ou a mágoa.

“Primeiramente eu fiquei magoada e brava, e eu fiz tudo em meu poder para esquecê-lo. Então, quando os arcanjos descobriram que ele está tentando seriamente se tornar humano, eles me mandaram aqui para fazê-lo mudar de ideia. Eu disse a mim mesma que eu não ia me apaixonar por ele de novo, mas que bem isso fez?”

“Dabria...,” eu comecei suavemente.

“Ele nem ligava que a garota fosse feita da poeira da terra! Você – todos vocês – são egoístas e desmazelados! Seus corpos são selvagens e indisciplinados. Em um momento vocês estão no pico da alegria, no seguinte estão a beira do desespero. É deplorável! Nenhum anjo sonhará com isso!” Ela lançou seu braço em um arco selvagem pelo seu rosto, enxugando lágrimas. “Olhe pra mim! Eu mal consigo me controlar! Eu estive aqui embaixo tempo demais, submersa em sujeira humana!”

Eu me virei e corri da cozinha, derrubando uma cadeira e deixando-a para trás de mim no caminho da Dabria. Eu corri pelo corredor, sabendo que estava me prendendo. A casa tinha duas saídas: a porta da frente, que Dabria poderia alcançar antes de mim ao cortar caminho pela sala de estar, e a porta de trás depois da sala de jantar, que ela tinha bloqueado.

Eu fui empurrada duramente por trás, e eu me arremessei para frente. Eu derrapei pelo corredor, parando sobre meu estômago. Eu rolei. Dabria pairava a alguns metros acima de mim – no ar – sua pele e cabelo incandescentes em um branco cegante, a faca apontada para mim.

Eu não pensei. Eu dei um chute para cima com toda a minha força. Eu arqueei com o chute, abraçando minha perna que não tinha chutado, e mirei no braço dela. A faca foi nocauteada de sua mão. Enquanto ficava de pé, Dabria apontou para o abajur numa mesinha de entrada, e com arremesso abrupto de

seu dedo, mandou-o voando até mim. Eu rolei, sentindo cacos de vidro deslizaram sob mim enquanto o abajur espatifava no chão.

“Mova-se!” Dabria comandou, e o banco da entrada deslizou para barrar a porta dianteira, bloqueando a minha saída.

Me arrastando para frente, eu fui para a escada indo de dois em dois, usando o corrimão para me propelir para frente. Eu escutei Dabria rir atrás de mim, e no instante seguinte o corrimão quebrou, caindo no corredor abaixo. Eu joguei meu peso para trás para me impedir de cair sobre a beirada desprotegida. Recuperando meu equilíbrio, eu corri até o final da escada. No topo eu me arremessei para o quarto da minha mãe e bati as portas de batente.

Correndo para uma das janelas flanqueando a lareira, eu olhei para baixo por dois andares até o chão. Havia três arbustos em uma cama de pedras diretamente abaixo, toda a folhagem desaparecera já que era outono. Eu não sabia se eu sobreviveria ao pulo.

“Abra!” Dabria ordenou do outro lado das portas de batente. Uma fenda rasgou a madeira enquanto a porta deformava-se contra a fechadura. Eu estava sem tempo.

Eu corri até a lareira e mergulhei sob a abóbada. Eu tinha acabado de puxar os meus pés, abraçando-os contra o interior do cano, quando as portas se abriram, batendo contra a parede. Eu escutei Dabria marchar até a janela.

“Nora!” ela chamou em sua voz delicada e arrepiante. “Sei que você está perto! Eu te sinto. Você não pode correr e não pode se esconder – eu queimarei essa casa cômodo por cômodo se é isso que custa para te achar! E então eu queimarei o caminho pelos campos atrás. Não vou te deixar viva!”

Um brilho de luz dourada clara chiou do lado de fora da lareira, junto com o sopro barulhento de fogo inflamando. As chamas mandaram sombras dançantes no buraco abaixo. Eu escutei o estalo e o crepitar de fogo consumindo combustível – mais provável a mobília ou os assoalhos de madeira.

Eu permaneci apertada no cano. Meu coração martelou, suor pingando da minha pele. Eu respirei diversas vezes, exalando lentamente para aguentar a queimação nos meus músculos das pernas firmemente contraídos. Patch tinha dito que ele ia para escola. Quanto faltava para ele voltar?

Não sabendo se a Dabria ainda estava no quarto, mas temendo que se eu não fosse embora agora o fogo fosse me prender aqui dentro, eu abaixei uma perna no buraco, então a outra. Eu saí de debaixo da abóboda. Dabria não está à vista, mas as chamas estavam lambendo as paredes, a fumaça sufocando todo o ar do quarto.

Eu me apressei corredor abaixo, não ousando descer, achando que Dabria esperaria que eu tentasse escapar por uma das portas. No meu quarto eu abri a janela. A árvore do lado de fora era perto e vigorosa o bastante para escalar. Talvez eu conseguisse despistar Dabria na névoa atrás da casa. Os vizinhos mais próximos estavam a pouco menos de um quilômetro e meio de distância, e correndo arduamente, eu poderia estar lá em sete minutos. Eu estava prestes a passar minha perna pela janela quando um crepitar soou corredor abaixo.

Fechando-me silenciosamente dentro do armário, eu disquei para 192.

“Há alguém na minha casa tentando me matar,” eu sussurrei para o operador. Eu tinha acabado de dar o meu endereço quando a porta para o meu quarto se abriu. Eu fiquei perfeitamente imóvel.

Pelas ripas na porta do armário, eu observei uma figura indistinta entrar no quarto. A luz estava fraca, meu ângulo errado, e eu não conseguia ver um único detalhe diferenciador. A figura abriu as persianas da janela, espiando. Ela tocou as meias e as roupas íntimas na minha gaveta aberta. Ela pegou o pente prata na minha escrivaninha, estudou-o, então o devolveu.

Quando a figura virou na direção do armário, eu sabia que estava encrencada.

Deslizando minha mão para o chão, eu tateei procurando por algo que eu poderia usar em minha defesa. Meu cotovelo bateu numa pilha de caixas de sapato, fazendo-as tombarem. Eu balbuciei uma maldição. Os passos andaram para mais perto.

As portas do armário abriram, e eu atirei um sapato. Eu agarrei outro e o joguei.

Patch xingou baixinho, arrancou um terceiro sapato das minhas mãos, e o jogou para trás dele. Me arrancando com força do armário, ele me colocou de pé. Antes que eu conseguisse registrar o alívio por descobrir que ele, e não Dabria, estava na minha frente, ele me puxou contra si e entrelaçou seus braços ao meu redor.

“Você está bem?” ele murmurou no meu ouvido.

“Dabria está aqui,” eu disse, meus olhos enchendo de lágrimas. Meus joelhos tremeram, e o aperto de Patch era a única coisa me mantendo de pé. “Ela está queimando a casa.”

Patch me deu um conjunto de chaves e eu curvei meus dedos ao redor delas. “Meu Jipe está estacionado na rua. Entre, tranque as portas, dirija até Delphic, e espere por mim.” Ele inclinou meu queixo para encará-lo. Ele deu um beijo de leve nos meus lábios e mandou um relampejo de calor por mim.

“O que você vai fazer?” eu perguntei.

“Lidar com a Dabria.”

“Como?”

Ele deslizou um olhar para mim que dizia, Você realmente quer os detalhes?

O som de sirenes lamentou à distância.

Patch olhou para a janela. “Você chamou a polícia?”

“Achei que você fosse a Dabria.”

Ele já estava saindo pela porta. “Eu irei atrás da Dabria. Dirija o Jipe até Delphic e espere por mim.”

“E quanto ao incêndio?”

“A polícia vai lidar com isso.”

Eu forcei meu aperto nas chaves. A parte de tomar decisões do meu cérebro estava dividida, correndo em direções opostas. Eu queria sair da casa e ficar longe da Dabria, e me encontrar com Patch mais tarde, mas havia um pensamento perturbante do qual eu não conseguia me livrar. Dabria dissera que Patch precisava me sacrificar para se tornar humano.

Ela não tinha dito isso levemente, ou para me irritar. Ou nem mesmo para me colocar contra ele. Suas palavras tinham saído frias e sérias. Sérias o bastante que ela tinha tentado me matar para impedir o Patch de chegar até mim antes.

Eu encontrei o Jipe estacionado na rua, exatamente como Patch dissera. Eu coloquei a chave na ignição e levei o Jipe por Hawthorne.

Me dando conta de que era inútil tentar o celular da Vee novamente, eu liguei para o número da casa dela ao invés.

“Oi, Sra. Sky,” eu disse, tentando soar como se nada estivesse fora do normal. “A Vee está aí?”

“Oi, Nora! Ela saiu há algumas horas. Algo sobre uma festa em Portland. Eu achei que ela estava com você.”

“Hm, nós nos separamos,” eu menti. “Ela disse para onde ia depois da festa?”

“Ela estava pensando em ver um filme. E ela não está atendendo seu celular, então eu assumo que ela o desligou por causa de uma exibição. Tudo está bem?”

Eu não queria assustá-la, mas ao mesmo tempo, eu não ia dizer que estava tudo bem. Nenhum pouquinho disso parecia bem para mim. Da última vez que eu falara com a Vee, ela estava com o Elliot. E agora ela não estava atendendo seu celular.

“Eu acho que não,” eu disse. “Eu vou dar uma volta e procurar por ela. Começarei pelo cinema. Você procura na alameda?”

## Capítulo Vinte e Seis

Era domingo a noite antes de começar o feriado da primavera e o cinema estava lotado. Eu fui para a fila comprar ingressos, olhando continuamente em volta a procura de sinais de que eu estava sendo seguida. Até agora, nada alarmante e a multidão de corpos me dava uma boa cobertura. Eu disse a mim mesma que Patch tomaria conta da Dabria e isso não era nada que eu devesse me preocupar, mas não faria mal ficar alerta.

Claro, que bem lá no fundo, eu sabia que a Dabria não era minha maior preocupação. Cedo ou tarde o Patch iria descobrir que eu não estava no Delphic. Baseada em experiências passadas eu não tinha nenhuma ilusão de que conseguiria esconder-me dele por muito tempo. Ele me encontraria. E então eu seria forçada a confrontá-lo com a pergunta que eu temia. Mais especificamente, eu temia sua resposta. Porque havia uma sombra de dúvida no fundo da minha mente, sussurrando que aquela Dabria tinha falado a verdade sobre Patch precisaria para ter um corpo humano.

Eu dei um passo me aproximando da cabine de compra do ingresso. O filme das nove e meia estava começando.

“Um para *O Sacrifício*<sup>47</sup>”, eu disse sem pensar. Imediatamente eu achei o título estranhamente irônico. Sem querer refletir mais sobre isso, eu pesquei no meu bolso um punhado de notas pequenas e algumas moedas e passei debaixo da janela, rezando para que fosse o suficiente.

“Afe,” a moça disse, olhando para as moedas girando debaixo da janela. Eu a reconheci da escola. Ela era do último ano e eu tinha quase certeza que seu nome era Kaylie ou Kylie. “Muito obrigada,” ela disse. “Como se não tivesse uma fila ou nada assim.”

Todo mundo atrás de mim murmurou um palavrão coletivo.

“Eu limpei meu cofrinho,” eu disse quase sarcástica.

“Não brinca? Está tudo aqui?” ela perguntou, dando um suspiro alto e pegando as moedas e separando em grupos de vinte cinco, dez, cinco e um centavo.

“Com certeza.”

---

<sup>47</sup> Em inglês: The Sacrifice.

“Que seja. Não ganho o suficiente para isso.” Ela jogou o dinheiro na gaveta do caixa e passou meu ingresso debaixo da janela. “Existe uma coisa que se chama cartão de crédito...”

Eu agarrei o ingresso. “Por acaso você viu a Vee Sky por aqui hoje?”

“Bee quem?”

“Vee Sky. Ela é do segundo ano. Ela está com o Elliot Saunders.”

Os olhos da Kaylie ou Kylie estavam arregalados. “Parece uma noite tranquila? Parece que eu estou apenas sentada aqui memorizando todos os rostos que passam?”

“Esqueça,” eu disse baixinho, indo em direção das portas que me levariam para dentro do cinema.

O cinema Coldeater tinha duas salas, uma de cada lado no corredor de entrada por detrás daquelas portas. Assim que o cara que verificava o ingresso rasgou o meu, eu fui em direção à porta da sala número dois e entrei na escuridão. O filme já tinha começado.

A sala estava quase cheia, exceto por alguns assentos isolados. Andei pelo corredor procurando a Vee. No final do corredor eu me virei e atravessei a parte da frente do cinema. Era difícil distinguir os rostos na escuridão, mas eu tinha quase certeza que ela não estava aqui.

Eu saí da sala e fui em direção à outra porta. Não estava tão cheio como o outro. Eu fiz outra caminhada procurando, mas novamente, eu não vi a Vee. Sentei numa poltrona perto dos fundos, tentei colocar minha mente em ordem.

Toda essa noite parecia um conto de fadas obscuro que eu entrei e não conseguia achar o caminho de volta. Um conto de fadas com anjos caídos, humanos híbridos e sacrifícios com morte. Eu passei meu dedo em cima da minha marca de nascença. Eu não queria pensar, especialmente, na possibilidade de eu ser uma descendente de um Nephilim.

Eu peguei o celular de emergência e chequei se tinha chamadas perdidas.

Nenhuma.

Eu estava colocando o celular no meu bolso quando um pacote de pipoca se materializou ao meu lado.

“Faminta?” a voz que perguntou vinha de cima do meu ombro. A voz estava seca, não especificamente feliz. Eu tentei manter minha respiração calma. “Fique em pé e saia da sala,” Patch disse. “Estarei bem atrás de você.”

Eu não me mexi.

“Saia da sala,” ele repetiu. “Nós precisamos conversar.”

“Que tal sobre você precisar me sacrificar para conseguir um corpo humano?” eu perguntei, meu tom foi leve, mas por dentro meus sentimentos eram pesados.

“Isso seria bonitinho se você achasse que é verdade.”

“Eu não acho que é verdade!” Mais ou menos. Mas o mesmo pensamento continuava voltando – se o Patch quisesse me matar, por que ele ainda não matou?

“*Shh*,” falou um cara perto de mim.

Patch disse, “Vá para fora ou vou te carregar.”

Eu me virei. “Como é?”

“*Shh!*” o cara ao meu lado fez novamente.

“O culpe,” eu disse para o cara e apontei para o Patch.

O cara esticou o pescoço para trás. “Escuta,” ele disse, me olhando novamente. “Se você não se acalmar eu vou chamar os seguranças.”

“Ótimo, vá buscar os seguranças. E diga para eles tirarem *ele* daqui,” eu disse, novamente sinalizando para o Patch. “Diga para eles que ele quer me matar.”

“*Eu* quero te matar,” a namorada do cara disse, inclinando sobre ele para me ver.

“Quem quer te matar?” o cara perguntou. Ele ainda estava olhando por sobre seu ombro, mas sua expressão era confusa.

“Não tem ninguém *ali*,” a namorada me disse.

“Você está fazendo com que eles achem que não podem te ver, não está?” eu disse para o Patch, admirada pelo seu poder, mesmo desprezando seu uso.

Patch sorriu, mas os cantos estavam mais apertados.

“Oh, merda!” a namorada disse, jogando suas mãos para o alto. Ela rolou seus olhos furiosamente para seu namorado e disse, “Faça alguma coisa!”

“Eu preciso que você pare de falar,” o cara me disse. Ele fez um gesto para a tela. “Assista ao filme. Aqui – fique com meu refrigerante.”

Fui para o corredor. Senti Patch se movendo ao meu lado, perturbadoramente próximo, mas sem me tocar. Ele continuou desse jeito até que saímos do cinema.

Do outro lado da porta, Patch segurou meu braço me guiou através do hall até o banheiro feminino.

“O que você tem com banheiros femininos?” Eu disse.

Ele me conduziu pela porta, trancando-a e recostou-se contra ela.

Seus olhos estavam em cada centímetro meu. E eles me davam sinais de que queriam me chacoalhar até a morte.

Eu estava encostada no balcão, minhas palmas agarradas à borda. “Você está bravo porque eu não fui para o Delphic.” Eu levantei um ombro trêmulo. “Patch, por que o Delphic? É domingo à noite. O Delphic vai fechar em breve. Alguma razão especial para você querer que eu dirigisse para um parque de diversões escuro e quase abandonado?”

Ele andou até mim até que ele ficou tão próximo que eu podia ver seus olhos negros por debaixo do seu boné.

“Dabria me disse que você tem que sacrificar um corpo humano,” eu disse.

Patch ficou quieto por um momento. “E você acha que eu vou fazer isso?”

Eu engoli. “Então isso é verdade?”

Nossos olhos se encontraram. “Teria que ser um sacrifício intencional. Simplesmente te matar não resolveria.”

“Você é a única pessoa que pode fazer isso comigo?”

“Não, mas sou provavelmente a única pessoa que sabe do resultado final e a única pessoa que tentaria isso. Esta é a razão de eu ter vindo para a escola. Eu tinha que chegar perto de você. Eu precisava de você. Essa é a razão pela qual entrei em sua vida.”

“Dabria me disse que você caiu por causa de uma garota.” Eu me odiava por experimentar as dores do ciúme irracional. Isso não era para ser sobre mim. Isso era para ser um interrogatório. “O que aconteceu.”

Eu queria desesperadamente que o Patch me desse alguma pista de seus pensamentos, mas seus olhos eram escuros e gelados, as emoções estavam trancadas longe da superfície. “Ela envelheceu e morreu.”

“Isso deve ter sido difícil para você,” eu disse.

Ele esperou um pouco antes de responder. Seu tom era tão baixo, que eu estremei. “Você quer que eu jogue limpo, eu vou jogar. Vou te contar tudo. Quem eu sou e o que eu fiz. Cada detalhe. Vou trazer tudo à tona, mas você tem que pedir. Você tem que querer isso. Você pode ver quem eu fui, ou você pode ver quem eu sou agora. Eu não sou bom.” Ele me disse, com seus olhos que absorviam toda a luz, mas não refletia nada, “mas eu fui pior.”

Eu ignorei o aperto no estômago e disse, “Conte-me.”

“A primeira vez que a vi, eu ainda era um anjo. Foi um instante de desejo possessivo. Me deixou louco. Eu não sabia nada sobre ela, exceto que eu faria qualquer coisa para ficar perto dela. Eu a observei por um tempo, então eu pensava que se eu descesse para a Terra e possuísse um corpo humano, eu seria expulso do céu e me transformaria em humano. O detalhe é que eu não sabia sobre o Cheshvan. Eu descí em uma noite de agosto, mas eu não pude possuir o corpo. Na minha volta para o Paraíso, uma série de anjos vingadores me

pararam e arrancaram minhas asas. Eles me atiraram pelo céu. Imediatamente eu soube que havia alguma coisa errada. Quando eu olhei para os humanos, tudo o que eu podia sentir foi um desejo insaciável de estar dentro dos seus corpos. Todos os meus poderes foram retirados e eu era essa coisa fraca e patética. Eu não era humano. Eu tinha caído. Eu percebi que tinha desistido de tudo, num piscar de olhos. Todo esse tempo eu me odiei por isso. Eu achava que tinha desistido por nada.” Seus olhos focaram em mim singularmente, fazendo com que eu me sentisse transparente. “Mas se eu não tivesse caído, eu não teria te conhecido.”

Minhas emoções conflitantes pesaram tão forte dentro do meu peito, que achei que elas iriam me sufocar. Segurando as lágrimas, eu continuei. “Dabria disse que minha marca de nascença está relacionada com o Chauncey. Isso é verdade?”

“Você quer que eu responda isso?”

Eu não sabia o que queria. Todo meu mundo parecia uma piada e eu era a última a ficar sabendo. Eu não era Nora Grey, uma garota mediana. Eu era descendente de alguém que nem era humano. E meu coração estava se desfazendo em pedaços por outro que não era humano. Um anjo negro. “Qual lado da minha família?” eu disse afinal.

“Do seu pai.”

“Onde está o Chauncey agora?” Mesmo sabendo que estávamos relacionados, eu gostava da ideia de ele estar bem longe. Muito longe. Tão longe que o que nosso laço não pareça real.

“Eu não vou te matar Nora. Eu não mato pessoas que são importantes para mim. E você está no topo da lista.”

Meu coração deu uma batida nervosa. Minhas mãos estavam em sua barriga, que eram tão firmes que nem mesmo sua pele cedia. Eu estava mantendo uma distância segura entre nós, já que nem mesmo uma cerca elétrica me faria sentir segura com relação a ele.

“Você está invadindo meu espaço privado,” eu disse, afastando um pouco.

Patch me deu um quase sorriso. “Invadindo? Isso não é um teste de atitude da escola, Nora.”

Eu coloquei alguns fios de cabelos atrás da orelha e dei um passo considerável para o lado, encostando na borda da pia. “Você está me cercando. Eu preciso de – espaço.” O que eu precisava era de limites. Eu precisava de força de vontade. Eu precisava ser enjaulada, já que, mais uma vez, eu estava provando que não era confiável na presença do Patch. Eu deveria estar indo em direção à porta, mas mesmo assim... Eu não estava. Eu tentei me convencer que

eu ainda estava aqui porque eu precisava de respostas, mas isso era apenas uma parte da verdade. Havia outra parte que eu não queria pensar nela. A parte emocional. A parte que era inútil lutar.

“Você está escondendo mais alguma coisa de mim?” eu quis saber.

“Estou escondendo várias coisas de você.”

Senti um frio na barriga. “Como o que?”

“Por exemplo, como eu me sinto estando trancado aqui com você.” Patch ergueu o braço e apoiou a mão no espelho atrás de mim, colocando o peso do seu corpo em mim. “Você não tem ideia do que faz comigo.”

Eu chacoalhei a cabeça. “Eu acho que não. Isso não é uma boa ideia. Isso não é certo.”

“Existem vários tipos de coisas certas,” ele murmurou. “No espectro, ainda estamos em uma zona segura.”

Eu sabia que a metade do meu cérebro responsável pela auto preservação estava gritando, *Corra por sua vida!*. Infelizmente, o sangue subiu até minhas orelhas e eu não estava ouvindo direito. Obviamente, eu também não estava pensando direito.

“Definitivamente certo. Normalmente certo,” Patch continuou. “Quase sempre certo. Talvez seja certo.”

“Talvez não agora.” Eu respirei um pouco. Pelo canto do olho eu vi um alarme de incêndio na parede. Estava a dez ou quinze passos de distância. Se eu fosse rápida, eu podia atravessar o banheiro e apertar o botão antes do Patch me impedir. A segurança viria correndo. Eu estaria salva. E era isso que eu queria... não era?

“Não é uma boa ideia,” Patch disse com um balanço suave de cabeça.

De qualquer maneira eu corri para o alarme de incêndio. Meus dedos agarraram a alavanca e eu a puxei para baixo. Só que a alavanca não se moveu. Por mais forte que eu tentasse, eu não conseguia a fazer se mover. Então eu reconheci a presença familiar do Patch na minha cabeça e eu soube que era um jogo mental.

Virei para encará-lo. “Saia da minha cabeça.” Eu o ataquei dando um empurrão forte em seu peito.

“Para que isso?” ele perguntou.

“Por causa dessa noite.” Por me deixar louca por ele quando eu sabia que era errado. Ele era o *pior* tipo de errado. Ele era tão errado que parecia certo e isso me fazia sentir completamente fora de controle.

Eu poderia ter tentado bater em seu queixo se ele não tivesse me pegado pelos ombros e me encostado contra a parede. Não havia quase nenhum

espaço entre nós, apenas uma fina camada de ar, mas o Patch conseguiu eliminá-la.

“Vamos ser honestos Nora. Você está apaixonada por mim.” Seus olhos eram profundos. “E eu estou apaixonado por você.” Ele se inclinou em mim e colocou sua boca na minha. Na verdade muita coisa dele estava em mim. Nós tocamos várias partes estratégicas da parte debaixo dos nossos corpos e isso acabou com a minha força de vontade.

Eu me afastei. “Eu não terminei. O que aconteceu com a Dabria?”

“Todos os cuidados foram tomados.”

“O que exatamente isso quer dizer?”

“Ela não iria manter suas asas depois de conspirar para te matar. No momento que ela tentasse voltar para o Paraíso, os anjos vingadores arrancariam suas asas. Ela teria isso mais cedo ou mais tarde. Eu apenas apressei as coisas.”

“Então você – as arrancou?”

“Elas estavam deteriorando; as penas estavam quebradas e finas. Se ela ficasse mais tempo na Terra, isso seria um sinal para todos os outros anjos caídos que a vissem, que ela tinha caído. Se eu não fizesse isso, um deles faria.”

Eu evitei outro de seus avanços. “Ela vai fazer outra aparição não desejada na minha vida?”

“Difícil dizer.”

Rápido como um relâmpago, Patch pegou a barra da minha blusa. Ele me puxou em sua direção. Seus dedos roçaram na pele perto do meu umbigo. Calor e frio me atingiram simultaneamente. “Você daria conta dela, Anjo,” ele disse. “Já vi vocês duas em ação, e minha aposta é em você. Você não precisa de mim para isso.”

“Para *o que* eu preciso de você?”

Ele riu. Não abruptamente, mas com certo desejo. Seus olhos tinham perdido aquele frio e ficaram focados totalmente em mim. Seu sorriso era sedutor... Mas suave. Alguma coisa atrás do meu umbigo dançou e então, se enrolou mais para baixo.

“A porta está trancada,” ele disse. “E nós temos negócios interminados.”

Meu corpo parecia ter varrido a parte lógica do meu cérebro. Sufocado, na verdade. Eu deslizei minhas mãos para cima no peito dele e passei meus braços ao redor do seu pescoço. Patch ergueu meus quadris e eu enrosquei as pernas na sua cintura. Meu pulso disparou, mas eu não me importei nem um pouco. Eu

esmaguei minha boca contra a sua, absorvendo o êxtase da sua boca na minha, suas mãos em mim, o sentimento a beira de romper a minha pele –

O celular no meu bolso tocou. Eu me afastei do Patch, respirando forte e o telefone tocou uma segunda vez.

“Caixa postal,” o Patch disse.

Nas profundezas da minha consciência, eu sabia que atender meu telefone era importante. Eu não conseguia me lembrar do por que; ter beijado Patch fez com que cada preocupação evaporasse. Eu me desembaracei dele, virando-me para que ele não visse o que dez segundos de beijo dele tinham feito comigo. Internamente eu estava gritando de prazer.

“Alô?” eu respondi, resistindo ao impulso de limpar minha boca manchada de gloss.

“Querida!” Vee disse. A conexão estava ruim, a estática cortava sua voz. “Onde você está?”

“Onde *você* está? Você ainda está com o Elliot e o Jules?” Eu coloquei minha mão na outra orelha para ouvir melhor.

“Estamos na escola. Nós invadimos,” ela disse em uma voz que era desobediente a perfeição. “Nós queremos brincar de esconde-esconde, mas não temos pessoas suficientes para dois times. Então... você sabe de uma quarta pessoa que poderia vir brincar conosco?”

Uma voz incoerente murmurou ao fundo.

“Elliot quer que eu te diga que se você não vier ser seu parceiro – espera aí – o que?” Vee disse ao fundo.

A voz do Elliot apareceu no telefone. “Nora? Venha brincar conosco. Caso contrário tem uma árvore na área comum com o nome da Vee nela.”

Puro gelo fluiu em mim.

“Alô?” eu disse rouca. “Elliot? Vee? Você está aí?”

Mas a conexão tinha caído.

## Capítulo Vinte e Sete

“QUEM ERA?” PATCH PERGUNTOU.

Meu corpo todo retinia. Levei um momento para responder. “Vee arrombou a escola com o Elliot e o Jules. Eles querem que eu os encontre. Acho que o Elliot vai machucar a Vee se eu não for.” Eu olhei para o Patch. “Acho que ele vai machucá-la se eu for.”

Ele dobrou seus braços, franzindo. “Elliot?”

“Semana passada na biblioteca eu encontrei um artigo que dizia que ele foi interrogado numa investigação de assassinato em sua antiga escola, Kinghorn Prep. Ele entrou no laboratório de informática e me viu lendo-o. Desde aquela noite, eu sinto uma vibe ruim dele. Uma vibe muito ruim. Eu acho até que ele arrombou o meu quarto para roubar o artigo.”

“Algo mais que eu deva saber?”

“A garota que foi assassinada era namorada do Elliot. Ela foi enforcada em uma árvore. Bem agora no telefone ele disse, ‘Se você não vier, tem uma árvore na área comum com o nome da Vee nela.’”

“Eu já vi o Elliot. Ele parece arrogante e um pouco agressivo, mas ele não me parece com um assassino.” Ele mergulhou sua mão em meu bolso dianteiro e extraiu as chaves do Jipe. “Eu dirigirei até lá e checarei as coisas. Não demoro.”

“Acho que deveríamos chamar a polícia.”

Ele balançou sua cabeça. “Vai mandar a Vee para o reformatório por destruição de propriedade e por invasão. Mais uma coisa. Jules. Quem é esse cara?”

“Amigo do Elliot. Ele estava na arcada na noite em que te vimos.”

Seu franzido aprofundou-se. “Se houvesse outro cara, eu me lembraria.”

Ele abriu a porta e eu o segui para fora. Um zelador usando uma calça preta e uma camiseta vermelha-acastanhada do trabalho varria pipoca no saguão. Ele olhou duas vezes ao ver Patch saindo do banheiro feminino. Eu o reconheci da escola. Brandt Christensen. Tínhamos aula de inglês juntos. Semestre passado eu tinha ajudado-o a escrever um artigo.

“Elliot está me esperando, não você,” eu disse ao Patch. “Se eu não aparecer, sabe lá o que vai acontecer com a Vee. Esse é um risco que não vou tomar.”

“Se eu te deixar vir, você escutará as minhas instruções e vai segui-las cuidadosamente?”

“Sim.”

“Se eu te disser para pular?”

“Eu pulo.”

“Se eu te disser para ficar no carro?”

“Eu ficarei no carro.” Era quase tudo verdade.

No estacionamento do cinema, Patch apontou sua chave de segurança para o Jipe, e os faróis piscaram. De repente ele parou abruptamente e xingou baixinho.

“Qual o problema?” eu disse.

“Pneus.”

Eu deixei meu olhar cair e, certamente, ambos os pneus no lado do motorista estavam murchos. “Não acredito!” eu disse. “Eu passei por cima de dois pregos?”

Patch se agachou no pneu dianteiro, correndo sua mão pela circunferência. “Chave de fenda. Esse foi um ataque intencional.”

Por um momento eu pensei que talvez esse fosse outro truque mental. Talvez Patch tivesse suas razões para não querer que eu fosse para a escola. Seus sentimentos por Vee não eram segretos, afinal. Mas algo estava faltando.

Eu não conseguia sentir o Patch em lugar algum dentro da minha cabeça. Se ele estava alterando os meus pensamentos, ele tinha encontrado uma maneira nova de fazê-lo, porque pelo que eu sei, o que eu estava vendo era real.

“Quem faria isso?”

Ele ficou totalmente de pé. “A lista é longa.”

“Está tentando me dizer que tem um monte de inimigos?”

“Eu chateei algumas pessoas. Um monte de gente faz apostas que não podem vencer. Então eles me culpam por sair com seus carros, ou mais.”

Patch deu um passo até um coupé, abriu a porta do lado do motorista, e sentou atrás do volante. Esticando-se sob ele, sua mão desapareceu.

“O que está fazendo?” eu perguntei, ficando de pé na porta aberta. Era um desperdício de oxigênio já que eu estava bem ciente do que ele estava fazendo.

“Procurando pela chave reserva.” A mão do Patch reapareceu, segurando dois fios azuis. Com alguma habilidade, ele removeu as pontas dos fios e os uniu. O motor ligou, e Patch olhou para mim. “Cinto de segurança.”

“Não vou roubar um carro.”

Ele deu de ombros. “Nós precisamos dele agora. Eles não.”

“É *roubo*. É errado.”

Patch não parecia nem um pouquinho incomodado. De fato, ele parecia um tanto relaxado demais no assento do motorista. *Essa não é a primeira vez que ele faz isso*, eu pensei.

“Primeira regra do roubo de carros,” ele disse sorrindo. “Tente não ficar na cena do crime mais que o necessário.”

“Espere um minuto,” eu disse, levantando um dedo.

Eu corri de volta para o cinema. No caminho para dentro, as portas de vidro refletiram o estacionamento atrás de mim, e eu vi Patch sair do coupé.

“Oi, Brandt,” eu disse para o garoto ainda empurrando pipoca para uma pá de lixo com cabo alto.

Brandt olhou para mim, mas sua atenção foi rapidamente atraída para cima do meu ombro. Eu escutei as portas do cinema se abrirem e senti Patch se mover para trás de mim. Sua chegada não fora tão diferente de uma nuvem eclipsando o sol, repentinamente obscurecendo a paisagem, dedurando uma tempestade.

“Como vai?” Brandt disse duvidosamente.

“Estou tendo problemas com o carro,” eu disse, mordendo meu lábio e testando uma cara simpática. “Sei que estou te colocando numa posição delicada, mas já que eu te ajudei com aquele artigo sobre Shakespeare semestre passado...”

“Você quer emprestar o meu carro.”

“Na verdade... sim.”

“É uma porcaria. Não é nenhum Jipe Commander.” Ele olhou diretamente para Patch como se estivesse se desculpando.

“Corre?” eu perguntei.

“Se por correr você quer saber se as rodas giram, é, corre. Mas não está disponível para empréstimo.”

Patch abriu sua carteira e deu-lhe o que parecia ser três notas novinhas de cem dólares. Controlando a minha surpresa, eu decidi que a melhor coisa a se fazer era continuar nessa brincadeira.

“Eu mudei de ideia,” Brandt disse, os olhos arregalados, embolsando o dinheiro. Ele pescou em seus bolsos e entregou clandestinamente a Patch um par de chaves.

“Qual a marca e cor?” Patch perguntou, pegando as chaves.

“Difícil dizer. Parte Volkswagen, parte Chevette. Costumava ser azul. Isso foi antes de ser corroído para laranja. Enche o tanque antes de devolvê-lo?” Brandt disse, soando como se tivesse seus dedos cruzados em suas costas, forçando sua sorte.

Patch descartou outros vinte. “Só em caso de esquecermos,” ele disse, enfiando-o no bolso dianteiro do uniforme de Brandt.

Do lado de fora, eu disse ao Patch, “Eu podia tê-lo convencido a me dar suas chaves. Eu só precisava de um pouco mais de tempo. E, a propósito, por que você limpa mesas no Borderline se é rico?”

“Não sou. Eu ganhei o dinheiro em um jogo de sinuca há algumas noites.” Ele empurrou a chave de Brandt na fechadura e abriu a porta do lado do passageiro para mim. “O banco está oficialmente fechado.”

Patch dirigiu pela cidade em ruas escuras e silenciosas. Não levou muito tempo para chegar na escola. Ele parou o carro de Brandt no lado leste do prédio e desligou o motor. O campus era coberto de florestas, os galhos eram retorcidos e sombrios e não seguravam nada além de uma bruma úmida.

Atrás deles pairava a escola Coldwater.

A parte original do prédio fora construída no fim do século dezenove, e após o pôr-do-sol parecia muito com uma catedral.

Cinza e agourenta. Muito escura. Muito abandonada.

“Eu acabei de ter um mau pressentimento,” eu disse, olhando os vazios pretos que a escola tinha de janela.

“Fique no carro e fora de vista,” Patch me disse, me passando as chaves. “Se alguém sair do prédio, se mande.” Ele saiu. Ele estava usando uma camiseta preta justa de gola redonda, calça Levi escura, e botas. Com seu cabelo preto e pele escura, era difícil distingui-lo dos fundos. Ele cruzou a rua e, em questão de instantes, se uniu completamente à noite.

## Capítulo Vinte e Oito

Cinco minutos vieram e passaram. Dez minutos se transformaram em vinte. Eu lutei para ignorar o sentimento de arrepiar de que estava sob vigilância. Olhei para as sombras que circundavam da escola.

Por que o Patch estava demorando tanto? Eu misturei algumas teorias, sentindo mais desconfortável nesse momento. E se o Patch não conseguisse encontrar a Vee? O que aconteceria quando o Patch encontrasse o Elliot? Eu não acho que o Elliot é mais poderoso que o Patch, mas há sempre uma chance – se Elliot tivesse o elemento surpresa.

O telefone no meu bolso tocou e eu pulei de susto.

“Eu vejo você,” Elliot disse quando eu atendi. “Sentada aí no carro.”

“Onde você está?”

“Observando da janela do segundo andar. Estamos jogando aqui dentro.”

“Eu não quero jogar.”

Ele finalizou a chamada.

Com meu coração na garganta, eu saí do carro. Olhei para as janelas escuras da escola. Não achava que o Elliot soubesse que o Patch estava lá dentro. Sua voz estava impaciente, não raivosa ou irritada. Minha única esperança era que o Patch tivesse um plano e tivesse certeza que nada aconteceria comigo ou com a Vee. A Lua estava mais nublada e com uma sombra de medo eu andei em direção à porta leste.

Eu dei um passo dentro da semiescuridão. Meus olhos demoraram alguns segundos para fazer alguma coisa com a iluminação do poste que passava pela janela e terminava na metade de cima da porta. As tiras do assoalho refletiam um brilho seroso.

Armários estavam alinhados dos dois lados do corredor, parecendo soldados robôs dormindo. No lugar de um sentimento de paz e quietude, as salas radiavam uma ameaça escondida.

As luzes de fora iluminavam os primeiros passos no corredor, mas depois disso, eu não conseguia ver mais nada. Do lado de dentro da porta havia um painel de interruptores de luz, eu os liguei. Nada aconteceu.

Já que a energia estava funcionando lá fora, eu sabia que a eletricidade tinha sido cortada por uma mão. Eu me perguntei se isso era parte do plano do Elliot. Eu não conseguia vê-lo e nem a Vee. Também não vi o Patch. Eu teria que

fazer meu caminho através de cada sala na escola, fazendo um jogo de eliminação até que eu o encontrasse. Juntos nós poderíamos achar a Vee.

Usando as paredes como guia, eu rastejei para frente. Em qualquer dia da semana, eu passava nesse trecho de corredor várias vezes, mas na escuridão de repente pareceu estranho. E mais comprido. Muito comprido.

Na primeira interseção eu avaliei mentalmente meu ambiente. Virar a esquerda me levaria aos escritórios administrativos, bem como para a escada dupla. Eu continuei em frente, me aprofundando na escola, em direção as salas de aulas.

Meu pé ficou preso em alguma coisa e antes que eu pudesse reagir, eu me alastrei no chão. A luz cinza nebulosa filtrada por uma claraboia diretamente acima enquanto a Lua saía por entre as nuvens, iluminou as características do corpo que eu tropecei. Jules estava de costas, sua expressão fixa em um olhar perdido. Seu cabelo longo e loiro estava emaranhado em seu rosto, suas mãos caídas ao seu lado.

Eu fiquei de joelhos e cobri minha boca, ofegante. Minhas pernas tremiam com a adrenalina. Muito devagar, eu coloquei a palma da minha mão no peito do Jules. Ele não estava respirando. Ele estava morto.

Eu fiquei em pé e engasguei com um grito. Eu queria chamar o Patch em voz alta, mas isso daria minha localização para o Elliot – isso se ele ainda não sabia. Eu percebi que ele poderia estar metros daqui, me observando enquanto seu jogo perverso se desdobrava.

A iluminação que vinha de cima enfraqueceu e eu fiz uma pesquisa frenética no corredor. Mais corredor sem fim se estendia a minha frente. A biblioteca era em cima, um pequeno lance de escadas a minha esquerda. As salas de aula começavam a direita. Num momento de decisão dividida, eu escolhi a biblioteca, tateando pelos corredores enegrecidos para me afastar do corpo do Jules. Meu nariz escorreu e eu percebi que estava chorando silenciosamente. Por que Jules está morto? Quem o matou? Se Jules está morto, a Vee também está?

As portas da biblioteca estavam destrancadas e eu entrei. Passando pelas prateleiras de livros, no final da biblioteca, havia três pequenas salas de estudo. Eles eram a prova de som; se o Elliot quisesse isolar a Vee, as salas eram o lugar ideal para colocá-la.

Eu estava começando a ir em direção às salas quando um gemido masculino ecoou pela biblioteca. Eu cheguei a um impasse.

As luzes do corredor se acenderam, iluminando a escuridão da biblioteca. O corpo do Elliot estava caído alguns metros a frente, sua boca estava repartida,

sua pele estava cinzenta. Seus olhos rolaram em minha direção e ele ergueu um braço para mim.

Um grito estridente escapou de mim. Girando, eu corri para as portas da biblioteca, jogando e chutando as cadeiras que estavam no caminho. *Corra!* Eu ordenei a mim mesma. *Vá para a saída!*

Eu cambaleei para fora das portas, foi quando as luzes do corredor se apagaram, mergulhando tudo novamente na escuridão.

“Patch!” eu tentei gritar. Mas minha voz chamou e eu fiquei engasgada no seu nome.

Jules estava morto. Elliot estava quase morto. Quem os tinha matado? Quem tinha sobrado? Eu tentei dar algum sentido ao que estava acontecendo, mas toda razão havia me escapado.

Um empurrão nas minhas costas me tirou o equilíbrio. Outro empurrão me fez voar para o lado. Minha cabeça bateu em um armário, me assombrando.

Um feixe de luz cruzou minha visão e um par de olhos negros atrás de uma máscara de esqui entrou em foco. A luz vinha de uma lanterna de mina presa acima da máscara.

Empurrei para cima e tentei correr. Um dos seus braços disparou, barrando minha escapada. Ele ergueu seu outro braço, me prendendo contra o armário.

“Você achou que eu estava morto?” Eu podia ouvir o sorriso triunfante e gelado em sua voz. “Eu não podia perder a última oportunidade de brincar com você. Diverte-me. Quem você achou que fosse o cara mau? Elliot? Ou passou pela sua mente que sua melhor amiga poderia ter feito isso? Estou ficando quente, não? Isso é o que acontece com o medo. Trás o que há de pior em nós.”

“É você.” Minha voz crepitou.

Jules arrancou a lanterna e a máscara de esqui. “Em carne e osso.”

“Como você fez isso?” eu perguntei com a voz ainda tremendo. “Eu vi você. Você não estava respirando. Você estava morto.”

“Você está me dando muito crédito. Foi tudo você Nora. Se sua mente não fosse tão fraca, eu não conseguiria ter feito nada. Estou fazendo você se sentir mal? É desanimador saber que de todas as mentes que eu invadi, a sua está no topo da lista das mais fáceis? E mais divertida?”

Eu lambi os lábios. Minha boca tinha um gosto estranho, uma combinação de seca e pegajosa. Eu podia sentir o cheiro de medo na minha respiração. “Onde está a Vee?”

Ele bateu no meu rosto. “Não mude de assunto. Você deveria realmente aprender a controlar seu medo. Medo mina a lógica e abre várias oportunidades para pessoas como eu.”

Este era um lado do Jules que eu nunca tinha visto. Ele foi sempre tão quieto, tão taciturno, radiando uma completa falta de interesse em qualquer um a sua volta. Ele ficava ao fundo, demandando pouca atenção, pouca suspeita. *Muito inteligente da parte dele*, eu pensei.

Ele agarrou meu braço e empurrou-me atrás dele.

Eu o agarrei e torci o corpo e ele levou seu punho no meu estômago. Eu tropecei para trás, procurando por um ar que não vinha. Meu ombro arrastou para baixo um armário até que eu sentei e dobrei no chão. Uma faixa de ar desceu na minha garganta e eu engasguei com ele.

Jules tocou os arranhões que minhas unhas tinham deixado em seu antebraço. “Isso vai custar caro para você.”

“Por que você me trouxe aqui? O que você quer?” Eu não conseguia evitar a histeria na minha voz.

Ele me levantou pelo braço e me arrastou mais fundo no corredor. Chutando uma porta para abrir, ele me empurrou para dentro e eu caí, as palmas das minhas mãos colidiram contra o chão duro. A porta bateu atrás de mim. A única luz vinha da lanterna que o Jules segurava.

O ar tinha os odores familiares de produtos químicos e pó de giz. Pôsteres de corpo humano e seções transversais de células humanas decoravam a parede. Um grande balcão de granito com uma pia ficava a frente do cômodo. Estava de frente para várias mesas de granito parecidas. Nós estávamos dentro da ala de biologia do Treinador McConaughy.

Um lampejo de metal passou pelos meus olhos. Um bisturi estava no chão, enfiado na lixeira. Deve ter sido negligenciado pelo Treinador e pelo zelador. Enfiei-o na cintura da minha calça enquanto o Jules me colocava em pé.

“Eu tive que cortar a eletricidade,” ele disse, colocando a lanterna na mesa mais próxima. “Você não pode brincar de esconde-esconde na claridade.”

Raspando duas cadeiras pelo chão, ele as posicionou uma de frente para outra. “Sente-se.” Não parecia um convite.

Meus olhos dispararam para o painel de janelas que abrangia a parede mais distante. Eu me perguntei se eu conseguiria abrir uma e escapar antes do Jules me pegar.

Entre mil outros pensamentos de autopreservação, eu disse a mim mesma para não parecer assustada. Em algum lugar no fundo da minha mente eu me lembrei dos conselhos das aulas de autodefesa que eu fiz junto com a mamãe depois que meu pai morreu. Fazer contato visual... Parecer confiante... Usar o senso comum... Tudo mais fácil falar do que fazer.

Jules me empurrou pelo ombro, forçando-me a sentar na cadeira. O metal frio escoou pelo meu jeans.

“Dê-me seu celular,” ele ordenou, ergueu a mão para esperar por isso.

“Eu deixei no carro.”

Ele sorriu. “Você quer realmente fazer joguinho comigo? Eu tenho sua melhor amiga trancada em algum lugar no prédio. Se você fizer joguinhos comigo, ela vai se sentir excluída. Eu terei que pensar em um jogo extra especial para fazer com ela.”

Eu tirei meu telefone e passei para ele.

Com uma força sobre humana ele o partiu ao meio. “Agora somos apenas nós dois.” Ele deixou-se cair na cadeira que estava na minha frente e esticou suas pernas luxuosamente. Um dos braços pendia no encosto da cadeira. “Vamos conversar Nora.”

Eu pulei da cadeira. Jules me enganchou pela cintura antes que eu pudesse dar quatro passos e me jogou de volta na cadeira.

“Eu costuma ter cavalos,” ele disse. “Há muito tempo atrás na França, eu tinha um estábulo com lindos cavalos. Os cavalos espanhóis eram meus favoritos. Eles eram capturados ainda selvagens e trazidos direto para mim. Em semanas eu os domava. Mas sempre havia um cavalo raro que se recusava a ser domado. Você sabe o que eu fazia com o cavalo que se recusava a ser domado?”

Eu estremei em resposta.

“Coopere e você não terá nada a temer,” ele disse.

Em nenhum momento eu acreditei nele. O brilho em seus olhos não era de sinceridade.

“Eu vi o Elliot na biblioteca.” Eu estava surpresa pela hesitação na minha voz. Eu não gostava ou confiava no Elliot, mas ele não merecia morrer vagorosamente e com dor. “Você o machucou?”

Ele chegou mais perto, como se fosse dividir um segredo. “Se você for cometer um crime, nunca deixe evidência. Elliot tem sido uma parte integral de tudo. Ele sabia muito.”

“É por isso que estou aqui? Por causa da reportagem que eu achei sobre a Kjirsten Halverson?”

Jules sorriu. “Elliot deixou de mencionar que você sabe sobre a Kjirsten.”

“O Elliot a matou... ou foi você?” Perguntei com uma onda fria de inspiração.

“Eu tinha que testar a lealdade do Elliot. Eu tirei o que era mais importante. Elliot estava na Kinghorn com bolsa e ninguém o deixava esquecer sobre isso.

Até que eu cheguei. Eu fui seu benfeitor. No fim, ele tinha que escolher entre eu e a Kjirsten. Mais sucintamente, escolher entre dinheiro e amor. Aparentemente não há prazer em ser pobre entre os príncipes. Eu o comprei e foi quando eu soube que eu poderia contar com ele quando fosse hora de lidar com *você*.”

“Por que eu?”

“Você ainda não percebeu?” A luz destacava a crueldade em seu rosto, criando a ilusão de que seus olhos tinham mudado para a cor de prata derretida. “Eu tenho brincado com você. Fazendo de você uma marionete. Usando você como representante, porque a pessoa que eu quero realmente ferir não pode ser ferida. Você sabe quem é essa pessoa?”

Todos os nós do meu corpo pareciam desfeitos. Meus olhos perderam o foco. O rosto do Jules parecia uma pintura impressionista – borrada nos cantos, sem detalhes. O sangue foi drenado da minha cabeça e senti que eu começava a escorregar da cadeira. Eu já tinha me sentido assim vezes suficientes para saber do que eu precisava: ferro. E rápido.

Ele deu um tapa no meu rosto novamente. “Foco. De quem estou falando?”

“Eu não sei.” Eu não conseguia que minha voz fosse mais que um sussurro.

“Você sabe por que ele não pode ser ferido? Porque ele não tem um corpo humano. Seu corpo carece de sensação física. Se eu o trancasse e o torturasse, não valeria a pena. Ele não pode sentir. Nem um pouquinho de dor. Com certeza você tem um palpite agora? Você tem passado muito tempo com essa pessoa. Por que está tão silenciosa Nora? Você não consegue descobrir?”

Uma gota de suor desceu nas minhas costas.

“Todo ano no começo do mês Hebreu do Cheshvan, ele toma o controle do meu corpo. Duas semanas inteiras. Isso é quanto tempo eu perco o controle. Sem liberdade, sem escolha. Eu não posso ter o luxo de escapar durante essas duas semanas, emprestando meu corpo e voltar quando tiver tudo acabado. Então eu seria capaz de me convencer que aquilo não estava acontecendo realmente. Não. Ainda estou aqui, um prisioneiro dentro do *meu próprio corpo*, vivendo cada momento disso,” ele disse num tom monótono. “Você sabe como é sentir-se assim? *Você sabe?*” ele gritou.

Eu mantive minha boca fechada, sabendo que falar poderia ser perigoso. Jules riu, uma rajada de ar entre seus dentes. Soou mais sinistro do que qualquer coisa que eu já tinha ouvido.

Ele disse, “Fiz um juramento permitindo ele tomar posse do meu corpo durante o Cheshvan. Eu tinha dezesseis anos de idade.” Ele encolheu os ombros, mas foi um movimento rígido. “Ele enganou-me para jurar me

torturando. Depois, ele me disse que eu não era humano. Você acredita? *Não humano.* Ele me disse que minha mãe, uma humana, dormiu com um anjo caído.” Ele sorriu odiosamente, suor salpicava sua testa. “Eu mencionei que eu herdei algumas características do meu pai? Assim como ele, eu sou um enganador. Eu faço você ver mentiras. Eu faço você escutar vozes.”

*Assim. Você pode me ouvir Nora? Você ainda está amedrontada?*

Ele deu um tapinha na minha testa. “O que está acontecendo aí Nora? Terrivelmente quieto.”

Jules era Chauncey. Ele era Nephilim. Lembrei-me da minha marca de nascimento e o que a Dabria tinha me contado. Jules e eu dividimos o mesmo sangue. Nas minhas veias tinha o sangue de um monstro. Eu fechei meus olhos e uma lágrima escapou.

“Lembra-se da primeira noite que nos conhecemos? Eu pulei na frente do carro que você estava dirigindo. Estava escuro e tinha neblina. Você já estava no limite, o que ficou muito mais fácil para enganá-la. Eu gostei de te assustar. Foi a primeira noite que tive gosto para isso.”

“Eu deveria ter percebido que era você,” eu sussurrei. “Não existem tantas pessoas tão altas quanto você.”

“Você não está escutando. Eu posso fazer você ver qualquer coisa que eu queira. Você realmente acha que eu esqueceria um detalhe que me condenava como minha altura? Você viu o que eu quis que você visse. Você viu um homem indescritível em uma máscara de esqui preta.”

Fiquei sentada lá, sentindo uma pequena rachadura no meu terror. Eu não estava louca. Jules estava por trás de tudo isso. Ele pode criar jogos mentais porque seu pai era um anjo caído e ele herdou o poder. “Você não revistou meu quarto de verdade,” eu disse. “Você apenas fez com que eu pensasse que você o fez. É por isso que ele ainda estava em ordem quando a polícia chegou.”

Ele aplaudiu devagar e deliberadamente. “Você quer saber qual foi a melhor parte? Você poderia ter me bloqueado. Eu não poderia ter tocado sua mente sem sua permissão. Eu fui chegando e você nunca resistiu. Você foi fraca. Você foi fácil.”

Tudo isso fazia sentido e no lugar de sentir um breve momento de alívio, eu percebi o quão susceptível eu era. Eu fui despida. Não havia nada que impedisse Jules de me arrastar para seus jogos mentais, a menos que eu aprendesse a bloqueá-lo.

“Imagine-se em meu lugar,” Jules disse. “Seu corpo sendo violado ano após ano. Imagine um ótimo muito forte que nada além de vingança pode curá-lo. Imagine despender grandes somas de energia e recursos para ficar de olho no

seu objeto de vingança, esperando pacientemente pelo momento quando o destino lhe apresentou não apenas uma oportunidade, mas uma em que a balança está ao seu favor.” Seus olhos se prenderam aos meus. “Você é essa oportunidade. Se eu a ferir, eu vou ferir o Patch.”

“Você está superestimando meu valor com o Patch,” eu disse, com o suor frio descendo pela linha do meu cabelo.

“Eu estou de olho no Patch há séculos. No último verão ele fez sua primeira viagem para sua casa, porém, acho que você não percebeu. Ele a seguiu quando você foi fazer compras algumas vezes. De vez em quando ele fez uma viagem especial, saindo do seu caminho habitual, para te encontrar. Então ele se matriculou na sua escola. Eu não pude evitar a não ser me perguntar: o que você tem de tão especial? Fiz um esforço para descobrir. Tenho te observado há algum tempo já.”

Nenhum temor se apoderou de mim. Nesse momento eu soube que nunca foi a presença do meu pai que eu sentia, seguindo-me como um guardião fantasma. Era o Jules. Eu sentia a mesma presença sobrenatural gelada agora, só que amplificada umas cem vezes.

“Eu não queria despertar suspeitas no Patch para ele recuar,” ele continuou. “Foi quando o Elliot deu um passo a frente e não demorou muito para que ele me dissesse o que eu já tinha adivinhado. Patch está apaixonado por você.”

Tudo se encaixou. Jules não estava doente na noite que ele desapareceu no banheiro masculino no Delphic. E ele não ficou doente na noite que fomos ao Borderline. Tudo isso pelo simples fato de que ele precisava se manter invisível para o Patch. No momento que o Patch o visse, tudo estaria acabado. Patch saberia que Jules – Chauncey – estava tramando alguma coisa. Elliot era os olhos e ouvidos do Jules, levando as informações para ele.

“O plano é te matar na viagem para o acampamento, mas Elliot falhou ao te convencer a ir,” Jules disse. “Hoje mais cedo, eu te segui depois que você saiu do Blind Joe’s e atirei em você. Imagine minha surpresa quando eu descobri que matei uma mendiga vestida com seu casaco. Mas deu tudo certo.” Seu tom era relaxado. “Aqui estamos.”

Eu me mexi no assento e o bisturi escorregou mais para dentro do meu jeans. Se eu não fosse cuidadosa, ele escaparia do meu alcance. Se Jules me forçasse a ficar em pé, talvez ele deslizasse pelas minhas pernas. E aí seria o fim.

“Deixe-me adivinhar o que você está pensando,” Jules disse, ficando em pé e começou a passear na frente da sala. “Você está começando a desejar que você nunca tivesse conhecido o Patch. Você deseja que ele nunca tivesse se

apaixonado por você. Vá em frente. Ria da posição em que ele te colocou. Ria da sua própria escolha ruim.”

Ouvir o Jules falar sobre o amor de Patch me encheu de esperança irracional.

Eu tirei o bisturi da calça e pulei da cadeira. “Não chegue perto de mim! Eu vou te esfaquear. Eu juro que vou!”

Jules fez um som gutural e arremessou seu braço para o balcão na frente da sala. Provetas de vidro se quebraram batendo contra o quadro negro, papéis caíam. Ele caminhou em minha direção. Em pânico, eu ergui o bisturi o mais forte que pude. O bisturi encontrou a palma de sua mão, cortando sua pele.

Jules sibilou e recuou.

Sem esperar, eu mergulhei o bisturi em sua coxa.

Jules ficou pasmo com o metal que saía de sua perna. Ele arrancou-o usando as duas mãos, seu rosto se contorcia de dor. Ele abriu suas mãos e o bisturi caiu e fez barulho.

Ele deu um passo hesitante em minha direção.

Eu gritei e me esquivei fugindo, mas meu quadril bateu na quina da mesa; eu perdi o equilíbrio e tombei. O bisturi estava a alguns metros de distância.

Jules me virou de barriga para baixo e montou nas minhas costas. Ele pressionou meu rosto no chão, batendo meu nariz e abafando meus gritos.

“Boa tentativa,” ele grunhiu. “Mas isso não vai me matar. Eu sou um Nephilim. Eu sou imortal.”

Eu tentei agarrar o bisturi, cavando meus dedos no chão para me esticar naqueles últimos centímetros vitais. Meus dedos se atrapalharam. Eu estava tão perto e então o Jules me puxou de volta.

Eu ergui meu calcanhar com muita força entre suas pernas; ele urrou e caiu de lado. Eu fiquei em pé meio cambaleando, mas Jules tinha rolado para a porta ficando ajoelhado entre mim e ela.

Seu cabelo caía em seus olhos. Gotas de suor escorriam em seu rosto. Sua boca estava torta, um lado curvado para cima pela dor.

Cada músculo do meu corpo estava pronto para entrar em ação.

“Boa sorte ao tentar escapar,” ele disse com um sorriso cínico que pareceu necessitar de muito esforço. “Você vai ver o que eu quiser.” Então ele caiu no chão.

## Capítulo Vinte e Nove

EU NÃO FAZIA IDEIA DE ONDE A VEE ESTAVA. O PENSAMENTO ÓBVIO de pensar como Jules veio a mim – onde eu deixaria Vee presa se eu fosse ele?

Ele quer fazer com que seja difícil de escapar e difícil de ser achado, eu considere.

Eu convocara uma planta mental do prédio, espreitando minha atenção para os níveis superiores. A probabilidade era que Vee estivesse no terceiro andar, o mais alto da escola – exceto por um pequeno quarto andar, que era mais um sótão do que qualquer outra coisa. Uma escada estreita acessível apenas do terceiro andar levava a ele. Havia duas salas de aula de estilo bangalô no alto: Espanhol avançado e o laboratório do eZine.

Vee estava no laboratório do eZine. Bem assim, eu soubera.

Movendo-me tão rapidamente quanto podia na escuridão, eu fui sentindo o caminho por dois andares de escada. Após alguns erros e acertos, eu encontrei a escada estreita que dava para o laboratório do eZine. No alto, eu empurrei a porta.

“Vee?” eu chamei suavemente.

Ela soltou um gemido baixo.

“Sou eu,” eu disse, dando cada passo com cuidado enquanto eu manobrava por um corredor de carteiras, não querendo derrubar uma cadeira e alertar Jules da minha locação. “Está machucada? Precisamos cair fora daqui.” Eu a encontrei agachada na frente da sala, abraçando seus joelhos em seu peito.

“Jules me acertou na cabeça,” ela disse, sua voz aumentando. “Eu acho que desmaiei. Agora não consigo ver. Não consigo ver nada!”

“Me escuta. Jules cortou a eletricidade e as cortinas foram puxadas. É só a escuridão. Segure a minha mão. Temos que descer agora mesmo.”

“Eu acho que ele danificou algo. Minha cabeça está pulsando. Eu realmente acho que estou cega!”

“Não está cega,” eu sussurrei, dando-lhe um pequeno chacoalhão. “Não consigo ver tampouco. Temos que ir sentindo o caminho escada abaixo. Vamos embora pela saída no escritório de atletismo.”

“Ele colocou correntes em todas as portas.”

Um momento de silêncio rígido caiu entre nós. Eu me lembrei de Jules me desejando boa sorte em escapar, e agora eu sabia por que. Um tremor perceptível ondulou do meu coração para o resto do meu corpo. “Não pela

porta que eu entrei,” eu disse por fim. “A porta mais distante a leste está destrancada.”

“Deve ser a única. Eu estava com ele quando ele acorrentou as outras. Ele disse que dessa maneira ninguém ficaria tentado a ir para fora enquanto brincávamos de esconde-esconde. Ele disse que do lado de fora era fora de limites.”

“Se a porta do leste é a única destrancada, ele tentará bloqueá-la. Ele esperará nós irmos até ele. Mas não iremos. Nós sairemos por uma janela,” eu disse, inventando um plano de cabeça. “No lado oposto do prédio – deste lado. Você está com seu celular?”

“Jules o pegou.”

“Quando formos para fora, teremos que nos separar. Se Jules nos caçar, ele terá que escolher uma de nós para seguir. A outra buscará ajuda.” Eu já sabia quem ele escolheria. Jules não tinha uso algum para Vee, exceto para me atrair para cá hoje à noite. “Corra o quanto puder e chegue até um telefone. Chame a polícia. Diga a eles que Elliot está na biblioteca.”

“Vivo?” Vee perguntou, sua voz tremendo.

“Eu não sei.”

Nós ficamos agachadas juntas, e eu senti ela puxar sua camiseta para cima e enxugar seus olhos. “Isso tudo é minha culpa.”

“Isso é culpa do Jules.”

“Estou assustada.”

“Vamos ficar bem,” eu disse, tentando soar otimista. “Eu apunhalei Jules na perna com um bisturi. Ele está sangrando muito. Talvez ele desista de nos caçar e vá conseguir atenção médica.”

Um gemido escapou de Vee. Ambas sabíamos que eu estava mentindo. O desejo de Jules por vingança superava seu ferimento. Superava tudo.

Vee e eu nos arrastamos escada abaixo, ficando junto às paredes, até que estivéssemos de volta no andar principal.

“Por aqui,” eu sussurrei em seu ouvido, segurando sua mão enquanto passávamos correndo pelo corredor, nos dirigindo para mais longe ao oeste.

Não tínhamos andado muito quando um som gutural, não exatamente uma risada, saiu de um túnel de escuridão à frente.

“Ora, ora, o que temos aqui?” Jules disse. Não havia rosto anexado a sua voz.

“Corra,” eu disse a Vee, apertando sua mão. “Ele me quer. Chame a polícia. Corra!”

Vee deixou minha mão cair e correu. Seus passos dissiparam deprimentemente rápidos. Eu me perguntei brevemente se Patch ainda estava no prédio, mas foi mais um pensamento secundário. A maior parte da minha concentração estava em não desmaiar.

Porque mais uma vez, eu me encontrava totalmente sozinha com Jules.

“A polícia levará pelo menos vinte minutos para responder,” Jules me disse, o bater de seus sapatos se aproximando. “Eu não preciso de vinte minutos.”

Eu me virei e corri. Jules começou a correr atrás de mim.

Apalpando minhas mãos pelas paredes, eu virei à direita na primeira intersecção e corri por um corredor perpendicular. Forçada a depender das paredes para me guiar, minhas mãos bateram nas pontas afiadas dos armários e das ombreiras das portas, beliscando minha pele. Eu virei novamente à direita, correndo o mais rápido que pude para as portas duplas do ginásio.

O único pensamento martelando na minha cabeça era que se eu conseguisse chegar no meu armário do ginásio a tempo, eu poderia me trancar dentro. O vestiário feminino era de parede a parede e do chão ao teto com armários excessivamente grandes. Levaria tempo para que Jules arrombasse cada um individualmente. Se eu tivesse sorte, a polícia chegaria antes que ele me achasse.

Eu me lancei no ginásio e corri para o vestiário feminino anexado.

Assim que eu empurrei a maçaneta, eu senti um ferrão de horror frio. A porta estava trancada. Eu bati na maçaneta novamente, mas ela não cedeu. Girando ao redor, eu procurei freneticamente outra saída, mas eu estava presa no ginásio. Eu caí contra a porta, fechei meus olhos apertadamente para protelar o desmaio, e escutei minha respiração aumentar.

Quando eu reabri meus olhos, Jules estava andando na neblina da luz do luar escorrendo pela claraboia. Ele prendera sua camiseta ao redor de sua coxa; uma mancha de sangue pingou do tecido. Ele estava com uma regata branca e calça de algodão cáqui. Uma arma estava enfiada no elástico de sua calça.

“Por favor me deixe ir,” eu sussurrei.

“Vee me contou algo interessante sobre você. Você tem medo de altura.”

Ele levantou seu olhar para as vigas no alto do ginásio. Um sorriso rompeu seu rosto.

O ar estagnado estava encharcado com os cheiros de suor e de verniz de madeira.

O aquecedor fora desligado no recesso da primavera e a temperatura estava gelada. Sombras se esticavam para frente e para trás pelo chão polido

enquanto a luz do luar irrompia pelas nuvens. Jules estava de pé com suas costas para as arquibancadas, e eu vi Patch se mover atrás dele.

“Você atacou Marcie Millar?” eu perguntei a Jules, me ordenando a não reagir e revelar o Patch.

“Elliot me disse que há uma rixa entre vocês duas. Eu não gostei da ideia de outra pessoa ter o prazer de atormentar a minha garota.”

“E a janela do meu quarto? Você me espionou enquanto eu dormia?”

“Nada pessoal.”

Jules endureceu. Ele deu um passo para frente repentinamente e deu uma sacudida no meu punho, me virando na frente dele. Eu senti o que temi ser a arma pressionado contra minha nuca. “Tire seu chapéu,” Jules ordenou a Patch. “Quero ver a expressão no seu rosto quando eu a matar. Você não pode ajudá-la. Tão impotente quanto eu estava para fazer algo quanto ao juramento que prestei para você.”

Patch deu alguns passos mais para perto. Ele se movia facilmente, mas eu senti sua preocupação firmemente controlada. A arma ficou mais próxima, e eu recuei.

“Dê outro passo e esse será o último suspiro dela,” Jules avisou.

Patch olhou a distância entre nós, calculando quão rapidamente ele podia cobri-la. Jules viu isso também.

“Não tente,” ele disse.

“Você não vai atirar nela, Chauncey.”

“Não?” Jules apertou o gatilho. A arma fez um clique, e eu abri minha boca para gritar, mas tudo que saiu foi um gemido trêmulo.

“Revólver,” Jules explicou. “As outros cinco câmaras estão carregadas.”

*Pronta para usar os movimentos de boxe dos quais está sempre se gabando?* Patch disse para a minha mente.

Minha pulsação estava descontrolada, minhas pernas mal me segurando. “O-o quê?” eu gaguejei.

Sem aviso, uma precipitação de poder fluiu por mim. A força estrangeira se expandiu para me preencher. Meu corpo estava completamente vulnerável para o Patch, toda a minha força e liberdade confiscadas enquanto ele tomava posse de mim. Antes de eu ter tempo de perceber exatamente o quanto essa perda de controle me aterrorizava, uma dor excruciante foi encravada pela minha mão, e eu percebi que Patch *estava usando meu punho para socar Jules*. A arma foi solta; ela derrapou pelo chão do ginásio para fora de alcance.

Patch comandou que minhas mãos batessem em Jules por trás contra as arquibancadas. Jules tropeçou, caindo nelas.

Quando me dei conta, minhas mãos estavam fechando na garganta de Jules, lançando sua cabeça novamente contra as arquibancadas com um estralar alto! Eu o segurei ali, pressionando meus dedos em seu pescoço. Seus olhos arregalaram-se, então inflaram-se. Ele estava tentando falar, movendo seus lábios ininteligivelmente, mas Patch não o soltou.

*Eu não serei capaz de ficar dentro de você por muito mais tempo, Patch falou para os meus pensamentos. Não é Cheshvan e eu não tenho permissão. Assim que eu for expulso, corra. Entendeu? Corra o mais rápido que puder. Chauncey estará fraco e estupefato demais para entrar dentro da sua cabeça. Corra e não pare.*

Um alto som de zumbido saiu de mim, e eu senti meu corpo se descascando do de Patch.

Os vasos sanguíneos no pescoço de Jules saltaram para fora e sua cabeça caiu para o lado.

*Vamos, eu ouvi Patch o encorajar. Desmaie... desmaie...*

Mas era tarde demais. Patch sumiu de dentro de mim. Ele se fora tão repentinamente, eu fiquei tonta.

Minhas mãos estavam em controle novamente, e elas se libertaram do pescoço de Jules impulsivamente. Ele arfou por ar e pestanejou para mim. Patch estava no chão há alguns metros, sem se mover.

Eu me lembrei do que Patch tinha dito e corri a toda velocidade pelo ginásio. Eu me lancei contra a porta, esperando velejar no corredor. Ao invés foi como atingir uma parede. Eu empurrei a barra da porta, sabendo que a porta estava destrancada.

Há cinco minutos eu tinha passado por ela. Eu arremessei todo meu peso contra a porta. Não abria.

Eu me virei, a descida da adrenalina fazendo com que meus joelhos tremessem. "Saia da minha mente!" Eu gritei para Jules.

Se levantando para sentar no menor degrau das arquibancadas, Jules massageou sua garganta. "Não," ele disse.

Eu tentei a porta novamente. Eu levantei meu pé e chutei a barra da porta. Eu bati minhas palmas contra a fenda de janela da porta. "Socorro! Alguém consegue me ouvir? Socorro!"

Olhando sobre meu ombro, eu encontrei Jules mancando na minha direção, sua perna machucada fazendo um grande esforço a cada passo. Eu espreguei meus olhos, tentando me focar. A porta se abriria assim que eu encontrasse sua voz e a varresse para fora. Eu procurei cada canto da minha mente, mas não conseguia encontrá-lo. Ele estava em algum lugar profundo, se escondendo de

mim. Eu abri meus olhos. Jules estava muito mais perto. Eu ia ter que encontrar outra saída.

Perfurada numa parede acima das arquibancadas estava uma escada de ferro. Ela alcançava a grade de vigas no alto do ginásio. Na ponta mais distante das vigas, na parede oposta, quase diretamente acima de onde eu estava, tinha um canal de ventilação. Se eu conseguisse chegar até ele, eu conseguiria escalar e achar outra saída.

Eu saí correndo a toda velocidade por Jules e até as arquibancadas. Meus sapatos bateram na madeira, ecoando pelo espaço vazio, tornando impossível escutar se Jules estava me seguindo. Eu coloquei meu pé no primeiro degrau da escada e me suspendi. Eu escalei um degrau, então outro. De canto de olho, eu vi o bebedouro de muito abaixo. Estava pequeno, o que queria dizer que eu estava no alto. Muito no alto.

*Não olhe para baixo*, eu me ordenei. Concentre-se no que está acima. Eu escalei tentativamente mais um degrau. A escada chacoalhou, não soldada propriamente à parede.

A risada de Jules chegou até a mim, e minha concentração escorregou. Imagens de despencação relampejaram na minha mente. Logicamente, eu sabia que ele as estava plantando.

Então meu cérebro inclinou-se, e eu não conseguia me lembrar que lado era para cima ou para baixo. Eu não conseguia decifrar quais pensamentos eram meus e quais pertenciam ao Jules.

Meu medo era tão grosso que borrava minha visão. Eu não sabia onde eu estava na escada. Meus pés estavam centrados? Eu estava perto de escorregar?

Apertando o degrau com ambas as mãos, eu pressionei minha testa contra meus nós dos dedos. *Respire*, eu disse a mim mesma. *Respire!*

E então eu ouvi.

O som vagaroso e agonizante de metal rangendo. Eu fechei meus olhos para suprimir um ataque de tontura.

Os suportes de metal segurando o alto da escada à parede se soltaram. O resmungo metálico mudou para um lamento agudo enquanto o próximo conjunto de suportes foi arrancado da parede. Eu observei com um grito preso na minha garganta enquanto toda a metade de cima da escada era solta. Prendendo meus braços e pernas ao redor da escada, eu me preparei para cair para trás.

A escada hesitou um momento no ar, pacientemente sucumbindo à gravidade.

E então tudo aconteceu rapidamente. As vigas e claraboias dissiparam-se num borrão vertiginoso. Eu voei para baixo até que, repentinamente, a escada parou. Ela se balançou para cima e para baixo, perpendicular à parede, nove metros acima do chão. O impacto sacolejou as minhas pernas e as soltou, as minhas mãos sendo a minha única ligação com a escada.

“Socorro!” eu gritei, minhas pernas pedalando no ar.

A escada recuou para o lado, caindo mais vários metros. Um dos meus sapatos escorregou do meu pé, ficou preso pelo meu dedão, então caiu. Muito tempo mais tarde, atingiu o chão do ginásio.

Eu mordi minha língua enquanto a dor nos meus braços se aprofundava. Eles estavam sendo arrancados de seus encaixes.

E então, através do medo e do pânico, eu ouvi a voz do Patch. *Bloqueie-o. Continue subindo. A escada está intacta.*

“Não posso,” eu choraminguei. “Ela vai cair!”

Bloqueie-o. Feche seus olhos. Escute a minha voz.

Engolindo em seco, eu forcei meus olhos a fecharem. Eu me agarrei à voz de Patch e senti uma superfície vigorosa tomar forma abaixo de mim. Meus pés não estavam mais balançando no ar. Eu senti um dos degraus da escada escavando na planta dos meus pés.

Focando-me com resolução na voz de Patch, eu esperei até que o mundo se rastejasse de volta ao lugar. Patch estava certo. Eu estava na escada. Eu estava endireitada, presa à parede. Eu recuperei uma porção de determinação e continuei escalando.

No alto eu relaxei precariamente na viga mais próxima. Eu coloquei meus braços ao redor dela, então balancei minha perna direita para cima e sobre ela. Eu estava encarando a parede, com as minhas costas para o canal de ventilação, mas não havia nada que eu pudesse fazer agora. Muito cuidadosamente, eu me levantei de joelhos. Usando toda a minha concentração, eu comecei a avançar de costas pela expansão do ginásio.

Mas era tarde demais.

Jules tinha escalado rapidamente, e estava agora a menos de cinco metros de mim. Ele escalou a viga. Mão sobre mão, ele se arrastou na minha direção. Um corte escuro na parte interior de seu pulso capturou minha atenção. Ele cruzava suas veias num ângulo de noventa graus e era quase preto na cor. Para qualquer outra pessoa, podia ter parecido com uma cicatriz. Para mim, significava muito mais. A conexão familiar era óbvia. Nós dividíamos o mesmo sangue, e isso mostrava nas nossas marcas idênticas.

Ambos estávamos sentados de pernas abertas na viga, sentados cara a cara, três metros de distância.

“Alguma palavra final?” Jules disse.

Eu olhei para baixo, mesmo isso me deixando tonta. Patch estava muito abaixo no chão do ginásio, imóvel como um morto. Bem então, eu queria voltar no tempo e reviver cada momento com ele. Mais um sorriso secreto, mais uma risada compartilhada. Mais um beijo eletrizante. Achá-lo foi como achar alguém que eu não sabia que estava procurando. Ele tinha chegado na minha vida tarde demais, e agora estava partindo cedo demais. Eu lembrei dele me dizendo que desistiria de tudo por mim. Ele já tinha. Ele já tinha desistido de um corpo próprio para que eu pudesse viver.

Eu vacilei acidentalmente, e instintivamente caí mais para me equilibrar.

A risada de Jules transmitiu um sussurro gelado. “Não faz diferença para mim se eu atiro em você ou se você cai para a sua morte.”

“Faz diferença,” eu disse, minha voz baixa, mas confiante. “Você e eu compartilhamos o mesmo sangue.” Eu levantei minha mão precariamente, mostrando-lhe minha marca de nascença. “Sou sua descendente. Se eu sacrificar meu sangue, Patch se tornará humano e você morrerá. Está escrito *n’O Livro de Enoque*.”

Os olhos de Jules estavam desprovidos de luz. Eles estavam treinados em mim, absorvendo cada palavra que eu falava. Eu podia afirmar pela expressão dele que ele estava pesando as minhas palavras. Um rubor cresceu em seu rosto, e eu soube que ele acreditava em mim. “Você —,” ele cuspiu.

Ele deslizou na minha direção com uma velocidade frenética, simultaneamente esticando a mão para seu cinto para tirar a arma.

Lágrimas surgiram nos meus olhos. Sem tempo para pensar duas vezes, eu me atirei da viga.

## Capítulo Trinta

A porta abriu e fechou. Eu esperei ouvir passos se aproximando, mas o único som que ouvi foi o tic-tac do relógio: uma batida rítmica e firme soando através do silêncio.

O som começou a desaparecer. Eu me perguntei se eu o ouviria parar completamente. De repente eu temi esse momento, incerta do que viria depois.

Um som mais vibrante se sobressaiu ao relógio. Foi um som etéreo, tranquilizante, como uma dança no ar. *Asas*, eu pensei. *Vindo me buscar*.

Eu segurei minha respiração, esperando, esperando, esperando. Então o relógio começou a ir ao sentido inverso. No lugar de um som lento, veio um mais certo. Um espiral como líquido se formou dentro de mim. Eu estava deslizando através de mim para um lugar escuro e quente.

Meus olhos abriram para painéis de carvalho familiares no teto acima de mim. Meu quarto. Uma sensação de reafirmação me inundou então me lembrei de onde estive. No ginásio com o Jules.

Um tremor percorreu minha pele.

“Patch?” eu disse, minha voz estava rouca de desuso. Eu tentei sentar-me, então dei um choro abafado. Alguma coisa estava errada com meu corpo. Cada osso, músculo, célula estava ferida. Eu me sentia como um hematoma gigante.

Houve um movimento perto da porta. Patch encostou no batente da porta. Sua boca estava pressionada firmemente sem sua pontada de humor usual. Seus olhos estavam mais profundos do que eu jamais tinha visto. Eles estavam afiados por um limite protetor.

“Foi uma boa luta lá no ginásio,” ele disse. “Mas acho que você se beneficiaria com mais algumas aulas de boxe.”

Como uma onda, tudo voltou. Lágrimas rolaram de dentro de mim. “O que aconteceu? Onde está o Jules? Como cheguei aqui?” Minha voz estava rachada com o pânico. “Eu me joguei da viga.”

“Precisou de muita coragem para fazer aquilo.” A voz do Patch se tornou rouca e ele atravessou meu quarto andando. Ele fechou a porta atrás dele e eu sabia que era o jeito dele tentar trancar para fora todo o mal. Ele estava colocando uma divisão entre mim e tudo o que tinha acontecido.

Ele veio e sentou-se na cama ao meu lado. “Do que mais você se lembra?”

Eu tentei juntar os pedaços da minha memória, trabalhando de trás para frente. Eu me lembrei do bater de asas que ouvi logo depois de ter me jogado

da viga. Sem dúvida nenhuma eu sabia que tinha morrido. Eu sabia que um anjo tinha vindo para carregar minha alma.

“Estou morta, não estou?” eu disse baixinho, cambaleando com pavor. “Eu sou um fantasma?”

“Quando você pulou, o sacrifício matou o Jules. Tecnicamente, quando você voltou, ele também deveria ter voltado. Mas já que ele não tinha uma alma, ele não tinha nada para reavivar seu corpo.”

“Eu voltei?” eu disse, esperando que eu não estivesse me enchendo de falsas esperanças.

“Eu não aceitei seu sacrifício. Eu o desfiz.”

Eu senti um pequeno *Oh* formar-se na minha boca, mas isso nunca passou pelos meus lábios. “Você está dizendo que desistiu de um corpo humano por mim?”

Ele ergueu minha mão enfaixada. Debaixo de toda a gaze, minhas articulações pulsavam por ter batido no Jules. Patch beijou cada dedo, sem pressa, mantendo seus olhos colados nos meus. “O que há de bom em ter um corpo se não posso ter você?”

Lágrimas pesadas rolaram pelas minhas bochechas, Patch me puxou para ele e aconchegou minha cabeça em seu peito. Muito devagar o pânico foi embora e eu soube que tudo tinha acabado. Eu iria ficar bem.

Repentinamente eu me afastei. Se Patch tinha recusado o sacrifício, então – “Você salvou minha vida. Vire-se.” Eu ordenei solenemente.

Patch me deu um sorriso tímido e atendeu meu pedido. Eu ergui sua camiseta até os ombros. Suas costas eram suaves e com a musculatura definida. As cicatrizes tinham sumido.

“Você não pode ver minhas asas,” ele disse. “Elas são feitas de material espiritual.”

“Agora você é um anjo da guarda.” Eu ainda estava muito admirada para envolver minha mente nisso, mas ao mesmo tempo eu senti uma curiosa... Felicidade.

“Eu sou o *seu* anjo da guarda,” ele disse.

“Eu tenho meu próprio anjo da guarda? No que constitui seu trabalho exatamente?”

“Guardar seu corpo.” Seu sorriso aumentou. “Eu levo meu trabalho a sério, o que significa que vou precisar me familiarizar com o assunto em um nível pessoal.”

Meu estômago ficou todo agitado. “Isso significa que agora você pode sentir?”

Patch me observou em silêncio por um tempo. “Não, mas isso significa que eu não estou na lista negra.”

No andar de baixo, eu escutei o rumor baixo da porta da garagem sendo aberta.

“Minha mãe!” eu engasguei. Eu encontrei o relógio na mesa de cabeceira. Era pouco depois das suas da manhã. “Eles devem ter aberto a ponte. Como essa coisa de anjo da guarda funciona? Sou a única pessoa que pode te ver? Quero dizer, você é invisível para as outras pessoas?”

Patch me encarou como se ele esperasse que eu não estivesse falando sério.

“Você não é invisível?” eu guinchei. “Você tem que dar o fora daqui!” Eu fiz um movimento para empurrar o Patch para fora da cama, mas fui interrompida por um golpe seco nas minhas costelas. “Ela vai me matar se te encontrar aqui. Você pode escalar árvores? Diga-me que você pode escalar uma árvore!”

Patch sorriu. “Eu posso voar.”

Oh. Certo. Bem, okay.

“A polícia e o departamento de bombeiros estiveram aqui mais cedo,” Patch disse. “A suíte principal vai precisar de reforma, mas eles impediram que o fogo se alastrasse. A polícia vai voltar. Eles vão fazer algumas perguntas. Se eu tivesse que adivinhar, eles tentaram te rastrear pelo telefone que você ligou para o 911.”

“O Jules o pegou.”

Ele fez um aceno com a cabeça. “Eu imaginei. Eu não me importo com o que você vai dizer a polícia, mas eu agradeceria se me deixasse fora disso.” Ele deslizou a janela do meu quarto para abrir. “Uma última coisa. A Vee trouxe a polícia a tempo. Os paramédicos salvaram o Elliot. Ele está no hospital, mas ele vai ficar bem.”

Eu ouvi a porta fechar no andar de baixo, no fim das escadas.

Mamãe estava dentro de casa.

“Nora?” ela chamou. Ela jogou sua bolsa e chaves na mesa de entrada. Seus saltos altos faziam barulho no chão de madeira, quase em um ritmo de corrida. “Nora! Tem fita da polícia na porta da frente! O que está acontecendo?”

Eu olhei para a janela. O Patch já tinha ido, mas uma única pena preta estava presa na parte de fora do vidro, por causa da chuva da noite passada. Ou pela mágica de anjo.

No andar de baixo, minha mãe acendeu a luz da entrada, um fraco raio de luz se esticou por debaixo da minha porta. Segurei minha respiração e contei os segundos, sabendo que eu tinha mais dois antes –

Ela gritou. “Nora! *O que* aconteceu com o balaústre!”

Bom saber que ela ainda não tinha visto seu quarto ainda.

O céu estava perfeito, lavado de azul. O sol estava apenas começando a aparecer no horizonte. Era segunda-feira, um novo dia, os horrores das últimas vinte e quatro horas ficaram para trás. Tive cinco horas de sono completo e todas as outras que a dor em todo o meu corpo por ter sido sugada pela morte e em seguida ter sido cuspidada de volta permitiram, eu me sentia extraordinariamente renovada. Eu não queria uma ter nuvem negra no momento, lembrando-me que a polícia estava para chegar a qualquer momento para tomar meu depoimento dos eventos da noite passada. Eu ainda não tinha pesado no que iria dizer a eles.

Fui para o banheiro com minha camisola – bloqueando mentalmente a pergunta de como tinha colocado ela, já eu provavelmente estava usando as roupas da noite anterior quando Patch me trouxe para casa – e cumpri minha rotina matinal. Joguei água fria no rosto, escovei os dentes e domei meu cabelo com uma faixa elástica. No meu quarto, coloquei uma camiseta e calça limpas.

Eu liguei para a Vee.

“Como você está?” eu perguntei.

“Bem. Como você está?”

“Bem.”

Silêncio.

“Okay,” Vee disse rapidamente, “Ainda estou surtando. E você?”

“Completamente.”

“Patch me ligou no meio da noite. Ele disse que Jules foi muito violento com você, mas que você estava bem.”

“Sério? Patch te ligou?”

“Ele ligou do Jeep. Ele disse que você estava dormindo no banco de trás e iria te levar para casa. Ele disse que aconteceu de ele estar passando perto da escola quando ele ouviu um grito. Ele disse que encontrou você no ginásio, mas você tinha desmaiado de dor. Depois ele olhou para cima e viu Jules pular da viga. Ele disse que o Jules deve ter pirado, um efeito colateral da culpa pesada que sentiu por ter aterrorizado você.”

Eu não tinha percebido que estava segurando a respiração até tê-la soltado. Obviamente o Patch tinha manipulado alguns detalhes.

“Você sabe que não acredito nisso,” Vee continuou. “Você sabe que acho que o Patch matou o Jules.”

Na posição da Vee, provavelmente eu teria pensado o mesmo. Eu disse, “O que a polícia acha?”

“Ligue a TV. Tem uma cobertura ao vivo agora no canal cinco. Eles estão dizendo que o Jules invadiu a escola e pulou. Eles estão se referindo a isso como um trágico suicídio adolescente. Eles estão pedindo para as pessoas que tem informações ligarem para o telefone que está na parte de cima da tela.”

“O que você disse para a polícia quando você os chamou pela primeira vez?”

“Eu estava apavorada. Eu não queria ser presa por invasão. Então liguei como anônima de um telefone público.”

“Bem,” eu disse afinal, “se a polícia está tratando isso como suicídio, eu acho que foi isso que aconteceu. Afinal são tempos modernos na América. Temos o benefício dos peritos.”

“Você está escondendo alguma coisa de mim,” a Vee disse. “O que aconteceu realmente depois que eu saí?”

Era aqui que a coisa complicava. Vee era minha melhor amiga e nós vivíamos sob o lema: Sem Segredos. Mas algumas coisas eram impossíveis de explicar. O fato do Patch ser um anjo caído convertido em anjo da guarda estava no topo da lista. Logo abaixo estava o fato de eu ter pulado da viga e morrido, mas eu ainda estou viva hoje.

“Eu me lembro do Jules encurralando-me no ginásio,” eu disse. “Ele me contou toda a dor e medo que iria me infligir. Depois disso, os detalhes ficam nebulosos.”

“É muito tarde para desculpas?” Vee disse, parecendo mais sincera do que ela já tinha sido em toda nossa amizade. “Você estava certa sobre o Jules e o Elliot.”

“Desculpas aceitas.”

“Nós deveríamos ir fazer compras,” ela disse. “Sinto essa *necessidade* irresistível de comprar sapatos. Muitos deles. O que nós precisamos é de uma boa e velha terapia de compras de sapatos.”

A campainha tocou e eu olhei para o relógio. “Tenho que dar meu depoimento para a polícia sobre o que aconteceu na noite passada, mas eu te ligo depois disso.”

“Noite passada?” O tom da Vee denunciava pânico. “Eles sabem que você estava na escola? Você não deu meu nome para eles, deu?”

“Na verdade uma coisa aconteceu antes.” Alguma coisa chamada Dabria. “Te ligo logo,” eu disse, desligando antes de ter que mentir para dar outra explicação.

Mancando pelo corredor até o topo da escada onde vi quem minha mãe tinha convidado a entrar.

Os detetives Basso e Holstijic.

Ela os acompanhou até a sala e embora o detetive Holstijic colapsou no sofá, o detetive Basso permaneceu em pé. Ele estava de costas para mim, mas um degrau rangeu no meio da minha descida e ele se virou.

“Nora Grey,” ele disse com sua voz de policial durão. “Encontramos-nos novamente.”

Minha mãe piscou. “Vocês já se encontraram antes?”

“Sua filha tem uma vida excitante. Parece que estamos aqui toda semana.”

Minha mãe me deu um olhar questionador e eu ergui os ombros, sem pistas, como se fosse para adivinhar, *piadinha de policial?*

“Por que você não se senta, Nora, e nos conte o que aconteceu,” o detetive Holstijic disse.

Eu me acomodei em uma das poltronas macias do lado oposto do sofá. “Antes das nove, na noite passada, eu estava na cozinha tomando leite com chocolate quando a Srta. Greene, minha psicóloga da escola apareceu.”

“Ela simplesmente entrou na sua casa?” o detetive Basso perguntou.

“Ela me disse que eu tinha algo que ela queria e foi quando eu corri para o andar de cima e me tranquei na suíte principal.”

“Volte,” disse o detetive Basso. “O que era essa coisa que ela queria?”

“Ela não disse. Mas ela mencionou que não era uma psicóloga de verdade. Ela disse que estava usando o emprego para espionar os alunos.” Eu olhei para todos. “Ela é louca, né?”

Os detetives trocaram olhares.

“Vou anotar o nome dela e ver o que posso encontrar,” o detetive Holstijic disse, ficando em pé.

“Deixe-me ver se entendi direito,” o detetive Basso me disse. “Ela te acusou de roubar uma coisa que pertencia a ela, mas ela nunca disse o que era?”

Outra pergunta complicada. “Ela estava histérica. Eu entendia apenas metade do que ela estava dizendo. Eu corri e me tranquei dentro da suíte principal, mas ela arrebentou a porta. Eu estava escondida dentro da chaminé da lareira, ela disse que iria queimar a casa cômodo por cômodo para me encontrar. Então ela começou o fogo. Bem ali, no meio do quarto.”

“Como ela começou o fogo?” minha mãe perguntou.

“Eu não consegui ver. Estava na chaminé.”

“Isso é loucura,” o detetive Basso disse, chacoalhando a cabeça. “Nunca vi nada parecido antes.”

“Ela vai voltar?” minha mãe perguntou para os detetives, vindo para ficar ao meu lado e colocou suas mãos protetoramente no meu ombro. “Nora está salva?”

“Talvez queira ver sobre instalação de um sistema de alarme.” Detetive Basso abriu sua carteira e deu um cartão para mamãe. “Eu confio nesses caras. Diga a eles que eu indiquei e eles darão um desconto para você.”

Algumas horas depois que os detetives saíram, a campainha tocou novamente.

“Deve ser da empresa de alarme,” mamãe disse, me encontrando no corredor. “Eu liguei e eles disseram que mandariam alguém hoje. Não posso dormir sem algum tipo de proteção até eles encontrarem a Srta. Greene e a trancarem em algum lugar. A escola se deu ao trabalho de checar as referências dela?” Ela abriu a porta e o Patch estava parado na entrada. Ele usava uma Levi’s desbotada, uma camiseta branca confortável e segurava uma caixa de ferramentas na mão esquerda.

“Boa tarde, Sra. Grey.”

“Patch.” Não consegui distinguir o tom da minha mãe. Surpresa misturada com confusão. “Você está aqui para ver a Nora?”

Patch sorriu. “Estou aqui para inspecionar sua casa para o novo sistema de alarme.”

“Achei que você tinha um emprego diferente,” mamãe disse. “Achei que você servia mesas no Borderline.”

“Eu tenho um trabalho novo.” Patch fixou seus olhos nos meus e eu esquentei em muitos lugares. Na verdade, eu estava perigosamente perto de ferver. “Aqui fora?” ele me perguntou.

Eu o segui até sua moto.

“Ainda temos muito que conversar,” eu disse.

“Conversar?” Ele chacoalhou a cabeça, seus olhos cheios de desejo. *Beijar*, ele sussurrou nos meus pensamentos.

Não era uma pergunta, mas um aviso. Ele sorriu quando eu não protestei e abaixou sua boca até a minha. O primeiro toque foi apenas isso – um toque. Uma provocação, atraente suavidade. Lambi meus lábios e o sorriso do Patch se aprofundou.

“Mais?” ele perguntou.

Eu entrelacei minhas mãos em seus cabelos, trazendo-o para mais perto. “Mais.”

fin!!!

Em nome de toda a equipe de tradução/  
revisão, agradecemos a leitura e todos os  
comentários durante a tradu! ♥

Aproveite agora que está orfã do nosso  
querido Patch, e vá ler os outros livros  
que estamos traduzindo! (até porque, a  
continuação só sai em novembro =/)

Traduções Fromhell  
diabolicamente } viciantes!